XIX Congresso da Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos
I Simpósio Luso-Brasileiro de Estudos Clássicos

O Futuro do Passado

Caderno de Resumos

Brasília - DF

8 a 12 de Julho de 2013

Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos

XIX Congresso da Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos: O Futuro do Passado. Caderno de Resumos. Brasília: Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos, 2013.

Vários Autores.
ISSN: 1983-0920

Edição, Diagramação e Capa
Jonatas Rafael Alvares

DIRETORIA DA SBEC:
Presidente: Gabriele Cornelli (Universidade de Brasília)
Vice-Presidente: Renata Senna Garraffoni (Universidade Federal do Paraná)
Secretário: Marcus Mota (Universidade de Brasília)
Secretária Adjunta: Maria Cecília de Miranda Nogueira Coelho (Universidade Federal de Minas Gerais)
Tesoureiro: Wilson A. Ribeiro (Universidade de São Paulo)
Tesoureiro Adjunto: Paulo Martins (Universidade de São Paulo)

DIRETORIA DA APEC:
Presidente: Paula Barata dias (Universidade de Coimbra)
Vice-presidente: José Luís Brandão (Universidade de Coimbra)
Secretário: Nuno Simões Rodrigues (Universidade de Lisboa)
Secretário-Tesoureiro: Susana da Hora Marques (Universidadade de Coimbra)
1º vogal: Ana Alexandra Azevedo (Escola Secundária Rodrigues de Freitas - Universidade do Porto)
2º vogal: Jorge do Deserto (Universidade do Porto)

COMISSÃO CIENTÍFICA
Alessandro Rolim de Moura (Universidade Federal do Paraná)
André Leonardo Chevitarese (Universidade Federal do Rio de Janeiro)
Daniel Rossi Nunes Lopes (Universidade de São Paulo)
Delfim Ferreira Leão (Universidade de Coimbra)
Fernando Santoro (Universidade Federal do Rio de Janeiro)
José Geraldo Costa Grillo (Universidade Federal de São Paulo)
Marcelo Pimenta Marques (Universidade Federal de Minas Gerais)
Maria Aparecida Montenegro (Universidade Federal do Ceará)
Maria do Céu Fialho (Universidade de Coimbra)
Maria Isabel D'Agostino Fleming (Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo)
Matheus Trevizan (Universidade Federal de Minas Gerais)
Nuno Simões Rodrigues (Universidade de Lisboa)

Contents

Comunicações Livres

Mesa de Comunicação Livre 01 16
Luiz Maurício Bentim da Rocha Menezes 16
Adriana Alves de Lima Lopes 16
Jean George Farias do Nascimento 16

Mesa de Comunicação Livre 02 16
Adriana Maria Vazquez 16
Lucas Matheus Caminiti Amaya 17
Priscilla Adriane Ferreira Almeida 17

Mesa de Comunicação Livre 03 17
Katia Cilene da Silva Santos 17
Markus Figueira da Silva 18
Luciana Maria Azevedo de Almeida 18

Mesa de Comunicação Livre 04 18
Francisco Diniz Teixeira 18
Edson Ferreira Martins 19
João Bortolanza 19

Mesa de Comunicação Livre 05 19
Everton da Silva Natividade 19
Sérgio Luiz Gusmão Gimenes Romero 19

Mesa de Comunicação Livre 06 20
Fabrina Magalhães Pinto 20
Marcello Fontes 20
Osvaldo Cunha Neto 20

Mesa de Comunicação Livre 07 21
Fernanda Mattos Borges da Costa 21
Adail Pereira Carvalho Junior 21
Jovelina Maria Ramos de Souza 21

Mesa de Comunicação Livre 08 21
Ticiano Curvelo Estrela de Lacerda 21

Mesa de Comunicação Livre 09 22
Francisca Patrícia Pompeu Brasil 22
Giovanna Longo 22
Katia Teonia Costa de Azevedo 22

Mesa de Comunicação Livre 10 23
Eduardo Soares de Oliveira 23
Lúcio Gomes Dantas 23
Giovan do Nascimento 23

MESA DE COMUNICAÇÃO LIVRE 11 24
Leandro Manenti 24
Camilla Miranda Martins 24
Renato Pinto 24

MESA DE COMUNICAÇÃO LIVRE 12 24
Raquel Anna Sapunaru 24
Leandro da Rosa Marshall 25
Martim Reyes da Costa Silva 25

MESA DE COMUNICAÇÃO LIVRE 13 25
Jose Alexandre Ferreira Maia 25
José Raimundo Galvão 26
Aldmir Oliveira 26
Lúcio Reis Filho 26

MESA DE COMUNICAÇÃO LIVRE 14 26
Carlos Renato Rosário de Jesus 26
Laura Ribeiro da Silveira 27
Maria Cristina da Silva Martins 27

MESA DE COMUNICAÇÃO LIVRE 15 27
Wilma Avelino de Carvalho 27
Ana Maria Seiça Paiva de Carvalho 28

MESA DE COMUNICAÇÃO LIVRE 16 28
Carla Costa Pinto Francalanci 28
Juliana Santana de Almeida 28
Judenice Alves da Costa 29

MESA DE COMUNICAÇÃO LIVRE 17 29
Jose Carlos Baracat Junior 29
Maurizio Filippo Di Silva 29
Emilson José Bento 30

MESA DE COMUNICAÇÃO LIVRE 18 30
Marina Leonhardt Palmieri 30
Juliana Peixoto 30
Guilherme Celestino Souza Santos 31

MESA DE COMUNICAÇÃO LIVRE 19 31
Ana Maria César Pompeu 31
Fernando José de Santoro Moreira 31
Caroline Barbosa Faria Ferreira 32

MESA DE COMUNICAÇÃO LIVRE 20 32
Taynam Santos Luz Bueno 32
Cíntia Martins Sanches 32
Mariana Monteiro Condé 32

MESA DE COMUNICAÇÃO LIVRE 21 33
Marcos Flávio Carmignani 33

Elaine Cristina Prado dos Santos 33
Fernanda Messeder Moura 33

MESA DE COMUNICAÇÃO LIVRE 22 34
Nathália Pinto do Rêgo 34
Márcio Thamos 34
Douglas Gonçalves de Souza 34

MESA DE COMUNICAÇÃO LIVRE 23 35
Paula Fernandes Lopes 35
Sheila Paulino e Silva 35
Emmanuela Nogueira Nitão Diniz 35

MESA DE COMUNICAÇÃO LIVRE 24 35
Bruna Camara 35
José André Ribeiro 36
Luciano Ferreira de Souza 36

MESA DE COMUNICAÇÃO LIVRE 25 36
Silvio Gabriel Serrano Nunes 36
Katsuzo Koike 37
Flávia Vieira de Resende 37

MESA DE COMUNICAÇÃO LIVRE 26 37
Fábio Gerônimo Mota Diniz 37
Cláudia Raquel Cravo da Silva 38
Antônio Donizeti Pires 38

MESA DE COMUNICAÇÃO LIVRE 27 38
Orley Dulcetti Junior 38
Tomas Fernandez 39
Aparecido Gomes leal 39

MESA DE COMUNICAÇÃO LIVRE 28 39
Pedro Ribeiro Martins 39
Marina Regis Cavicchioli 39
Ana Thereza Basilio Vieira 40

MESA DE COMUNICAÇÃO LIVRE 29 40
António Maria Martins Melo 40
Andrea Lúcia Dorini de Oliveira Carvalho Rossi 40
Lolita Guimarães Guerra 41

MESA DE COMUNICAÇÃO LIVRE 30 41
Walter Nascimento Neto 41
Miriam Campolina Diniz Peixoto 41

MESA DE COMUNICAÇÃO LIVRE 31 41
Marcelo Bourscheid 41
Alexandre dos Santos Rosa 42

MESA DE COMUNICAÇÃO LIVRE 32 42
Macsuelber de Cássio Barros da Cunha 42

Vera Pugliese 42
Luciene Lages 42

Mesa de Comunicação Livre 33 43
Vivian Carneiro Leão Simões 43
Stéfano Paschoal 43
Lais Scodeler dos Santos 43

Mesa de Comunicação Livre 34 44
Emerson Cerdas 44
Leonardo Passinato e Silva 44
Norma Musco Mendes 44

Mesa de Comunicação Livre 35 44
Lucas Consolin Dezotti 44
Raquel Faustino 45
Eliana da Cunha Lopes 45

Mesa de Comunicação Livre 36 45
Luana Cruz da Silva 45
Angelo Balbino Soares Pereira 45
Bruno Salviano Gripp 46

Mesa de Comunicação Livre 37 46
Igor Barbosa Cardoso 46
Pauliane Targino da Silva Bruno 46
Matheus Trevizam 46

Mesa de Comunicação Livre 38 47
Lethicia Ouro de Almeida Marques de Oliveira 47
Henrique Gonçalves de Paula 47

Mesa de Comunicação Livre 39 47
Roosevelt Araujo da Rocha Junior 47
Michelle Bianca Santoas Dantas 48
María Cecilia Colombani 48

Mesa de Comunicação Livre 40 48
Ariadne Borges Coelho 48
Augusto Rodrigues da Silva Junior 48
João Jorge 49
Renata de Oliveira Lara 49

Mesa de Comunicação Livre 41 49
Solange Maria Soares de Almeida 49
Gustavo Junqueira Duarte Oliveira 50
Alcione Lucena de Albertim 50

Mesa de Comunicação Livre 42 50
Antonio Júlio Garcia Freire 50
Jonatas Rafael Alvares 51

MESA DE COMUNICAÇÃO LIVRE 43 51
Alice Maria de Souza 51
Luís Carlos Lima Carpinetti 51
Mateus Henriques Buffone 51

MESA DE COMUNICAÇÃO LIVRE 44 52
Maria Elizabeth Bueno de Godoy 52
Jasmim Sedie Drigo 52
Antonio Gomes da Silva 52

MESA DE COMUNICAÇÃO LIVRE 45 52
Vagner Carvalheiro Porto 52
Natália Ferreira de Campos 53
Paulo Fernando Tadeu Ferreira 53

MESA DE COMUNICAÇÃO LIVRE 46 53
Louise Walmsley Nery 53
Luis Fernando Telles D'Ajello 53
Camila do Espírito Santo Prado de Oliveira 54

MESA DE COMUNICAÇÃO LIVRE 47 54
Milton Marques Júnior 54
Tereza Virgínia Ribeiro Barbosa 54

MESA DE COMUNICAÇÃO LIVRE 48 55
Luis Augusto Schmidt Totti 55
Luciana Mourão Maio 55
Mariana Pini-Fernandes 55

MESA DE COMUNICAÇÃO LIVRE 49 56
Joana Maria Vieira Robalo Ferreira de Almeida Guimarães 56
Claudio Aquati 56
Ana Claudia Romano Ribeiro 56

MESA DE COMUNICAÇÃO LIVRE 50 57
Maria Valderez de Colletes Negreiros 57
Mario Sergio Cunha Alencastro 57
Edvanda Bonavina da Rosa 57

MESA DE COMUNICAÇÃO LIVRE 51 58
Tais Pagoto Bélo 58
Rodrigo Gomes de Oliveira Pinto 58
Edilane Vitório Cardoso 58

MESA DE COMUNICAÇÃO LIVRE 52 59
Marcello de Albuquerque Maranhão 59
Sarah Fernandes Lino de Azevedo 59
Luís Filipe Trois Bueno e Silva 59

MESA DE COMUNICAÇÃO LIVRE 53 60
Weriquison Simer Curbani 60
Maria Gorette Bezerra Lucena 60

Solange Maria Norjosa Gonzaga 60

Mesa de Comunicação Livre 54 60
João Luís Serra Manini 60
José Lourenço Pereira da Silva 61
Cristina de Souza Agostini 61

Mesa de Comunicação Livre 55 61
Moacir A. Amâncio 61
Diego Raigorodsky 62

Mesa de Comunicação Livre 56 62
Fernando Brandão dos Santos 62
Wilson Alves Ribeiro Junior 62
Mariana Cabral Falqueiro 62

Mesa de Comunicação Livre 57 63
Valquíria Maria 63
Pedro Ipiranga Júnior 63
Adriane da Silva Duarte 63

Mesa de Comunicação Livre 58 64
Milena de Oliveira Faria 64
Beatriz Cristina de Paoli Correia 64
Guillermo De Santis 64

Paineis

Painel 01 65
Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos
Delfim Ferreira Leão 65
Maria do Céu Grácio Zambujo Fialho 65
Claudia do Amparo Afonso Teixeira 65
José Luís Lopes Brandão 66

Painel 02 66
Grupo de Pesquisa "Gêneros poéticos na Grécia antiga: tradição e contexto" (USP/CNPq)
Christian Werner 66
James Richard Marks 66
Antonio Orlando de Oliveira Dourado Lopes 66
Teodoro Rennó Assunção 67

Painel 03 67
Grupo de Trabalho de História Antiga da ANPUH
Fábio Vergara Cerqueira 67
Pedro Paulo A. Funari 67
Katia Maria Paim Pozzer 67

Painel 04 68

VerVe: Verbum Vertere – Estudos de Poética, Tradução e História da Tradução de Textos Latinos e Gregos.

João Ângelo Oliva Neto 68
Érico Nogueira 68
Marcelo Tápia Fernandes 68

Painel 05 68

Cátedra UNESCO Archai - UnB

Gilmário Guerreiro da Costa 68
Ester Macedo 68
Rodrigo Silva Rosal de Araújo 69
Dennys Garcia Xavier 69

Painel 06 69

International Plato Society

Franco Ferrari 69
Francesco Fronterotta 69
António Pedro Mesquita 70
José Gabriel Trindade Santos 70

Painel 07 70

Associação Portuguesa de Estudos Clássicos-linha de estudos medievais e renascentistas do CECH

Paula Cristina Barata Dias 70
Nair de Castro Soares 71
João Sousa Baptista 71
Alexandra Maria Lourido de Brito Mariano 71

Painel 08 71

Laboratório de Estudos da Cerâmica Antiga (LECA/UFPel)

Pedro Luís Machado Sanches 71
Fábio Vergara Cerqueira 72
Camila Diogo de Souza 72
Carolina Kesser Barcellos Dias 72

Painel 09 73

Núcleo de Estudos Clássicos (NEC/CEAM/UnB)

Agatha Pitombo Bacelar 73
Paulo Roberto Souza da Silva 73
José Otávio Nogueira 73

Painel 10 73

Cátedra UNESCO Archai - UnB - 2

Edrisi Fernandes 73
Guilherme Motta 74
Nicholas Philippe Riegel 74
Luca Pitteloud 74

Painel 11 74

PROCAD FILOSOFIA ANTIGA – UFMG - UFC

Marcelo Pimenta Marques 74
Maria Aparecida Montenegro 75
Gislene Vale dos Santos 75
Hugo Filgueiras de Araújo 75

Painel 12 75

Rhetor - Grupo de Estudos de Retórica e Oratória Grega

Emanuelle Alves Melo 75
Sandra Lucia Rodrigues da Rocha 76
Camila de Freitas Alves 76
Priscilla Gontijo Leite 76

Painel 13 76

Sociedade Portuguesa de Retórica

Jorge Pereira Nunes do Deserto 76
Manuel Ramos 77
Marta Isabel de Oliveira Várzeas 77
Belmiro Fernandes Pereira 77
Maria Margarida Lopes de Miranda 77

Painel 14 78

LABECA - Laboratório de estudos sobre a cidade antiga. MAE-USP Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo.

Maria Beatriz Borba Florenzano 78
Maria Cristina Nicolau Kormikiari 78
Márcia Cristina Lacerda Ribeiro 78

Painel 15 79

Centro de Estudos Interdisciplinares da Antiguidade (CEIA) / Universidade Federal Fluminense (UFF)

Thaíse Pereira Bastos de Almeida Silva 79
Beethoven Barreto Alvarez 79
Manuel Rolph De Viveiros Cabeceiras 79
Livia Lindóia Paes Barreto 79

Painel 16 79

Sociedade Portuguesa de Plutarco - SoPlutarco

Maria Aparecida de Oliveira Silva 79
Ana Maria Guedes Ferreira 80
Ália Rodrigues 80
Joaquim José Sanches Pinheiro 80

Painel 17 81

Núcleo de Estudos Antigos e Medievais da FALE/UFMG: Recepção da cultura greco-romana no cinema, teatro e literatura

Ewa Skwara 81
Eric Dugdale 81

Claudia Nélida Fernández 81

Painel 18 82

Diretoria da SBEC

Zelia de Almeida Cardoso 82
Maria do Céu Grácio Zambujo Fialho 82

Painel 19 83

Sociedade Brasileira de Retórica

Elaine Cristine Sartorelli 83
Pablo Schwartz Frydman 83
Adriano Machado Ribeiro 83

Painel 20 84

Laboratório de Estudos sobre o Império Romano (LEIR)

Fábio Faversani 84
Ana Teresa Marques Gonçalves 84
Leni Ribeiro Leite 84

Painel 21 84

Instituto de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

Alexandre Guilherme Barroso Matos Franco de Sá 84
Rodolfo Lopes 84
Miguel Monteiro Sena 85
Elisabete Cação dos Santos 85

Painel 22 85

Grupo Lýchnos/ Faculdade de Ciências e Letras-UNESP

Mariana Masotti 85
Kelli Fauth Claro 85
Michel Ferreira dos Reis 86
Paula Camargo Boschiero 86

Pôsteres

Pôsteres 01 87

Diogo Moraes Leite 87
Isabella Brandão Mendes Martins 87
Débora Corrêa Marinho 87
Fernando Adão de Sá Freitas 88
Guilherme Machado Siqueira 88
Mariana Masotti 88
Demetrius Oliveira Tahim 89
Pedro Benedetti 89
Renata Dariva Costa 89
Karina Faria Soares 90
Danilo de Albuquerque Furtado 90
Michelle Fernandes de Araújo 90
Francisca Andréa Brito Furtado 91

Tayná Sanches Pereira Costa **91**
Valesca Scarlat Carvalho da Fonseca **91**
Danniele Silva do nascimento **91**
Lucas Nogueira Borges **92**
Isabela de Castro Mendonça **92**
Lucas Santhyago Brandão Dias **92**
Luiza Silva Porto Ramos **92**

PÔSTERES 02 ..... **93**
Alexandre Cozer **93**
Bárbara Rodrigues de Oliveira **93**
Renata Morais Mesquita **93**
Bruno Ceretta Schnorr **94**
Francisca Luciana Sousa da Silva **94**
Mariana de Oliveira Costa **94**
Rafael Ayres de Queiroz **95**
Paulo Filipe Alves de Vasconcelos **95**
Thiago Cruz Domingues **95**
Anúzia Gabrielle Cavalcante Brígido **95**
Maria Izabel Cavalcante da Silva Albarracin **96**
Ricardo Pereira Santos Lima **96**
Luiz Pedro da Silva Barbosa **96**
Aldmir Oliveira **97**
Marihá Barbosa e Castro **97**
Janaína Sousa do Nascimento **97**
Fernanda Vivacqua de Souza Galvão Boarin **97**
Kátia Regina Giesen **98**
Guilherme Viggiano Fonseca **98**
Henrique Gomes Guimarães **98**

SESSÕES TEMÁTICAS

SESSÃO TEMÁTICA 01 99

ARQUEOLOGIA CLÁSSICA NO BRASIL: O FUTURO DO PASSADO
Lourdes Feitosa **99**
Renata Senna Garraffoni **99**
Pedro Paulo A. Funari **99**

SESSÃO TEMÁTICA 02 99

TRADUÇÃO POÉTICA LATINO-PORTUGUESA: REVISITAR O PASSADO, TRADUZIR NO FUTURO
Brunno Vinicius Gonçalves Vieira **99**
Rodrigo Tadeu Gonçalves **100**
Guilherme Gontijo Flores **100**

SESSÃO TEMÁTICA 03 101

FILOSOFIA COMO MODO DE VIDA
Flavio Fontenelle Loque **101**
Bernardo Guadalupe dos Santos Lins Brandão **101**
Loraine de Fatima Oliveira **101**

Sessão Temática 04 102
Abordagens metodológicas e o ensino de latim
Patricia Prata 102
Fábio da Silva Fortes 102
José Amarante Santos Sobrinho 102

Sessão Temática 05 103
Os antigos e o futuro - textos e imagens I
Maria Regina Candido 103
Maria Aparecida de Oliveira Silva 103
Katia Maria Paim Pozzer 103

Sessão Temática 06 104
Profecias e oráculos: o conhecimento do futuro no teatro grego.
Maria Cristina Rodrigues da Silva Franciscato 104
Beatriz Cristina de Paoli Correia 104
Milena de Oliveira Faria 104

Sessão Temática 07 105
Os Antigos e o Futuro - Textos e Imagens II
Paulina Nólibos 105
Fábio Vergara Cerqueira 105
Carlos Alberto da Fonseca 105

Sessão Temática 08 106
Teatro Antigo: Estudos de Recepção
Clara Lacerda Crepaldi 106
Waldir Moreira de Sousa Jr 106
Renata Cazarini de Freitas 106

Sessão Temática 09 107
O Universo, o Tempo e os Seres: Parmênides e Platão
Cristiane Almeida de Azevedo 107
Bruno Loureiro Conte 107
André Luiz Braga da Silva 107

Sessão Temática 10 108
O Futuro da Antiguidade Tardia
Julio Cesar Magalhães de Oliveira 108
Giovan do Nascimento 108
Juliana Marques Morais 108
Rafael Aparecido Monpean 108

Sessão Temática 11 109
As apropriações discursivas do passado e as ideologias de integração imperial romana (séc. I–V d.C.).
Uiran Gebara Da Silva 109
Ivana Lopes Teixeira 109
Joana Campos Clímaco 109

Sessão Temática 12 109
A Materialização do Passado no Presente. A Arqueologia e a percepção do antigo no presente.
João Estevam Lima de Almeida 109
Vinicius Dian Martin 110
Maria Cristina Cavallari Abramo 110

Sessão Temática 13 110
Estudos do Passado como Reflexões para o Presente
Maria Isabel D'Agostino Fleming 110
Elaine Cristina Carvalho da Silva 110
Irmina Doneux Santos 111

Sessão Temática 14 111
Leituras de Homero e da Poesia Arcaica nos Períodos Clássico e Helenístico
Douglas Cristiano Silva 111
Gustavo Araújo de Freitas 111
Gustavo Henrique Montes Frade 112

Sessão Temática 15 112
Ladrões de gado, heróis e monstros: figuras da representação do passado épico no presente da tradição hexamétrica grega arcaica
Leonardo Medeiros Vieira 112
Caroline Evangelista Lopes 112
Camila Aline Zanon 113

Sessão Temática 16 113
Novos enfoques em Arqueologia Clássica: a cidade do passado na cidade do futuro.
Danilo Andrade Tabone 113
Christiane Teodoro Custodio 113
Lilian de Angelo Laky 113
Ana Paula Moreli Tauhyl 114

Sessão Temática 17 114
A atemporalidade do mito
Izabela Aquino Bocayuva 114
Luiz otavio de figueiredo mantovaneli 114
Maria Inês Senra Anachoreta 114

Sessão Temática 18 115
O Futuro de Parmênides entre *Mythos* e *Lógos*
Carlos Luciano Silva Coutinho 115
Eryc de Oliveira Leão 115
Thiago Rodrigo de Oliveira Costa 115

Sessão Temática 19 116
Arqueologia Clássica e História Antiga: o futuro do passado
José Geraldo Costa Grillo 116
Cláudio Umpierre Carlan 116
Rafael Faraco Benthien 116

Sessão Temática 20 117
Autor empírico e discurso: *ars* e *uita* nas letras latinas
Paulo Sérgio de Vasconcellos 117
Alexandre Prudente Piccolo 117
Fabiana Lopes da Silveira 117

Comunicação Livre

Comunicações Livres

Mesa de Comunicação Livre 01

Luiz Maurício Bentim da Rocha Menezes

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Justiça, política e força: considerações sobre o Trasímaco de Platão

Desde a interpretação de Kerferd, muito se tem discutido sobre o papel de Trasímaco no Livro I da *República* de Platão. Este trabalho tem o intuito de verificar se os dois argumentos sobre a justiça, apresentados por ele, são consistentes entre si.

Palavras-chave: República de Platão, Trasímaco, justiça, krátos, filosofia política

Adriana Alves de Lima Lopes

Universidade Estadual do Piauí

Eros **e** *logos* **como atividade da alma em Platão**

A proposta deste trabalho gira em torno da análise da função do *Eros* e do *logos* para a filosofia platônica, tendo em vista que estas são as estruturas fundamentais do discurso eminentemente filosófico, o *nous* ordenador de sentido, a revelação daquilo que é bom e belo. Para tal, Fedro é o diálogo escolhido, posto que neste Platão expõe a retórica enquanto *Paideia*, como uma condução da alma (261 a-b), que é simultaneamente *Eros* (enquanto um amor que aspira a ciência perfeita, o inteligível puro, como intuição final da Beleza) e como *logos* (mais especificamente na discussão do segundo discurso de Sócrates, onde se expõe acerca da retórica). Neste sentido, o *eros* é compreendido como *dynamis* da alma, como movimento imanente, daí o recurso do mito da parelha alada para tentar dar conta deste exercício da alma no caminho do transcendente, do divino, na contemplação da divina Beleza. A salvação da alma se realiza pelo Eros como comunhão e ascensão conduzida pela luz da verdade assegurada pelo *logos*.

Palavras-chave: Eros, logos, alma

Jean George Farias do Nascimento

Universidade Federal de Minas Gerais

Heitor, o guardião da cidade? – O herói épico como possível modelo na filosofia platônica.

A educação filosófica é o modelo ideal de educação segundo Platão. No contexto do século V a.C. tal proposição é uma proposta reformista ao modelo vigente, pois sabemos que primordialmente a educação da Grécia clássica é a educação poética. Platão, ao contestar o modelo poético, ataca e expulsa os poetas da cidade, seu principal alvo é Homero, seus personagens, em especial Aquiles, representam a degradação da vida virtuosa. No entanto, meu artigo propõe analisar a figura do guardião forjada por Platão na *República* à luz do personagem homérico Heitor. A leitura comparativa que propomos das passagens nas quais Platão descreve as características necessárias para o guardião da cidade e aquelas da personalidade do herói Heitor, apresentadas na *Ilíada* de Homero, nos parecem convergentes. Pretendo, portanto, analisar em minha comunicação as implicações relativas à similaridade entre Heitor e o modelo de guardião ideal.

Palavras-chave: República, Ilíada, Heitor, guardião

Mesa de Comunicação Livre 02

Adriana Maria Vazquez

University of Washington

*Virgo Rapta***: Ovídio, Claudiano, e a ansiedade de uma narrativa fixa**

A história do rapto de Perséfone ocupa um nexos muito particular na literatura de Ovídio e a sua recepção. O mito da violação da jovem por Hades é uma narração icônica, já bem estabelecida na literatura antiga desde a sua apresentação no *Hino Homérico a Deméter*. Ovídio reconta o mito pela primeira vez nas *Metamorfoses*, e, num raro momento na literatura antiga no qual o poeta torna-se a sua própria audiência poética, ele o reinventa pela segunda vez nos *Fasti*, oferecendo a primeira ocorrência da recepção do episodio das *Metamorfoses* (Hinds 1987; Barchiesi 1999); no quarto século d.C., Claudiano, numa narração claramente pós-Ovidiana, faz do mito o assunto de sua epopeia incompleta, *De Raptu Proserpinae*. Os mitos icônicos foram frequentemente recontados pelas gerações posteriores baseados na tradição literária antiga. A inovação dentro da tradição era valorizada como mostra de habilidade literária. No entanto, após o *Hino Homérico*, a recepção do mito

de Perséfone se complicou pelo problema único da resistência à sua reinterpretação, por que a rigidez da narração imposta pela conclusão inabalável, ou seja, a perda da jovem, impedia a sua reinvenção. Consequentemente, em cada reescrita de sua historia proscrita, Perséfone é uma jovem invariavelmente já perdida, condenada a reviver suas duas mortes numa narrativa inflexível que impôs desafios significativos a qualquer poeta inovador. Este trabalho pretende investigar as mudanças na recepção do mito de Perséfone pelas lentes do estudo Ovidiano, a sua recepção, e a sua auto-recepção. O objetivo do trabalho é examinar a história de Perséfone como uma história agudamente consciente do seu status como forma de recepção. Como demonstrarei, com varias estratégias particulares a cada narrativa, Ovídio e Claudiano negociam a ansiedade em encontrar uma jovem que está irremediavelmente perdida e reinventar uma história que conscientemente impede a sua reconstrução.

Palavras-chave: Ovídio, Claudiano, Perséfone, recepção

Lucas Matheus Caminiti Amaya

Universidade Federal do Rio de Janeiro

A memória coletiva e o conceito de *tyrannus* no *De Officiis III* de Cícero

A presente comunicação visa, partindo de uma abordagem teórica referente à análise do discurso de linha francesa, uma revisão da imagética e da valoração que cercam o termo *tyrannus* na obra ciceroniana *De Officiis III*, sendo inclusive uma das circulações temáticas de tal livro. Com a morte de Júlio César e a complicada situação política vivida, além de recapitular sua obra pouco anterior – as Filípicas –, Cícero constrói a imagem do grande general e triúnviro como um tirano, dando aporte legal e moral para seu assassinato, como também buscando exemplos em outros períodos e locais que justificassem o perigo de ter um novo tirano e de sucumbir a *Res Publica*.

Palavras-chave: Tyrannus, De Officiis, Cícero, Memória Coletiva, César, análise do discurso

Priscilla Adriane Ferreira Almeida

Universidade Federal de Minas Gerais

Comparações entre a *Ilíada latina* e a *Eneida* de Virgílio

O poema *Ilíada latina (Ilias latina)* é uma adaptação resumida, em latim, da *Ilíada* de Homero, com 1070 versos em hexâmetros datílicos – por oposição aos quase 16 mil versos do texto grego. A língua grega era apenas aprendida pelas classes cultas e ricas de Roma, e o povo não tinha acesso direto às obras homéricas. As histórias do ciclo troiano, portanto, passaram gradativamente a ser conhecidas através de resumos, versões e epítomes em latim da *Ilíada*. É nesse contexto que se insere a *Ilíada Latina*, única obra desse conjunto que sobreviveu ao longo dos séculos, e que nos chegou em ótimo estado de conservação.

A *Ilíada* latina foi escrita durante o principado de Nero. Sua autoria é atribuída a Bébio Itálico, que compôs essa obra durante sua juventude, como mero exercício de tradução poética do grego, sem visar a mais do que seus modelos canônicos. De fato, a obra de Bébio foi, sobretudo, o esforço poético de um jovem que conhecia muito bem Virgílio. De fato, Bébio Itálico adota muito mais do vocabulário e do estilo desse poeta latino do que do próprio Homero. Por pertencer à literatura latina, a *Ilíada Latina* também adapta certas passagens do poema de Homero de acordo com a ideologia e a cultura romana.

A redução da *Ilíada* para pouco mais de mil versos inevitavelmente acarreta perda da profundidade original, mas a *Ilíada latina* também encerra aspectos interessantes. É possível ver claramente como o autor a adapta ao gosto romano, através das passagens e aspectos (mitológicos, estilísticos etc.) que ele escolhe transmitir; além disso, pretendemos abordar principalmente as próprias inovações de Bébio em relação ao texto original e a influência da *Eneida* na *Ilíada latina*.

Palavras-chave: Ilíada Latina, poesia épica, Virgílio, ideologia romana.

Mesa de Comunicação Livre 03

Katia Cilene da Silva Santos

Universidade de São Paulo

A Época Helenística e a liberdade no estoicismo e no epicurismo

O período helenístico representou um momento histórico de profundas transformações no mundo antigo. As conquistas territoriais de Alexandre Magno, bem como sua forma de lidar e de se relacionar com os povos conquistados, promoveram mudanças em todos os âmbitos da vida, desde a política até a Filosofia e as artes. Entre os principais aspectos dessa mudança, está a idéia de mundo globalizado, ou *oikoumene*, que reflete a integração espacial e cultural do mundo conhecido. Com Alexandre, a lógica da dominação deixou de ser a dos gregos contra os bárbaros e passou a ser a da miscigenação cultural. De igual importância foi a mudança de perspectiva política do *polites* ao *kosmopolites*, na medida em que os reinos helenísticos eram realidades muito maiores e mais complexas do que a das *póleis* gregas.

Como consequência, alteraram-se as formas pelas quais os indivíduos se entendiam frente à cidade e ao mundo. Como em todos os campos do saber, na Filosofia assistiram-se a profundas mudanças de perceptiva durante a Época Helenística, de modo que as escolas filosóficas do período apresentaram características relacionadas à nova organização política e social. Com efeito, um novo modo de conceber o mundo, a fusão e a circulação de ideias entre a Grécia e o Oriente trouxeram aos

filósofos horizontes diversos sobre os quais pensar. Além de novos horizontes, surgiram também outras questões filosóficas, para as quais as escolas helenísticas procuraram respostas. Com base nesse contexto histórico e filosófico, gostaríamos de apresentar uma comunicação sobre um dos aspectos característicos da ética helenística, qual seja, a formulação teórica da liberdade interior, realizada pelo estoicismo e pelo epicurismo. Sem ignorar as diferenças existentes entre essas filosofias, pretendemos colocar suas teorias sobre a liberdade lado a lado para analisar suas respostas a um dos problemas de seu tempo.

Palavras-chave: helenismo, estoicismo, epicurismo.

Markus Figueira da Silva

Universidade Federal do Rio grande do Norte

Câmara Cascudo em defesa de Epicuro

Trata-se da análise da obra Prelúdio e Fuga do Real, onde Cascudo interpreta a ética de Epicuro a partir das informações colhidas no Livro X da obra Vidas e Doutrinas dos Filósofos Ilustres, de Diógenes Laertios.

Palavras-chave: Epicuro, Ética, Filosofia Antiga

Luciana Maria Azevedo de Almeida

Universidade Federal de Minas Gerais

Plutarco e Montaigne: em torno da moderação das paixões

Plutarco é o autor que Montaigne mais francamente admira. As referências elogiosas ao filósofo antigo são inúmeras, além dos 750 empréstimos retirados da 'Moralia' e 'Vidas', segundo a contagem de Konstantinovic, em seu estudo 'Montaigne et Plutarque'. Ainda que se constate uma interface significativa entre os dois pensadores, as investigações acerca do impacto de Plutarco na filosofia de Montaigne são modestas. Tais estudos contentam-se em ressaltar a influência do estilo literário de Plutarco sobre o gênero dos Ensaios ou em destacar a preferência de Montaigne pelas questões da vida prática, na esteira do 'moralismo' de Plutarco, rubrica excessivamente vaga enquanto posicionamento filosófico e que diminui sua importância como pensador. Felizmente, os trabalhos da crítica recente procuram reverter este cenário, sobretudo Daniel Babut, cujas análises restabelecem a relação de Plutarco com a Nova Academia e evidenciam a importância deste autor na defesa e difusão do ceticismo acadêmico.

No intuito de contribuir para o incremento dos estudos plutarqueanos, a partir da reavaliação das contribuições de Plutarco para filosofia de Montaigne, o trabalho proposto deverá argumentar em favor da conexão decisiva entre a antropologia de Plutarco e o ceticismo dos Ensaios, pois ambos destacam a mortalidade e a inserção no tempo como marca da condição humana, fato este que exige do homem o reconhecimento de sua fraqueza, debilidade e inconstância, que impõe a revalorização das paixões e o esforço em harmonizar as potências racionais e irracionais. A tranquilidade da alma, nos dois casos, depende de humildade. A partir destas premissas, este trabalho evidenciará a maneira pela qual Plutarco subverte racionalismo estoicismo, propondo como alternativa para o desregramento resultante da ação das paixões a metriopathia cética, projeto viável em contraste com o ideal ascético e irrealizável da apathia estoica. Direção que se observa também nos Ensaios de Montaigne.

Palavras-chave: Plutarco, paixões, metriopathia, ceticismo acadêmico, Michel de Montaigne

Mesa de Comunicação Livre 04

Francisco Diniz Teixeira

Secretaria Estadual de Educação - SP

O futuro do passado na poesia de Alexei Bueno

Como se sabe, os poetas de Grécia e Roma serviram de modelo para poetas posteriores em vária épocas, constituindo a base do cânone ocidental, como bem atestam Erich Auerbach em sua 'Mimesis: a representação da realidade na literatura européia', ou Gilbert Highet em 'La tradición clásica'. Isso pode ser veririficado na poesia de Camões e Antônio Ferreira, no século XVI, na de Bocage e Filinto Elísio, no século XVIII e, mesmo que de forma superficial, na poesia de Olavo Bilac, Alberto de Oliveira e Raimundo Correia, a tríade parnasiana brasileira, na transição do século XIX para o XX. Contudo, após o triunfo da arte moderna, embebida pelo espíritio anticanônica e iconoclasta das vanguardas no início do século XX, causa certo estranhamento aos leitores não só de língua portuguesa, a existência de um poeta clássico como Ricardo Reis, heterônimo de Fernando Pessoa, que promove uma apropriação do cânone sob certa ótica niilista. E herdeiro dessa tradição, no final do século XX, encontra-se o poerta carioca Alexei Bueno, que promove uma apropriação do cânone greco-latino, mas que contradiz as tendências de seu tempo que tratam de garantir a manutenção das conquistas do Modernismo de 1922. Isso poderia ser fruto da tendência à liquidez que permeia nosso tempo, tal como afirma o sociólogo polonês Zygmunt Bauman. Por isso, o que propõe nessa fala é uma apresentação de como a poesia do passado se torna a semente do futuro na poesia de Alexei Bueno.

Palavras-chave: cânone, tradição, apropriação, Alexei Bueno.

Edson Ferreira Martins

Universidade Federal de Viçosa

Reescritas da cultura clássica no romance *A mão e a luva*, de Machado de Assis

Do conjunto de civilizações que habitaram o Mediterrâneo na Antiguidade, destacam-se – quer pela produção de bens materiais e imateriais que lhes foi inerente no passado, quer pela transmissão desses bens ao mundo ocidental – as civilizações grega e romana (PEREIRA, 2002, 2006; GRIMAL, 2001). No processo de recepção da cultura greco-romana, dos inícios do Medievo à Contemporaneidade, observamos movimentos ora de aproximação, ora de afastamento em relação aos valores estéticos e morais concebidos, em sentido lato, por aquelas civilizações, movimentos esses que, seja como for, configuram inelutavelmente um horizonte de ponto de encontro entre nosso passado remoto e o nosso futuro em construção. No presente trabalho, visamos apresentar os resultados parciais do projeto de pesquisa "Reminiscências da cultura clássica em *A mão e a luva*, de Machado de Assis", no qual objetivamos compreender de que forma se dá a recepção da cultura clássica no projeto literário machadiano, indagando sobre as funções a que se presta a incorporação dessa camada intertextual (BAKHTIN, 2002; KRISTEVA, 1974) nos escritos do consagrado autor brasileiro. Como metodologia de trabalho, identificamos as passagens em que, por meio da alusão a personagens históricos ou ficcionais, ou mesmo a fatos culturais, Machado se reporta ao universo do mundo da Grécia e Roma Antigas. Na análise do texto, buscamos refletir sobre os efeitos discursivos por meio dos quais a narrativa machadiana dialoga com a cultura greco-romana, a partir da reescrita dos mitemas encontrados ao longo do romance supracitado.

Palavras-chave: Recepção da Cultura Clássica, Intertextualidade, Machado de Assis.

João Bortolanza

Universidade Federal de Uberlândia

Poesia latina de Vieira

Nesta comunicação trago o resultado de uma longa pesquisa sobre a Poesia Novilatina do Padre Antônio Vieira. Destaco alguns poemas e algumas características de sua poesia. Sem dúvida, muito oportuno é aproveitar o evento da SBEC para essa divulgação, por ser um dos aspectos menos conhecidos de nosso "Imperador da Língua Portuguesa".

Palavras-chave: Poesia Latina - Padre Antônio Vieira - Características

Mesa de Comunicação Livre 05

Everton da Silva Natividade

Universidade Federal de Pernambuco

O espaço no canto V das *Púnicas* de Sílio Itálico

A ação do canto V das *Púnicas* concentra-se na batalha do lago Trasimeno (217 a.C.). Na narrativa, as ofensivas se estendem por um dia, e os arredores do lago são variegadamente descritos. Nesta comunicação, retomo os elementos espaciais e os relaciono com o restante das características da narrativa, ao mesmo tempo em que observo recorrências do estilo poético de Sílio Itálico.

Palavras-chave: Sílio Itálico; "Púnicas"; canto V; espaço; narrativa; poética/estilo

Sérgio Luiz Gusmão Gimenes Romero

Universidade Estadual Paulista

Questões sobre *performance* na *Olímpica I* de Píndaro

O presente estudo propõe-se a considerar as características *performáticas* da *Olímpica I* de Píndaro e a sua contribuição para uma ampliação dos horizontes de leitura da ode. Este tipo de abordagem tem se mostrado bastante profícua, sobretudo no que toca a reabilitação da articulação social que o canto laudatório *performatizado* em circunstâncias rituais específicas e alicerçado no *illo tempore* mítico, habilitava no *hic et nunc* de sua execução. A análise das características da *performance* da Olímpica I contribui para o esclarecimento da forma dinâmica com que o canto epinício atuava como mecanismo eficaz de ação social, mobilizando o passado mítico e o presente ritualístico em sua execução. Assim, a problemática da *performance* surge como eixo central de nossa reflexão porquanto é nela que se atualizam os sentidos e representatividades do discurso pindárico.

Palavras-chave: Píndaro, Olímpica I, performance, poesia-ritual, mito.

Mesa de Comunicação Livre 06

Fabrina Magalhães Pinto

Universidade Federal Fluminense

O *De duplici copia rerum ac verburum,* de Erasmo de Rotterdam, e a influência das *Institutio oratoria* de Quintiliano

O trabalho aqui proposto pretende analisar algumas das teses do *De duplici copia rerum ac verburum*, publicado em 1512, pelo humanista Erasmo de Rotterdam. Como podemos observar pelo título da obra, Erasmo, seguindo a tradição dos retores antigos, trata dos dois tipos de *copia*: *copia verborum* (abundância das palavras) e *copia rerum* (abundância das coisas); ou seja, abundância dos recursos formais para a variação das palavras e expressões, e das ideias/temas que o orador deve ter em mente no momento de proferir seus discursos.

Erasmo é o primeiro humanista que compõe um tratado pedagógico deste tipo na Renascença, seguindo os mesmos moldes de Cícero e, sobretudo, de Quintiliano (cujos preceitos são citados recorrentemente pelo autor). Embora Cícero seja uma referência frequente nesta obra, a tese aqui defendida é a de que seria de Quintiliano a influência fundamental em suas concepções retóricas. Em oposição ao equilíbrio entre retórica e filosofia, postulado por Cícero em seu *De oratore* (55 a.C), Erasmo opta pela tese desenvolvida pelo autor das *Institutio oratória,* que atribui maior importância à retórica que à filosofia e, por sua vez, à *elocutio* que à *inventio.* Pretende-se então considerar o surgimento e o apogeu de uma nova *ars rhetorica* renascentista, tendo em vista, sobretudo, a influência do *Institutio oratoria* de Quintiliano na construção do projeto pedagógico/humanista de Erasmo.

Palavras-chave: Erasmo de Rotterdam, Retórica clássica, Quintiliano

Marcello Fontes

Universidade de São Paulo

A retórica no *Fedro* de Platão: indícios de um papel filosófico

O tema da retórica habita boa parte do corpus platônico. Seja de forma direta ou indireta, são muitos os diálogos em que Platão trata do tema, embora não exatamente da mesma maneira, a despeito de a expressão rhetorikê só surgir no Górgias e no Fedro. Aventa-se mesmo a possibilidade de Platão tê-la cunhado, como Schiappa.

No caso do Fedro, parece ser hoje o modo mais comum de entender o diálogo apontar que o problema da retórica não apenas faz uma ponte entre o primeiro e o último dos argumentos nele presentes, mas também poderia ajudar a estabelecer o objetivo geral do diálogo, que seria, como diz Trabattoni "... estabelecer o modo correto de compor discursos retórico-persuasivos e, eventualmente, caracterizar uma retórica filosófica a serviço da dialética, diferente da ordinária: a retórica superficial e incorreta de Lísias (e de todos os outros retores da época) se contraporia, assim, a retórica filosófica de Sócrates, que constrói discursos persuasivos dosando mito e argumentações de modo oportuno, prestando particular atenção (este motivo é sublinhado com força no diálogo) qualidade diversa das almas individuais".

Mas a estratégia de afastamento e aproximação que Platão aparentemente utiliza em relação não só à retórica, mas a outros gêneros que ao mesmo tempo utiliza e critica nos seus diálogos tem razões que vão das suas próprias influências culturais à necessidade de fazer-se claro para os membros da tradição que criticava. No caso da retórica, tratava-se de situação ainda mais delicada, pois era notória a confusão que se fazia entre os sofistas e Sócrates, como se pode ver no início do diálogo "Protágoras" e em Aristófanes, na comédia "As Nuvens", dentre outros testemunhos. Como valer-se da retórica sem confundir-se com os retores que praticam uma retórica chã e desqualificada? A proposta parece ser buscar seu "uso filosófico" e, portanto, verdadeiro.

Palavras-chave: Platão, Fedro, Retórica

Osvaldo Cunha Neto

Universidade Estadual de Campinas

Uma breve história da Sofística

Neste trabalho apresentaremos uma breve história da Sofística (ou movimento sofístico) desde o seu surgimento - no séc. VIII a.C. - , passando por sua consolidação - no séc. V a.C. - até chegar ao seu apogeu - no séc. III d. C. Em seguida vamos refletir sobre quais seriam seus traços mais característicos (seja em termos de sua prática, seja em relação às suas implicações conceituais) e, finalmente, iremos comparar seus diferentes momentos na história para que seja possível entender quais de suas características permaneceram iguais e quais se modificaram com o passar do tempo. Somente após realizar este percurso é que poderemos conjecturar respostas para as perguntas que motivam este trabalho, a saber: Quais são as pecuiaridades da Sofística em relação às outras disciplinas com as quais se relaciona? Há um fim do desenvolvimento da sofística? Em que momento?

Palavras-chave: primeira sofística, segunda sofística, Filostrato, Vidas dos sofistas.

Mesa de Comunicação Livre 07

Fernanda Mattos Borges da Costa

Universidade de Coimbra

Da relação no argumento da imortalidade no *Banquete*, de Platão com o *Diálogo sobre o Amor*, de Plutarco

Defendemos a aproximação do discurso de Diotima, no *Banquete*, com os *Diálogos sobre o Amor*, de Plutarco a partir da imagem de Eros. O texto platônico refere-se a uma forma abrangente de amor, prevê várias maneiras de buscar imortalidade com a força do deus. Neste sentido, o diálogo de Plutarco conteria uma especialização deste discurso quando se refere à participação de Eros nas relações conjugais, tanto na imortalidade a partir do nascimento, como na construção da virtude na participação do Belo. O discurso de Diotima prevê que Eros é o amor àquilo que é belo, consequentemente àquilo que é bom. Aquele que ama o que é belo e bom ama porque os deseja. Se os deseja, não os tem. Logo, o amor ao belo e ao bom consiste na busca de algo cuja posse não se tem. Assim como o homem ama e deseja a imortalidade. Existem três maneiras de o homem buscar a imortalidade: pela perpetuação de feitos grandiosos, lembrados em sua honra e glória por toda eternidade; a criação poética ou a "procriação a partir do espírito"; e, por fim, a imortalidade adquirida a partir da fecundidade do corpo. Esta face de Eros, no amor entre o homem e a mulher capazes de atingir a imortalidade na criação de seus filhos, encontra-se defendido no discurso de Plutarco. Para tanto, pretendemos analisar o papel do argumento da imortalidade a partir de Eros no Banquete, de Platão; verificar se há recorrência do argumento da imortalidade a partir da relação matrimonial entre o homem e a mulher, bem como seu uso, no Diálogo sobre o Amor, de Plutarco; e ainda estabelecer uma comparação entre o uso do argumento da imortalidade nas obras de Platão e Plutarco e definir em que medida o segundo consiste numa continuidade, especialização ou reformulação do primeiro.

Palavras-chave: Eros, Platão, Banquete, Diotima, Plutarco, Diálogo sobre o Amor

Adail Pereira Carvalho Junior

Universidade Federal do Ceará

A dinâmica de *Eros* como *Epithymia* na filosofia de Platão

A dinâmica de *Eros* como *epithymia* na filosofia de Platão,apresentada como objeto de estudo nessa comunicação, é constituída de elementos presentes nos diálogos *Banquete* e *Fedro* como: a natureza sintética de *Eros*, a função mediatriz da alma que é *epithymia* (desejo) e *Eros* como princípio de conhecimento, dialética e filosofia.

Palavras-chave: Desejo, Eros, Dinâmica.

Jovelina Maria Ramos de Souza

Universidade Federal do Pará

No meio do caminho tinha Diotima

A presente exposição pretende retomar as representações de Diotima no discurso poético-filosófico de Platão e Hölderlin. Independente da época na qual a imagem de Diotima foi traçada por cada um dos dois autores, a ideia que ela representa, no contexto da obra do filósofo grego e do poeta alemão é marcada pela ambiguidade. A arquitetônica de Diotima, seja a de Platão ou a de Hölderlin, se sustenta na noção de alteridade, espécie de espelho através do qual as imagens de Safo de Lesbos e Susette Gontard parecem se fundir na figura da personagem platônica e hölderliana. Na caracterização da sacerdotisa/filósofa de Mantineia ou da amada de Hipérion/Hölderlin (fonte de inspiração para muitos de seus poemas) a alusão ao elemento mediador (*daímon*) é determinante, pois através da ficção envolvendo o nome de Diotima, ambos falam do amor e da beleza (visível ou humana, segundo a referência de um e outro) para sustentar a sua argumentação teórica acerca do amor e do belo, mediada pelas noções de carência e desejo, em um espaço comum tanto a Platão como a Hölderlin, a poesia e a filosofia.

Palavras-chave: Diotima, Platão, Hölderlin, amor e beleza

Mesa de Comunicação Livre 08

Ticiano Curvelo Estrela de Lacerda

Universidade de São Paulo

Entre filosofia e retórica: divergências e convergências de pensamento entre Platão e Isócrates a partir de "elogio a Isócrates" no *Fedro* (279a)

Ao final do diálogo *Fedro* (279a), Platão coloca na boca de Sócrates um aparente elogio ao "jovem" Isócrates. Tal passagem da obra de Platão foi e ainda é motivo de muita polêmica por parte de especialistas em Filosofia e Retórica. Em princípio, o motivo de tanto debate é muito simples: qual a intenção de Platão ao elogiar Isócrates, tendo em vista a evidente e vastamente comentada rivalidade entre ambos os autores no séc. IV a.C. em Atenas? Em outras palavras, notamos, pela obra de Platão e Isócrates, aparentes divergências em torno de diversas questões fundamentais relativas à filosofia, à retórica, à moral, à

política, e muitas outras, em voga no período em que ambos viveram, uma vez que eram professores de diferentes escolas de "formação superior" da época. Portanto, o aparente elogio seria, na verdade, irônico e só reforçaria a rivalidade entre ambos? Ou o que notamos é certa aceitação por parte de Platão a respeito do pensamento isocrático, a fim de, de algum modo, reconhecer sua filosofia? O presente trabalho tentará reavaliar a discussão, partindo do *Fedro* e perpassando por alguns pontos da obra dos referidos autores, na tentativa de estabelecer, a partir de suas divergências e convergências de pensamento, alternativas para a resolução dessa polêmica.

Palavras-chave: Retórica, Filosofia, Isócrates, Platão, Fedro

Mesa de Comunicação Livre 09

Francisca Patrícia Pompeu Brasil

Universidade Federal do Ceará

Tradição e modernidade: sobre o ensino da língua latina na EaD

O ensino da Língua Latina, na modalidade presencial, costuma ser associado a aulas mais tradicionais, nas quais o professor/detentor de conhecimentos repassa conteúdos ao seu aluno/receptor. No entanto, vemos que, na atualidade, estão ocorrendo mudanças significativas em relação ao estudo das línguas clássicas. Além da adoção de métodos inovadores no ensino presencial, como Reading Latin, em muitas universidades brasileiras, por exemplo, o curso de Letras passou a ser ofertado também através da modalidade semipresencial, na qual o aluno precisa interagir com o professor e colegas através de um ambiente virtual. O que podemos notar é que tal fato vem promovendo mudanças significativas na maneira de ensinar e aprender essas línguas, uma vez que, nesta modalidade, o que se espera é que a interação constante entre alunos e entre alunos e professor resulte em um aprendizado mais efetivo. Passa, então, a caber ao professor de Língua Latina a função de elaborar aulas com uma linguagem mais inovadora e de ofertar de forma dinâmica e criativa os conteúdos do programa, assim como também, de assumir uma postura menos centralizadora durante as aulas. Em nosso trabalho, buscaremos apontar algumas das principais mudanças ocorridas em relação ao ensino da língua latina durante o seu processo de adaptação à EaD. Buscaremos também destacar as maiores dificuldades apresentadas nessa modalidade de ensino, e, por fim, apresentaremos algumas vantagens que a interação e participação ativa e constante dos alunos podem trazer ao processo de ensino e aprendizagem da língua. Veremos assim que a maneira de ensinar a língua latina vem sendo revisada e re-significada através das mais diversas ferramentas virtuais (fóruns, chats, portfólios, etc.), que tantas possibilidades oferecem a alunos e professores na contemporaneidade.

Palavras-chave: Ensino, latim, EaD

Giovanna Longo

Universidade Estadual Paulista

A abordagem textual no ensino de latim

O estudo do idioma dos antigos romanos está essencialmente voltado para a recepção escrita. O principal objetivo do aprendizado do latim é, portanto, a leitura dos textos deixados por seus falantes naturais. Sabe-se que o conhecimento da estrutura linguística de um idioma, que compreende o estudo da gramática e do léxico, não é suficiente para que se proceda a uma leitura efetiva de um texto, qualquer que seja sua função (informativa, estética, etc.). Em se tratando de uma língua antiga como o latim, cujas fontes remanescentes são predominantemente literárias, faz-se necessária uma abordagem que vá muito além da mera "decodificação" do texto, i.e. da transposição de seus conteúdos para uma língua moderna. Esta etapa inicial deve necessariamente ser seguida de um trabalho de reconhecimento dos recursos responsáveis pelo engendramento do todo de sentido que é um texto. Além disso, muito do seu entendimento ficará comprometido sem as devidas contextualizações históricas e culturais. Nesta comunicação, será feita uma demostração de estratégias utilizadas em sala de aula que permitem trabalhar com o estudo da gramática sem dissociá-la da leitura de textos, no ensino do latim.

Palavras-chave: Língua Latina; Leitura; Ensino

Katia Teonia Costa de Azevedo

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Considerações sobre o ensino de latim em cursos de extensão

Nos dias de hoje, pode parecer um grande desafio oferecer a um público não universitário a oportunidade de estudar Latim. A heterogeneidade do perfil discente interessado nesse tipo de curso não apenas contribui para o enriquecimento dos projetos de extensão, bem como corrobora a democratização do ensino de Latim. Diante da variedade metodológica que vai desde a abordagem de ensino tradicional, cujos principais meios são a gramática e a tradução, até métodos modernos de ensino de línguas estrangeiras, deparamo-nos com uma importante questão: Que método usarmos? Com base no livro-método *Lingua Latina Per Se illustrata* (1990), do professor dinamarquês Hans Henning Ørberg, pretendemos, neste trabalho, mostrar alguns resultados do ensino de Língua e Cultura Latinas para alunos dos *Cursos de Línguas Abertos à Comunidade* –CLAC, projeto de extensão da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro. No projeto, alunos da

graduação em Letras (Português-Latim) atuam como professores e têm, dessa forma, a oportunidade de desenvolver, ainda durante a formação acadêmica, o pensamento crítico quanto à prática docente de Língua e Cultura Latinas.

Palavras-chave: Ensino de Latim, extensão, método

Mesa de Comunicação Livre 10

Eduardo Soares de Oliveira

Universidade Estadual de Goiás

Tertuliano: uma análise a partir do martírio como pressuposto identitário para o cristianismo.

O presente trabalho tem como objetivo debater e analisar a partir de um fenômeno do cristianismo, a saber, o martírio, como é possivel pensar a identidade cristã na antiguidade cristã, tendo como ponto de partida este momento emblemático para o cristianismo que é o martírio. Neste caso especificamente nos deteremos na obra de Tertuliano, autor emblematico e fundamental da transição do II para o III séc. d.C., e para a compreensão do cristianismo pré-constantiniano.

Palavras-chave: Tertuliano, martírio, cristianismo, identidade.

Lúcio Gomes Dantas

Universidade de Brasília

A teologia das bem-aventuranças e o valor de ser pobre hoje

Esta comunicação versa sobre a pobreza como valor compreendido sob os aspectos teológicos cristãos e filosóficos. Dentro desses aspectos, rompemos visões lineares economicistas para compreendermos a pobreza por outro prisma. Nessa perspectiva, a discussão se torna ética na medida em que o cenário social pode nos ajudar a compreender a pessoa do pobre sem vinculá-lo a um extrato social. Recorremos, entretanto, aos ensinamentos cristãos baseados no evangelho de Jesus Cristo, segundo São Mateus, especificamente os contidos nas bem-aventuranças: "Bem-aventurados os pobres em espírito, porque deles é o Reino dos Céus". A pobreza cristã consiste no desprendimento de bens materiais para crescer em liberdade. Sobre esse aspecto, afirmamos que um estilo de vida pobre desabsolutiza os bens do mundo, como consequente desapego, pela sobriedade no uso dos bens e pela vontade de colocá-los a serviço das pessoas que necessitam. A pobreza tomada nesse sentido não pode ser dissociada da decisão de eliminar as estruturas responsáveis pela exclusão de tantas pessoas. Isso nos leva a crer que a exigência do desapego dos bens materiais e a primazia das riquezas de espírito tornam-se um compromisso de testemunhar uma vida mais virtuosa. A pobreza não é sinônima de indigência, em sentido econômico, mas ausência do supérfluo, pois esse tipo de pobreza nos leva a frugalidade, a moderação, sem consistir em falta do necessário para viver. Desse ponto de vista, interpretamos a pobreza como um valor que se distancia da fascinação do consumismo e da sedução do aparato econômico. Esses valores estão explícitos em virtudes clássicas como sobriedade e simplicidade frente aos bens materiais, própria da mensagem cristã. Por fim, uma vida idealizada no desenvolvimento como riqueza material, parece ser um ideal "empobrecedor" para a condição humana.

Palavras-chave: Pobreza, Bem-aventuranças, Valor.

Giovan do Nascimento

Universidade Estadual de Londrina

O donativo cristão no Império Romano Tardio: o caso da comunidade de Santo Agostinho

Nos últimos anos, surgiu uma preocupação crescente entre os tardo-antiquistas com a compreensão não somente das transformações culturais e religiosas do período, mas também das mudanças econômicas. A partir de então, o tema da riqueza material das igrejas cristãs adquiriu uma atenção especial. Ao menos no Império romano tardio, é uma constatação unânime entre os especialistas que o principal mecanismo utilizado pelos clérigos para a obtenção de seus bens foram as doações voluntárias realizadas tanto por fiéis modestos quanto por ricos aristocratas e imperadores. A despeito dessa constatação, a interpretação da relevância desta prática para a definição do período não é de maneira alguma consensual. Enquanto alguns estudiosos se preocupam com a visibilidade social que o donativo cristão adquiriu entre os habitantes do Império, enfatizando que ela foi capaz de romper com o imaginário da cidade clássica, outros enfatizam a insignificância real do impacto econômico do mesmo. O objetivo desta comunicação é avaliar a relevância destas duas abordagens distintas para a explicação do estudo de caso dos sermões 355 e 356 de Santo Agostinho, sermões os quais nos permitem conhecer o estado material da Igreja de Hipona no início do século V e a atitude econômica dos clérigos da congregação de Agostinho.

Palavras-chave: Donativo Cristão, Patrimônio Eclesiástico, Santo Agostinho, Império Romano Tardio

Mesa de Comunicação Livre 11

Leandro Manenti

Universidade Feevale

Vitrúvio, o projeto de arquitetura e seus agentes na antiguidade romana.

A presente proposta de comunicação procura retomar e discutir o papel do profissional arquiteto no contexto da sociedade romana do século I a.C. Esta proposta é resultante das pesquisas iniciais da tese de doutorado que está sendo desenvolvida pelo autor, que tem por objetivo repensar a teoria do projeto arquitetônico contida no tratado *De architectura* de Vitrúvio. Neste sentido, esta comunicação procura retomar o papel do arquiteto na sociedade romana na virada do período republicano para o imperial, momento em que se identifica como coincidente com a redação do tratado vitruviano.

A partir da análise do próprio tratado e da bibliografia existente sobre o tema, pose-se estabelecer os procedimentos da encomenda de um projeto, em particular a encomenda de obras públicas, principal atuação de Vitrúvio como arquiteto. Estas encomendas se iniciavam com a definição de um curador, que juntamente com o poder púbico definia a configuração básica da obra a ser executada, cabendo ao arquiteto, chamado a participar posteriormente, o aprofundamento do projeto, a execução e a prestação de contas. Neste sentido, o trabalho procura discutir até que ponto as definições iniciais tomadas sem a participação do arquiteto definem o resultado final da obra, esclarecendo, então, o papel do profissional arquiteto no processo de projeto e execução destas. A presente discussão antecede e embasa, assim, a tese desenvolvida, que procura discutir a teoria do projeto segundo o autor romano.

Palavras-chave: projeto arquitetônico, Vitrúvio

Camilla Miranda Martins

Universidade Federal do Paraná

Corpo: subjetividades contemporâneas e estudos da antiguidade

O corpo é o lugar de nossas subjetividades, a materialidade que nos compõe. Por meio dele evidenciamos escolhas, preferências e coerções. Dessa forma, através do corpo podemos estudar grande multiplicidade de assuntos: os gestos, as vestiventas, a alimentação, as atividades físicas, entre outros. Em nosso estudo, o foco são imagens de corpos nus dos antigos atletas gregos em vasos advindos das competições esportivas das Panateneias que ocorriam em Atenas. Nosso objetivo com tal análise nesta apresentação é pensar, principalmente, como é possível o estudo da Antiguidade no mundo contemporâneo. O intuito é realizar uma reflexão sobre o que são as nossas subjetividades, em especial as relacionadas com o corpo, em um contraponto com a Antiguidade. Esse contraponto ainda nos possibilitará perceber que uma essência humana é questionável, o humano, notaremos com Hannah Arendt e Michel Foucault, constrói-se nas relações com os demais e a Antiguidade é um exemplo de como, no passado, a singularidade de cada homem é entendida em uma dimensão intersubjetiva no espaço público.

Palavras-chave: vasos gregos, história antiga, Festival das Panateneias

Renato Pinto

Universidade Federal de Pernambuco

Arqueologia Clássica e diversidade sexual: um lugar para os marginalizados no passado e no presente

Os galli foram os sacerdotes emasculados da deusa Cibele na Roma antiga. Por saírem das procissões cobertos com roupas e ornamentos femininos, sofreram com as invectivas dos autores clássicos, que os tiveram como perniciosos aos valores prevalentes da masculinidade de então, e costumavam tratá-los com desdém ou pilhéria. A descoberta de um "travesti", um possível gallus, em um sítio arqueológico romano no norte da Inglaterra em 2002 gerou polêmica nos meios noticiosos britânicos. As manchetes resultantes e a forma de divulgação da descoberta por parte dos arqueólogos tiveram impacto negativo na blogosfera de grupos de transgêneros. Este estudo analisa o episódio e, a partir da condição social dos galli em Roma, reflete sobre o papel social da Arqueologia Clássica na formulação de respostas às ansiedades de grupos de minorias em busca de um passado. Na mesma medida, propõe-se pensar sobre ações futuras.

Palavras-chave: Arqueologia da Sexualidade, Arqueologia Romana, Religião Romana

Mesa de Comunicação Livre 12

Raquel Anna Sapunaru

Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Brincando com Euclides: o infinitamente divisível nas proposições 7 e 8 do Elemento II

No espírito do tema *Futuro do Passado*, nos Livros II e III, da obra *Os Elementos* de Euclides, almejamos discutir a existência de indícios da divisão infinita utilizada por Leibniz no estabelecimento dos Cálculos Diferencial e Integral. Ressaltamos que estes cálculos são utilizados imperiosamente pelos estudantes e profissionais das áreas de exatas devido a sua precisão e

incomparável facilidade de operação. Desse modo, trabalhamos inicialmente com uma análise da principal ideia contida em *Os Elementos*, a saber: a discussão do mundo físico-matemático a partir de diagramas ou imagens. Estas imagens estabeleceram um método único e incomparável que serviram de base para Leibniz e Newton no desenvolvimento de seus próprios pensamentos. Particularmente, nos concentramos nas análises das proposições 7 e 8 do Livro II e 17 e 18 do Livro III. Além destes, utilizamos também o texto de Leibniz onde o filósofo estabelece as regras de derivação e integração, além de apresenta seu método de máximos e mínimos. Este texto emblemático dos escritos leibnizianos, num movimento intermediário, já reflete a utilização do classico no modern, de um *Futuro do Passado*. *Grosso modo*, a utilização das proposições de Euclides, em combinação com os escritos de Leibniz, proporciona uma maior e melhor compreensão do infinitamente pequeno no tempo presente e futuro, auxiliando na renovação e na inovação de ideias, em conjunto com a formação de profissionais e cidadãos competentes.

Palavras-chave: Euclides, Leibniz, Geometria, Cálculo

Leandro da Rosa Marshall

Ministério da Ciência e Tecnologia

O paradoxo da verdade

A proposta da comunicação é contribuir para a construção de uma teoria da verdade sustentada pelo pressuposto da 'dialética' e tendo como fundamento o 'paradoxo'. A reflexão compreende que a 'dialética' transformou-se no caminho (método) e no pressuposto obrigatório de todo exercício filosófico e que o 'paradoxo' afirmou-se como o fundamento universal do conhecimento verdadeiro. Vale dizer, de acordo com o ensaio, que uma verdade só poderá ser original, autêntica, exata e fidedigna, se ela for processual, antitética e paralaxial, ao mesmo tempo em que for antagônica, contraditória e contrassensual.

Palavras-chave: Paradoxo, Dialética, Verdade

Martim Reyes da Costa Silva

Universidade Federal da Bahia

Metadiscursividade no fragmento DK 1 de Heráclito de Éfeso

De uma maneira geral, podemos dizer que a interpretação do sentido de *lógos* tal qual apresentado no fragmento 1 é quase sempre o primeiro e mais determinante passo de uma leitura dos fragmentos. Tal característica pode ser atribuída em parte às indicações de Aristóteles e Sexto Empírico de que esta passagem se encontrava no início do escrito (mas não necessariamente as primeiras palavras em absoluto), assim como à grande extensão se comparada aos demais fragmentos. Estes aspectos, contudo, não seriam igualmente significativos se não estivessem ligados a um outro, talvez menos evidente: trata-se, muito provavelmente, de uma apresentação sintética do próprio discurso, na qual os aspectos mais significativos e as metáforas fundamentais são apresentados. Nos fragmentos tradicionalmente associados pela crítica à temática do *lógos*, Heráclito exercita um metadiscurso sobre a própria palavra e a experiência da mesma. Tal reflexão aponta ainda, como reconhecem os estudiosos de maneira geral, em uma direção epistêmica, mas talvez mais ainda gnosiológica. O *lógos* parece ser, antes de mais nada, o que é dito, a *palavra* de Heráclito, que está sendo dita neste momento. Ao mesmo tempo, esta palavra *é sempre* (eontos aei), como os deuses em Homero, e os humanos "vem a ser" (sempre) incapazes de compreendê-la, tanto antes quanto após escuta-la. Neste sentido, a *palavra* se identifica com o seu conteúdo, assim como com sua função. Assim, o *lógos* é sempre "este", ou seja, "o que tem este tema" e, ao mesmo tempo, "isto", o próprio tema. Assim como nas metáforas, esta metonímia pretende alcançar um sentido existencial, metafísico: o *lógos* é *este discurso que estou fazendo* agora, ao mesmo tempo que o *lógos* deve ser por excelência um exercício de reunião e arranjo de sentidos que deve corresponder e "mimetizar" um "*lógos* cosmológico".

Palavras-chave: Heráclito, Metadiscursividade, Logos

Mesa de Comunicação Livre 13

Jose Alexandre Ferreira Maia

Universidade Federal de Pernambuco

As *Metamorfoses* de Ovídio e a Interextualidade dos relatos míticos na criação dos gêneros literários

A poesia imprimiu ao relato mítico forma acabada e regular, fundindo o enunciado à música. A voz humana ritmada, unida ao instrumento musical e gravada sobre o papiro proporcionou ao poeta os instrumentos desta revolução da linguagem.Com as epopeias homéricas, os poemas didáticos de Hesíodo e as elegias de Tirteu, os gregos impulsionaram a grande revolução cultural do mundo clásico. Observamos que a intertextualidade dos relatos míticos inaugurada pela poesia homérica se estabelecerá como regra fundamental para a criação de outros gêneros poéticos, como a tragédia e a comédia.Neste estudo tentaremos analisar o papel dos relatos míticos na obra de Ovídio *Metamorfoses,* onde tentaremos identificar o uso consciente da intertextualidade como uma atitude que demarcará o futuro da criação de novos gêneros literários e forjará o perfil da literatura moderna.

Palavras-chave: Intertextualidade, relatos míticos, gêneros literários

José Raimundo Galvão
Universidade Federal de Sergipe
Aldmir Oliveira
Universidade Federal de Sergipe

Linhas cruzadas: intertextualidade - literatura clássica e Bíblia Sagrada

Palavras-chave: Das abordagens em História da Literatura Clássica surgiu a obra *Linhas Cruzadas* (Galvão, 2010)*, atentando para o entrelaçamento de textos Greco-romanos com outros do contexto bíblico. É um trabalho de literatura comparada evidenciando proximidades entre culturas aparentemente opostas, embora tradicionalmente apenas se insista nas diferenças. Do lado helênico, pesa a vaidade de se crer original em sua historia, língua, cultura e mitos. Do lado hebraico, prevalece a consciência de nação verdadeiramente eleita por Deus. Tais concepções geraram o obscurecimento do óbvio. As analogias, contudo, não podem ser ignoradas. De um lado, a influência grega atingiu fronteiras distantes, sendo os romanos os primeiros beneficiários desta cultura. Os gregos também sofreram influências de outras nações, dificultando, às vezes, delimitar o que é inédito de cada povo. As semelhanças, na verdade, remetem ao homem querendo compreender o mundo. Também no Oriente Médio, gregos e latinos estiveram presentes, juntamente com o poderio linguístico e cultural, motivo, talvez, para tamanhas similitudes textuais. Expressões da cultura clássica circulam até entre os menos letrados. A obra Linhas Cruzadas evidenciou a inter e intratextualidade, possibilitando novas pesquisas. À semelhança de alguns trabalhos já realizados, a pesquisa pode ampliar-se consideravelmente no campus aqui explorado. Daí a pertinência desta comunicação, evidenciando elementos comuns no âmbito da mitologia, dos conhecimentos histórico-geográficos, das ciências do léxico, sobretudo pelo viés etimológico, pelo qual se explica a propriedade dos termos com que se identificam personagens, localidades, temáticas, havendo um forte encadeamento de tais elementos, de cuja abordagem depende a compreensão mais profunda do conteúdo de muitos textos.

Palavras-chave: Linhas Cruzadas, Literatura Comparada, Literatura Clássica, Bíblia Sagrada.

Lúcio Reis Filho
Universidade do Estado de Minas Gerais

"Alexandria se foi...": A Recepção dos Épicos Homéricos em *Final Fantasy IX*

Através de uma incursão na cultura do mundo clássico, pretendemos analisar a recepção dos épicos homéricos pelo game *Final Fantasy IX* (Square Co., Ltd., 2000). Trataremos do ultimo título da série *Final Fantasy* lançado para a plataforma Sony Playstation e da maneira pela qual o mesmo combina fantasia e ficção científica no interior de uma estrutura narrativa cujas raízes estão claramente fincadas nos textos da antiguidade. O enredo do game, construído a partir da satisfatória combinação de elementos do passado com uma estética retro-futurista, transcorre nos quatro continentes de um mundo denominado Gaia, e retrata uma guerra entre nações. Os textos homéricos e a mitologia greco-romana parecem ter inspirado a construção da narrativa, uma vez que a imagética do mundo clássico reaparece constantemente ao longo da trama. Em suma, a partir da perspectiva das profundas conexões entre o game e os épicos homéricos, analisaremos uma personagem em particular: a princesa Garnet Til Alexandros, herdeira do trono de Alexandria. Para tanto, consideraremos a sua fuga e o subsequente retorno ao reino enquanto elementos que evocam o "espírito agônico grego", manifestado pelo herói Odisseu em sua longa jornada.

Palavras-chave: Final Fantasy IX; Épicos Homéricos; Mundo Clássico; Odisséia

Mesa de Comunicação Livre 14

Carlos Renato Rosário de Jesus
Universidade Estadual de Campinas / Universidade do Estado do Amazonas

Representação fonológica autossegmental das consoantes latinas.

Com o surgimento dos modelos fonológicos gerativos, a partir da obra basilar de Chomsky e Halle (1968), a maneira de interpretar os fenômenos fonéticos das línguas naturais do mundo ganhou um novo enfoque metodológico. Esse novo modelo utiliza-se da noção de traço como unidade mínima dos segmentos que, agrupados, constituem os sons das línguas. A evolução da teoria fonológica gerativa abriu caminho para os estudos não-lineares, que consideram os traços dispostos hierarquicamente em diferentes camadas, extensíveis além ou aquém de um segmento. A fonologia autossegmental, em particular, caracteriza-se por tratar os traços fonológicos como autossegmentos, isto é, como unidades cujo domínio pode ser maior ou menor que um segmento e cuja representação, refletindo a sua organização hierárquica, deve ser feita em diferentes camadas. Ao lidarmos com as consoantes latinas e suas especificações fonéticas, pretendemos lançar mão dos princípios metodológicos e representacionais de um dos modelos mais recentes da Fonologia Autossegmental, a Geometria de Traços, na versão de Clements e Humes (1995), a fim de representar a hierarquia existente entre os traços fonológicos dos segmentos consonantais latinos e mostrar que os traços podem ser tanto manipulados isoladamente como em conjuntos solidários,

conforme prescreve a teoria. Com isso, tencionamos indicar que, a despeito de não se apresentar na modalidade oral, o latim, como língua de comunicação corrente que foi, pode perfeitamente absorver as análises fonológicas dessa natureza, bem como contribuir para a solidificação da teoria e a comprovação de suas premissas. Para tanto, procederemos a uma sistematização dos fonemas do latim, já exaustivamente elaborada por respeitados estudiosos, e à aplicação da metodologia gerativa, com vistas a uma representação mais precisa dos fenômenos fonéticos – consonantais apenas, devido ao escopo deste trabalho – que, a nosso ver, a descrição tradicional deixa escapar.

Palavras-chave: Linguística latina, consoantes, fonologia

Laura Ribeiro da Silveira
Universidade Federal do Piauí

Traduzir Júlio César no século XXI: sintaxe de algumas escolhas.

O Grupo de Estudos Clássicos (GREC) da Universidade Federal do Piauí dedica-se à tradução da obra *Commentarii de bello gallico*, de Júlio César, desde o ano de 2008, com vistas à futura publicação bilíngue do texto, característico de uma época, de um estilo, de um autor, enfim. Nossa pesquisa concentra-se não apenas na tradução dos sete livros que compõem a obra, mas também no estudo e análise de cada livro traduzido, a partir de encontros e discussões semanais sobre cada capítulo de cada livro. Atualmente estudando o livro IV, deparamo-nos com a necessidade de proceder a e justificar determinadas escolhas na tradução, escolhas que procuramos manter ao longo de todo o trabalho, desde o livro I. O campo teórico da tradução aliado à prática já adquirida pelo grupo levaram-nos a teorizar sobre nossa própria prática com vistas a entender de que modo estamos traduzindo Júlio César, se nossa abordagem é pró-fonte, pró-alvo, literária, ou outra, e como ela se justifica neste início de século, aplicada a um texto do século I a.C. O livro IV se nos afigura bastante propício a tais reflexões e análises por ter sido duplamente estudado: com as alunas do GREC da UFPI no primeiro semestre de 2012 e na disciplina optativa de laboratório (de caráter teórico e prático) intitulada "tradução e recriação" que ministramos no curso de Letras da UFES, no segundo semestre de 2012, na qual utilizamos especificamente o livro IV para a prática tradutória, além do aporte teórico sobre o tema. Nossas conclusões apontam para uma busca de literalidade de modo a privilegiar o latim e o autor, suas escolhas, seu estilo, até elementos morfossintáticos e etimológicos, na medida do possível e sem desprestígio da língua portuguesa. Assim sendo, pretendemos justificar nosso modo de efetiva e literalmente *traducere* texto, autor e leitor.

Palavras-chave: tradução, pró-fonte, literalidade, sintaxe, escolhas, Júlio César, latim, português.

Maria Cristina da Silva Martins
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Itinerário de Egéria: **questões de uma edição crítica**

Esta comunicação tem como objetivo mostrar as particularidades da primeira edição crítica brasileira bilingue, latim-português, da obra 'Itinerário de Egéria', também conhecida como 'Peregrinação de Etéria', fruto do trabalho que desenvolvo há alguns anos.

Nessa edição crítica, procuro inserir o que há de essencial nas edições críticas anteriores e na bibliografia especializada, material coletado por mim na Europa, em uma das etapas do trabalho filológico de crítica textual: a *recensio*. Além da tradução, feita em justaposição ao texto latino, há inúmeras notas que fazem parte da edição. Algumas esclarecem a escolha de determinada tradução; outras dão informações complementares sobre certa situação geográfica, permitindo ao leitor um entendimento mais preciso do contexto; outras, ainda, contêm informações de caráter filológico-lexical e gramatical. Por fim, há notas de crítica textual que mostram não só as divergências na interpretação de certos itens lexicais pelos editores-filólogos, mas também as lições por eles propostas, além do meu julgamento a respeito de tais divergências. Toda essa análise provém do confronto das mais renomadas edições críticas europeias com o que se apresenta no único manuscrito que nos foi legado, copiado na escritura beneventana, no século XI, que hoje é conservado em Arezzo.

Pretendo, assim, em minha comunicação, mostrar um pouco de cada um dos aspectos que estão envolvidos na produção da edição crítica dessa obra, escrita ou por uma dama da alta sociedade do séc.IV d.C. ou por uma religiosa, já que ainda não há um consenso entre os editores sobre a identidade da autora. Restam ainda alguns outros pontos sobre os quais não há unanimidade de interpretação, pois a obra chegou até nós incompleta: faltam-lhe o começo, o fim e ainda duas folhas internas.

Palavras-chave: edição crítica, latim clássico, latim vulgar, filologia clássica, filologia românica

Mesa de Comunicação Livre 15

Wilma Avelino de Carvalho
Universidade Federal do Piauí

A memória em *Terra sonâmbula* de Mia Couto

Memória é uma temática frequente nas literaturas africanas de língua portuguesa, em razão de ela estar intimamente ligada à (re) construção da nação e da identidade dessas culturas pós-coloniais. Na literatura Moçambicana, em especial,

nas obras de Mia Couto, a memória aparece tal como Astor Antônio Diehl (2002), ou seja, ela é constituída de elementos individuais e coletivos que proporcionam perspectivas de futuro, utopias e consciência do passado colonial do povo moçambicano. Assim, em virtude disto, o presente trabalho propõe a análise do romance *Terra Sonâmbula* (1992), Mia Couto visando mostrar a memória como elemento que contribui para a reivindicação da identidade moçambicana bem como para o desejo de construir uma nação, logo, percebemos uma projeção para o futuro suscitado pela memória ao mesmo tempo em que percebemos a consciência do passado colonial dos personagens. Outros teóricos que corroboram com nosso estudo são Stuart Hall, Maurice Halbwachs, Le Goff e Ecléa Bosi .

Palavras-chave: Memória, Terra sonâmbula, Mia Couto

Ana Maria Seiça Paiva de Carvalho

Universidade de Coimbra

O Passado reside *Para Sempre* na Memória do Presente

Resumo

"Inventávamos o futuro para ainda haver futuro quando o não houvesse e a vida lhe pertencia."

Vergílio Ferreira, *Para Sempre.* Vergílio Ferreira, nas suas obras *Em nome da terra* e *Para Sempre,* transpõe para as personagens principais, João e Paulo, respectivamente, a evocação do Passado.

Ao regressar à sua casa de infância, através das divisões espalhadas pelos dois pisos, o protagonista Paulo recorda episódios, como se de instantâneos fotográficos se tratasse. João Vieira, enclausurado num lar de idosos, redige cartas à mulher já falecida e nelas rememora igualmente um tempo antes da miséria da velhice assolar a sua vida, um tempo de alegria, onde a Morte o não rondava.

Por vezes, em plena recordação imensa, os episódios entrelaçam-se confusos, entre analepses e prolepses, e num Presente que é Futuro do Passado que se revive, esse Passado é reescrito, moldado, aperfeiçoado, por não se desejar recordá-lo como realmente sucedeu. São estes momentos privilegiados em que a consciência de si e do seu Presente é plena: "Atravessamos o tempo. Como um filme rodado para trás. Regressar, vencer o destino antes de nos vencer ele a nós. Recuperar a nossa disponibilidade. Ser a ignorância do futuro e a tua plenitude (...). Vamos ter todo o nosso futuro antes de ele nos ter a nós", *Em nome da terra*, p.101.

Palavras-chave: Infância, Futuro, Memória, Passado, Presente

Mesa de Comunicação Livre 16

Carla Costa Pinto Francalanci

Universidade Federal do Rio de Janeiro

O liame aristotélico entre discurso e política e seu desdobramento contemporâneo em Arendt e Agamben

Há na *Política* uma proposta de pensar o nexo intrínseco entre ser um vivente político e ter como elemento distintivo a linguagem, como atesta a passagem 1253a2-20. Interpretando o 'futuro do passado' como a retomada contemporânea da herança investigativa deixada pelos antigos, gostaria, neste trabalho, de compreender essa relação tal como ela é atestada por Aristóteles, para então apresentar duas significativas revisitações contemporâneas desse nexo, como aparecem em *A condição humana* e em *O sacramento da linguagem*.

Palavras-chave: homem, discurso, política, Aristóteles, Arendt, Agamben

Juliana Santana de Almeida

Universidade Federal do Tocantins

Paul Ricoeur leitor de Aristóteles

A comunicação que será apresentada buscará esclarecer se há possibilidade de tomar algumas das propostas feitas por Paul Ricouer sobre a *Poética* de Aristóteles como sendo um comentário ao texto mencionado. Essa investigação é justificada devido ao fato do filósofo contemporâneo em questão, ao tratar perspectivas aristotélicas em seu livro *Tempo e narrativa,* afirmar que não tem intenção de desenvolver um comentário sobre Aristóteles. Porém, em texto posterior o mesmo pensador admite-se como autor de uma "*reprise de la Poetique d´Aristote*". O que possivelmente mudaria seu posicionamento frente ao estudo que desenvolve anteriormente e que tantas vezes recorre às teses do Estagirita. Há ainda outros textos e momentos da escrita de Ricouer que apontam para esse contato com o pensamento aristotélico, o que revigora e reformula na contemporaneidade as teorias propostas pelo autor antigo. Com isso, é possível pensar que algumas das obras de Ricouer nos mostram, de certa forma, um futuro das teses que no passado foram desenvolvidas por Aristóteles.

Palavras-chave: Paul Ricoeur. Aristóteles. Poética.

Judenice Alves da Costa
Universidade Federal de Minas Gerais

Considerações sobre o termo *pathos* em Aristóteles

O termo *pathos* possui uma ampla gama de significações no corpus aristotélico. Uma ocorrência importante aparece na Metafísica V 21 (1022 b 15-21). Nessa passagem, *pathos*é definido como: (i) uma qualidade segundo a qual uma coisa pode alterar-se; (ii) as alterações já efetivadas, como o tornar-se branco, o tornar-se preto, o esfriar-se e o esquentar-se; (iii) as alterações que podem produzir dor seja no corpo ou na alma e (iv) os infortúnios grandes e cruéis. Em cada uma dessas definições *pathos* é caracterizado como uma afecção, um movimento capaz de produzir uma alteração sobre aquele no qual age e nesse caso o paciente apenas sofre a ação do agente, não havendo nenhum tipo de reação por parte do paciente. Além desse sentido passivo, encontramos um conceito de *pathos* como elemento ativo da alma, em sua associação com o desejo (*orexis*) e a opinião (*doxa*), na *Ética a Nicômaco* e na *Retórica*. Meu objetivo nessa comunicação é analisar, comparativamente, esses diferentes sentidos, a fim de compreender melhor a 'teoria das emoções/paixões' em Aristóteles

Palavras-chave: pathos, afecção, passividade, desejo, opinião, Aristóteles.

Mesa de Comunicação Livre 17

Jose Carlos Baracat Junior
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

As noções de espaço em Plotino

É comum esperarmos que pensadores que reflitam sobre a questão do tempo investiguem também a natureza do espaço/lugar. Mas este não é o caso de Plotino (c. 205-271). Embora tenha dedicado um tratado inteiro à exposição de sua reflexão sobre a natureza do tempo e da eternidade – reflexão esta que está entre as mais originais e influentes da tradição filosófica ocidental e que pode ser encontrada sem diferenças significativas em outros tratados seus também –, Plotino parece não ter sentido a necessidade de dar a mesma atenção à natureza do espaço/lugar. Não é apenas uma reflexão profunda que parece estar ausente das *Enéadas*: nelas, tem-se a impressão de que não se encontra, nas passagens breves e esparsas que tratam do tema, sequer uma teoria coerente. Pelo menos três conceitos de espaço/lugar podem ser identificados em Plotino: i) o espaço é algo diferente e posterior à matéria; ii) o espaço é a matéria; iii) a alma é o espaço do sensível. O intuito desta comunicação, portanto, é analisar as diversas declarações de Plotino acerca do espaço/lugar para tentarmos reconstruir, na medida do possível, as noções plotinianas de *tópos*. Acreditamos ser possível sustentar que as duas primeiras noções não são contraditórias, uma vez que Plotino parece distinguir a matéria como uma espécie de espaço "absoluto" de um outro espaço "relativo", cujo estatuto é incerto na obra plotiniana; e, ainda, que a terceira noção, embora metafórica, não pode ser descartada apenas por essa razão, pois é uma noção importante e recorrente na obra do filósofo, parecendo estar em diálogo direto com e ser a reformulação de uma noção estoica de espaço/lugar.

Palavras-chave: Plotino (c. 205-271), espaço, lugar, topos, khóra

Maurizio Filippo Di Silva
Universidade Federal de Minas Gerais

O conceito agostiniano de futuro. ***Confissões*****, XI.**

O objetivo desta comunicação é delinear o conceito agostiniano de futuro presente no livro XI da obra *Confissões* de Santo Agostinho. A determinação do tópico encontra ulterior especificação na indicação da estrutura ontológica do tempo como horizonte teórico da análise considerada. O acesso à dimensão essencial do conceito de futuro coincide com a redefinição do valor da *distentio animi* como núcleo originário e fundamental da teoria agostiniana do tempo. A determinação da dimensão ontológica do problema agostiniano do tempo (*Confissões*,XI, 14.17; 15.19-15.20) e da sua remodelação na análise da mensuração (*Confissões*, XI, 16.21; 21.27; 27.34-35) definem o sentido da dúplice declinação agostiniana do futuro como *nondum esse* ed *expectatio* (*Confissões*, XI, 14.17; 28.37).

A primeira parte desta análise coincide com a consideração dos elementos constitutivos da estrutura essencial do tempo (*Confissões*,XI, 14.17; 15.19-15.20). Trata-se de definir a tríplice forma da temporalidade, cujo núcleo fundamental é o emergir da positividade ontológica do presente e da negatividade do passado e do futuro. O conceito agostiniano de futuro emerge, portanto, em primeiro lugar, como *nondum esse*.

O segundo momento coincide com a determinação dos elementos aporéticos presentes na mensuração agostiniana do tempo (*Confissões*,XI, 16.21; 21.27; 27.34-35). Pretende-se evidenciar os núcleos críticos presentes na quantificação das formas cronológicas como ulterior determinação da temporalidade e como individuação da necessidade de uma redefinição do tempo.

O momento conclusivo destas análises coincide com a tematização da remodelação agostiniana do conceito de tempo como *distentio animi* (*Confissões*,XI, 27.36-28.38). Pretende-se delinear as novas declinações assumidas pelo tempo na mensuração e a sua relação com as formas ontológicas originárias. O conceito agostiniano de *exspectatio* revelará, deste modo, o

sentido e a natureza da noção agostiniana de futuro.

Palavras-chave: Agostinho, Confissoes, Futuro, Tempo.

Emilson José Bento
Universidade de São Paulo

Alegoria em Agostinho de Hipona: deslocamentos e confluências

Ainda que surja como vocábulo entre os gregos e latinos, a alegoria está presente também entre os persas, judeus e árabes, dotados de imaginação exuberante. A retórica greco-romana definiu-a como modalidade da elocução, *ornatus* do discurso, consoante com a oposição *signa propria*/*signa translata*. No período da patrística, a alegoria, além de expressão verbal retórico-poética (alegoria dos poetas), torna-se parte de um método exegético, servindo para a interpretação religiosa de coisas, homens e eventos figurados em textos sagrados (alegoria dos teólogos). Se, na alegoria greco-romana e suas retomadas, o mundo é objeto de representação própria e figurada pela poesia e pela prosa, na alegoria exegética existe, desde sempre, uma prosa do mundo a ser procurada no mundo da prosa bíblica. Nossa pesquisa procura levantar e explicar, nas obras de Agostinho, lições esparsas sobre o conceito de alegoria, bem como lições sobre a interpretação alegórica, considerada uma confluência da exegese judaica com a tradição retórica greco-romana. Estas lições nos permitirão, posteriormente, analisar as interpretações alegóricas feitas por Agostinho em alguns dos seus sermões reunidos no *Tractatus in Iohannes Evangelium*. Agostinho, herdeiro desta exegese alegórica iniciada com Orígenes, considera que a alegoria não está nas palavras do texto bíblico, mas nos próprios fatos históricos que, como coisas ou eventos também simbolizam. Surge com ele, então, uma classificação das alegorias (*allegoriam historiae, et allegoriam facti, et allegoriam sermonis, et allegoriam sacramenti*) que, na Idade Média, ganhará uma sistematização cada vez mais precisa, dentro da exegese bíblica. Ao longo de seus escritos, Agostinho recorre também a outros termos, como *typus* (transliteração latina do grego *typos*), *similitudo*, *umbra*, *sacramentum*, *mysteria* e *imago*, que tem conotações semelhantes às de *allegoria* e *figura*. Utiliza estes termos individualmente e com frequência os combina com *allegoria* e *figura* em formas variadas e complexas. Estes deslocamentos e aproximação de termos operados por Agostinho, dão à alegoria uma função protréptica, o que permitiria o acesso a um sentido primeiro e mais profundo do texto da *Escritura* que não é a realidade concreta ou sensível à qual ele parece se referir quando se toma suas palavras em seu sentido imediato.

Palavras-chave: Alegoria, Retórica, Exegese, Patrística

Mesa de Comunicação Livre 18

Marina Leonhardt Palmieri
Universidade Federal de Minas Gerais

Os tratados sobre o sono e os sonhos de Aristóteles e a tradição onírica grega antiga

Sobre o Sono e a Vigília (*De somno et vigilia*), *Sobre os Sonhos* (*De insomniis*) e *Sobre a Adivinhação durante o Sono* (*De divinatione per somnum*) são os tratados sobre o sono e os sonhos de Aristóteles inseridos nos assim chamados *Parva Naturalia*. O objetivo desta comunicação é fazer um diálogo entre a concepção aristotélica de sonho presente nestes tratados e a abordagem da temática onírica pela tradição cultural grega antiga. Para tanto restringiremos cronologicamente o nosso *corpus* aos textos pertencentes à tradição grega antiga até Aristóteles. Delimitamos o tema do sonho como o assunto deste diálogo e como nossos interlocutores demarcamos os textos nos quais se encontram ocorrências do substantivo '*enýpnion*'. Por ora nos absteremos de tratar os textos filosóficos pertencentes a esta tradição. Pretendemos melhor conhecer a tradicional abordagem do tema e investigar em que medida Aristóteles se insere na tradição e de que modo o filósofo a questiona e dela se afasta. Limitaremo-nos à análise das ocorrências de '*enýpnion*', pelo fato de ser este o termo mais usado pelo filósofo para se referir ao sonho, não só nos tratados em questão como também em suas outras obras.

Palavras-chave: Aristóteles, sonho, temática onírica, tradição cultural grega antiga

Juliana Peixoto
Universidade Federal de São Paulo

O Deus de Aristóteles: causa final e eficiente de toda a realidade

Abordaremos um problema clássico da causação divina nessa investigação preliminar da teologia aristotélica (cf. Metaph. XII). Como é bem sabido, em Lambda 6 Aristóteles afirma a existência de uma substância eterna e imóvel, pura atividade – portanto, absolutamente imaterial – como causa motriz e eficiente de toda a realidade. De fato, essa causação exterior aos céus, aos corpos celestes e aos terrestres afigura-nos dever ser compreendida como uma causa eficiente, tal como o pai é causa do filho, o artesão é causa do artefato. Todavia, essa substância sem matéria não poderá produzir uma causação física, ou seja, não poderá manipular a matéria como um artesão, ou gerar um outro da mesma espécie como um pai. Talvez, então, o primeiro motor seja causa eficiente como o médico que prescreve uma dieta e produz a saúde. Nesse caso, resta saber se a atividade dessa substância primeira é também prescritível, se assume a forma de uma ordenação. Ademais, em Lambda 7 o Estagirita parece assumir um novo tipo de causação divina, a saber: Deus como uma causa final. Ora, como uma causa

exterior e de natureza diversa de toda a realidade pode ser a causa final ou o bem de cada substância? Será, então, uma causa exemplar, um paradigma? Nesse caso restar-nos-á psicologizar o movimento dos céus e dos corpos celestes, como fez a tradição. Por fim, a despeito da obscuridade de se saber como Aristóteles concebeu a causação divina, certo é que se por um lado essa teologia nos afasta claramente de concepções criacionistas, por outro lado, esse Deus – como o Deus cristão segundo o apóstolo João – também até agora trabalha e é espírito, pois é pura atividade e, por isso mesmo, absolutamente imaterial.

Palavras-chave: Deus, causa final, causa eficiente, atividade, vida

Guilherme Celestino Souza Santos

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Educação do desejo e escuta

Educar para um grego é educar o desejo. Filósofos e sofistas estruturam um debate de como deve ser a educação de um cidadão da polis, de quais métodos devem ser empregados, dos modelos de virtude a serem buscados, especialmente em como o prazer, e vida emocional do indivíduo como um todo, pode ser civilizado segundo uma norma ou orientação geral. O problema não está somente em pensar o papel do caráter (*ethos*) que se quer formar nos indivíduos, mas, sobretudo está em situar o papel que a linguagem (*lógos*, entendido como pura razão no caso platônico, ou como convenção no caso sofístico) exerce em relação à emoção (*páthos*). Pode-se destacar entre o extremo intelectualismo de Platão, que vê no objetivo da formação o domínio racional das emoções, e o extremo convencionalismo sofístico que objetiva a extravasão potente das emoções, a posição aristotélica que defende uma 'escuta' das emoções pela razão individual. Aristóteles defende uma posição onde se busca desenvolver uma dinâmica de subordinação entre as partes da alma que não se confunde com uma relação de simples comando ou controle de uma parte por outra.

Palavras-chave: Paideia, desejo, Aristóteles, escuta

Mesa de Comunicação Livre 19

Ana Maria César Pompeu

Universidade Federal do Ceará

Da comédia antiga grega ao picadeiro do circo: "E o Palhaço quem é?"

O ator da comédia antiga grega era caracterizado pelo excesso de acessórios: enchimentos nas roupas, falo de couro com ponta vermelha, costurado ao *collant*, que lhe servia de pele falsa, além da máscara. Tal aparato era apropriado à caracterização da encenação cômica, que nas representações pictóricas sempre contêm a demarcação da cena teatral, ao contrário da cena trágica que se confunde geralmente com a representação do mito. A personificação cômica aproxima os atores e os Sátiros, do séquito de Dioniso no mito ou personificados no drama satírico e no culto dionisíaco. Verificamos semelhanças entre os atores cômicos e os palhados dos circos, na contemporaneidade. O próprio circo parece ser um espetáculo mais aproximado do teatro antigo, por seus saltimbancos itinerantes, a grande tenda que se liga à *skéne*, que originou a cena e toda a cenografia teatral; o picadeiro, que se liga à orquestra, onde o coro fazia suas evoluções circulares; o *théatron*, local de onde se assiste, *theáomai*, ao espetáculo, *theá*. O palhaço, a alegria do circo, que atua no picadeiro, tem a aparência de um boneco – sua origem parece ligá-lo a *pagliaccio*, homem de palha, dos enchimentos das roupas -, um brinquedo, com suas vestes coloridas, a pintura do rosto com o nariz vermelho, que substitui a máscara da comédia. Há pesquisas atuais que estudam o espaço cênico do circo e o aproximam do teatro popular. Este trabalho tem por objetivo apresentar as aproximações pertinentes entre o ator/personagem/coro da comédia antiga grega e o palhaço do circo contemporâneo, para além da bufonaria partilhada, no que se relaciona à utilização do artifício material como veículo de instauração do espaço ficcional e de sua mobilidade e autonomia no gênero cômico.

Palavras-chave: Comédia, Ator, Circo, Palhaço, Artifício

Fernando José de Santoro Moreira

Universidade Federal do Rio de Janeiro

O carnaval de Xenófanes

O futuro da recepção do filósofo e poeta pré-socrático Xenófanes de Colofão : para uma leitura dionisíaca dos seus fragmentos. Os animais simbólicos e as máscaras diónisíacas. A sátira carnavalesca, sua metodologia retórica e seus efeitos políticos.

Palavras-chave: Xenófanes, Dioniso

Caroline Barbosa Faria Ferreira
Universidade Federal do Espirito Santo

Riso, linguagem e teatro: discurso humorístico e representação do feminino no teatro de Plauto

Pretendemos no presente trabalho analisar a relação entre os recursos humorísticos e estruturais na construção da personagem feminina nas comédias de Plauto. Para isso, através da análise de comédias plautinas, buscaremos refletir, principalmente, sobre a importância dos recursos linguísticos – fónico-estilísticos, morfossintáticos e léxico-semânticos – que, manipulados e subvertidos, ajudam a sinalizar microestruturalmente o humor.

Palavras-chave: Plauto, riso, representações do feminino.

Mesa de Comunicação Livre 20

Taynam Santos Luz Bueno
Universidade de São Paulo

De Clementia **e a manutenção do poder absoluto em Sêneca**

Nesta comunicação pretendemos abordar a relação existente entre a concepção política de Sêneca apresentada no texto *De Clementia* e os principais aspectos da doutrina estoica de sua época. Neste sentido, buscaremos compreender como o pensamento do filósofo em questão foi capaz, no período imperial romano, de oferecer resposta às carências ideológicas encontradas neste momento histórico-político. Assim, na busca dos preceitos essenciais que garantissem a construção de uma base filosófica capaz de fundamentar o poder imperial, Sêneca constrói seus alicerces por meio da vinculação de duas figuras chave de seu pensamento à saber, a do sábio e a do *princeps*. Para Sêneca, Tanto o *princeps*, quanto o sábio, deverão viver de acordo com a natureza, guiando suas ações pela razão, sendo a clemência a virtude indispensável para que isso ocorra. Da mesma forma, no tocante à organização política e à fundamentação do poder propriamente dito, o pensamento filosófico de Sêneca traz uma solução para os problemas referentes ao poder, colocando a clemência como a virtude capital do governante ideal. A Clemência, portanto, é virtude chave na teoria política de Sêneca na exata medida em que, estando intrinsecamente ligada aos princípios preconizados pelo estoicismo e estando de acordo com a natureza, é capaz de conservar o poder absoluto do Império. Pois, como nos diz o autor romano, o poder não precisa ser corrompido se estiver estruturado segunda a lei da natureza (*De Clementia* III, 17, 2).

Palavras-chave: Sêneca, De Clementia, Poder, Estoicismo, Princeps

Cíntia Martins Sanches
Universidade Estadual Paulista

Definição do idioma estilístico senequiano nas tragédias *Oedipus* **e** *Phoenissae***: uma proposta de tradução expressiva**

O presente trabalho apresenta um projeto de doutorado que tem como objeto as tragédias senequianas *Oedipus* e *Phoenissae*. Trata-se de um estudo sobre a tessitura poética do texto latino por meio de uma tradução expressiva desses dramas com a finalidade de delimitar traços fundamentais do idioma estilístico de Sêneca no córpus, bem como de refletir sobre sua transposição para o português. A escolha dessas tragédias se dá pelo fato de que, dentre os dramas senequianos, esses são os únicos que tratam do mito dos Labdácidas. Assim, é possível uma abordagem completa sobre o tratamento dado por Sêneca ao mito de Édipo. O conceito de idioma estilístico foi utilizado por Brodsky (1994), em "O filho da civilização", e diz respeito à afinidade estilística necessária para que uma tradução possa ser equivalente ao texto de partida. Assim, serão observados, nos textos de partida, recursos expressivos, comumente classificados como figuras de linguagem, bem como astúcias expressivas presentes nos planos fônico, lexical, morfossintático e métrico. Quanto à métrica, destacam-se os trímetros iâmbicos, que aparecem na maioria dos versos a serem traduzidos. Propõe-se que eles sejam vertidos em decassílabos, o que pode ser justificado por uma tradição de equivalência que vem de tragediógrafos como Antônio Ferreira e Manuel de Figueiredo, bem como de tradutores do gênero trágico, como Filinto Elísio, José Feliciano de Castilho, Sebastião Francisco Mendo Trigozo, João Cardoso de Meneses e Sousa e Trajano Vieira. Como exemplificação, será utilizado o trecho dos versos 131 a 137 de *Phoenissae*, para o qual será apresentado um estudo da expressividade e uma proposta de tradução em decassílabos.

Palavras-chave: tradução expressiva, Sêneca, Oedipus, Phoenissae

Mariana Monteiro Condé
Universidade Federal de Minas Gerais

Considerações sobre o conceito de temor nas *Epistulae Morales*, **de Sêneca**

Tal como num jogo de opostos, Sêneca procura determinar a figura do sábio valendo-se, muitas vezes, da delimitação do perfil do homem estulto. É nessa medida que, a partir da leitura da epístola XIII das *Epistulae Morales*, - ocupando-nos das descrições relativas aos estados de alma do homem temeroso e angustiado - pretendemos esboçar a definição e a caracterização do conceito de temor enquanto fenômeno psicológico que, por constituir uma das principais e mais tirânicas paixões, poderá incorrer num prejuízo para a capacidade do homem de atribuir valores, seja a si mesmo, seja ao que lhe é externo.

Ora, aquele que teme a tudo, cria um mal juízo a respeito de todas as coisas, configurando-se, portanto, como um dos mais infelizes entre os homens – vivendo angustiado e oprimido, perdido diante do tempo e das coisas externas. Por outro lado, aquele que se revela forte e em harmonia consigo mesmo e com a Natureza (e isso implica estar em harmonia com tudo o que pode advir), se revelará muito próximo da vida feliz. Acreditamos que, dadas as considerações acima formuladas, a definição e a caracterização do conceito de temor poderão contribuir para explicitar a relação existente entre a força de alma e a vida feliz - conceitos estes cujo esclarecimento nos parece determinante para a compreensão da filosofia moral de Sêneca.

Palavras-chave: Paixões, Temor, Vida feliz, Sêneca.

Mesa de Comunicação Livre 21

Marcos Flávio Carmignani

Universidad Nacional de Córdoba

El centón de *Medea* y el libro VII de la *Eneida*

Los centones virgilianos son un conjunto de textos producidos a partir del *corpus* de Virgilio: se trata del uso de versos o partes de versos del Mantuano que forman un texto original con un significado nuevo. De los dieciséis centones virgilianos que se conocen desde el año 200 hasta cerca del 534, doce son de tipo mitológico o de argumento secular y cuatro contienen material cristiano. Desde siempre, estas obras han sido consideradas como un juego literario sin mayores pretensiones artísticas, un mero *ludus* carente de originalidad. Sin embargo, a finales del siglo XX comenzó una suerte de "revisionismo" centonista que reveló el verdadero valor de estos textos (por definición "subsidiarios" y menores) a partir de las múltiples lecturas que nos ofrecen para interpretar tanto el texto virgiliano como la prehistoria de su recepción. Nuestro trabajo se ubica dentro de esta nueva corriente que estudia los centones como textos de "segundo grado" (como diría Genette) reveladores de una conciencia artística original. Nos ocuparemos de *Medea Cento Vergilianus* de Hosidio Geta (*ca*. 200), el más ambicioso de los centones mitológicos y seculares: no sólo es el más extenso (461 versos) de este tipo sino que es el único que tiene la forma de una tragedia. El objetivo central de esta comunicación es analizar la función que cumple la notable presencia del libro VII de la *Eneida* en este centón, tomando como punto de partida la relación que puede establecerse entre Medea y Alecto. A partir de esto, veremos cómo Hosidio resignifica los episodios y personajes de este libro virgiliano dándoles un sentido original, pero sin que ello impida al lector tener siempre como referencia el texto base, la *Eneida*, y sus implicancias, creando de este modo un doble juego asombroso.

Palavras-chave: Centones, Virgilio, Intertextualidad, Literatura latina tardontigua

Elaine Cristina Prado dos Santos

Universidade Presbiteriana Mackenzie

A catábase autotextual em Vergílio e sua transposição para o cinema sob a óptica de M. Camus e de V. Ward

Escolheu-se intitular o trabalho por catábase autotextual em Vergílio, porque os versos 475 a 477 do IV canto das Geórgicas são idênticos aos versos 306 a 308 do VI canto da Eneida. Ao estabelecerem um elo entre os dois poemas, configura-se a catábase de Orfeu como aquela que anuncia a de Eneias; entretanto, a catábase empreendida por Orfeu é realizada pelo amor apaixonado por Eurídice, enquanto a de Eneias pelo amor filial, pela pietas, de Eneias por Anquises. Em sendo assim, a proposta deste trabalho visa a apresentar a catábase de Orfeu e de Eneias, segundoVergílio (I a. C.), nas obras Geórgicas e Eneida, em uma linha comparativa, com os filmes Orfeu Negro de Camus (1959) e Amor além da vida de Vincent Ward (1998), e verificar, a partir dessas leituras, como se estabelecem as relações dialógicas entre os universos: literatura clássica e cinema e demonstrar como o mito pode ser transposto para a linguagem cinematográfica e ser recontextualizado.

Palavras-chave: Catábase, Orfeu, Eneias, Orfeu Negro, Amor além da vida

Fernanda Messeder Moura

Universidade Federal Fluminense (Professor Visitante)

Diuum inclementia **e** *furor* **no canto 2 da** *Eneida*

A fala de Vênus dirigida a Enéias na seção final do canto 2 da *Eneida*, quando de sua aparição a seu filho, tangencia dois dos temas que, conquanto referenciados localmente entre os versos 594-620, reconhecem-se também em outros episódios do poema. A inclemência dos deuses no dispor do destino dos mortais e o estado colérico que dela resulta nos que a sofrem, por sua vez, tocam em um terceiro tema, especialmente caro à epopéia virgiliana: a demonstração honrosa, em um guerreiro, de *pietas*. Que a súplica de Anquises a Júpiter (2. 689-691) pelo recebimento de uma confirmação do presságio do destino previsto aos troianos venha atendido meio ao cenário devastador da destruição de Tróia relativiza, porém, a fala de Vênus referida. A presente comunicação aborda precisamente como este apelo modula a relação então estabelecida entre deuses e mortais até o seu pronunciamento neste canto e qual a conseqüência disso para a matéria épica do poema.

Palavras-chave: Diuum inclementia, furor, súplica

Mesa de Comunicação Livre 22

Nathália Pinto do Rêgo

Universidade Federal da Paraíba

Um estudo do *nefas* no episódio de Alteia e Meleagro, do livro VIII das *Metamorfoses*, de Ovídio

Nathália Pinto do Rêgo (UFPB) Orientador: Prof. Dr. Milton Marques Júnior (UFPB) Nascido na cidade de Sulmona, em 43 a. C., Públio Ovídio Naso foi considerado um dos três poetas mais importantes da literatura latina, ao lado de Virgílio e Horácio. Autor de uma obra bastante diversificada, seus primeiros livros são compostos por poesias amorosas, eróticas; em seguida surgem os Fastos, eternizando as antigas tradições religiosas romanas. Mais tarde, o autor publica Metamorfoses, seu livro mais aclamado, narrando, em versos hexâmetros, histórias mitológicas sobre as metamorfoses por que passam os seres. Exilado em 9 d. C., por motivos desconhecidos, o poeta ainda escreveu dois livros, Tristes e Epístolas do Ponto, os quais falam de dor e tédio, na localidade em que viveu exilado no Mar Negro, onde morreu, em 18 d. C. Metamorfoses, objeto desta comunicação, revela uma variedade de narrativas, dispostas em ordem cronológica, que vão desde o Caos até a confirmação do destino de Otávio Augusto. Assim, dentre os quinze livros que compõem a narrativa em questão, delimitamos como *corpus* para o nosso estudo o livro VIII, mais especificamente o episódio de Alteia e Meleagro, narrado nos versos 445-546. O mito narra o momento em que Alteia, mãe de Meleagro, descobre que o filho matou seus (dela) irmãos. Ao ver Meleagro manchado pela *hýbris* de um crime parental, Alteia entra em conflito, pois se julga a responsável por vingar a morte dos irmãos. Entretanto, tal ação culminaria no assassinato daquele nascido de seu ventre. No presente trabalho propomos uma tradução operacional do texto latino e, a partir de uma análise literária e linguística, estudar o conceito de *nefas*, palavra de origem latina, cuja significação é aquilo que não é permitido pelas leis divinas.

Palavras-chave: Metamorfoses, nefas, Ovídio, tradução

Márcio Thamos

Universidade Estadual Paulista

Metamorfoses: **o caleidoscópio poético de Ovídio**

As *Metamorfoses* se concebem como um longo e contínuo canto que narra histórias míticas desde a origem do mundo até os tempos em que viveu o poeta, histórias sucessivas de "formas mudadas em novos corpos". Ovídio parece ter o desejo de escrever um livro sem fim, um livro capaz de expressar a constante mutação da vida, resumindo em si toda a poesia do mundo, um livro que permita vislumbrar o próprio Infinito, tornando imortal quem o escreve e quem o lê. Como um caleidoscópio, o poema das *Metamorfoses* apresenta um variado conjunto de seres em permanente reviravolta de formas e cores, produzindo imagens cambiantes, em sucessão vertiginosa de ações e sensações. Mas a metamorfose é uma transformação radical apenas na aparência, pois é nessa transfiguração que se revela a essência do ser. Para se dizer de outro modo, a metamorfose é a transformação analógica de um ser em si mesmo apresentando-se à verdade. Nesta comunicação, pretende-se tratar o conceito de metamorfose a partir dessa perspectiva fundamental, apontando excertos do poema como exemplos expressivos.

Palavras-chave: poesia latina, Ovídio, Metamorfoses, metamorfose.

Douglas Gonçalves de Souza

Universidade Federal Fluminense

Os *CLE* e Ovídio: a reescrita da *lamentatio*

O poeta Horácio, em sua *Epistola Ad Pisones* (v.73-78), caracteriza a elegia como gênero cujo tema era, a princípio, a lamentação (*quaerimoniam primum*). Em Roma, embora tenha o amor como tema principal, o gênero elegíaco conservou o tom melancólico. Desse modo, por meio da *lamentatio*, é possível estabelecer paralelos entre a elegia e as inscrições fúnebres, pois a perda da *domina* e a morte física de alguém se equivalem metaforicamente nesse contexto. Observando a relação entre os *Carmina Latina Epigraphica* (*CLE*)e a literatura latina, por um prisma diferente do tradicional, o presente estudo visa expor possíveis ecos literários. Aborda-se aqui um caminho de investigação inverso, isto é, um caminho que se pauta na possível apropriação de estruturas e de temas próprios do *CLE* pelos autores reconhecidos. Para tanto, foram escolhidos, para a constituição do *corpus* desse trabalho, trechos selecionados de algumas elegias dos *Amores* de Ovídio. Pretende-se, por fim, apresentar, com base nos postulados da Linguística Textual, uma breve análise estilístico-semântica acerca dos referidos fragmentos textuais.

Palavras-chave: Elegia, Inscrições Fúnebres, Intertextualidade

Mesa de Comunicação Livre 23

Paula Fernandes Lopes

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

A boa-fortuna no *Eutidemo* de Platão

No diálogo Eutidemo (279c-280b), após enumerar os bens que segundo a opinião geral contribuiriam para a eudaimonia, Sócrates pergunta a Clínias, se eles não se esqueceram de algum bem. Clínias pensa que não, mas Sócrates se lembra de um bem, que não havia sido posto junto aos outros: a boa-fortuna. Uma vez acordado que a boa-fortuna é um bem, Sócrates muda novamente de opinião e diz que, na verdade, a boa fortuna já havia sido tratada, pois a sabedoria, sem dúvida, é a boa-fortuna (279d6). Essa sinonímia entre boa-fortuna e sabedoria é responsável por muita controversa entre os estudiosos de Platão. Pretendo nessa comunicação apontar para as dificuldades em aceitar os exemplos de Sócrates nessa parte do diálogo para justificar a relação entre sabedoria e boa-fortuna e tentar entender como essa sinonímia seria possível.

Palavras-chave: Eutidemo, boa-fortuna, sabedoria

Sheila Paulino e Silva

Universidade de São Paulo

Pré-Intelectualismo no *Teeteto:* Algumas Formas do Pensamento

Ao eleger a perspectiva não científica para investigar as sensações e constatar a sua ineficácia para fins epistemológicos, o diálogo *Teeteto* apresenta um movimento anímico que descreve um conjunto de operações intelectivas neste plano. Os sentidos de *aísthesis* inicialmente eleitos para serem analisados evocam variações do *páthos* que são confundidas com o pensamento em seus desdobramentos em meio à multiplicidade sensível sem referenciais inteligíveis. Em outras palavras, Platão aproveita a imprecisão do termo '*aisthesis*' para, ao mesmo tempo, apontar ineficiência da sensibilidade e descrever um conjunto de operações intelectivas que, mesmo constituindo uma atuação inadequada e insuficiente para o conhecimento, permite vislumbrar outras formas de desenvolvimentos que se distinguem da percepção: o raciocínio (*diánoia*) e opinião *(dóxa)*. Parece inescapável abordar estas variações que constituem a resposta psíquica à experiência sensível enunciada sob a forma de atividade intelectiva, descrita em 189e-190a, dado o esforço em manter a análise do objeto em questão na esfera anímica, ou seja, coerente com o aspecto intelectualista da alma próprio à alma.

Entretanto, a evolução da percepção para o pensamento narra a ação intelectiva possível nesse contexto. A investigação de Sócrates e Teeteto verifica que qualquer atividade do pensamento neste plano consiste em uma operação psíquica elementar e, portanto, infrutífera para o conhecimento. Sem modelos ideais para a sua atuação, a atividade de pensar se realiza apenas de modo pré-intelectualista, sem se desenvolver plenamente conforme a sua natureza inteligente.

Palavras-chave: Teeteto, dóxa, diánoia, pensamento, alma

Emmanuela Nogueira Nitão Diniz

Universidade Federal da Paraíba

A origem do Cosmo **no** *Timeu* **de Platão e a versão latina** *Timaeus* **de Cícero**

O presente trabalho consiste em mostrar no *Timeu* de Platão, em primeira ordem, a base metafísica e gnosiológica que se encontra entre os passos 27δ5 - 28β, em que Sócrates e o astrônomo Timeu conversando e, ao mesmo tempo, narrando sobre a causa da origem do mundo (κόσμος), estabelecem uma base metafísica para explicar racionalmente, isto é, por meio de um discurso verossímil (λόγος) em forma de prosa, a formação e criação do universo. Platão na pergunta inaugural do diálogo, em 27δ5-28α, mostra que essa base etsá em duas coisas que devem ser distinguíveis (διαιρτέον - 27δ), a saber, τὸ ὄν e *τὸ γιγνόμενον*. A partir disso, ele desdobra esses conceitos e nos mostra que o cosmo é físico e foi gerado pelo demiurgo (ὁ δημιουργὸς) como imagem sensível de um modelo inteligível. Em seguida, deve-se fazer um confrontamento com a versão latina do *Timeu* de Cícero – *Timaeus* – apontando as principais dificuldades e os recursos que na língua latina o orador e escritor Cícero desenvolveu para explicar esses princípios metafísicos de base.

Palavras-chave: Platão, Timeu, cosmogonia, língua grega e latina, literatura grega e latina.

Mesa de Comunicação Livre 24

Bruna Camara

Universidade de São Paulo

Menêxeno, **de Platão: Sócrates e a Oração Fúnebre**

A instituição da oração fúnebre tinha lugar importante na oratória política ateniense, com a função de elogiar os mortos e reiterar o lugar dos homens como cidadãos atenienses, posto que a história da cidade era retomada e exaltada.Tais discursos trazem os mortos ao momento presente, mas se dirigem, sobretudo, ao passado e ao futuro, perpassando os três tempos. Apenas um pequeno número de orações fúnebres chegou à posteridade, sendo a mais amplamente conhecida a oração

atribuída a Péricles por Tucídides na *História da Guerra do Peloponeso.*Encontram-se preservadas ainda as orações atribuídas a Demóstenes, Hipérides e Lísias, além de um fragmento de Górgias. Há grandes obstáculos na reconstituição do gênero, como o silêncio no qual se perdeu a maioria dos textos. Mas, embora tenhamos um número reduzido de escritos, é possível notar que o epitáfio era um gênero distinto, com expectativas padronizadas quanto à ordem dos tópicos e aos conteúdos das mensagens. Em meio aos primeiros diálogos platônicos, encontra-se o *Menêxeno*; neste escrito, é o próprio Sócrates quem desenvolve uma oração fúnebre em honra a Atenas e aos mortos na guerra. Trata-se de um texto repleto de dificuldades e complexidades. Pouca atenção tem sido dada à obra por diversos motivos: além de apresentar problemas cronológicos e de interpretação, ela consiste não em um diálogo de breves interlocuções (*braquilogía*) entre duas ou mais personagens, como nos demais diálogos socráticos, mas sim em um discurso longo (*makrología*) como aqueles proferidos pelos oradores e sofistas, tão caros à crítica platônica, sobretudo no *Górgias* e no *Protágoras*. Na presente comunicação, pretendo apresentar o discurso fúnebre entoado por Sócrates no *Menêxeno*, além de tecer considerações pertinentes ao epitáfio enquanto gênero, a partir do que é possível inferir dos textos remanescentes e de estudos desenvolvidos sobre o assunto.

Palavras-chave: Platão, Sócrates, Oração Fúnebre, Discurso, Epitáfio.

José André Ribeiro

Instituto Federal da Bahia

O uso do cômico no *Eutidemo* de Platão

O objetivo deste trabalho é fazer uma análise do uso do cômico na construção de uma imagem da filosofia no *Eutidemo* de Platão e as suas possíveis interconexões com a comédia *As Nuvens* de Aristófanes. Para tanto, pressupõe-se que o diálogo não tem um conteúdo protréptico definitivo, como é tradicionalmente interpretado, mas se institui como um convite ao leitor para uma exortação à filosofia, através de um movimento de diferenciação entre filósofos e sofistas, de um modo que o uso do cômico tem um sentido semelhante às *Nuvens*, pois mostra o ridículo da atividade sofística por meio de um excesso dos discursos. Logo, procura-se demarcar o afastamento feito pelo diálogo entre erística e filosofia, a partir da diferença entre Sócrates e Críton, de um lado, e os sofistas Eutidemo e Dionisodoro, do outro, não somente como método, mas, acima de tudo, como uma diferença quanto à compreensão do que é a virtude. Para os dois irmãos sofistas a virtude é apenas um procedimento para refutar, útil nas mais diversas circunstâncias e sobre os mais complicados temas; enquanto que para Sócrates e Críton a virtude é uma forma de saber utilizar os bens.Nesse sentido, o recurso ao aristofânico caminha para um sentido sério e anti-aristofânico da filosofia; ou seja, no *Eutidemo*, encontra-se os recursos dramáticos da comédia, porém utilizados por Platão para construir uma imagem do filósofo como um homem sério, preocupado com a educação dos jovens, ao contrário dos sofistas, que são caracterizados como sem compromisso, pois veem a educação como uma simples brincadeira com os discursos, por meio da qual conseguem alcançar aplausos e uma boa reputação.

Palavras-chave: Platão, Comédia, Erística

Luciano Ferreira de Souza

Universidade de São Paulo

A (des)construção da imagem do filósofo no *Teeteto* de Platão

No diálogo *Teeteto*, mais especificamente em sua parte central - conhecida pelos estudiosos como Digressão - Platão apresenta uma definição de filósofo, ou melhor, do modo de vida do filósofo, comparando-a àquela do orador dos tribunais de Atenas. O objetivo dessa comunicação é mostrar como, ao construir essa imagem, Sócrates ao mesmo tempo a desconstrói, sobretudo se levarmos em conta outras definições de filósofo, sobretudo as apresentadas na *República* e no *Fedro*.

Palavras-chave: Platão, Teeteto, imagem, filósofo, orador

Mesa de Comunicação Livre 25

Silvio Gabriel Serrano Nunes

Universidade de São Paulo

As Influências de Tito Lívio no "Constitucionalismo" da Era Moderna eseus Desdobramentos

Pretende-se analisar a importância paradigmática do autor da Antiguidade Clássica Tito Lívio para a construção da ideia de governos institucionalmente limitados pela tradição do "constitucionalismo". Para tal abordaremos a importância da obra *Ab Urbe Condita* de Tito Lívio no principal escrito político de Théodore de Bèze, sucessor de Calvino em Genebra e um dos mais importantes teólogos do movimento da Reforma Protestante, intitulado *Du Droit des Magistrats sur leurs Sujets* de 1574, escrito no qual Bèze se revelaria um dos mais importantes pensadores políticos articuladores da noção de "constitucionalismo" na Era Moderna. Na obra política referida, Bèze, em larga medida, se despoja da condição de teólogo e elabora um tratado político em muito inspirado em sua fonte secular mais recorrente, a historiografia de Tito Lívio contida em *Ab Urbe Condita*, diagnosticando na França de seu tempo e em outras comunidades políticas, aquela mesma "degeneração dos costumes" que franqueariam a licenciosidade dos governantes, que Tito Lívio havia feito na Roma Antiga. De tal diagnóstico, Bèze também dá a mesma solução do autor da Roma Clássica para tal problemática, pois assim como Tito Lívio via em in-

stituições como o Senado romano, o "remédio" para a combate da "degeneração" política, Bèze de forma análoga aponta os "Estados-Gerais" auxiliados em tal tarefa pelos "magistrados inferiores" no século XVI, para protagonizarem tal função. Por fim, como desdobramentos da recepção de Tito Lívio por autores da tradição constitucionalista como Théodore de Bèze, apontamos a construção na história das ideias políticas do Ocidente de um arcabouço teórico que embasou as revoluções liberais de fundo calvinista, como a dos Países Baixos, a da Inglaterra e Norte-Americana que consagraram progressivamente as ideias de supremacia do parlamento sobre o Executivo e o "judicial review", ou seja, práticas políticas de controle institucional dos governantes já encontrados em Tito Lívio.

Palavras-chave: Tito Lívio, Historiografia Clássica, Théodore de Bèze, Constitucionalismo Moderno

Katsuzo Koike

Universidade de Coimbra

Hecateu de Mileto, fonte de Heródoto: percepções antigas e modernas.

Esta comunicação tem por objetivo apresentar a dimensão historiográfica de Hecateu enquanto fonte de Heródoto, segundo as visões antigas e modernas. O Milésio Hecateu é um autor pouco conhecido, geralmente citado de forma breve nos livros de historiografia antiga. A sobrevivência de seu nome na tradição grega deve-se em grande parte às referências que nos deixou Heródoto em suas *Histórias*. Apesar do estado escasso e fragmentário de sua obra, Hecateu foi um autor importante da literatura grega arcaica, redescoberto primeiramente nos períodos Helenístico e Imperial, e depois nos séculos XIX e XX.

Palavras-chave: Historiografia grega, Hecateu, Heródoto

Flávia Vieira de Resende

Universidade Federal de Minas Gerais

Da erística à dialética, em Platão e na justiça brasileira

A superlotação do Poder Judiciário Brasileiro, que em 2011 consumiu 50,4 bilhões em recursos públicos para a tramitação de 90 milhões de processos, segundo o relatório da Justiça em Números, do Conselho Nacional de Justiça (CNJ), levanta importantes questionamentos aos operadores e pensadores do direito. Será que a utilização da 'técnica do contraditório' nos tribunais é realmente eficaz para trazer o consenso e a pacificação social? Essa forma de fazer justiça parece não ser exitosa, principalmente nos casos em que as partes têm entre si relações continuadas; o que se percebe é que as próprias instâncias jurídicas acabam fomentando ainda mais a disputa entre os envolvidos, gerando a cada dia, um número maior de processos.

A presente comunicação pretende mostrar que a crítica que Platão faz às práticas argumentativas na cidade grega antiga (Górgias 463b) pode ser relevante para apontar modos de lidar com conflitos jurídicos na atualidade. A crítica platônica destitui os ditos 'retores' e 'sofistas' de suas pretensões e propõe o diálogo reflexivo e argumentado, regulado por valores como 'justiça' e 'verdade', como prática autêntica da justiça. Propomos, assim, repensar a abordagem das lides jurídicas através da prática da Mediação de Conflitos, que nada mais é que a prática do diálogo conduzida por um terceiro neutro, que promove a reflexão entre as partes litigantes para que elas mesmas resolvam as suas próprias controvérsias, técnica que já vem sendo utilizada na justiça brasileira, tendo em vista aquilo que a pesquisa sobre as propostas de Platão pode nos ensinar.

Palavras-chave: Justiça, erística, diálogo

Mesa de Comunicação Livre 26

Fábio Gerônimo Mota Diniz

Universidade Estadual Paulista

Desvendando os pares imagéticos Orfeu e Medeia à luz da antropologia do imaginário.

A partir da proposição metodológica estabelecida para a tese de doutorado em desenvolvimento acerca da atuação do personagem Orfeu no poema épico *Argonáutica* de Apolônio de Rodes, a abordagem que se pretende desenvolver não está circunscrita ao âmbito literário: analisa-se a confluência entre aspectos singulares da estrutura desse poema épico e a mesma como reflexo de uma sociedade onde a presença de aspectos como a religião e a magia são fundamentais para a sua compreensão.

De tal modo, apresentar-se-á uma breve visão sobre o caminho de leitura aberto pelas contribuições da antropologia do imaginário desenvolvida pelo filósofo francês Gilbert Durand, tendo em vista seu esforço para, ao centralizar seus interesses no imaginário, encaminhar uma abordagem antropológica de modo inovador. Por conseguinte, apresentar-se-ão pequenas observações acerca de uma passagem específica do poema épico *Argonáutica* (I, vv.536-579) que podem auxiliar a compreender melhor e demonstrar como as ferramentas apresentadas por Durand permitem uma abordagem diferenciada e mais profunda de elementos relacionados ao material mitológico-literário da antiguidade clássica, que confluem para um "emaranhado" que podemos chamar de imaginário mítico, e que refletiam aspectos da sociedade como a magia e a religião.

A utilização de certos conceitos e a compreensão que Durand possuía dos aspectos formadores do imaginário deixam claro que sua antropologia deve muito não apenas a autores modernos como Jung e Bachelard, mas a percepção dos clássicos em seu contexto, utilizando seu arcabouço mítico-literário como referencial para reflexões acerca do passado e do presente.

Palavras-chave: magia, Orfeu, Medeia, Gilbert Durand, antropologia do imáginario

Cláudia Raquel Cravo da Silva

Universidade de Coimbra

Evidências literárias da prática das *agogai* antes da Época Romana

Dentro da magia erótica grega, as *agogai* são, de longe, o género mais popular. Não podemos, a partir dos Papiros Mágicos Gregos, provar a existência de encantamentos gregos de atração em tempos mais recuados. A quase inexistência de testemunhos reais anteriores à Época Romana é, felizmente, colmatada pela literatura grega, que nos deixou indícios suficientes da existência de práticas de magia erótica (em geral e das *agogai*, em particular) em épocas muito antigas.

Palavras-chave: magia erótica grega, "agogai"

Antônio Donizeti Pires

Universidade Estadual Paulista

Orfeu transverso & a dupla chama da poesia órfica: Apolo e Dioniso

Esta proposta deriva de projeto de pesquisa que desenvolvo desde 2008 na qualidade de professor da UNESP/Araraquara, e cujo tema é a presença do mito de Orfeu (e do orfismo) na poesia brasileira moderno-contemporânea. Os objetivos da investigação abarcam, em específico, o levantamento e o estudo de casos na lírica brasileira e, em geral, o estudo do orfismo tradicional, em seus intrincados aspectos mítico-poéticos e místico-religiosos, inclusive considerações acerca da dúbia relação que o poeta lendário mantém com Dioniso e Apolo. O estudo deste aparato é importante como subsídio para a compreensão da poesia órfica em si e de sua presença no Brasil, uma vez que Orfeu (e o contraditório cortejo que o acompanha) se ancora em longa tradição clássica e se vale de postulados crítico-teóricos como tema, motivo, "imitação", tópica e intersemioses diversas, além de respaldar-se na migração (problemática) de tais questões "clássico-europeias" para a literatura brasileira, em temporalidades descontínuas (ou seja, do Barroco à contemporaneidade). A metodologia inclui a análise crítico-interpretativa de poemas selecionados, a revisão bibliográfica do orfismo e da lírica brasileira, bem como a mitocrítica e a comparação (dos brasileiros entre si e destes com a tradição órfica). Os resultados, até o momento, incluem trabalhos apresentados em congressos e publicados e/ou em fase de publicação, dos quais destaco, além de estudos mais históricos e crítico-teóricos sobre o orfismo, análises já efetuadas de poemas de Carlos Drummond de Andrade, Murilo Mendes, Dora Ferreira da Silva e outros. Para o momento, a exposição completar-se-á com referências a duas "atualizações" do problema órfico na poesia brasileira do século XX: na obra do modernista Dante Milano e do contemporâneo Adriano Espínola.

Palavras-chave: Poesia e mito, Orfeu e orfismo, Apolo e Dioniso, Poesia brasileira moderno-contemporânea.

Mesa de Comunicação Livre 27

Orley Dulcetti Junior

Pontificia Universidade Católica de São Paulo

Recepção do dào no Lǎozǎ Dàodéjīng no Ocidente Atual

Resumo:

A comunicação apresenta o tema central da sabedoria chinesa, em Lǎozǎ Dodéjing, o "Clássico da Via e da Eficiência" recompilado por Wángbi (226-249). Realizam-se amostragens de alguns excertos previamente selecionados, com procedimento de cotejos textuais na obra original de Lǎozǎ, e das traduções ocidentais de Wilhelm e Legge, que são versões republicadas no comércio internacional e nacional, ainda hoje. Serão analisadas sob a crítica comparativa, entre a tradução do texto original para o português brasileiro, feitas pelo autor dessa comunicação, com as versões ocidentais dos tradutores supramencionados do tema no Lǎozǎ. O texto de origem, em chinês antigo (wén yán wén) de preservação da fecundidade histórico-cultural e linguística, do idioma de partida da antiguidade chinesa possui rica polissemia contextualizada. Posteriormente, o Lǎozǎ Dodéjing foi recontextualizado, descontextualizado da sua cultura de origem, a China Antiga, do pensamento do taoismo antigo, na estética chinesa, no aspecto semântico-linguístico com a ocorrência da recepção, na difusão da textualidade para o Ocidente atual. As reflexões teóricas procuram realizar a explanação dos fenômenos, a partir da apropriação de bases conceituais fundamentadas nas teorias da décalage de Jullien, da hibridação com neofigurismo de Lackner, na invenção e manufatura do taoismo de Girardot, em Jensen. Para, então poder explicar o acontecimento da translocação cultural que provoca modificações de diferenças culturais semântico-linguísticas na recepção do Clássico de Lǎozǎ, pela difusão do mesmo, de origem chinesa antiga com os sinogramas arcaicos, para a escrita europeia atual, alfabética, de outra cultura, na chegada do texto descontextualizado pela hegemonia da cultura de acolhida.

Palavras-chave: Lǎozǎ Dàodéjing, dào, tradução, recepção do dào, diferenças culturais, neofigurismo.

Tomas Fernandez
Universidade de Buenos Aires / Conicet

El *Florilegium Atheniense* y las antologías bizantinas

El estudio de las antologías espirituales bizantinas, relativamente poco estudiado hasta hace cincuenta años, ha experimentado un vigoroso renacimiento gracias al estudio seminal de M. Richard, "Florilèges spirituels grecs" (1962), al que siguieron una multitud de artículos y ediciones críticas. Entre estas ediciones, se cuenta la de los *Loci communes* de pseudo-Máximo Confesor. Uno de los manuscritos de esta obra, el *Laur.Plut.58.31*, presenta en sus partes contaminadas una dependencia textual, que no ha sido señalada fehacientemente, respecto de uno de los manuscritos principales del *Florilegium Atheniense*, el *Vatop.35*. Esta contribución se propone demostrar de modo circunstanciado la dependencia del *Laur.Plut.58.31* de los *Loci communes* frente al testigo contaminado del *Florilegium Atheniense*, situando brevemente a ambas antologías en su contexto de producción y, asimismo, dando los primeros pasos para una primera edición crítica del *Florilegium Atheniense*, que permanece inédito.

Palavras-chave: Florilegium Atheniense, antología, bizantino

Aparecido Gomes leal
Instituto de Ensino Superior de Americana

A educação inovadora que emerge da cidade ideal.

Na *República*, de Platão, encontramos um projeto radical para educação dos cidadãos da cidade ideal que Sócrates delineia, com vistas a uma cidade virtuosa e, principalmente, justa. Nesta cidade todos os habitantes deveriam seguir à risca regras de conduta moral muitos severas. Sócrates pretende com sua paideia inovadora que os cidadãos se aproximem da filosofia e sua prática unicamente. Para tanto, o governo desta cidade não permitiria qualquer tipo de produção artística, principalmente uma literatura, que pudesse servir de modelo ou que incitasse os jovens cidadãos a uma conduta reprovável aos moldes das condutas recomendadas. A condenação aos mitos segue esta proposta pedagógica rigorosa que o filósofo pretende como escopo para a sua cidade justa, mesmo se sabendo quanto os mitos e a mitologia eram reverenciados àquela época. Ainda hoje ecoa entre nós a proposta socrática para uma educação baseada nos valores e na filosofia. Se encontramos muitas críticas ao rigorismo do filósofo, também encontramos admiradores, como Rousseau, por exemplo, que acreditam na necessidade do debate crítico e reflexão séria acerca de como educar melhor os mais jovens. O projeto pedagógico socrático será, portanto, o motivo desta apresentação.

Palavras-chave: Paideia, Cidadão, Filosofia, Virtudes.

Mesa de Comunicação Livre 28

Pedro Ribeiro Martins
Universidade Georg-August Göttingen

Em busca de uma terminologia para o vegetarianismo na antiguidade tardia

A presente comunicação, baseada nos resultados da minha pesquisa de doutorado, dedicar-se-á a responder a seguinte questão: Possuía o vegetarianismo antigo uma terminologia própria? Esta postura moral marcada pela abstinência de carne está bem documentada na antiguidade e é normalmente justificada por três linhas argumentativas, a saber, a ascese, a doutrina da transmigração das almas e a ética em relação aos animais. O escopo desta pesquisa limita-se principalmente à obra de Porfírio de Tiro, filósofo neoplatônico, e especialmente ao seu tratado *Sobre a abstinência de seres dotados de alma.* Esta escolha justifica-se pela dificuldade imposta pelas fontes que lidam com o vegetarianismo no período arcaico, tais como as doxografias de Pitágoras e Empédocles. O referido livro de Porfírio contém uma exortação moral contra o consumo de carne com estrutura bem definida e goza de uma tradição manuscrita relativamente bem atestada. Ou seja, traduz as condições ideais para a localização de uma terminologia utilizada pelos vegetarianos do período. Ademais, por ser um livro que dialoga com os oponentes do vegetarianismo e que preserva citações de outras escolas filosóficas sobre a temática, é possível perscrutar os termos usados por Porfírio em perspectiva com os utilizados por outros filósofos presentes na obra. A análise vocabular de grupos sociais específicos, neste caso os vegetarianos e seus detratores ideológicos, auxilia-nos na compreensão da própria arquitetura argumentativa de suas posições morais. Faz-se necessário dizer que, dada a atualidade da discussão sobre o vegetarianismo, a reflexão aprofundada deste modo de vida no período tardo-antigo contribui diretamente para as modernas discussões éticas sobre o tema, especialmente pela qualidade dos argumentos apresentados na obra de Porfírio.

Palavras-chave: Porfírio de Tiro, Vegetarianismo na Antiguidade, Antiguidade Tardia, Filosofia neoplatônica.

Marina Regis Cavicchioli
Universidade Federal da Bahia

O futuro do vinho e da alimentação antiga.

A preservação do passado, tanto por meio da conservação e pesquisa de sua cultura material e textos antigos como pela

manutenção de tradições culturais, sempre esteve intimamente vinculada às políticas públicas que, de forma direta, através de leis e propagandas, ou indireta, como subsídios, influenciaram o mundo acadêmico e envolveram a população em geral. Temos como exemplos alguns países europeus, como Inglaterra, França, Espanha e Itália, que buscaram o vínculo com a Antiguidade para a construção de uma identidade nacional. Na atualidade, é em função desse vínculo identitário com o passado que são promovidas ações conjuntas entre políticas públicas, universidade, setores privados e população em geral. Em muitos casos, como no estudo da alimentação e do vinho na antiguidade, essas ações possibilitam um futuro para este passado, como pretendemos fazer ver.

Palavras-chave: Roma, vinho, alimentação, arqueologia

Ana Thereza Basilio Vieira

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Dizeres e saberes: a ressonância da *História natural* de Plíno o velho na atualidade

A *História natural* de Plínio o velho se constitui num modelo do que futuramente viria a ser uma enciclopédia, abarcando os mais variados assuntos em 37 volumes. Nos livros dedicados à medicina, o autor faz menção a diversas crenças, superstições e remédios utilizados ainda nos dias de hoje. Nossa pesquisa visa a apresentar alguns desses exemplos correlacionando-os com a sua repercussão na atualidade. Para tanto, utilizaremos como base os livros 28 e 29 da *História natural*.

Palavras-chave: História natural, crenças, superstições, enciclopédia

Mesa de Comunicação Livre 29

António Maria Martins Melo

Universidade Católica Portuguesa

Literatura e medicina: o caso do médico e humanista português, Amato Lusitano

A relação entre medicina e literatura é ancestral, como o prova uma antologia de textos literários de autores portugueses, que vão desde o séc. XIII ao último quartel do séc. XX, editada em 2011, com o título «A caneta que escreve e a que prescreve». Da época dos descobrimentos portugueses, no séc. XVI, cita-se Garcia de Orta, Fernão Mendes Pinto, Luís de Camões e Francisco Sanches. Precisamente a época em que viveu Amato Lusitano, contemporâneo do autor da obra «Colóquio dos simples e drogas e cousas medicinais da Índia».

Amato Lusitano (João Rodrigues de Castelo Branco) vai publicar o seu primeiro livro em 1536, o qual, abreviadamente, dá pelo nome de «Index Dioscoridis». Este pequeno tratado apresenta as primícias do seu pensamento, resultantes da leitura que ele fez do tratado grego de Dioscórides que, em tradução latina, dá pelo título de «De materia medica libri quinque». Estes seus comentários haviam de ser mais desenvolvidos numa publicação posterior, dada à estampa na cidade de Veneza, corria o ano de 1553, a obra «In Dioscoridis Enarrationes», concluída já em Ferrara.

Estamos a concluir a transcrição, estudo e tradução do texto latino compreendido entre os fólios 6v e 11r do «Index» (Philologia XIIII-XLV), assim como das entradas 14 a 46 do Livro I das «Enarrationes» (pp. 27–58), um trabalho que se inscreve no Projecto 3 Matrizes Clássicas – da Antiguidade à Modernidade, da Linha de Investigação Estudos Literários e Culturais, no âmbito do PEst-OE/FIL/UI0683/2011, projeto estratégico do CEFH, financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia.

É propósito deste trabalho expor algumas conclusões atinentes ao tema indicado, dando conta, nomeadamente, de duas referências a obras literárias, a «Odisseia» e a «Tebaida», a que se irá acrescentar a menção de autoridades antigas e contemporâneas e de informantes epocais.

Palavras-chave: Amato Lusitano, Dioscórides, História da Ciência, Renascimento, Humanismo.

Andrea Lúcia Dorini de Oliveira Carvalho Rossi

Universidade Estadual Paulista "Julio de Mesquita Filho" - unidade de Assis

Os intelectuais romanos e a literatura trajânica: as imagens e os discursos políticos no principado romano

Esta proposta de comunicação tem como objetivo analisar a Literatura Trajânica como uma construção de um discurso político imperial no Principado Romano atavés da análise de alguns autores como Suetônio, Tácito, Plínio o Jovem e Quintiliano. Esta literatura foi, durante muito tempo, analisada pela historiografia como a base documental para o estudo do I século de nossa era. No entanto, a presente pesquisa tem como foco identificar as malhas discursivas presentes nesta literatura como reflexo de conflitos políticos e propostas de constituição de imagens dos governantes imperiais.

Palavras-chave: Imagens, discursos, intelectuais, literatura trajânica

Lolita Guimarães Guerra
Universidade Estadual de Feira de Santana

Um livro para Esculápio: os *Hieroi Logoi* de Élio Aristides enquanto narrativa de iniciação e devoção.

Desde o século XVIII, filólogos e historiadores e buscaram adequar a narrativa apresentada por Élio Aristides em seus *Hieroi Logoi* a uma cronologia da vida de seu autor. Produzidos na década de 70 do segundo século da Era Comum, os *Hieroi Logoi* relatam eventos ocorridos com Aristides relacionados à sua devoção a Esculápio, em cujo santuário em Pérgamo ele tivera a oportunidade de se internar a fim de praticar a incubação e encontrar tratamento médico. O deus se revelará ao seu devoto e passará a orientá-lo em termos médicos, políticos e profissionais. Esta relação será, inclusive, interpretada como uma iniciação de forma que, inclusive, a fronteira entre Esculápio e Aristides se dissolverá. No entanto, os *Hieroi Logoi* foram interpretados como um documento de caráter autobiográfico passível de leituras que pressupunham a veracidade incontestável dos eventos ali apresentados. Foi minimizado, portanto, o caráter retórico do texto, assim como a intenção de Aristides em produzi-lo enquanto um testemunho de sua relação com Esculápio através de uma extensa narrativa de moléstias, curas, sonhos, viagens e disputas políticas e profissionais. É pertinente, portanto, empreendermos uma revisão crítica da literatura produzida em torno dos *Hieroi Logoi* e, além disso, defendê-los para além de uma leitura ultrarrealista. Desta forma, identificamos sua natureza devocional, mistérica e votiva, cujo único compromisso é com Esculápio, responsável por aproximar Aristides do divino.

Palavras-chave: Élio Aristides; Esculápio; iniciação; autobiografia.

Mesa de Comunicação Livre 30

Walter Nascimento Neto
Universidade de Brasilia

Sobre a noção de *physis* e suas relações com a polis

Anaximandro é provavelmente o primeiro de que temos notícia a iniciar o questionamento não mitológico sobre o nosso lugar no mundo, sobre a própria existência e permanência do universo e sobre as forças naturais ou teológicas que colaboram nessa permanência. Tais questões rementem à ideia de natureza (*physis*), algo envolvido com a própria gênese e ordenamento dos elementos que compõem o universo. Essa ideia é definidora do que chamamos de filosofia Pré-socrática e se liga fortemente às instituições sociais nas quais ela se originou. O *apeiron* de Anaximandro reflete o tipo de sociedade que começa a surgir no século VI a.e.c. e que, à medida em que se distancia do sistema monárquico e caminha em direção à democracia, também se afasta do mito e ruma em direção à filosofia. Foi pela oportunidade de se espelhar em um outro tipo de forma de controle social que os gregos desse período conseguiram projetar no mundo natural uma nova forma de explicar o mundo.

Palavras-chave: Anaximandro, natureza, physis, sociedade, polis

Miriam Campolina Diniz Peixoto
Universidade Federal de Minas Gerais

As representações do porvir na filosofia pré-socrática e suas reverberações éticas.

Em uma sentença atribuída a Pitaco, tido por um dos sete sábios da Antiguidade grega, lê-se que "é algo tremendo (*deinon*) conhecer o futuro (*to mellon*), algo seguro conhecer o passado (*to genomenon*)" (DK10A3, V.9). Entre os filósofos pré-socráticos por sua vez, não será tanto o conhecimento do futuro ou do passado, sua facilidade ou dificuldade, que constituirá o objeto de sua preocupação, mas sim a devida consideração do estreito nexo que liga, do ponto de vista da experiência humana, passado, presente e futuro. O tema do conhecimento das coisas futuras e a representação mesma do porvir podem ser encontrados em diferentes autores e tradições da Antiguidade grega e são objetos recorrentes de reflexão em poetas e filósofos dos períodos arcaico e clássico. Nosso interesse nesta comunicação consiste, em um primeiro momento, em examinar os testemunhos que nos chegaram dos filósofos pré-socráticos em que a ideia de futuro aparece, e suas variadas nuanças, tendo em vista mostrar a importância que o tema do porvir parece ter tido em suas reflexões para, em seguida, avaliar em que medida e de que modo esta ideia veio a se conformar como uma categoria fundamental da incipiente reflexão filosófica sobre o agir humano.

Palavras-chave: Porvir, Pré-Socraticos

Mesa de Comunicação Livre 31

Marcelo Bourscheid
Universidade Federal do Paraná

Andrômeda **e** *Íon*, **de Eurípides: um estudo comparativo.**

Este trabalho esboça algumas reflexões sobre a obra *Andrômeda*, de Eurípides, peça apresentada junto com *Helena* nas Grandes Dionísias de 412 a.C. A partir da minha tradução dos fragmentos restantes da peça (fr. 114-56, cf. edição de Kan-

nicht, 2004), pretendo apresentar uma comparação de alguns elementos temáticos e formais desses fragmentos com o *Íon*, que segundo as hipóteses de Matthiessen (1964), Webster (1967) e Segal (1985), seria a terceira tragédia da tetralogia apresentada nesse ano.

Palavras-chave: Andrômeda, Eurípides, dramaturgia, tradução, fragmentos.

Alexandre dos Santos Rosa
Universidade Federal do Rio de Janeiro

A identidade do herói homérico Odisseu

Embora o herói Odisseu se utilize de alguns recursos para dissimular sua identidade, podemos encontrar, nos versos 200 a 202 do canto III da Ilíada, um registro da origem do herói e de um dos seus principais epítetos, polýmetis. O objetivo deste trabalho é caracterizar o personagem homérico Odisseu com base na passagem citada, confrontando-a com outros passos dos Poemas Homéricos

Palavras-chave: Odisseu, Poemas Homéricos, Identidade

Mesa de Comunicação Livre 32

Macsuelber de Cássio Barros da Cunha
Universidade Federal de Goiás

O fórum de Augusto e o uso de imagens inspiradas na Grécia

No período augustano, assim como ao longo dos tempos, as imagens detinham um grande poder. E Augusto soube melhor que nenhum outro se utilizar deste poder a seu favor, levando o uso da cultura material a um alto grau de refinamento, grandiosidade e complexidade, de tal modo que sob seu governo Roma atingiu um nível de monumentalidade nunca visto até então. Otávio Augusto, além de sua inspiração e utilização dos cânones arquitetônicos postulados pelos gregos, mesclou tradição e inovação a fim de fazer de Roma uma cidade grandiosa. Deste modo, ele desenvolveu um amplo programa de engrandecimento da cidade através da restauração e construção de diversas obras arquitetônicas, em especial da arquitetura religiosa, dedicando assim, uma atenção especial aos deuses e ao *mos maiorum.* É neste período que surge o *De Architectura*, de Vitrúvio, um manual técnico sobre arquitetura de enorme importância para os estudos sobre a arquitetura romana por ser o único tratado deste tipo que chegou aos dias atuais. Nos utilizaremos dele para analisar uma das obras do *princeps* e que demonstra bem o uso da arquitetura e das imagens inspiradas nos cânones gregos. Deste modo, neste trabalho temos como objetivo fazer uma análise não só histórica como formal do fórum de Augusto, percebendo a utilização de um repertório de imagens que fazia alusões claras a obras edificadas pelos gregos no seu período de esplendor.

Palavras-chave: Fórum de Augusto; De Architectura; Imagem

Vera Pugliese
Universidade de Brasília

Transposições iconográficas dos sarcófagos romanos para os paleocristãos do século IV: um estudo de caso

Trata-se de um recorte de
uma pesquisa sobre as transposições iconográficas da arte funerária do
repertório romano para a constituição do repertório paleocristão, no século IV,
em especial de temas anastáticos, voltados para o endereçamento da alma para a
vida eterna. O presente estudo de caso trata de quatro sarcófagos que
pertenciam ao mausoléu provençal, provavelmente do último quartel do século IV,
incorporado no século XIII à Basílica de Sainte-Madeleine como cripta, na atual
cidade de Saint-Maximin, na França. O método utilizado para analisar seus
relevos é o iconológico, com particular atenção ao problema das transposições
de tipos iconográficos antigos que integram a constituição da iconografia
cristã, na Baixa Antiguidade, em sua lógica própria, mas sem deixar de reportar
ao repertório romano para tornar legível o processo de doação de sentido aos
novos tipos iconográficos, sobredeterminando suas significações

Palavras-chave: Arte funerária romana, Iconografia paleocristã, Iconologia.

Luciene Lages
Universidade Federal da Bahia

Os usos do passado ou entre gregos e baianos: representações clássicas na Bahia do século XVIII

A comunicação apresenta resultado parcial de uma pesquisa sobre as vinte e quatro cartas intituladas *Notícias Soteropolita-*

nas e Brasílicas escritas por Luiz dos Santos Vilhena. O português chegou ao Brasil em 1787, nomeado pela Coroa Portuguesa como professor de grego e latim para as aulas régias em Salvador. As cartas foram dedicadas ao Príncipe Dom João (que viria a ser coroado no Brasil com o nome de Dom João VI). Vilhena assina como "o criado mais humilde e o mais fiel de todos os seus vassalos", e apresenta notícias históricas sobre os costumes, habitantes, comercio, economia, educação, geografia e outros dados preciosos sobre as várias capitanias brasileiras da época. Cada carta se dedica a uma capitania específica, mas à capitania da Bahia são dedicadas um maior número de cartas. As cartas, segundo o próprio autor, visam oferecer uma ideia do Novo Mundo conquistado. Afirma que parte da compilação de obras históricas já publicadas ou de manuscritos, por isso, devem ser lidas como verdadeiras, talvez por isso se apresente sob o pseudônimo Amador Veríssimo de Aleteya e as enderece a um suposto amigo de nome Filopono. Para essa exposição, nos centraremos nas oito primeiras cartas em que as referências ao mundo greco-romano são o veículo para a representação do Brasil do século XVIII, mais especificamente, da Bahia.

Palavras-chave: Cultura escrita no Brasil, Representações, Mundo antigo

Mesa de Comunicação Livre 33

Vivian Carneiro Leão Simões

Universidade Estadual Paulista

QVOD ERAT DEMONSTRANDVM **Os *Exempla* no discurso gramatical de Mário Vitorino**

Caio Mário Vitorino, africano de origem, ensinou retórica em Roma no tempo do imperador Constantino; teria chegado ao apogeu de sua carreira entre os anos 350 e 355 d.C., cuja evidência materializou-se através de uma estátua junto à de grandes outros imperadores e funcionários do alto escalão no Fórum de Trajano. Converteu-se ao cristianismo na velhice, tendo deixado de lecionar em 362 d. C., devido ao edito de Juliano, "o Apóstata", cujo conteúdo coibia a livre manifestação dos cristãos em exercer a atividade docente. Da vasta obra de M. Vitorino, destaca-se o manual técnico, acerca das modalidades técnicas métricas para a composição artísticas de poemas. A presente comunicação pretende apresentar, mesmo que sumariamente, os resultados da pesquisa de mestrado que se realizou sobre a estrutura da *Ars Grammatica* de M. Vitorino e os *exempla,* ferramenta presente no discurso gramatical, que na obra é o suporte para que o autor discorra sobre a flexibilidade da métrica na poesia latina para a elaboração de poemas.

Palavras-chave: Gramática latina, Métrica latina, Tradição literária, Marius Victorinus.

Stéfano Paschoal

Universidade Federal de Uberlândia

A pronuntiatio na *Rhetorica ad Herennium* e na *Teutsche Rhetorica* de Johann M. Meyfart

Com o intuito de estabelecer um elo entre a Antiguidade clássica e o século XVII alemão, serão apresentados, neste trabalho, resultados de uma comparação, no tocante à actio ou pronuntiatio (pronunciação), entre a Rhetorica ad Herennium (ca.90 a.C.), atribuída a Cícero, e a Teutsche Rhetorica oder Redekunst (1634), de Johann Matthäus Meyfart. A pronuntiatio, segundo a Rhetorica ad Herennium (e também segundo a Teutsche Rhetorica) divide-se em duas partes: configuração da voz e movimento do corpo, como se vê em "Dividitur igitur pronuntiatio in vocis figuram et in corporis motum". As comparações sobre a pronuntiatio nesta comunicação ater-se-ão ao âmbito da configuração da voz. A comparação com a retórica de Meyfart, composta de dois livros, advém do fato de haver nela um tratamento específico da pronuntiatio, a que se dedica integralmente o segundo livro. Muitas retóricas e poéticas (considerando o século XVII alemão, não existem diferenças rigorosas entre ambas) foram escritas na Alemanha nos séculos XVI e XVII, todas calcadas em modelos clássicos, porém com uma peculiaridade: na maioria delas, não se discorre sobre as duas últimas partes da Retórica, que são, segundo sua divisão clássica, memoria e pronuntiatio. Apresentam-se apenas as três primeiras, inventio, dispositio e elocutio, com grande ênfase na elocutio, cuja motivação não nos cabe discutir aqui. A Teutsche Rhetorica oder Redekunst, neste quadro, perfaz uma exceção, permitindo que se adentre, com este trabalho, um campo pouco explorado nos estudos de Retórica clássica e de século XVII no Brasil.

Palavras-chave: Pronuntiatio, Rhetorica ad Herennium, Teutsche Rhetorica oder Redekunst.

Lais Scodeler dos Santos

Universidade Estadual de Campinas

Tristes **de Ovídio: retórica e metapoesia**

Ao falarmos dos *Tristia* de Ovídio, o que nos vem à mente é uma obra composta por cinco livros, estruturados a partir de elegias nas quais encontramos uma temática diversificada. Mais precisamente, o que define os *Tristes* do ponto de vista temático, é a situação na qual a *persona* poética se encontra, ou seja, o exílio. Nessa obra, o poeta lamenta sua condição e manifesta o desejo de voltar a Roma. Dessa forma, para compor seus versos, contextualizados em um cenário de culpa, sofrimento e tristeza, atribui a sua *persona* um *ethos* elegíaco, próprio ao contexto, e se expressa de forma notadamente metapoética e elaboradamente retórica: Ovídio procura capturar a benevolência do leitor, mostrando-lhe como sofre, e tenta convencê-lo a interceder por ele. Sendo assim, pretendemos fazer uma breve análise do *ethos* da *persona* poética e da

elaboração retórica das elegias I,1; I,7 e IV,1, nas quais os versos ovidianos se tornam não apenas uma forma de transmitir ao leitor os revézes do exílio, mas servem, também, como ferramenta de reflexão do próprio fazer poético.

Palavras-chave: Ovídio, retórica, metapoesia

Mesa de Comunicação Livre 34

Emerson Cerdas

Universidade Estadual Paulista

O discurso sério e cômico na *Ciropedia* II,2.

Segundo Bakhtin, os gêneros sério-cômicos, produzidos na Antiguidade, tiveram importante papel no desenvolvimento da prosa ficcional do Ocidente. Opostos aos gêneros sérios, como epopeia, tragédia, história, etc., os gêneros sério-cômicos dão um novo tratamento à realidade, em que a distância épica e trágica é substituída pelo inacabamento da atualidade viva do cotidiano (BAKHTIN, 2010). Nessa comunicação, apresentaremos uma análise da *Ciropedia* II,2, de Xenofonte, e da relação dessa cena com o gênero sério-cômico. Nessa passagem, Ciro, príncipe persa, se reúne com seus principais soldados. Em um típico banquete helênico, inicia-se, a partir da discussão sobre o valor do exército, uma série de pequenas narrativas de teor cômico que, ao mesmo tempo em que descrevem os soldados a Ciro, divertem os comensais. Destaca-se nessa passagem a intervenção de Aglaidatas, taxiarca austero que desgosta do tom cômico do banquete, discutindo o valor e a utilidade do riso. Demonstraremos as características dos gêneros sério-cômicos nessa passagem, mostrando que a apropriação desse gênero discursivo dentro da estrutura historiográfica é uma inovação da escrita de Xenofonte.

Bolsista Fapes

Palavras-chave: Palavra-chave: Xenofonte; historiografia; sério-cômico; romance antigo;

Leonardo Passinato e Silva

Universidade de São Paulo

A natureza das res sanctae na religião romana

Os limites físicos da cidade eram considerados santos pela religião romana, o que é demonstrado pelo paradigma do fratricídio cometido pelo fundador, Rômulo. Fontes antigas, como Plutarco e Varrão, discutem diversos aspectos da santidade dos muros, bem como dos rituais religiosos relacionados à instituição dos limites e à partição dos territórios. Por outro lado, o atributo da santidade também é explicitamente conferido pelas fontes às leis de Roma. Para além da simples identificação de uma reverência pelas instituições cívicas por parte de uma religião política, o que provavelmente se deva investigar é a própria noção subjacente de santidade, cuja elucidação permite demonstrar que elementos tão díspares e tão significativos sejam coerentemente englobados sob a mesma categoria religiosa. As características da figura do santo na religião romana serão delineadas mediante a discussão do uso dos termos relacionados à legislação e à demarcação do espaço urbano em Roma.

Palavras-chave: Religião romana, Semiótica do direito antigo.

Norma Musco Mendes

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Romanização e economia: diversidade e inovação na Lusitânia

Os recentes debates sobre o conceito de Romanização estimulam o estudo sobre o impacto do domínio romano e as transformações econômicas ocorridas nas comunidades dominadas. No caso da província da Lusitânia buscar-se-á refletir sobre os modelos de romanização construídos pela interface de dois sistemas de exploração econômica, um centrado no Mar Mediterrâneo e o outro no Oceano Atlântico.

Palavras-chave: Império Romano, Lusitânia, economia, romanização,

Mesa de Comunicação Livre 35

Lucas Consolin Dezotti

Universidade Federal da Paraíba

Aspectos técnicos e filosóficos da linguagem obscena nos textos latinos

Esta comunicação apresentará os primeiros resultados de uma pesquisa incipiente sobre o discurso teórico antigo acerca do uso de vocábulos obscenos na literatura latina. O *corpus* inicial consta de definições e exemplos de alguns vícios da oração apresentados pelos textos gramaticais latinos, bem como de uma carta de Cícero que disserta sobre o lugar de constituição da obscenidade (se no plano da expressão, se no plano do conteúdo), a partir da crítica da doutrina estoica da propriedade vocabular, que é um dos fundamentos daquela doutrina gramatical. Espera-se com isso encontrar diretrizes para uma pesquisa mais ampla sobre a presença desses 'vícios' na literatura latina, que possa identificar e classificar tais ocorrências a partir de

critérios mais próximos de seu contexto de produção e recepção.
Palavras-chave: Obscenidade, vícios, Cícero, gramáticos, estoicismo.

Raquel Faustino
Universidade Estadual de Campinas

Velis maioribus: **metapoesia nos** *Fastos* **II de Ovídio**

Em muitas passagens dos *Fastos*, podemos encontrar comentários acerca do caráter e do valor da obra em questão: a despeito do metro adotado, o dístico elegíaco, é destacada a importância do tema abordado na elegia – o calendário romano. Ao tratar dessa aparente inadequação entre tema e metro, o poeta procura situar os *Fastos* acima de sua obra amatória composta anteriormente, ao mesmo tempo em que se recusa a compor uma épica. Sendo assim, a discussão metapoética do poema-calendário de Ovídio, presente principalmente no livro II, nos leva a uma percepção interessante do gênero desse poema. Estudos mais recentes sobre a obra ovidiana têm nos mostrado como o poeta brinca com as convenções genéricas do sistema literário latino, e uma leitura intertextual dos *Fastos* nos revela como o poeta acomoda elementos épicos e referências a sua obra amatória em seu poema sobre o calendário. Assim, mesmo se recusando a compor uma épica ou a escrever uma elegia amorosa, Ovídio não deixa de recorrer a esses gêneros para compor uma elegia didática muito singular. Com o objetivo de entendermos como esses diferentes gêneros aparecem e se combinam nos *Fastos*, nosso trabalho se propõe a apresentar uma pequena análise do discurso metapoético dessa obra, levando em consideração os possíveis efeitos de sentidos que alusões a obras de outros gêneros trazem para esse texto ovidiano.
Palavras-chave: Ovídio, Fastos, Metapoesia, Intertextualidade, Gênero

Eliana da Cunha Lopes
Faculdade Gama e Souza

Ovídio: autor textual e sujeito lírico do seu próprio canto

O *corpus* de nosso trabalho é a análise da *Elegia V*, do IV livro dos *Tristia*, obra escrita no exílio pelo poeta Ovídio que, banido de Roma, descreve a angústia e o infortúnio por ele vividos no Pontus Exinus, nos confins do império romano e, que, entretanto, consegue elaborar uma obra bastante pessoal, criando versos eivados de dor e de saudades que se aproxima do conceito mais moderno de elegia.
Palavras-chave: Tristia, Ovídio, elegia, exílio

Mesa de Comunicação Livre 36

Luana Cruz da Silva
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Os conflitos entre gregos e persas na poesia de Simônides de Ceos

Simônides de Ceos, poeta que viveu entre 556 e 468 a.C., foi, segundo a tradição, a voz oficial das Guerras Médicas, batalhas travadas entre gregos e persas em fins do século V a. C. Nesse trabalho serão analisados alguns epigramas atribuídos ao poeta de Ceos que tratam desse tema, estabelecendo uma relação entre eles e a elegia sobre a batalha de Plateias que consta no papiro de Oxirrinco (*POxy 3965)* descoberto em 1992.
Palavras-chave: Simônides de Ceos, epigrama, elegia, guerra

Angelo Balbino Soares Pereira
Universidade de Coimbra

Aproximações píndaro-pintagóricas: acerca da Olímpica II

O grande poeta Píndaro viveu pela passagem do século VI ao século V, brindou o mundo antigo com um conjunto sensível de belos poemas que atravessando o tempo chega até nós como um brilho da antiguidade clássica. As Odes Olímpicas fazem parte da brilhante obra do poeta de Cinoscéfalas e um significativo conjunto da poesia lítica coral. A Olímpica II descreve um destino para as almas boas e más, com prêmios e sofrimentos. Sobre o destino da alma, Pitágoras é a fonte filosófica pré-socrática que nos interessa, o conceito pitagórico de alma aponta para uma diferença de tratamento para as almas boas e as almas más no mundo pós-morte. Em Píndaro lemos "E aqueles que, enquanto moradores em ambos os mundos, tiveram por três vezes coragem de conservar suas almas puras de todos os atos de injustiça, esses percorrem o caminho de Zeus, em direção a torre de Cronos" (Olímpicas II, 69-71.) Qual a relação entre a Filosofia pitagórica e a Poesia pindárica? Este pode ser um exemplo onde partindo desse debate podemos e devemos construir de forma sistemática o entendimento da expressão poética da Filosofia e a dimensão filosófica da Poesia.
Palavras-chave: Pitágoras, Píndaro, Olímpica II.

Bruno Salviano Gripp
Universidade Federal Fluminense

Diferenças formulaicas em Safo e Alceu.

Os dois poetas Lésbios, Safo e Alceu, valem-se, grosso modo, do mesmo contexto poético. Ambos utilizam a mesma língua e os mesmos metros. Neste trabalho nos propusemos a analisar a densidade formular da poesia dos autores para verificar se ocorrem diferenças de uso entre os dois autores. Vamos nos dedicar especialmente na comparação do uso na estrofe sáfica, que, em conjunto, é a mais utilizada por ambos autores. Por consequência vamos poder avaliar a filiação de cada um deles a uma tradição poética e, com as diferenças bem estabelecidas, pode-se abrir caminhos importantes para a interpretação dos procedimentos poéticos de ambos autores.

Palavras-chave: Safo, Alceu, métrica, fórmula, poética, poesia arcaica.

Mesa de Comunicação Livre 37

Igor Barbosa Cardoso
Universidade Federal de Minas Gerais

História, poder e conhecimento em Luciano de Samósata (séc. II)

O estatuto da escrita da história na antiguidade é de certa maneira uma temática que recebeu e continua a receber a atenção de muitos pesquisadores. Essa assertiva é, contudo, apenas parcialmente verdadeira se levarmos em conta o pequeno número de publicações que tomam como objeto de análise, não precisamente os historiadores antigos, mas todos aqueles *pepaideménoi* que se debruçaram sobre a escrita da história. Em tempo em que a episteme histórica recebe severas críticas de quem vem de fora da disciplina, sobretudo de críticos literários e filósofos, gostaria de propor para essa comunicação o debate sobre *Como se deve escrever a história*, de Luciano de Samósata – sírio, que escreveu em grego no Império Romano, no século II -, que também é autor de uma das mais importantes prosas ficcionais da antiguidade, *Das histórias verdadeiras*. A fronteira entre os diferentes gêneros discursivos seria constituída, segundo Luciano, pelos diversos elementos que compõem a narrativa, tais como o estatuto do enunciador, a intenção política e epistêmica da narrativa, as características do público. Vale lembrar, essa fronteira marca a diferença, o limite, o campo próprio de cada discurso, mas também as intercambialidades, as tensões, as influências mútuas. Nesse sentido, Luciano, que comportou a ambiguidade de ter sido feroz crítico dos valores do Império Romano e participado, já na velhice, de um cargo público no Egito (se tomarmos *Apologia* como relato autobiográfico), compôs uma obra que expressa todas essas dificuldades de limitar o que é próprio de um discurso sério sobre algo que aconteceu, sem deixar de transgredir os cânones, que já não respondiam tão bem à conjuntura histórica. A intenção aqui é de pensar a respeito da ocorrência e recorrência de termos e expressões, em vista da interação de Luciano frente à guerra pártica e aos conflitos pelo poder dentro do Império Romano.

Palavras-chave: Luciano de Samósata, Teoria da história, Ficção

Pauliane Targino da Silva Bruno
Universidade Estadual do Ceará

Do mito à tragédia: Agamêmnon em Roma

Na Grécia Antiga, mitos como o de Agamêmnon eram narrados em meios sociais e adaptados ao momento, no qual era apresentado, possibilitando, assim, várias versões de uma mesma narrativa. Acerca do mito de Agamêmnon restaram alguns textos escritos, porém esse trabalho deter-se-á na parte mítica referente à morte do rei, como se apresenta nos textos gregos: na poesia épica, *Odisseia* de Homero; nas tragédias, *Agamêmnon* de Ésquilo, na *Electra* de Sófocles, na *Electra* de Eurípides; no poema *Retornos* do ciclo troiano; e emoutras narrativas como a *Biblioteca Mitológica* de Apolodoro e a *Descrição da Grécia* de Pausânias. Já na literatura latina, encontra-se referências à morte de Agamêmnon, na tragédia, *Agamêmnon*, de Sêneca, e na *Eneida*, de Virgílio. Nesse trabalho, mostrar-se-á como as obras mencionadas trazem o mito sobre a morte de Agamêmnon e como Sêneca apodera-se dessa tradição literária para compor a sua tragédia. Analisar-se-á as partes do mito que foram colhidas dessa tradição pelo tragediógrafo e se tentará mostrar as particularidades do tragediógrafo influenciado por um contexto social, ao recontar esse mito, na tentativa de apresentar uma comparação entre os textos quanto ao processo de recriação do mito feito por Sêneca.

Palavras-chave: Agamêmnon, Tragédia, Mito

Matheus Trevizam
Universidade Federal de Minas Gerais

A complexa inserção do livro III das *Geórgicas* de Virgílio na estrutura da obra

A complexa estrutura compositiva das 'Geórgicas' de Virgílio, obra que alguns reputam a mais bem acabada, do ponto-de-vista construtivo e estilístico, da produção deste poeta, dá margens a que os críticos possam encontrar, até mesmo, aspectos "contraditórios" quando examinam a inserção de algumas de suas partes no todo. Assim se dá com a questão da entrada do

livro III na estrutura do poema, por um lado passível de aproximar-se do primeiro par de livros por sua relação de "pessimista" complementaridade com o livro inicial e, por outro, dissociável disso por ajudar a compor, com a quarta e derradeira subdivisão do texto, o panorama dos assuntos de criação animal desta obra virgiliana. Ademais, mesmo no interno do par de livros em nexo com os assuntos "animais" da obra, a terceira parte do poema poderia, simultaneamente, ser afastada de alguns pontos da apicultura do livro IV – como no sub-tópico da "castidade" das abelhas – ou aproximada deles, por exemplo, no quesito da religiosidade camponesa. Será nossa tarefa, ao longo desta brevíssima exposição, ao menos apontar para alguns elementos de tensão no tópico da peculiar presença do livro III na estrutura das 'Geórgicas', intentando demonstrar que ela pode ser considerada, decerto, sob mais de um aspecto, nem sempre sendo eles concordantes entre si.

Palavras-chave: Geórgicas III; estrutura; composição; semelhanças; diferenças

Mesa de Comunicação Livre 38

Lethicia Ouro de Almeida Marques de Oliveira

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

O futuro nos sonhos pintados
o tempo do sonho e da pintura nos diálogos de Platão

No diálogo *Timeu* de Platão, o personagem homônimo descreve o processo de formação dos sonhos proféticos como uma produção pictórica: a διάνοια pinta (ἀποζωγράφω) imagens (φαντάσματα) no fígado por meio de um sopro doce. Estas φαντάσματα, quando bem interpretadas, revelam a verdade sobre bem ou mal no futuro, no passado ou no presente. Na apresentação aqui proposta pretende-se desenvolver dois temas presentes nessa passagem do *Timeu* por meio da veiculação de passagens de outros diálogos e, quando necessário, de demais recursos textuais da tradição helênica. Em primeiro lugar, trataremos da comparação entre pintura e sonho, realizada também no *Sofista.* Neste diálogo, a pintura é descrita como um sonho para olhos abertos.Em segundo lugar, desenvolveremos como o conhecimento do futuro aparece relacionado ao sonho, tal qual no início do *Fédon* e do *Crátilo*, assim como na tradição poético-mitológica; e, de certa forma, à pintura, dado seu caráter educativo e modelar exposto no livro II das *Leis.* Como veremos, nessas passagens dos diálogos, selecionadas por sua referência à pintura educativa ou ao sonho profético, e, a nosso ver, na cultura grega antiga de forma geral, o futuro, possivelmente revelado no presente, é a efetivação de um passado entendido seja como destino, seja como tradição ou legado.

Palavras-chave: Platão, Timeu, pintura, sonho, tempo

Henrique Gonçalves de Paula

Universidade de São Paulo

Sobre o hedonismo no *Protágoras* e no *Górgias* de Platão

Platão apresenta-nos no diálogo *Protágoras* a metrética dos prazeres ou arte da medida: ciência que conduziria os homens à felicidade a partir do estabelecimento de corretos critérios para as escolhas de nossos prazeres, desfazendo as falsas impressões que confundem nosso julgamento nestes casos. A exposição é realizada pelo personagem Sócrates como parte do argumento contra o sofista Protágoras e serve para apoiar as teses socráticas da virtude como conhecimento e da não existência da *acrasia*. Um longo e antigo debate dos estudiosos da obra platônica discute se a passagem autorizar-nos-ia a considerar Platão um filósofo hedonista em sua juventude. Muitos advogam a possibilidade de uma estratégia *ad hominem* da argumentação de Sócrates contra Protágoras - caso em que poderíamos livrar Platão do compromisso com a tese hedonista proposta. Um apoio a tal inerpretação seria enfatizar a crítica posterior de Platão contra o hedonismo de Cálicles no diálogo *Górgias*. Nesta obra, a tese socrática - da identificação do bem ao prazer - que fundamentava o hedonismo da metrética dos prazeres é negada e combatida pelo próprio Sócrates. Em minha exposição pretendo mostrar como é possível ler o *Górgias* de modo a mostrar que a crítica ao hedonismo de Cálicles não atinge a arte da medida apresentada no *Protágoras* e que, portanto, não pode ser utilizada para negar o compromisso de Sócrates com as teses hedonistas do diálogo anterior. Os argumentos de Sócrates no *Górgias* seriam eficientes somente contra o hedonismo sibarita de Cálicles. Revisito argumentos de outros intérpretes que apóiam tal hipótese para mostrar a insuficiência da leitura anti-hedonista das duas obras e apontar a plausibilidade de Platão admitir, ainda que de maneira restrita, alguma forma de hedonismo.

Palavras-chave: Platão, prazer, arte da medida, hedonismo

Mesa de Comunicação Livre 39

Roosevelt Araujo da Rocha Junior

Universidade Federal do Parana

O Epinício e seus patronos: a *Pítica* 6 e a *Ístmica* 2, de Píndaro

A *Pítica* 6 e a *Ístmica* 2, de Píndaro, são dois epinícios que têm muito em comum. Ambos foram compostos para homenagear Xenócrates de Agrigento, nos dois encontramos menções a Afrodite e ambos funcionam como um elogio a Trasi-

bulo, filho do homenageado. Os dois poemas têm um vocabulário muito parecido, embora tenham sido compostos em datas muito distantes, um em 490 e o outro em 470, segundo a datação proposta por Snell, na edição preparada por ele para a Teubner. Pretendo aqui apresentar traduções desses poemas e discutir se a semelhança que existe entre eles seria um indicador de que o estilo pindárico variava de acordo com o público e com o patrono que encomendava a canção.

Palavras-chave: Píndaro, Patronos, Recepção, Estilo

Michelle Bianca Santoas Dantas

Universidade Federal da Paraíba

Tragicidade no canto XI da *Odisseia*

O presente trabalho, Tragicidade no Canto XI da Odisséia, visa analisar os aspectos trágicos observados no referido canto dessa obra e, consequentemente, sua relevância na estrutura da referida épica homérica. Esses aspectos serão estudados, a partir dos encontros de Odisseu, no Hades, com a sua mãe, Anticléia, com Agamémnon, Aquiles e Ájax. Para tanto, utilizaremos, entre outras obras, A Poética, de Aristóteles, e suas considerações sobre o gênero épico e o trágico. Esta obra será fundamental para o desenvolvimento do nosso trabalho, por ser um legado dos mais importantes que temos sobre a definição dos gêneros e da estrutura da poiesis. Além do mais, nela também encontramos considerações sobre os elementos trágicos, como moira, ananke, daimon, hamartia, hybris, anagnorisis, e, principalmente, sobre a katarse. Tais elementos, como analisaremos, também podem ser reconhecidos na épica homérica. Assim, constataremos, em nossa pesquisa, a assertiva de Aristóteles, no século V d.C, acerca da possibilidade de um gênero possuir características de outros, o que hoje chamamos de intergenaricidade. Como vemos, esse fato não é privilegio das literaturas modernas, mas, ao contrário, pode ser contemplado desde o Período Arcaico da Literatura Grega, no século VIII a.C, a partir de Homero e, no caso específico do nosso estudo, no Canto XI da Odisséia. Neste, observamos a manifestação da tragicidade que, mais tarde, no século V a.C, será o fundamento mítico das tragédias gregas. Utilizaremos também, para fundamentar-nos compreensão do trágico, autores como Vernant, Pierre Grimal, Jacqueline de Romilly, Sandra Luna, Junito Brandão entre outros.

Palavras-chave: Literatura Clássica, Homero, Odisséia, Trágico.

María Cecilia Colombani

Universidad de Morón/Universidad Nacional de Mar del Plata

Hesíodo y la función política de las prohibiciones

El proyecto de la presente comunicación consiste en pensar las marcas que toma la preocupación ética en Hesíodo, a partir de relevar en Trabajos y Días las prohibiciones que, a modo de recomendaciones persuasivas, indica Hesíodo a su hermano y que hablan de una intensa preocupación por el ethos en tanto manera de vivir. Queremos, a su vez, problematizar en qué medida los primeros aportes hesiódicos moral, pueden constituir un antecedente de la constitución del sujeto ético, y leer así el inicio de un atajo cuyas proyecciones alcanzan, a nuestro entender, a la Atenas Clásica, donde el modo de vida y la cuestión de la constitución del varón prudente, orientada a la materialización de un cierto tipo de bios, está directamente relacionada con la noción de pautar nítidamente lo que se debe y lo que no se debe hacer. La propuesta se despliega en una dimensión claramente ético-antropológica, indagando las relaciones de continuidad y resonancia entre poesía sapiencial, especie de "filosofía popular" y filosofía. A su vez, proponemos remarcar la asociación entre palabra y persuasión, palabra y efecto didáctico, que parece desplegarse en la primera sabiduría poética; ese logos sapiencial busca generar una transformación en la actitud del sujeto; transformación que pasa por el efecto seductor, persuasivo, didáctico que los logoi producen, como factor de poder en quien las escucha, lo cual supone, a su vez, estar dispuesto a escuchar como primer paso para lograr una cierta transformación en el sujeto, un cambio de perfil antropológico, que redunde en un sujeto mejor; un hombre que encuentra en esas palabras persuasivas la palabra justa y sensata, que habrá de conducirlo por los atajos de la prudencia.

Palavras-chave: Hesíodo, prohibiciones, ética, subjetivación

Mesa de Comunicação Livre 40

Ariadne Borges Coelho

Universidade de Brasília

Augusto Rodrigues da Silva Junior

Universidade de Brasília

Diálogos agonísticos dos mortos e canto de Rãs: Eurípides e Ésquilo no Hades aristofânico

Esta pesquisa realiza uma análise comparativista das similitudes e diferenças entre a peça *As Rãs* (Aristófanes), o canto XI da *Odisséia* (Homero) e os *Diálogos dos Mortos* (de Luciano). Por encontrarmos um importante diálogo entre os mortos – Eurípides e Ésquilo – na peça do comediógrafo grego, analisaremos o intercurso ao mundo dos defuntos, culminando, também, na relação entre gêneros: épico, drama e diálogo. Para esta análise, além do elemento comparado, utilizaremos o entendimento do diálogo como gênero. Serão considerados os conceitos de Mikhail Bakhtin: baixo-corporal, carnavalização,

aterrissagem e riso ambivalente. Confrontando os padrões trágicos e realizando não apenas um processo paródico risível, mas literário e ambivalente, o comediógrafo alcança com *As Rãs* uma visão amadurecida e paródica da tragédia grega. Dioniso empreende uma odisséia ao Hades, a fim de trazer de volta Eurípides. Depois de ser juiz da disputa agonística e literária, escolhe Ésquilo para reestabelecer o teatro grego. Esta catábase certamente confere uma importância à comédia (em estudo) ao reverberar outros mitos de viagem aos ínferos. Tendo em vista a catábase dionisíaca como elemento transgressor e ambivalente, articulador do pensamento e da forma (divisões) da comédia grega antiga, analisaremos as cenas típicas e as imagens recorrentes. Há semelhanças nesses espaços híbridos que nos permitem analisar o Hades aristofânico e luciânico como espetáculos alegres e dialógicos – interligados pelo homérico sério e pelas características estilísticas do diálogo dos mortos.

*(Este trabalho é desenvolvido em coautoria pelo professor doutor Augusto Rodrigues da Silva Junior e sua orientanda de mestrado, bolsista da CAPES, Ariadne Borges Coelho, ambos da Universidade de Brasília– UnB. Há dois anos, o professor e a discente desenvolvem pesquisa, no grupo de pesquisa do TEL Literatura e Cultura.)

Palavras-chave: Dioniso, Catábase, Aristófanes, Diálogo, Bakhtin

João Jorge

Universidade Estadual Paulista

A Monodia de Crísalo na comédia *As Báquides* de Plauto, e algumas conjecturas sobre a origem e função dos cantica na comédia plautina.

Esta comunicação tem por objetivo analisar um trecho da peça 'As Báquides' de Plauto, em que o *seruus callidus* Crísalo, anuncia para os espectadores seu estratagema para enganar e surrupiar mais uma vez uma grande quantidade de ouro do *senex* Nicobulo, para favorecer o filho deste, Mnesíloco, que encontra-se perdido de amores por uma cortesã de nome Báquis (esta, por acaso, possui uma irmã gêmea de mesmo nome, e daí advem as confusões, desencontros, peripécias e galhofas típicas da comédia plautina). Ao fazer o anúncio, Crísalo entoa, em tom jocoso e grandiloquente, um lamento comparando sua investida contra o patrão à tomada da cidade de Tróia pelos gregos. Apesar de muitas edições mais recentes apresentarem as peças de Plauto como divididas em atos, os manuscritos antigos das peças sinalizam que as unidades de ação da peça podem ser divididas pela alternância entre *diuerbia* (trechos dialogados) e *cantica* (trechos cantados com acompanhamento musical da tíbia, instrumento de sopro semelhante à flauta). Este último é justamente o caso do trecho citado. A origem, a performance e a função dos cantica nas peças de Plauto tem sido alvo de extenso debate, haja vista o fato de que em nada se assemelham às tradicionalmente reconhecidas fontes das comédias latinas, como a comédia nova ateniense de autores como Dífilo, Filêmon e Menandro, das quais, ademais, restam-nos poucos fragmentos. Tenciona-se, pois, com a análise do dito excerto de "As Báquides" (que tem reconhecida como original a peça "*Dis Exapaton*", de Menandro) trazer alguma contribuição para o já citado debate, e contribuir para esta área de estudo, a do teatro na Roma Antiga, em especial para a comédia, área esta que tanto carece de mais estudos em língua portuguesa, sobretudo no Brasil.

Palavras-chave: Poesia Dramática, Comédia, Roma Antiga, Plauto, Cantica

Renata de Oliveira Lara

Universidade Federal do Ceará

O caráter subversivo da comédia de Aristófanes como denúncia da demagogia ateniense na peça *Os cavaleiros*

O texto da peça Os Cavaleiros escrito por Aristófanes é o tema desta exposição, realizando uma introdução do que se trata e porque há uma relação extremamente intrínseca ao mmomento que vivemos. Aristófanes é um comediógrafo da antiguidade, de origem aristocrata, mas que fala ao povo por meio da comédia visando no teatro a possibilidade de educação para a política, em propósito de desvelar a demagogia vigente. O contexto é o séc. IV a.C, após o momento áureo da democracia e simultâneo a decadência da pólis grega. A peça elaborada em caráter bem específico ao contexto, tem uma abordagem metafórica comparando personagens da peça com figuras que compõem o cenário político referido. O texto da peça foi criado para uma apresentação em festival e utiliza-se de elementos críticos. Aristófanes como comediante tem a característica do sarcasmo, sendo ele próprio muito contraditório, pois pensa como aristocrata, isto é, que para ser político tem que ser de formação nobre. Enfim qualquer semelhança com as nossas eleições não é mera coincidência!

Palavras-chave: comédia, Aristófanes, subversão, demagogia.

Mesa de Comunicação Livre 41

Solange Maria Soares de Almeida

Universidade Federal do Ceará

Aristófanes e a representação do poder da palavra

Embora Aristófanes seja o único representante da Comédia Grega Antiga, as publicações a seu respeito ainda não correspondem à importância do poeta. Se delimitarmos o tema à arte Retórica e, especificamente, ao seu uso pelo comediógrafo, fica ainda mais difícil encontrarmos estudos suficientes. É verdade que alguns estudiosos pesquisam a crítica feita por Aristófanes ao uso abusivo dessa arte, seja por parte dos filósofos, seja por parte dos políticos, mas não costumam ir além dessa

perspectiva. Além disso, a maioria desses estudos contempla, especificamente, a peça *As Nuvens*, a qual traz o personagem Sócrates como representante de uma nova educação. Surgidos em meados no século V a.C., em Atenas, os representantes dessa nova educação tinham como maior trunfo o ensino de Retórica e Filosofia e prometiam, de forma peculiar, capacitar os jovens ao uso da palavra nos discursos e debates políticos. Mas, o que diferenciava esses professores dos mestres já existentes na *pólis*? Certamente, a forma como tratavam a Filosofia, que passa a ser subordinada à Retórica. Esses educadores (hoje chamados sofistas) utilizavam a Filosofia somente para ensinar a ética e a política ou, como definiu Aristóteles, as suas ciências práticas. Para eles o que importava era a arte do bem falar, a Oratória ou a Retórica. Estudando as peças de Aristófanes e analisando alguns discursos apresentados, como o de Praxágora (*As Mulheres no Parlamento*) e o de Mica (*As Mulheres que celebram as Tesmofórias*), nos quais a arte Retórica está representada com maestria, foi possível percebermos que o poeta estava familiarizado com os mecanismos usados pelos oradores e constatarmos a necessidade de ser revisto o modo como, até hoje, as peças de Aristófanes têm sido estudadas: distanciadas da arte Retórica. Pois, assim como a tragédia, a comédia soube apoderar-se e fazer uso da oratória, caricaturando-a com habilidade e finura.

Palavras-chave: Aristófanes. Comédia. Representação. Persuasão. Retórica.

Gustavo Junqueira Duarte Oliveira

Universidade de São Paulo

Usos dos poemas homéricos como fontes históricas

A datação dos poemas homéricos é um assunto polêmico e repleto de dificuldades. Mesmo diante de tal cenário, a utilização dos poemas homéricos como fonte histórica tem ocorrido, em geral sem maiores considerações acerca da dificuldade de resolver problemas centrais para qualquer estudo histórico: delimitar com segurança um objeto em um contexto temporal e espacial específico (a despeito de sua abrangência). A comunicação proposta tem uma série de objetivos: apontar as maiores dificuldades de datação dos poemas homéricos; sugerir possibilidades de utilizá-los como fonte histórica que prescindam dos pressupostos usualmente adotados, de simplesmente escolher arbitrariamente um contexto histórico possível de datação (geralmente o século VIII a. C.) em detrimento de outros sugeridos; sugerir como alternativa a datação da tradição da qual os poemas fazem parte, encarando-os como testemunhos desta tradição de longa duração; propor utilizar, portanto, os poemas como fontes históricas que transportam ideais poéticos épicos compartilhados por comunidades diferentes, separadas pelo tempo e pelo espaço, no período de abrangência em que é possível atestar esta tradição, entre meados do século VIII a. C., possivelmente além, até o fim do século VI a. C..

Palavras-chave: Sociedade Homérica, Épica Grega, Tradição Oral

Alcione Lucena de Albertim

Universidade Federal da Paraíba

O valor heroico de Ájax

O Livro XIII das Metamorfoses, de Ovídio, versos 1-398, trata da disputa das armas de Aquiles entre Ájax e Ulisses, após a morte do herói, tema propulsor da Tragédia Ájax, de Sófocles. Na referida disputa, ambos os herois discursam acerca dos motivos pelos quais as armas lhes deveriam ser conferidas. Primeiramente ocorre a arguição de Ájax, que elenca desde a sua filiação divina, sendo ele neto de Éaco e bisneto de Júpiter, passando pelo parentesco com Aquiles, o que lhe daria direito às armas, remetendo, finalmente, aos seus grandiosos feitos guerreiros durante o cerco a Troia. Em seguida, vemos a fala de Ulisses, que desconstrói todos os argumentos de Ájax através de um discurso irrefutável, obtendo a vitória ao ser escolhido pelos argivos como merecedor das armas.

Propomos, neste trabalho, fazer uma análise comparativa entre o discurso de Ájax no poema de Ovídio, versos 1-122, e a fala do mesmo personagem na peça de Sófocles, presente nos versos 430-480, quando, já desperto da loucura enviada pela deusa Atena, lamenta o seu estado de desgraça.

Palavras-chave: Ájax, Ovídio, Sófocles

Mesa de Comunicação Livre 42

Antonio Júlio Garcia Freire

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Simulacro e naturalismo em Deleuze e Lucrécio

Um dos primeiros trabalhos de Deleuze é um artigo sobre Lucrécio, publicado como *Lucrèce et le naturalisme* em 1961. O ensaio foi republicado, com modificações e mais elaborado, como *Lucrèce et le simulacre* em um dos apêndices da *Lógica do Sentido* (1969) sobre o tema do simulacro na filosofia antiga. Outro apêndice é uma versão revisada da leitura do Sofista de Platão, que primeiro apareceu em 1967 como *Renverser le platonisme*, título modificado para *Platon et le simulacre*. Segundo Deleuze, Platão está comprometido em reprimir completamente o antigo simulacro: este passa a ser visto como um fenômeno essencialmente subversivo, capaz de enfraquecer - a partir de dentro - o projeto filosófico iniciado pelo platonismo. Para Deleuze, Epicuro, seguido por Lucrécio, é o primeiro a identificar o naturalismo como objeto da filosofia, tanto em

termos especulativos como pragmáticos, na medida em que ele cria um sistema filosófico que engloba um cosmo e uma ética como prática afirmativa. Essa tradição que Deleuze primeiro localiza em Lucrécio, tem recentemente sido considerada como uma trilha promissora para o desenvolvimento da crítica da ecologia filosófica. No entanto, da perspectiva de um Lucrécio deleuziano, a recepção do poema no século XX não está destinada a servir apenas como sinal de advertência acerca do entrincheiramento de "duas culturas": as artes e as humanidades, por um lado, e as ciências, por outro. Em vez disso, o *De Rerum Natura* veio a ser uma importante fonte para a reflexão onde a física e a ética se cruzam. O objetivo desta comunicação é oferecer uma releitura do ensaio de Deleuze sobre Lucrécio, tal qual aparece na *Lógica do Sentido*, retomando o fio que une o naturalismo desses pensadores (Deleuze – Epicuro - Lucrécio), com o foco na função do simulacro lucreciano e as interpretações levantadas por Deleuze.

Palavras-chave: Lucrécio, Deleuze, simulacro, naturalismo

Jonatas Rafael Alvares

Universidade de Brasília

O Papiro de Derveni: reconstruindo as primeiras colunas

Esta comunicação tem por objetivo apresentar o Papiro de Derveni, importante fonte sobre o Orfismo, apresentando uma proposta de tradução para as edições recentes das colunas iniciais, demonstrando, através deste exemplo, o trabalho editorial envolvido para a compreensão de uma fonte antiga.

Palavras-chave: Papiro de Derveni, tradução, Orfismo

Mesa de Comunicação Livre 43

Alice Maria de Souza

Universidade Federal de Goiás

Apiano de Alexandria e seu relato sobre Lúcio Cornélio Sila: breve estudo

Neste momento, pretendemos analisar o relato de Apiano de Alexandria - escritor contemporâneo do Imperador Marco Aurélio - sobre a atuação de Lúcio Cornélio Sila nas Guerras Civis e sobre sua Ditadura (século I a.C.). O posicionamento deste autor em relação ao Ditador Sila é intrigante e leva-nos a questionar como seu contexto pode ter influenciado sua escrita.

Palavras-chave: Apiano de Alexandria, Lúcio Cornélio Sila, História Romana

Luís Carlos Lima Carpinetti

Universidade Federal de Juiz de Fora

A *Apologia* de Apuleio em seus aspectos religiosos e filosóficos

Ao examinar o texto da Apologia de Apuleio, nos deparamos diretamente com o mundo de sua formação que teve lugar na Grécia, no segundo século de nossa era. Nosso trabalho é levantar no texto esse percurso mágico-religioso em que esteve embebida a sua formação filosófica, bem como trabalhar a novidade desta peça de retórica que tanto tem a ensinar a todos os homens de todos os tempos, pela capacidade que tem de deslindar sua condição de mago de seus atos como cidadão e jogar por terra a presunção de culpabilidade muito comumente impingida à magia ou a seus praticantes. Como se os atos de um mago fossem todos eles advindos da condição de mago, ou que um mago não fosse um cidadão entre outros em uma comunidade, que, por força de sua condição, ele agiria sempre pela magia e, portanto, sempre de modo diferenciado de seus concidadãos. Por isso, é bem cabível uma reflexão sobre sua formação religiosa e filosófica para situarmos o sujeito que tão bem se defendeu em tão delicados meandros como o amor por uma viúva rica sendo alvo da acusação de ter sido conquistado por práticas mágicas, dentre outras acusações.

Palavras-chave: Apologia de Apuleio, Magia, Filosofia, Retórica Judiciária

Mateus Henriques Buffone

Universidade Federal do Paraná

Ritualização do Casamento nas comédias *Aulularia* e *Casina* de Plauto

Esta comunicação se propõe a analisar de que forma o comediógrafo Plauto nos apresenta os rituais que envolvem o casamento romano em duas peças: Aulularia e Casina. Pretendemos analisar quais funções e obrigações o autor confere a homens e mulheres na preparação e execução da cerimônia do casamento e, o que pode-se inferir no discurso plautino, sobre participação de homens e mulheres nessa etapa importante da vida romana durante os século III e II a.C.

Palavras-chave: Roma, Comédia, Plauto, Aulularia, Casina

Mesa de Comunicação Livre 44

Maria Elizabeth Bueno de Godoy

Universidade de São Paulo

Pilos: *Peripéteia* Ateniense na narrativa tucidideana? Considerações acerca da teoria trágica da natureza humana

Constituir-se-ia o episódio da ocupação de Pilos, narrado no Livro IV da *História da Guerra do Peloopneso* de Tucídides, em uma *peripéteia* ateniense? Tudo parece sugerir que o relato evidencia o erro político de Atenas. Neste tanto a severidade no trato da personagem de Cléon, quanto o julgamento parcial do historiador denotam uma tendência crítica do período, aproximado ao Cléon de Aristófanes (*Os Cavaleiros*), um demagogo sem pudor, imperialista sem freios. Embasado na tese da leitura trágica da obra tucidideana defendida por F.M. Cornford, este estudo propõe a reflexão sobre as categorias míticas presentes no episódio, as quais remetem a um estilo narrativo próprio do período: o da tragédia Ática. Interpretado por Cornford como fruto de uma teoria trágica da natureza humana - esta apropriada de Ésquilo - o encadeamento de *týche*, *áte*,*apáthe*,*elpís* e *hýbris* figuraria o início da ruína política de Atenas onde Tucídides, propondo-se a descrever objetivamente os eventos da guerra, acaba por se aproximar do drama. Se em Homero, quando o homem age acaba dragado pela força de *áte*, em Ésquilo a decisão humana é um ato pessoal, manifesto na escolha do próprio homem. Os leitores da *História*, assim como espectadores do drama, testemunhas desta escolha, assistem à sua queda. A impossibilidade de se escapar a *áte* não torna o homem um agente passivo, mas sim moral, responsável por suas palavras e ações. 'Pois os homens são encorajados por conselhos vis; miserável enfastio, princípio inexorável de sua própria ruína.' Marca da peripécia trágica, Pilos estabelece o ponto de partida para o desencadeamento de outra série de episódios onde a situação de Atenas se deteriora na mutação de seus sucessos no contrário, suscitando então, o temor e a piedade (IV.2-41).

Palavras-chave: Tucídides, F.M.Cornford, tragédia, peripéteia, historiografia antiga

Jasmim Sedie Drigo

Universidade de São Paulo

De Caronte a Caros

Caronte era o barqueiro do mundo dos mortos na Grécia Antiga, sua função era atravessar os mortos em sua barca para o Hades. Na Grécia Antiga, Caronte exercia um papel secundário na mitologia, era apenas mencionado em alguns poemas (como em *As rãs*, Aristófanes; *Alceste*, Eurípides) e figurava, sobretudo, em um certo tipo de iconografia (lécitos áticos de fundo branco, séc. VI-IV a. C.). Ao longo dos séculos, o personagem se modifica, a descrição física e sua função se trasformam: em tempos modernos, Caronte se torna Caros, a morte à cavalo. A comparação entre o personagem antigo e o mais recente auxilia na compreensão desses mitos, pois já na Grécia Antiga é possível encontrar alguns indícios das características de Caros em Caronte.

Palavras-chave: Caronte, Caros, Grécia Antiga, análise comparada

Antonio Gomes da Silva

Universidade Federal de Campina Grande

Aquiles e a Deusa: A aparição do divino na *Ilíada*

O objetivo desta Comunicação Oral é elaborar, apreender e compreender o sentido do encontro entre Aquiles e Palas Atena no Canto I da Ilíada, de Homero. Qual a natureza desse encontro? Como caminho para uma resposta a essa pergunta, propomos uma leitura e reconstituição imagética dos versos 194-222 desse Canto, sob variados pontos de vista, de modo que, ao cabo dessa tarefa, reste um sentido invariável. Do caminho percorrido resulta a apreensão do sentido e da natureza do encontro: o que permanece após as várias leituras e reconstituições elaboradas é a imagem da contenção – do refreamento – da ira de Aquiles. Isto – exatamente isto e apenas isto – todos veem e todos podem atestar. Tematiza-se e põe-se em relevo, com isso, alguns dos versos e algumas das imagens mais sublimes da Ilíada e melhor definidores dos caracteres do Pelida.

Palavras-chave: Estudos Clássicos, Homero, Ilíada, Aquiles, Palas Atena.

Mesa de Comunicação Livre 45

Vagner Carvalheiro Porto

Universidade de Santo Amaro

Adaptação das sociedades ibéricas aos modelos romanos: um olhar da moeda

O presente trabalho pretende a partir do mapeamento da emissão, circulação e iconografia das moedas emitidas na Península Ibérica, entre os séculos I ao III d.C, identificar possíveis modelos de ações de Roma para com as províncias e das elites das províncias para com Roma. Promovendo, a partir das moedas, uma discussão sobre Identidade/alteridade, urbanização, discurso ideológico e monumentalização nas cidades romanas do Ocidente, tomando a Península Ibérica como objeto de estudo.

Palavras-chave: urbanização, status jurídicos das cidades, romanização, moedas

Natália Ferreira de Campos

Universidade Estadual de Campinas

Os romances históricos e os discursos sobre a Antiguidade Romana

Nos últimos vinte anos houve o ressurgimento do interesse público pelos romances históricos. Com isso, o mercado editorial relativo a esse gênero cresceu e ainda cresce rapidamente. Ao mesmo tempo, a Antiguidade também passou por uma nova onda de popularidade o que provocou um aumento no número de títulos disponíveis sobre o período.

Devido a grande abrangência de público alcançado por esse tipo de literatura, os romances históricos tornam-se fonte fundamental para pensar a relação da sociedade contemporânea com o passado romano.

Partindo da história genealógica e da idéia de usos do passado esse artigo pretende analisar como essas representações da Antiguidade romana criam, legitimam ou contestam certos tipos de comportamento, valores e tradições.

Palavras-chave: usos do passado, antiguidade clássica, romance histórico

Paulo Fernando Tadeu Ferreira

Universidade Federal de São Paulo

Sobre Gélio, *Noctes Atticae* **VII 2**

Duas fontes são mencionadas em Gélio, *Noctes Atticae* VII 2: o livro IV do *Peri Pronoias* de Crisipo (que é também a fonte mencionada em Gélio, *Noctes Atticae* VII 1) e o *De Fato* de Cícero. No capítulo, Gélio enuncia uma definição de destino oriunda do livro IV do *Peri Pronoias* de Crisipo para, a seguir, apresentar tanto um argumento contra a tese de que tudo ocorre por destino quanto a resposta de Crisipo ao argumento. Ao final, Gélio refere o *De Fato* de Cícero para a tese de que Crisipo se embaraça (*intricatur*) ao tentar mostrar serem compatíveis tudo ocorrer por destino e algo estar em nosso poder. A menção a Cícero é abrupta: não se tem, em Gélio, qualquer explicação por que a solução proposta por Crisipo não tem sucesso. Também o símile do cilindro se introduz abruptamente ao longo da exposição da solução proposta por Crisipo, sem conexão direta com o que precede (ao contrário do que sucede no *De Fato* de Cícero, onde o mesmo símile ilustra adequadamente as teses ali atribuídas a Crisipo). Sabemos, no entanto, por Diogeniano (*apud* Eusébio, *Praeparatio Evangelica* VI 8) que, no livro II de seu *Peri Heimarmenês*, Crisipo procurava responder a objeções à tese de que tudo ocorre por destino – precisamente aquilo que se tem em Gélio, *Noctes Atticae* VII 2 após o enunciado da definição de destino. O presente trabalho pretende avaliar o testemunho de Gélio, *Noctes Atticae* VII 2 à luz do que se pode reconstruir do livro II do *Peri Heimarmenês* de Crisipo, apreciando ademais a contribuição do *De Fato* de Cícero ao capítulo.

Palavras-chave: Gélio, Cícero, Crisipo, compatibilismo, fontes.

Mesa de Comunicação Livre 46

Louise Walmsley Nery

Universidade de São Paulo

A *eleuthería* que funda e corrompe a constituição democrática no livro VIII da *República*

No livro VIII da *República* encontramos a descrição das diversas formas de constituição que uma cidade pode assumir. Sabemos que a forma como o conteúdo político é apresentado na *República* é extremamente problemática, pois a personagem Sócrates questiona e entra em diversas aporias na mesma medida em que apresenta as suas principais teses. Na passagem 557 b, Sócrates afirma que o princípio constitutivo da democracia é a liberdade (*eleuthería*), que garante a cada indivíduo a escolha da maneira segundo a qual deseja viver na cidade. Acontece que o processo degenerativo desta constituição se dá, justamente, por causa do seu princípio constituinte, que é a liberdade. Diante desta dupla função do conceito de *eleuthería* dentro do livro VIII desta obra, visaremos entender neste trabalho, respeitando a estrutura dialógica da *República,* como está fundamentada a crítica que este filósofo elabora no que tange o regime democrático e porque a significação do conceito de *eleuthería* leva esta constituição a um inexorável processo de corrupção.

Palavras-chave: democracia, eleuthería, República, Platão

Luis Fernando Telles D'Ajello

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

*Patrios Politeia***. Atenas escolhe o passado que definirá seu futuro**

No fim do século V a.C. em Atenas, duas vezes em menos de 10 anos, oligarcas tomaram o poder. Parte destes oligarcas não desejava um controle tão acirrado. Os chamados Theramistas, seguidores de Theramenes. Neste cenário os opositores aos oligarcas eram os chamados *demotikoi*, que costumeiramente é traduzido como democratas. Configurados os três lados deste embate político, cabe-nos compreender suas intenções de futuro e suas bases argumentativas.

Nas discussões durante o fim da Guerra do Peloponeso sobre como se reorganizariam as leis em Atenas estas três con-

figurações políticas advogavam pelo retorno à *patrios politeia*. Mas ao lermos as fontes do período parece que nem todos concordavam com o que esta constituição ancestral era. Este retorno à *patrios politeia* implica em uma renovação nos procedimentos políticos em Atenas a partir do século IV. O futuro político de Atenas é forjado no momento em que uma destas tendências políticas prevalece. Consequentemente uma ideia de constituição ancestral prevalece e uma base política para o futuro se escolhe.

Além de nosso intuito de compreender o que cada um destes grupos compreendia como *patrios politeia* parece ser necessário se analisar a constituição destas ideias. A análise das fontes e dos hábitos epigráficos sugere que os *demotikoi* não tinham muita certeza de suas posições, ou ao menos não tinham certa unidade de concepções sobre suas propostas. Sua maior certeza era sua oposição aos oligarcas. Acreditamos que as posições dos democratas tornaram-se paulatinamente mais firmes e consistentes à medida que os caminhos mais opostos ao lado radical dos oligarcas ficavam mais claros.

Inadvertidamente os oligarcas mais radicais pavimentaram as argumentações, ou contra argumentações que passaram a constituir as propostas democráticas que prevaleceram no século seguinte. Ao debaterem sobre que passado desejavam seguir, os Atenienses escolheram que futuro pretendiam construir.

Palavras-chave: Democracia, Patrios Politeia, Atenas

Camila do Espírito Santo Prado de Oliveira

Universidade Federal do Ceará

A Herança Hesiódica no livro I da *República* de Platão

A relação entre herança, justiça e trabalho próprio é o mote do poema *Os Trabalhos e os Dias* de Hesíodo. O poeta escreve a seu irmão Perses com quem está em litígio por causa do lote herdado do pai. Invoca as Musas, pois, para cantarem a justiça de Zeus e admoestarem Perses de que a ambição desmedida só causa malefícios. A atitude do irmão, Hesíodo contrapõe o trabalho, o cuidado com o que lhe é próprio. Este trabalho pretende investigar se e quais ecos deste canto podemos ouvir no diálogo entre Céfalo e Sócrates no livro I da *República*.

Palavras-chave: Herança, Os Trabalhos e os Dias, Livro I da República

Mesa de Comunicação Livre 47

Milton Marques Júnior

Universidade Federal da Paraíba

David leitor de Ovídio

O pintor oficial de Napoleão e, por conseguinte, da corte de França, Jaques-Louis David (1748-1825), dentre as memoráveis obras que pintou, legou-nos A intervenção das Sabinas, exposta no Louvre, em Paris. Autor de obras de tema clássico, a exemplo de O juramento dos Horácios, Os litores portando os corpos dos filhos de Brutus e A morte de Sócrates, Jacques-Louis David ficou no limiar do Romantismo, morrendo na data da inauguração desse movimento por Lamartine. O quadro A intervenção das Sabinas retrata um momento particular no início da fundação de Roma, quando, cansadas da guerra entre Sabinos e Romanos, cujos maridos e sogros se matavam, as mulheres Sabinas resolveram intervir, proporcionando a paz entre as duas gentes. Esta comunicação tem como objetivo apontar as semelhanças entre essa obra de David e o texto do poeta latino Ovídio (43 a. C. - 17 a. D.), alusivo ao fato, que se encontra nos Fastos (Livro III, versos 215-228), de modo a rastrear no pintor um possível e provável leitor do poeta.

Palavras-chave: Ovídio, Sabinas, Fundação de Roma, Jacques-Louis David

Tereza Virgínia Ribeiro Barbosa

Universidade Federal de Minas Gerais

Dramaturgia e construção de memória: fragmentos e crimes.

Enquanto temos número escasso de peças completas de teatro antigo, o número de fragmentos desse *corpus* é quase incontável. Tais fragmentos persistem, em seu uso gnômico, como *sententiae,* e são repetidos frequentemente com valor de formação ética e moral. Nossa proposta é resgatar esse legado para analisar esses comportamentos tematizados por alguns deles e mostrar também que algumas destas práticas perversas se repetem sendo uma realidade ainda hoje. Trabalhamos de modo a fazer memória e expurgar o mal pela tradução literal de tais versos, pela construção de uma nova dramaturgia e pela prática da encenação. Acreditamos que por tais procedimentos elaboramos novos meios catárticos para o tratamento da memória cultural.

Palavras-chave: tradução fragmentos crimes dramaturgia

Mesa de Comunicação Livre 48

Luis Augusto Schmidt Totti

Universidade Estadual Paulista

Entre tradição e inovação: o *Opus agriculturae*, de Paladio.

O *Opus agriculturae*, de autoria de Paládio *(Palladius Rutilius Taurus Aemilianus)*, foi o último dos tratados agronômicos escritos na antiguidade romana. Redigido no século V d.C., esse tratado é, nos aspectos gerais de seu conteúdo, uma compilação de obras de escritores agronômicos anteriores, com destaque ao *De agricultura*, de autoria de Columela (séc. I d.C.). Embora não apresente inovações significativas no que diz respeito ao conteúdo, o *Opus agriculturae* possui ao menos dois diferenciais quando comparado aos tratados que o antecederam. Primeiramente, são escassas as informações de ordem histórica, biográfica ou que forneçam pistas acerca do sistema de exploração preconizado pelo autor. Em segundo lugar - e o mais importante -, cumpre destacar a organização estrutural do *Opus agriculturae*, o que sem sombra de dúvidas constitui o grande mérito de Paládio. De modo diverso de seus antecessores, que compuseram seus tratados como um série de monografias, cada uma delas contendo um assunto específico, Paládio adotou um esquema cronológico para a apresentação de seus temas: a um livro introdutório seguem-se outros doze, cada qual dedicado a um mês do ano; essa disposição confere ao *Opus agriculturae* o formato de um autêntico calendário agrícola. A partir desses dois elementos somados, é possível identificar o propósito por excelência com que o autor teria composto sua obra, superior em popularidade aos trabalhos de Catão, Varrão e Columela por praticamente todo o período do medievo.

Palavras-chave: agricultura, tratado, prosa, Roma antiga, Paládio

Luciana Mourão Maio

Universidade Federal Fluminense

A relação entre glória e memória no *Pro Archia* de Cícero

Ao defender o direito de cidadania para o seu mestre *Arquias*, *Cicero* evoca a importância do ofício dos poetas e da obra literária, não só enquanto instrumentos de transmissão de cultura, mas também enquanto meios de preservação das glórias do passado e de manutenção da memória de um povo. A presente comunicação propõe-se analisar, em trechos selecionados da *confirmatio* e da *peroratio* do *Pro Archia* de Cícero, o processo de defesa do mestre *Arquias* por meio da exaltação da relevância do seu ofício e da própria glória alcançada pelo poeta. Para tanto, serão aplicados ao texto em questão os preceitos da Linguística Textual, mais especificamente, da Teoria da Referenciação, abordada nas obras de Ingedore Koch e Claudia Roncarati.

Palavras-chave: Pro Archia, retórica, memória, glória, referenciação

Mariana Pini-Fernandes

Universidade Estadual de Campinas

Dois projetos de latinidade: a *Latinitas* de César e de Cícero

A obra *De analogia* de Júlio César teve importante contribuição para o debate sobre o papel da linguagem numa sociedade que estava passando por grandes transformações com o final da República romana. Em sentido mais estrito, podemos pensar que essa obra faz referência às conquistas de territórios celtas e germânicos por César, fato que justificaria a importância prática da língua latina e sua legitimação. No entanto, em sentido mais amplo, a obra parece ter sido uma maneira apropriada para caracterizar disputas entre especialistas em Roma, sobretudo em relação ao modelo de eloquência de Cícero acerca da criação de um projeto de maior importância política e cultural. Esse tratado de César, organizado em dois volumes dedicados ao Arpinate, era, em verdade, uma reposta ao ponto de vista purista de Cícero em relação à *Latinitas* apresentado em seu *De oratore*. Nessa obra, o falar bem latim é explanado como uma questão de educação elementar e de hábito alcançado através de prática (*consuetudo*). Para Cícero, a *Latinitas* não era adquirida através da *ratio*, isto é, de um método racional, mas era uma aptidão adquirida naturalmente e, assim, não era assunto digno de investigação em si mesmo. Júlio César, por sua vez, tinha por objetivo democratizar a *Latinitas*, a defesa do general, em favor de uma forma restrita de oratória, regida por princípios racionais, teve efeito de padronização das expressões oratórias. Trata-se de um fenômeno de nivelamento social acessível a todos, mas que, por outro lado, não poderia ser usado contra César. A *Latinitas* está ligada à ideia de identidade propriamente romana; contudo, o debate sobre a fala adequada envolve inevitavelmente pontos de vista diferentes. A nosso ver, Cícero e César parecem valer-se da ocasião do debate como oportunidade de construírem um *ethos* de si que podemos entender na oposição de um ao outro.

Palavras-chave: Retórica, César, Cícero, Latinitas

Mesa de Comunicação Livre 49

Joana Maria Vieira Robalo Ferreira de Almeida Guimarães

Universidade de Coimbra

Suicídio mítico: uma luz sobre a Antiguidade Clássica

Partindo do estudo de Van Hoof (1990):"From Autothanasia to Suicide. Self Killing in Classical Antiquity". London, Routledge, definimos onze motivos para o suicídio: devotio, taedium vitae, dolor, desperata salus, pudor, conscientia, furor, impatientia doloris, necessitas, exsecratio e iactatio. Considerámos também as metamorfoses como sendo suicídio: o ser que existia dá lugar a outro. Definimos modos para o suicídio: inédia, imolação, envenenamento, forca, precipitação, afogamento e arma. Referenciámos o local onde ele acontece e fizemos o tratamento estatístico de toda a informação, fazendo emergir padrões complexos e ricos de informação histórica.

Com efeito, após identificarmos todos os mitos greco-romanos unidos pelo cunho do suicídio, vimos que este se apresenta sob múltiplas roupagens, peças únicas de um corpus fascinante e é ferramenta de interrogação e compreensão sobre a Antiguidade Clássica e nós mesmos também. A construção mítica, resultado de um enorme espectro temporal, limitado a jusante pela época micénica e a montante pelo Império Romano, delineia contextos geográficos, movimentos migratórios, a colonização grega da Ásia Menor, temáticas literárias, arquétipos de personalidade e indicações sobre mentalidades.

Palavras-chave: suicídio, mitologia

Claudio Aquati

Universidade Estadual Paulista

Romance antigo romano e intertextualidade

A literatura romana em geral, sabe-se, investiu intensamente na intertextualidade para a criação literária, com procedimentos textuais bastante frequentes como alusão, pastiche, imitação, paródia, paráfrase etc. Essa mesma prática figura na produção do romance romano, em particular, de maneira que se pode elencar uma série de obras que, do ponto de vista da intertextualidade, funcionariam como hipotextos do *Satíricon*, de Petrônio, e de *O Asno de Ouro*, de Apuleio, dentre as quais, de partida, podem-se citar a *Odisseia*, o iambo grego, a *Eneida*, a *Farsália*, o romance grego, fábulas e histórias populares ou folclóricas, as *fabullae milesiae*, entre muitas outras. E, por um lado, se no estudo da formação do romance romano esses hipotextos têm máxima importância, por outro, sobretudo para a tradição literária instaurada com o gênero romanesco a partir da Antiguidade (como já se disse, produção pós antiga) vem se produzindo, nos mais diferentes contextos artísticos e de diversas naturezas, hipertextos que também devem ter destaque, não somente na pesquisa, mas também no ensino de conteúdos de disciplinas escolares ligadas à literatura antiga na formação de obras atraentes para o grande público. Dessa forma, examinarei textos (nem sempre necessariamente escritos), como o *Decamerão* (Boccaccio), *O grande Gatsby* (Fitzgerald), *Fellini-Satyricon* (Fellini), *A metamorfose de Lucius* (Manara) e *Péplum* (Blutch). Além desses, relembrarei também uma série de hipotextos produzidos em língua portuguesa, dentre os quais citam-se *Os doze trabalhos de Hércules* (Monteiro Lobato), *O burrico Lúcio* (Léo Vaz), *Quatrocentos mil sestércios* (Mário de Carvalho), *Lúcio vira bicho* (Ricardo Azevedo) e *A ceia dominicana* (Reinaldo Santos Neves).

Palavras-chave: Romance antigo romano, Satíricon, O Asno de Ouro, Petronius, Apuleius

Ana Claudia Romano Ribeiro

Universidade Estadual de Campinas

De optimo reipublicae statu deque noua insula Utopia... **(1516), de Tomás Morus, e** *De finibus bonorum et malorum* **(45 a. C.), de Marco Túlio Cícero: notas sobre algumas relações intertextuais**

Em 1516, Tomás Morus escreveu a Erasmo, encarregando-o de cuidar da publicação de seu *De optimo reipublicae statu deque noua insula Utopia libellus uere aureus, nec minus salutares quam festiuus, clarissimi disertissimique uiri Thomae Mori inclytae ciuitatis Londinensis ciuis & Vicecomitis*. Em seu estudo sobre as "fontes, paralelos e influências" do libelo moreano, Edward Surtz percebe que "the most evident influences are classical", influências estas filtradas pela visão de mundo cristã, pela interpretação dos humanistas italianos, pela tradição política inglesa, pelas diversas incidências do contato entre Velho e Novo Mundo na história do pensamento ocidental, pelo próprio trabalho literário do Morus escritor (cf. 1965, p. cliii-cliv; clvi) – e, poderíamos acrescentar, do Morus tradutor, que se mostrava consciente dos efeitos de escolhas em uma versão (Botley, 2007). Várias edições críticas apontam para a presença, na *Utopia*, de diversos temas abordados em várias obras de Cícero. Nesta comunicação, servindo-nos das ferramentas de análise intertextual propostas, notadamente, por Conte e Barchiesi, examinaremos algumas das relações que aproximam o libelo moreano do *De finibus bonorum et malorum* (45 a.C.). Em 1965, Surtz, na introdução de sua edição da *Utopia* (*The Yale edition of the Complete Works of St. Thomas More*) notava que Platão e Plutarco são, na composição da *Utopia*, tão essenciais quanto Cícero e Sêneca, e que estes filósofos são "the source for the tenets (princípios) and arguments of the two schools discussed by the Utopians, the Epicurean and the Stoic. Cicero *De finibus* is of special interest here, but detailed studies of Ciceronian and Senecan influences have still to be made." (p. cliv e clxi, grifos meus). De 1965 até o presente momento, não encontramos um estudo específico sobre este problema na

bibliografia específica sobre a *Utopia* e a literatura latina.

Palavras-chave: Utopia, De finibus, intertextualidade.

Mesa de Comunicação Livre 50

Maria Valderez de Colletes Negreiros

Universidade Estadual Paulista "Julio de Mesquita Filho"

Fragmentos Antigos: Prazer e Encanto no Século XVIII

O prazer da leitura dos fragmentos antigos encanta os leitores que desfrutam de um presente contínuo quando estudam as fontes antigas. Os interpretes do Século das Luzes, dentre eles, Montesquieu referem-se aos autores antigos visando à multiplicidade de temas que eles sugerem, e transformam a 'tradução' dessas obras num prazer estético e literário. Ler os antigos, é trazer os fragmentos sempre numa contemporaneidade para examiná-los como uma fonte variável e diversas, que são os aspectos relevantes para nosso entendimento e interpretação das idéias e dos conceitos filosóficos dos Pensadores da época da Ilustração. Nosso objetivo é destacar os breves percursos das análises, das anotações e das leituras que Montesquieu fez dos autores antigos. A leitura analítica da obra 'Mes Pensées' de Montesquieu será para mostrar como ele procurou em muitos dos 'Pensamentos' polemizar com a sua contemporaneidade a partir das leituras que realizou de uma variedade de fragmentos. Repensar as diferentes abordagens que norteiam as dicussões atuais será evocar para a posteridade o estudo que a leitura dos fragmentos sugerem quase de forma permanente do pensamento antigo.

Palavras-chave: fragmentos, encanto, contemporaneidade, Século XVIII, prazer literário

Mario Sergio Cunha Alencastro

Centro Universitário Internacional

Considerações acerca da prudência nas sociedades de risco

A aliança entre capitalismo e desenvolvimento tecnológico gerou uma espécie de "Sociedade de Risco" (BECK, 2011), na qual a produção social das riquezas é sempre acompanhada pela produção social dos riscos, o que se traduz em instabilidade financeira, catástrofes ambientais e terrorismo. Sabe-se que o consumo voraz de recursos e a emissão descontrolada de poluentes já comprometem os fundamentos naturais da vida. Como pensar o amanhã diante de tal situação? Recorre-se aqui ao conceito clássico de prudência (*phronésis*), sabedoria na deliberação, decisão e ação. A prudência seria a arte da decisão correta, com base na realidade e no conhecimento, "uma reta razão aplicada ao agir" (AQUINO, 2005). Ela considera a existência do acaso, da incerteza, do risco, do desconhecido, possibilitando certa previsibilidade para com o futuro. Atualmente, em situações nas quais cientistas, engenheiros e tecnocratas são incapazes de determinar com precisão e certeza o efeito global e de longo prazo de uma possível tecnologia, a prudência deveria orientar sobre o que é necessário escolher e evitar. Hans Jonas (2006) em sua "heurística do temor" propõe que em situações de incerteza, deve-se dar precedência ao pior prognóstico no que diz respeito às conseqüências da ação. O conhecimento preditivo – a consciência no agir – deve superar e se opor às posturas imediatistas e fragmentadas e a prudência seria um princípio geral *a priori* sob o qual se construiriam as responsabilidades individuais e coletivas, de forma que os efeitos das ações humanas considerem as gerações futuras e tenham por meta a permanência da vida sobre a Terra.

Palavras-chave: Prudência, Sociedade de Risco, Responsabilidade, Heurística do Temor

Edvanda Bonavina da Rosa

Universidade Estadual Paulista

Lógos **e espetáculo em** *Héracles Furioso***.**

No capítulo VI da *Poética* Aristóteles considera que há seis partes constitutivas da tragédia, *mýthos*; caráter, pensamento, expressão, léxis e espetáculo (ὄψις). Enfatiza a importância da ordenação dos fatos, o *mýthos.* Afirma que 'o mýthos é o princípio e como que a alma da tragédia (1450a 38). Para ele, como a tragédia trata de personagens em ação, necessariamente um de seus elementos é o espetáculo. O espetáculo anteriormente já fora mencionado, no capítulo III da *Poética,* como elemento diferenciador da tragédia, pois é seu modo de representação em cena, constituindo-a como drama. Afirma ainda que 'O espetáculo cênico exerce sedução (ψυχαγωγικόν), mas também é o menos artístico e menos próprio da poesia. Na verdade, mesmo sem representação e sem atores, pode a tragédia manifestar seus efeitos; além disso, a realização de um bom espetáculo mais depende do cenógrafo que do poeta.' (1450 b). Dessa forma, parece menosprezar a relevância do espetáculo. No entanto, no capítulo XXVI, considera que a tragédia supera a épica porque contém todos os elementos da epopeia e, além desses, possui ainda a melopeia e o espetáculo cênico, que acrescem a intensidade dos prazeres que lhe são próprios (1462a 14), retomando, assim, a valorização do espetáculo cênico na tragédia. Com base nas reflexões de Daisi Malhadas, B. R. Rees, e em E. B. Rosa analisaremos elementos do espetáculo em *Héracles furioso,* referentes à espacialidade. Para isso, enfocaremos a presença da personagem em cena e a informação que domina dos acontecimentos, oposto a sua ausência, marcada pela desinformação e posterior aquisição de conhecimento, e como essa oposição se manifesta pelos diálogos. Além disso será analisada também como a palavra coloca 'em cena' as mortes que ocorrem no decorrer da representação.

Palavras-chave: Héracles Furioso, Tragédia, Espetáculo, Espacialidade, Mortes em cena.

Mesa de Comunicação Livre 51

Tais Pagoto Bélo

Universidade Estadual de Campinas

Boudica: nacionalismo e o feminismo.

Essa comunicação tem como o tema a personagem Boudica, rainha Bretã, da tribo dos Iceni, que viveu no século I a.C., e como sua imagem foi utilizada posteriormente como símbolo nacionalista e feminista. Neste estudo foi utilizado como objetos as três estátuas da personagem que foram feitas em Londres, Cardiff e Colcheste, além de um vitral, o qual se encontra na prefeitura desta última cidade.

Em relação ao movimento feminista o intuito é mostrar como a estátua feita pelo artista Thornycroft, em Londres, em 1902, a mando da rainha Vitória se transformou em símbolo de reivindicação pelas mulheres. A figura de guerreira, mulher forte e mãe, deu força a ação desses grupos. Além de tudo, esta estátua está em local estratégico, ou seja, em frente ao Parlamento Britânico, local de poder governamental utilizado pelas sufragistas para manifestarem seus direitos. Contudo, até os dias de hoje têm-se grupos de mulheres que lembram as antigas feministas e, ainda, utilizam a mesma escultura para demonstrarem suas reivindicações, um exemplo é o grupo *Climate Rush*, que além de estar voltado para causas feministas, também se preocupa com o meio ambiente. O estudo também vai mostrar como o século XIX utilizou dessa personagem como símbolo nacionalista e como essa idéia continuou posteriormente. Sendo que, através de símbolos, assim como bandeiras, hinos nacionais e, as vezes, com a personificação da nação, contando com personagens que representariam um herói ou heroína, esses símbolos podiam ser ligados as práticas governamentais, possuírem seus próprios valores e regras, serem facilmente aceitos pelo povo e terem uma conexão com o passado.

A essência desse estudo é pensar sobre os usos do passado diante da figura feminina de Boudica, sua importância e seu significado para os Britânicos

Palavras-chave: Boudica, nacionalismo, feminismo

Rodrigo Gomes de Oliveira Pinto

Universidade de São Paulo

Tragicomédia ajuizada: censura e apologia do gênero entre doutrinas retóricas e poéticas

A tragicomédia é gênero vituperado por Francisco José Freire (1719-1773), conhecido como Cândido Lusitano, na *Arte poetica, ou Regras da Verdadeira Poesia em geral, e de todas as suas especies principaes, tratadas com juizo critico* (1748). A censura figura o gênero como misto vicioso, nem trágico nem cômico, sem proporção e sem unidade, autorizada pelos versos iniciais da *Arte poética* de Horácio, traduzida por Freire em 1758, nos quais se compõe descrição da pintura do *monstrum*. Essa censura da tragicomédia atualiza argumentos atinentes à controvérsia doutrinária que remonta aos fins do século XVI, a qual opõe detratores e defensores do gênero tragicômico: entre aqueles, eruditos como o italiano Giasone Denores (1530-1590), professor da Universidade de Pádua; entre estes, o poeta Giovanni Battista Guarini (1538-1612), autor de *Il Pastor Fido*, poema considerado exemplar no gênero. Battista Guarini defende a legitimidade estilística da tragicomédia, no diálogo *Il Verrato* (1588), amparado nas doutrinas retóricas atribuídas aos rétores gregos Hermógenes (séc. II d.C.) e Demétrio (séc. IIa.C.- d.C.).

Palavras-chave: Tragicomédia; retórica; estilo; elogio; vitupério

Edilane Vitório Cardoso

Universidade Federal do Piauí

Os *Commentarii de Bello Gallico* de Júlio César: entre memória e história

As narrativas historiográficas latinas, em decorrência da inspiração em modelos gregos, caracterizavam-se pela junção de vários elementos heterogêneos, uma vez que sua definição ainda era bastante imprecisa, podendo abranger vários temas e objetos. Deste modo, temos exemplos de relatos históricos cujos conteúdos versavam sobre assuntos que envolviam desde a tradição de povos longínquos até as razões de uma derrota militar. No relato histórico escrito por Júlio César sob a forma de commentarii, os Commentarii de bello gallico, obra na qual o autor narra suas campanhas militares na Gália, no século I a. C, é possível verificar muitas heranças inspiradas em modelos gregos, sobretudo quanto à disposição e narração dos acontecimentos. Ademais, o autor não faz uso de documentos ou de textos escritos que de algum modo certifiquem seu relato. Assim como os gregos Heródoto e Tucídides, César busca privilegiar a palavra de testemunhas vivas, amparadas pela memória, pelo ver, ouvir e saber. Ao descrever uma batalha, ou algum outro evento ocorrido durante o longo período de guerra, o general não cita nenhuma prova escrita que eventualmente possa legitimar sua narrativa e ajudá-lo na reconstrução dos fatos. O autor se vale de testemunhos orais, informações oriundas de encarregados seus, ou mesmo dados resgatados de sua própria memória, enquanto ator e testemunha dos acontecimentos. Sendo assim, considerando o papel desses registros orais e do te-

stemunho para a composição do relato, pretendemos, neste trabalho, analisar a importância dos elementos memorialísticos para a organização e confecção da narrativa. Para a fundamentação da pesquisa, utilizaremos os estudos de Romilly (2007), Momigliano (2004), Sebastiani (2006), Cardoso (2003), dentre outros.

Palavras-chave: Relato histórico. Memória. Júlio César. Commentarii de bello gallico.

Mesa de Comunicação Livre 52

Marcello de Albuquerque Maranhão

Universidade Federal de Pelotas

O debate entre as tradições herodotiana e tucidiana na leitura de Timeu de Taormina em Políbio

A Historiografia Grega sobre a Sicília foi abundante, mas pouco chegou aos nossos dias. Quase tudo que os gregos escreveram sobre a história de suas colônias na ilha só pode ser aferida através de citações e referências em outros trabalhos, e em material epigráfico ou arqueológico (PEARSON, 1988, p.1-2).

Timeu é a principal dessas fontes antigas, sua obra quase toda perdida. Considerava a História e a Oratória como formas de Arte Literária, mas a 1ª seria 'superior e mais exata'. (PEARSON, 1988, p.53). O problema de como escrever a História, e mesmo questões de estilo estão no centro das mais elaboradas tentativas de escrever a História da Sicília Grega na antiguidade: Timeu e Éforo, historiadores do século III, seguiam um estilo mais 'retórico' e 'trágico' com apelo mais popular, diferenciado de escritores de uma tradição anterior como Tucídides e também de pósteros como Políbio e Plutarco que adotavam princípios tucidideanos. Enquanto no III século o estilo da literatura grega em geral seguia muito da busca pelo escrito original e pelo exibicionismo difundidos pela Escola de Alexandria, mais tarde Políbio e Plutarco tentavam se espelhar no padrão estabelecido por Tucídides, dando origem a uma verdadeira historikerstreit entre não-contemporâneos (PEARSON, 1988, p. 37-40). Que ainda incluiria Dionísio de Halicarnasso como crítico dos críticos e defensor de Heródoto contra Tucídides. Essas disputas literárias deram origem a pelo menos duas grandes correntes na Historiografia Grega como um todo.

BARON (2013) entra no debate dizendo não serem mais adequadas estas divisões entre retórico, trágico e analítico, sendo preferível classificar uma tradição herodotiana e outra tucidideana, sem hierarquias.

A crítica às *Quellenforschung* também é outro ponto de Baron, mostrando como os estudos feitos sobre Timeu até o final do século XX ainda eram dirigidos por rígidas regras do sec. XIX.

Palavras-chave: Timeu, Políbio, Sicília Grega, Heródoto, Tucídides, Historiografia Antiga

Sarah Fernandes Lino de Azevedo

Universidade de São Paulo

O passado das leis de Augusto: apontamentos sobre *a Lex Iulia de adulteriis*

Esta comunicação tem por objetivo apresentar alguns apontamentos a respeito da reforma moral e política empreendida pelo imperador Augusto (31 a.C. – 14 d.C.), principalmente no que tange à *Lex Iulia de adulteriis*. Esta lei, promulgada por volta de 18 a.C. e direcionada a membros da aristocracia romana, visava regular e fortalecer os vínculos familiares por meio da proibição do adultério. Veremos como a lei estava relacionada com o contexto de legitimação do regime imperial e como elementos da história e do passado romano foram utilizados para justificá-la.

Palavras-chave: Augusto, principado romano, política e sexualidade

Luís Filipe Trois Bueno e Silva

Universidade Federal de Santa Catarina

Causalidade e acaso em Tucídides

É mais do que sabido que a leitura dos fatos por Tucídides não deve nada às musas, mas ao seu próprio método investigativo. Postura científica e analítica. Contemporâneo de homens se não desdenhosos, no mínimo céticos, frente ao que consideravam inefável ou incognoscível, o que lhe interessa é identificar a verdade histórica dos eventos por ele analisados. Distinguir claramente os princípios gerais das particularidades contingentes. Para tanto, terá que lidar com as categorias gregas partícipes da causalidade histórica. Dito de outro modo: quais seriam as forças históricas presentes nos acontecimentos históricos? Tucídides trabalha com três noções essenciais: týche, gnôme e techné que podem ser reduzidas a dois pares antitéticos:

TÝCHE X TECHNÉ

TÝCHE X GNÔME

O conceito grego de Týche se relaciona com as nossas noções de acaso, sorte, azar, aleatoriedade, caso fortuito, algo imprevisto, incerto ou imprevisível e incalculável, contingência natural e não humana.

Techné é a palavra que será diretamente traduzida como técnica. Exprime as noções de habilidade técnica, do cálculo racional baseado na experiência, método, arte, ciência.

Gnôme vincula-se à idéia de planejamento da ação futura, antevisão, preparo, percepção dos acontecimentos.

Assim, Techné e Gnôme pertenceriam ao campo do Logos (racionalidade) e a Týche ao que não pode ser subsumido pela

razão; tudo aquilo que é em alguma medida contrário ao cálculo e à previsibilidade.

Em Tucídides, portanto, estamos diante de uma nova visão de causalidade. Modo inédito e articulado de estudar as relações entre os planejamentos preparatórios dos eventos e os próprios eventos.

Desta maneira, assim como o que se entendia pertencente à ordem do natural (phúsis) ou da ordem da convenção humana (nomos), havia sido virado de ponta-cabeça por seus contemporâneos sofistas e dramaturgos, (ou pelo menos expresso por eles), a relação entre a ordem do previsível e a ordem do imponderável também será revista

Palavras-chave: Causalidade, týche, techné, gnôme

Mesa de Comunicação Livre 53

Weriquison Simer Curbani

Universidade Federal do Espírito Santo

A *Katábasis* na *República*: um resgate da *sophia* antiga

O termo grego *katábasis* (*κατάβασις*) se traduz por "descida". No contexto da *República* (*πολιτεία*) – do modo como estamos tomando – o termo será empregado para designar uma descida ao conhecimento antigo, das tradições da Grécia. Basta um olhar cuidadoso e logo observaremos que os livros que compõem o diálogo estão repletos de referência aos antigos, como as citações de fragmentos de poetas arcaicos (329b, 331b), a utilização de mitos e heróis do mundo grego antigo (330d, 334a), a forte influencia das epopéias dos tempos homéricos (363a), além de fazer menção a filósofos e sábios da antiguidade (341e, 364e), entre outras coisas. Neste sentido, a *República* é uma obra que, não apenas faz referencia ao passado, mas resgata a sabedoria antiga.

Levando-se em conta toda essa influência, principalmente homérica e hesiódica, nota-se, já nas primeiras páginas do diálogo, a presença de elementos herdados dessa sabedoria arcaica. Vemos que o Livro I se encarrega de introduzir a discussão sobre a justiça (*δικαιοσύνη*) – tema central da obra – a partir dos mitos sobre o *Hades* (330d-331a), tais mitos sobre o submundo das almas, provavelmente, herdados da antiguidade. Vemos, também, que a *República* já começacom Sócrates dizendo *"desci ontem ao Pireu"* (327a),autores como John Sallis (1996), Eric Voegelin (1957), Eva Brann (2004), Mario Vegetti (1989), são alguns nomes que interpretam o início da *República* como uma descida ao *Hades*, segundo consta, *Pireu* era uma ilha separada de Atenas por um tipo de rio, um lugar *"além-terra"*. Este início da obra parece parafrasear Homero, na *República* Sócrates diz: "*Desci (κατέβην) ontem ao Pireu"*. Do mesmo modo, na *Odisseia*, Odisseu se vale da mesma palavra: *"Desci (κατέβην) ao Hades"*. Nosso texto, então, orienta-se na direção de mostrar e, ao mesmo tempo, propor essa descida (*κατάβασις*) aos antigos.

Palavras-chave: Katábasis, Hades, arcaico, conhecimento, poetas

Maria Gorette Bezerra Lucena

Universidade Federal da Paraíba

Sobre a afinidade entre a alma mortal e o corpo no *Timeu* de Platão

Em nosso trabalho pretendemos refletir sobre a afinidade entre a alma de gênero mortal e o corpo no *Timeu* de Platão com o propósito de mostrar que essa relação propicia à alma mortal o exercício de suas potencialidades.

Palavras-chave: Alma Mortal, Corpo, Afinidade, Timeu, Platão.

Solange Maria Norjosa Gonzaga

Universidade Estadual da Paraíba

Entre o passado e o futuro: *Minos* e *Leis* de Platão

Pretendemos mostrar que nas *Leis* Platão resgata a discussão do diálogo *Minos* acerca do modelo da legislação de Licurgo como um dos fundamentos para a elaboração de sua proposta de leis da futura colônia.

Palavras-chave: Minos, Licurgo, Leis, Platão.

Mesa de Comunicação Livre 54

João Luís Serra Manini

Universidade Federal de Minas Gerais

O papel do Demiurgo no *Timeu* de Platão

O *Timeu* é um diálogo peculiar dentro do *corpus platonicum*, tendo a narrativa mítica como forma de enunciação de um discurso cosmogônico verossímil. O Demiurgo, deus artesão imaginado por Platão para fabricar o kósmos no mito, desempenha papel fundamental na economia do diálogo como avatar do *noûs* e da *téchne*. Para além do caráter de deus pessoal e do registro estritamente mítico, a função demiúrgica opera como carro chefe de Platão na oposição à 'crença generalizada' de que a phýsis faz com que as coisas surjam espontaneamente e 'sem inteligência' (*Sofista* 265c), posição notoriamente atomista

e novamente combatida em *Leis* 889c. Além de assumir a função de *aitía* fundamental, princípio do *Noûs* no processo eterno de manutenção da ordem cósmica, o Demiurgo também parece ter sido pensado para responder às questões relativas ao problema da participação *(metaxy)* num quadro geral da Teoria das Formas, operando ainda que miticamente, como causa eficiente.

Palavras-chave: Platão, Timeu, Demiurgo, cosmologia,

José Lourenço Pereira da Silva

Universidade Federal de Santa Maria

Platão e a análise tradicional do conhecimento

Foi Platão quem examinou, pela primeira vez na história da filosofia, as condições necessárias e suficientes do conhecimento, traçando, por assim dizer, o futuro do debate sobre o que é conhecer algo. Epistemólogos contemporâneos reportam aos diálogos platônicos, nomeadamente, *Mênon* e *Teeteto*, a análise tradicional do conhecimento como crença verdeira justifica: *S* conhece *p* se, e somente se, *p* é verdadeiro; *S* acredita em *p*; *S* está justificado em acreditar em *p*. Nessa análise, *p* representa uma proposição. Assumindo que crença verdadeira e conhecimento são distintos, Platão pôs o crucial problema da justificação, ou seja, como tornar a crença verdadeira conhecimento; "o problema do Teeteto", na fórmula de Roderick Chisholm (1989), consistiria em saber o que "deve ser *adicionado* à crença verdadeira para torná-la conhecimento". Na epistemologia contemporânea, as respostas se multiplicam. Para o evidencialismo, a justificação seria a evidência; para o confiabilismo, residiria na confiabilidade dos tipos de processo que originam as crenças; os internalistas afirmam que os fatores de justificação são internos ao sujeito; os externalistas, que estes fatores são externos. Nessa comunicação, propo-nos a expôr como os diálogos foram precursores deste debate, e atentando a singularidades do pensamento de Platão, especialmente a sua ontologia do inteligível, mostrar as dificuldades de inscrever a posição favorecida por Platão em uma das vertentes da epistemologia contemporânea.

Palavras-chave: Platão, epistemologia, justificação

Cristina de Souza Agostini

Universidade de São Paulo

O *Symposium* platônico e a reviravolta das regras do jogo

Lendo de modo atento ao *Symposium* de Platão, percebemos que o vinho, que confere a razão de ser ao rito do 'beber junto' é presente de modo muito discreto entre os convivas reunidos na casa de Agatão. Além disso, o jantar durante o banquete, as prescrições médicas, o acordo entre todos os participantes para evitar a embriaguez –concebida por Erixímaco como khalepòn tois anthropois (176 d)– e a ausência de flautistas constroem um cenário no qual a possessão dionisíaca própria ao sympósion grego está ausente. Enquanto prática ou performance, o sympósion é um evento diferente a cada vez, mas seu cenário ritual apoia-se sobre um quadro sempre idêntico: o vinho, a flauta, a lira e Dioniso. Em seu diálogo, Platão assinala que esses elementos rituais são indispensáveis a esse gênero de encontro. Contudo, Dioniso e a embriaguez que está ligada a esse deus são deixados de lado desde o começo do diálogo, quando Fedro fixa as regras do jogo discursivo. Assim, o Symposium escrito por Platão não se pretende ser uma prática ou uma performance idêntica àquela dos symposia gregos. E o próprio fato de que se trata de um texto destinado à leitura significa, de cara, que o objetivo de Platão não se identifica aquele do symposion tradicional. Todavia, Eros ocupa um lugar central no diálogo filosófico. Esse deus-desejo estreitamente ligado a Dioniso e à Afrodite que 'penetra o corpo dos rapazes' no contexto do banquete ritual está no coração da reunião que acontece na casa de Agatão. Portanto, a partir de algumas considerações sobre o rito de 'beber junto', tentarei demonstrar por qual via o Symposium textual de Platão sacode as regras rituais de um sympósium grego tradicional e em qual medida a filosofia platônica propõe a reinvenção do banquete, assim como o modo segundo o qual Eros deve interagir no seio de um encontro social em que os discursos ocupam o primeiro lugar.

Palavras-chave: sympósio-performance-embriaguez-Eros

Mesa de Comunicação Livre 55

Moacir A. Amâncio

Universidade de São Paulo

Aspectos da presença da cultura judaica no Ocidente

As relações entre a cultura judaica e a cultura ocidental, muito complexas, datam da antiguidade como todos sabemos, mas nem sempre são claras por diversos motivos. No início da era comum, por exemplo, a destruição do Templo de Jerusalém e a derrota dos judeus na revolta de Bar Cochba provocou a diáspora que caracterizaria a experiência judaica até nossos dias. A dispersão, contemporânea à expansão do cristianismo, surgido a partir do judaísmo, exigiu que os judeus criassem mecanismos culturais para sua sobrevivência como povo e cultura específicos, sustentados pela religião que nesse momento passaria por um processo revolucionário, com o surgimento dos Talmudes de Jerusalém e depois o da Babilônia, onde a comunidade judaica se fixara desde os dias do primeiro exílio, nos anos 500 da era anterior. Há registro da presença judaica

na Europa (Grécia, Roma Península Ibérica) desde tempos remotos, mas com a expansão islâmica, na segunda metade do primeiro milênio, e a transferência do polo cultural árabe de Damasco para a Andaluzia traria um novo quadro histórico. A grande maioria dos judeus vivia no mundo islâmico e se beneficiou dessa convivência seguindo os avanços árabes na filosofia, ciências, literatura, estudos gramaticais, medicina etc. Foi a partir do século 10 que surgiram os primeiros filósofos judeus, em Bagdá e na Península Ibérica. Nessa região e da Provença floresceria a mística judaica da Cabala, que tem seu ponto nodal numa obra intitulada "Sêfer haZohar", "Livro do Esplendor", um monumento literário que se perpetuaria na tradição cabalística absorvida durante o Renascimento por sábios italianos como Pico de la Mirandola, com a expulsão de judeus pela Inquisição. A presença judaica foi significativa no financiamento das grandes viagens luso-espanholas, por judeus sefarditas fixados na Holanda, onde surgiria um filósofo do porte de Baruch Spinoza. Outro momento importante, já no século 18, aconteceu com a Hascalá, a Ilustração Judaica, já a partir das comunidades judaicas aquenazitas, da Europa Central e Oriental, que mudaria a paisagem judaica e, com a laicização, levaria importantes contribuições para a cultura europeia, na filosofia, nas artes, na economia, além da milenar e indireta presença através do cristianismo.

Palavras-chave: Judaísmo, Cristianismo, Mística, Filosofia, Religião

Diego Raigorodsky

Universidade de São Paulo

O Zôhar: Obra-prima da Cabalá – sua história e tradução

Qual é a origem do Zôhar e qual é o significado deste livro dentro do misticismo judaico? Na palestra será explicada a disputa de autoria da obra por parte de pesquisadores e cabalistas. Será analisada a história que levou ao surgimento do Zôhar na Espanha do século XIII e a recepção da obra dentro dos diversos grupos, judaicos e não-judaicos. A divulgação da obra e a influência nas correntes místicas posteriores do judaísmo até a recepção moderna do Zôhar, com a discussão dos aspectos da primeira tradução direta do aramaico ao português.

Palavras-chave: Zôhar, Cabalá, Misticismo, Tradução

Mesa de Comunicação Livre 56

Fernando Brandão dos Santos

Universidade Estadual Paulista.

As traduções brasileiras da *Alceste* de Eurípides.

Nesta comunicação quero apresentar uma das propostas surgidas durante meu estágio acadêmico no Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Trata-se de um exame das traduções brasileiras em três momentos diferentes: a tradução do Barão de Paranapiacaba; a tradução do Prof. Junito de Souza Brandão e a tradução do 'helenista' Mário da Gama Kury.

Palavras-chave: tradução, Alceste, Eurípides, tragédia grega.

Wilson Alves Ribeiro Junior

Pesquisador independente

Breve panorama dos dramas satíricos fragmentários de Eurípides

O drama satírico, juntamente com o ditirambo, a tragédia e a comédia, era um dos pilares da cultura performática de Atenas durante os festivais dramáticos do século V a.C. Infelizmente, dispomos de um único drama satírico completo, o *Ciclope* (Eurípides), e de fragmentos substanciais de um outro, *Os Rastejadores* (Sófocles). De todos os outros dramas satíricos escritos e apresentados pelos poetas gregos desde os primórdios dos festivais atenienses temos apenas o título, fragmentos de algumas hipóteses, algumas inferências sobre o mito envolvido e pouquíssimos fragmentos de diálogos, monólogos e cantos. Para começar a preencher essas lacunas faz-se necesssário um estudo sistemático de fragmentos e demais informações disponíveis sobre todos os dramas satíricos. Nesta ocasião, serão apresentadas apenas as mais significativas informações sobre os dramas satíricos fragmentários de Eurípides.

Palavras-chave: teatro grego, drama satírico, Eurípides, performance, festivais áticos, dionísias urbanas

Mariana Cabral Falqueiro

Universidade de Coimbra e Universidade de Brasília

O conflito de Antígona como possibilidade de um verdadeiro dilema moral

O termo "dilema" é um nome dado a um argumento que está em forma de silogismo, que possui "dois fios" ou "dois chifres". São os assim chamados *syllogismus cornutus*. O dilema pode ser definido tanto em termos de obrigações, em um sentido moral, quanto em um sentido lógico. No âmbito da ética o dilema remete a obrigações, ou seja, o dilema será moral quando houver conflitos entre obrigações. Portanto, um dilema moral será um caso especial de dilema, em que, o que está em foco são os conflitos entre obrigações. Um verdadeiro dilema moral seria um conflito moral em que 'X deve fazer a' e 'X

deve fazer b'. Mas, 'X não pode fazer ambos'. Tanto a situação 'a' quanto a situação 'b' apresentam a mesma necessidade de serem feitas, mas não é possível realizá-las conjuntamente. Assim, se por acaso, se for posto na balança que 'a' seria a melhor solução em relação à 'b', ou vice-versa, isto seria na verdade um engano, pois a aparente eliminação do conflito de desejo não seria real, e certamente, este desejo ressurgiria como sentimento de culpa e angústia, mesmo que a ação do agente fosse considerada a melhor a ser feita. Entretanto, foi estabelecido um embate de teses, em que é colocada em xeque a existência de um verdadeiro dilema moral. Assim sendo, ao levar em conta o tema do evento – O Futuro do Passado – trago a tragédia de Antígona para tratar de uma discussão atual no âmbito da ética, ao apresentar a questão: Há verdadeiros dilemas morais? Neste sentido, os conflitos presentes na tragédia de Antígona poderão lançar luz na discussão. As teorias desenvolvidas pelos autores Bernard Williams e Philippa Foot são a base teórica para este trabalho.

Palavras-chave: Ética; Dilemas morais; Antígona; Conflitos entre obrigações

Mesa de Comunicação Livre 57

Valquíria Maria

Universidade Federal Rural de Pernambuco

A poética e a retórica do poema em prosa

O poema em prosa , gênero que se consolida com a publicação de 'Pequenos poemas em prosa' (1869), de Baudelaire, subverte os paradigmas poéticos e prosaicos vigentes, desde os primeiros indícios de surgimento como gênero até sua consolidação no horizonte de expectativas de leitores e escritores. Nesse contexto, a prosa se mostra um elemento adequado para exprimir as contradições da modernidade. As considerações em torno do novo gênero usualmente costumam localizar o ponto de partida dessa discussão no século XVII. No entanto, a problematização dos domínios poéticos e prosaicos datam de período anterior. Na Poética Clássica, Aristóteles indica a diferença entre Empédocles e Homero, afirmando que a diferença entre ambos não reside na métrica. Em autores pré-aristotélicos, essa diferença se mostra ainda mais cambiante. Os sofistas se dedicam aos estudos que abordam a mistura de gêneros e os limites entre prosa e poesia. Dentre os quais, pode-se dizer que Protágoras, Eveno de Pares, Hípias de Élide, Górgias e Isócrates contemplam tais questões, direta ou indiretamente. Os problemas abordados pelos sofistas permanecerão sob outra perspectiva na modernidade e farão com que o poema em prosa seja definido como 'monstro híbrido', já que a poesia era definida, até bem pouco tempo antes do surgimento do gênero, como a arte da versificação, tornando o poema em prosa aberrante desde sua gênese. A partir dessas reflexões teóricas, observam-se as implicações analíticas para os conceitos de prosa e poesia e para a noção de gênero literário, considerando momentos diferentes da problematização. Ao interrogar a Poética e a Retórica sobre suas contribuições para uma questão que tem importância fulcral para a teoria da literatura, procura-se rever um gênero, considerado moderno, em relação as reflexões anteriores, lançando uma nova perspectiva para as discussões em torno do poema em prosa e da reflexão sofista.

Palavras-chave: Poema em prosa, poesia, prosa , retórica, poética

Pedro Ipiranga Júnior

Universidade Federal do Paraná

Fragmentos e tópoi biográficos nos séculos V e IV a.C.

O fenômeno biográfico na Antiguidade perpassa vários campos discursivos e gêneros literários. Pretendo abordar a formação de um campo biográfico anterior à consolidação do gênero do bíos antigo, a partir de algumas obras do séc. IV a.C. e de fragmentos do séc. V a.C. Em vista disso, reformulo a concepção de tópos biográfico no sentido de abranger obras com alguns traços biográficos, mas que não se enquadrariam estritamente no gênero. O propósito, por conseguinte, seria traçar uma taxonomia desses tópoi, assinalando o tipo de pertinência, função e contextualização nos diversos relatos.

Palavras-chave: biografia antiga; tópoi biográficos; fragmentos

Adriane da Silva Duarte

Universidade de São Paulo

Tudo está bem quando acaba bem: o final feliz no romance grego

Quéreas e Calírroe, de Cáriton de Afrodísias, é considerado o primeiro exemplar do romance grego de amor. É de se pressupor que tenha contribuído para estabelecer as características do gênero. Dentre elas está a garantia do final feliz para o casal protagonista, que deve suplantar as inúmeras dificuldades experimentadas ao longo da narrativa. Essa comunicação pretende discutir a relação entre final feliz e anagnórisis, que remete Poética de Aristóteles, a partir de comentários tecidos pelo narrador do romance.

Palavras-chave: Romance grego, Quéreas e Calírroe, final feliz, anagnórisis

Mesa de Comunicação Livre 58

Milena de Oliveira Faria

Universidade de São Paulo

Héracles e Dioniso: o resgate do passado mitológico na caracterização de um deus

No prólogo de *As Rãs* (405a.C), encontramos Dioniso e Xântias diante da casa de Héracles. Ao ler uma das tragédias de Eurípides, Dioniso sente sua falta e decide-se por resgatá-lo no Hades. Esse é o motivo que o leva à casa de Héracles, uma vez que o herói conseguiu a façanha de descer ao Hades e dele retornar vivo. Diferentemente do que esperamos nas comédias, em que o mito tradicional não mais funciona como a base para o enredo do drama, n'*As Rãs*, vemos o passado mitológico de Héracles convergindo no presente da ação dramática da comédia. Em um jogo cômico, Aristófanes vê o outro lado da história e aponta para as consequências do Hades após a visita do herói: lá, eles sentem a falta de Cérbero, cão que vigiava as portas do mundo inferior. Vemos, entretanto, que depois que Dioniso é reconhecido como deus, as referências ao mito de Héracles desaparecem, o que deixa os estudiosos da peça intrigados. Para a evolução da ação dramática, fica evidente que o uso de tal mito é prescindível, uma vez que Dioniso, enquanto deus, não necessitaria da ajuda do herói para conhecer o caminho do Hades. Assim, percebemos que a escolha dessa personagem, resgatada de um passado mítico, tem uma função maior do que a de indicar o caminho. Dioniso, quando entra em cena vestido de Héracles, perde a sua própria identidade. O objetivo dessa comunicação é compreender em que medida os elementos do passado mítico de Héracles são retomados na ação dramática e em que medida eles são importantes para a construção da personagem de Dioniso.

Palavras-chave: Comédia Antiga, Aristófanes, As Rãs, Dioniso, Héracles

Beatriz Cristina de Paoli Correia

Universidade de São Paulo

A cólera de Ártemis: passado e futuro no párodo do Agamêmnon de Ésquilo

No párodo do *Agamêmnon*, de Ésquilo, o Coro de anciãos argivos, ante a angústia da situação presente no palácio dos Atridas, volta seu olhar para o passado, rememorando o auspício das aves que marcou a partida do exército a Tróia. O adivinho Calcas vaticinara então que, assim, como as duas aves do auspício capturaram e devoraram uma lebre prenhe, os dois reis Atridas conquistariam e destruiriam a cidade de Tróia. Porém, o fato de as águias devorarem uma lebre prenhe antes do parto poderia sinalizar o perigo de o exército argivo incorrer na ira dos deuses e na recusa de Ártemis, que se ressente do festim das águias. Muito se especula entre os helenistas a respeito do verdadeiro motivo da cólera de Ártemis. Na tradição mítica, encontram-se algumas referências de outros autores à causa do ressentimento da deusa, mas nenhuma dessas versões sugere uma associação entre a ira de Ártemis e a vindoura guerra de Tróia. No *Agamêmnon*, no entanto, a ira de Ártemis aparece inextrincavelmente vinculada à manifestação do próprio auspício que deu anuência divina à partida da expedição guerreira para a cidadela de Tróia. Nosso intuito é observar como, nessa intrincada configuração numinosa de que fala o auspício, passado e futuro tornam-se indiscerníveis e como as palavras de interpretação do adivinho delineiam – entre o que foi e o que será, entre a anuência de um deus e o ressentimento de outro –, o destino da raça dos Atridas, através de uma sobreposição de imagens poéticas e proféticas própria da arte de Ésquilo.

Palavras-chave: Tragédia grega, Ésquilo, Agamêmnon, Ártemis, auspício

Guillermo De Santis

Universidad Nacional de Córdoba-Conicet

Los temores de Dánae. Pasado y presente en Dictyoulkoi de Esquilo

El drama satírico *Dictyoulkoi* nos pone de frente a la escena jocosa de Sileno tratando de convencer a Dánae sobre la conveniencia de su unión matrimonial con el sátiro. La bella heroína reacciona de una manera completamente inesperada para las apetencias de Sileno pero en un tono perfectamente conocido para el público: la amenaza trágica del suicidio. La reacción de Dánae está fundada en dos situaciones. Por una parte, la situación presente del drama, Sileno con su habitual rusticidad y grosería se presenta ante la heroína como una opción de matrimonio indeseable. Por otra parte, la historia de Dánae, su pasado, interviene con fuerza para que la heroína vea repetido el encarcelamiento que le infligiera su padre Acrisio para evitar una descendencia, que se concretó en Perseo. En este drama satírico el mito de Acrisio, Dánae y Perseo, se presenta como un pasado trágico que condiciona el futuro que Dánae avizora: un nuevo sometimiento a un señor masculino. Pero el mundo de los sátiros solo cuenta el presente del deseo de Sileno. De esta manera, el público tiene ante sus ojos un personaje digno de la tragedia (y que de hecho fue y será personaje importante de la tragedia griega), Dánae que se debate con personajes nada trágicos como los sátiros. El pasado trágico de Dánae se interpone al presente de la escena satírica y primera oposición belleza de la joven-fealdad de los sátiros da paso a concepciones que llegan desde el pasado, como el sometimiento de la mujer y el peso de un oráculo. Así el mundo de los sátiros parece contemplar solo el presente y esto se nos presenta como característica del género satírico que, en este caso, se ve limitado por imposiciones del género trágico.

Palavras-chave: Dictyouylkoi, Drama Satírico, Tragedia, Pasado, Presente

Paineis

Paineis

Painel 01

Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos

Delfim Ferreira Leão
Universidade de Coimbra

Corredores de integração e exclusão na Pólis de Sólon

Os princípios da inclusão e da exclusão, tendo por pano de fundo o estatuto da cidadania, constituem duas realidades dinâmicas e intimamente relacionadas entre si, na medida em que contribuem para a definição das fronteiras mútuas e representam, com insistente frequência, causa de agitação social, de reivindicação política e de reapreciação dos direitos legais. Por outras palavras, as prerrogativas inerentes ao estatuto de cidadão delimitam-se pela natureza da relação que estabelecem com os elementos da sociedade que ficam excluídos daqueles privilégios, seja no todo ou em parte. Esta rede complexa de relações aplica-se tanto no interior do corpo de cidadãos como fora dele.

No primeiro caso, além das situações mais evidentes das crianças de menor idade e das mulheres, cuja capacidade jurídica tinha de ser mediada pela intervenção do *kyrios* ou chefe de família, havia ainda a possibilidade de alguns cidadãos receberem privilégios que lhes permitiam deter uma posição especial no seio da *polis*. A sociedade grega previa situações e mecanismos vários para conceder essas distinções. A título exemplificativo, bastará evocar os vencedores dos Festivais Pan-helénicos, cuja fama se refletia sobre a cidade de origem, a qual, por esse motivo, se sentiria motivada a conceder-lhes benesses várias, como símbolo visível de gratidão.

No entanto, o princípio da exclusão revela-se mais esclarecedor ainda quando aplicado aos elementos de determinada comunidade que se encontram arredados da cidadania. Este cenário ganha em dimensão se se tiver em conta que, na Grécia clássica, o número dos excluídos era bastante superior ao dos que gozavam do estatuto de cidadão, mesmo na Atenas democrática, que alargou, como nenhuma outra *polis*, a base de participação na vida cívica.

É sobre estes graus variados de gradação identitária que este estudo se propõe refletir.

Palavras-chave: Pólis, Sólon, inclusão, exclusão

Maria do Céu Grácio Zambujo Fialho
Universidade de Coimbra

Horizonte histórico da Medeia de Eurípides

Composta e representada no deflagrar da Guerra do Peloponeso, pós as hostilidades entre Corinto e Atenas, Medeia ganha em ser entendida como uma peça de propaganda ateniense, em que à tirania e arbitrariedade coríntia se opõe o respeito pelos valores helénicos por parte do mítico soberano de Atenas - centrando-se a oposição no conflito trágico da protagonista.

Palavras-chave: Medeia, Eurípides, história, tragédia

Claudia do Amparo Afonso Teixeira
Universidade de Évora

A biografia de Marco Aurélio na Historia Augusta: entre História e ficção

O estudo da biografia antiga raramente se dissocia da problemática da sua relação com a História. E da análise desta relação tem resultado a consideração de que este género, moldado conceptualmente sobre os princípios da arbitrariedade e da parcialidade, representa tradicionalmente um modelo ineficaz de abordagem da realidade, o que levou à sistemática rejeição dos textos biográficos como fontes historiográficas fidedignas.

Recentemente, a constatação do legítimo uso das fontes por parte de alguns biógrafos, a centralização da perspectiva que privilegia a dialéctica entre indivíduo e contexto, bem como o facto de a biografia ter deixado de ser considerada um objecto acabado e fechado em si mesmo para passar a ser vista como um documento de análise, revelador do meio e das circunstâncias em que foi criado, impuseram uma mudança de abordagem que determinou a recuperação da relação entre discurso histórico e biográfico e, por consequência, a recuperação das *Vitae* como fontes historiográficas. Neste sentido, o objectivo deste estudo será o de analisar a biografia de Marco Aurélio na *História Augusta*, tentando averiguar os elementos que permitem considerá-la fonte fidedigna da História e os elementos que contrariam esse estatuto.

Palavras-chave: Marco Aurélio, História Augusta, história, ficção

José Luís Lopes Brandão
Universidade de Coimbra

César: perspectivas biográficas

Consideração da figura de César à luz da distinção entre biografia e história na antiguidade e das diferenças de perspectiva biográfica entre os biógrafos Suetónio e Plutarco no que toca a estrutura e conteúdo. Atitude de cada um do biógrafos perante a narrativa da história política e a análise do carácter dos biografados: divergências e convergências.

Palavras-chave: Suetónio, Plutarco, história, biografia

Painel 02

Grupo de Pesquisa "Gêneros poéticos na Grécia antiga: tradição e contexto" (USP/CNPq)

Christian Werner
Universidade de São Paulo

O passado heroico e o futuro da linhagem de ferro em *Trabalhos e Dias*

Discute-se o modo da representação da Linhagem de Ferro em Trabalhos e dias de Hesíodo como um desafio que Hesíodo propõe a seu público a partir do passado consubstanciado em outras quatro linhagem e um futuro em aberto. O principal viés explorado é a Linhagem dos Heróis e, portanto, a fronteira entre o próprio poema e a poesia épico-heroica. Ainda que a Linhagem dos Heróis tenha elementos que a caracterizam de forma positiva relativamente às linhagens anteriores, especialmente a de Bronze, o *polemos* como sua atividade por excelência a liga diretamente à 'cidade injusta' e à Eris má. O termo *polemos* é usado apenas três vezes no poema, justamente nessas três passagens. Assim, nem a Linhagem dos Heróis nem a de Ouro são um futuro viável para a de Ferro, mas servem para que essa, em especial, o seu futuro, sejam pensadas.

Palavras-chave: Hesíodo, Trabalhos e dias, Linhagem de Ferro, heróis, guerra

James Richard Marks
University of Florida

Odisseu e o Culto de Apolo em Delos

Essa apresentação explora respostas às representações do culto de Apolo em Delos na poesia épica. Este sítio, junto com Delfos, foi o local de um dos maiores santuários frequentados por adoradores de Apolo provenientes de muitas partes do mundo grego. Como consequência, referências a Delos nos épicos homéricos – poemas engendrados para atingir audiências similarmente amplas – certamente alcançariam os ouvidos de pessoas que tinham conhecimento da ilha. De fato, a tradição épica em algum momento identificou Delos como o local de uma competição entre as duas personificações da poesia épica pan-helênica, Hesíodo e Homero (Hesíodo fr. 357 MW; Contest of Homer and Hesiod p.237.316 Allen).

Delos é, na verdade, mencionada apenas ocasionalmente na épica grega antiga. No entanto, detalhes específicos do culto aparecem. Assim, Odisseu descreve uma palmeira que teria visto lá em um altar de Apolo (Odisseia 6.162-163), aparentemente ao procurar por um oráculo a caminho de Troia (Eustácio 1557 ad 162). Tal consulta oracular parece ser mais adequada a Delfos, já que, no Hino Homérico a Apolo, a ilha personificada exige um oráculo (χρηστήριον, 88), mas não é explicitamente acatada; entretanto, uma inscrição do século III proveniente da ilha menciona exatamente tal característica (μαντεῖον, Philippe Bruneau e Jean Ducat, Guide de Délos (1965) página 28).

Referências à palmeira, ao altar e ao templo em Delos em autores clássicos posteriores, incluindo Calímaco (Hinos 3.61-64), Plínio (História Natual 16.99), Cícero (Das Leis 1.1.2) e Plutarco (Obras Morais 983e), demonstram que as tradições do Período Arcaico representadas pelas passagens homéricas continuaram a modelar o modo como gerações sucessivas de visitantes interpretavam a ilha do nascimento de Apolo. Comparações com o registro material confirmarão que a tradição épica documenta uma época em que Delos era um santuário totalmente pan-helênico, e que as construções posteriores no sítio se esforçaram para permanecer consistentes com os detalhes preservados nos épicos.

Palavras-chave: épica grega, religião grega, Odisseu, Apolo, Delos, recepção

Antonio Orlando de Oliveira Dourado Lopes
Universidade Federal de Minas Gerais

Os muros de Troia, os vestígios materiais e a memória na Ilíada

A Ilíada menciona dois grandes muros em Troia, excepcionalmente construídos em tempos pregressos: o muro construído por Atena, com a ajuda dos troianos (Ilíada, XX, 144-150) para protegê-los do monstro marinho enviado por Hera contra Héracles; o muro construído por Apolo e Possêidon, disfarçados como trabalhadores a serviço de Laomedonte (em VII, 452-453, com referência à participação de Possêidon; em XXI, 441-457, sem essa referência). O primeiro desses muros não deixa

de ser também uma marca deixada pela passagem de Héracles, dando testemunho da dimensão sobre-humana dos feitos do herói, de uma geração anterior à de Aquiles e Heitor, bem como da influência desses feitos sobre as gerações seguintes. Já o segundo muro remete aos temas do disfarce e do trabalho divino, da ganância e do ardil, aludindo ainda a uma época de maior proximidade dos deuses. Partirei dessas passagens para propor uma reflexão sobre a memória e a temporalidade na perspectiva da narrativa homérica.

Palavras-chave: Homero, Ilíada, memória, mitologia

Teodoro Rennó Assunção

Universidade Federal de Minas Gerais

Os Lotófagos (Odisseia IX, 82-104): efeitos nocivos de uma comida floral

Antes do que tentar identificar com precisão a natureza botânica do "lótus", como já o fizeram vários comentadores até hoje, este breve estudo focará apenas o que é textualmente patente e parece ser o mais decisivo neste episódio: os efeitos 'psíquicos' paralisantes (em relação à viagem de retorno) desta comida floral (ou de fruto) sobre os três companheiros de Odisseu que, formando a primeira expedição a esta terra desconhecida, experimentam o "lótus" que lhes é oferecido e precisam depois ser resgatados por ele.

Palavras-chave: Lotófagos, Odisseia, efeitos da comida.

Painel 03

Grupo de Trabalho de História Antiga da ANPUH

Fábio Vergara Cerqueira

Universidade Federal de Pelotas

História antiga hoje no Brasil: entre o futuro e o futuro do pretérito

Serão pontuados, num primeiro momento, vários aspectos positivos do avanço que a área teve no Brasil, desde 2000, período de atuação do GT-História Antiga, enfocando aspectos relativos à pesquisa, aos acervos e ao desenvolvimento da área nas instituições de ensino superior (e.g. expansão da área graças ao REUNI, nas federais; subsequente descentralização das oportunidades de pesquisa na pós-graduação; expansão das publicações de autores nacionais dedicados à área, incluindo as possibilidades geradas pelas revistas eletrônicas, expansão internacional, nomeadamente o estreitamente das relações com Portugal). Num segundo momento, serão expostas limitações da situação atual e desafios que precisam ser superados, para que o crescimento dos últimos 10 anos não se transforme em um 'voo de galinha', para que passemos a uma próxima fase de ainda maior solidez e inserção mais consolidada no cenário internacional, demandando um avanço de uma cultura científica histórica universal, combinada à afirmação de aspectos próprios da produção historiográfica nacional (e.g. formação nas universidades brasileiras tende a não priorizar o trabalho com as fontes; dificuldades nos centros emergentes para disponibilização de cursos de grego e latim; permanência de ranço 'disciplinar'; bibliotecas precárias nos centros emergentes; falta de procedimentos da cultura científica já consolidados mundialmente; baixo domínio por graduandos e pós-graduandos em línguas estrangeiras; pouca abertura a escolas não francesas ou anglo-saxãs).

Palavras-chave: História Antiga, Brasil, GTHA, REUNI, Desafios

Pedro Paulo A. Funari

Universidade Estadual de Campinas

A trajetória da História Antiga no Brasil e as perspectivas

A apresentação inicia-se com a discussão da perspectiva adotada, em particular, no que se refere a uma análise externalista da História da Ciência. Em seguida, apresentam-se, de forma breve, a trajetória universitária brasileira, com destaque para as transformações oriundas da democratização, desde o ocaso da ditadura militar (1964-1985). Neste contexto, trata-se da História Antiga, com atenção especial para os desenvolvimentos recentes, sua inserção na ciência mundial, suas especificidades e oportunidades. Aborda-se o papel crucial da cultura material e da discussão teórica para os êxitos e futuros avanços da História Antiga no Brasil.

Palavras-chave: História Antiga, Brasil, Trajetória, Perspectivas

Katia Maria Paim Pozzer

Universidade Luterana do Brasil

História Antiga Oriental no Brasil: este passado tem futuro?

Nossa contribuição se dará em dois momentos distintos. Em um primeiro instante discutiremos os desafios que a área de História Antiga como um todo tem pela frente, sobretudo no âmbito da ANPUH e da SBEC, com uma reflexão sobre os papéis que estas entidades podem/devem desempenhar para o avanço e a disseminação do conhecimento no Brasil. Em

um segundo momento analisaremos as possibilidades de pesquisa, o acesso às fontes e à bibliografia na área de História da Antiguidade Oriental no Brasil.

Palavras-chave: História Antiga Oriental, Brasil, ANPUH, SBEC, Possibilidades de Pesquisa

Painel 04

VerVe: Verbum Vertere – Estudos de Poética, Tradução e História da Tradução de Textos Latinos e Gregos.

João Angelo Oliva Neto

Universidade de São Paulo

Breve História do Hexâmetro Dactílico em Português

Esta comunicação, além de breve história do hexâmetro dactílico vernáculo antes de Carlos Alberto Nunes, é também e sobretudo reflexão sobre os princípios métrico-prosódicos que têm orientado a aclimatação desse metro ao português.

Palavras-chave: Hexâmetro dactílico; métrica; prosódia; tradução dos clássicos.

Érico Nogueira

Universidade de São Paulo

Versos de Medição Greco-Latina em Ricardo Reis

O objetivo dessa comunicação é caracterizar a adaptação vernácula de metros greco-latinos levada a cabo por Fernando Pessoa sob o heterônimo Ricardo Reis. Trata-se, pois, primeiramente, de analisar em si mesma a prática do poeta, depois, de compará-la com outras semelhantes, em português e em inglês.

Palavras-chave: Métrica; poética; poesia greco-latina; Fernando Pessoa.

Marcelo Tápia Fernandes

Universidade de São Paulo

Percursos de Tradução da Épica Homérica como Paradigmas Metodológicos de Recriação Poética

A comunicação apresentará um quadro sintético da diversidade de modos de adaptação do hexâmetro dactílico a línguas neolatinas, apontando possíveis correspondências com padrões métricos adotados na poesia de língua portuguesa. Após breve discussão sobre aspectos da versificação silábico-acentual, será exposta uma proposição de esquema adaptativo do hexâmetro ao português por meio de exercício tradutório de versos do Canto XI da *Odisseia*.

Palavras-chave: Poesia; tradução poética; recriação poética; épica grega; Homero.

Painel 05

Cátedra UNESCO Archai - UnB

Gilmário Guerreiro da Costa

Universidade Católica de Brasília / Universidade de Brasília

Entre o conceito e a ação dramática: alcance e impasse da filosofia do trágico.

O presente trabalho esforça-se por analisar e compreender a busca de uma inteligibilidade da tragédia ensaiada pela filosofia do trágico. São consideráveis as dificuldades na elaboração do conceito de trágico, seja por se haver banalizado, referindo-se indiscriminadamente a diversos fenômenos catastróficos, seja por sua homogeneidade e fechamento, peculiar ao conceito e às definições - assim revelando-se inadequado para tocar os múltiplos planos de abertura de uma obra de arte. Por vezes semelhante especulação filosófica avizinhou-se de uma investigação pouco trágica do problema do trágico. Uma ideia fecunda e consistente de Peter Szondi, autor de um livro crucial à presente discussão (Ensaio sobre o trágico), concerne à afirmação do trágico enquanto ação dramática, e não uma essência abstrata. Não existe em si, mas enquanto cena. No limite, trata-se de prover meios para uma tragicidade do ato mesmo de ler.

Palavras-chave: Filosofia do trágico, Tragédia, Conceito, Finitude

Ester Macedo

Universidade de Brasília

O Futuro do Passado: um Platão para o Brasil do século XXI.

Com a obrigatoriedade do ensino da Filosofia no Ensino Médio, temos visto na última década um aumento sem preceden-

tes no número de estudantes de filosofia no Brasil. Dentro desse contexto político e pedagógico, um congresso com o tema ' O Futuro do Passado' é um ambiente propício para reflexão sobre a formação desses futuros filósofos sob vários aspectos: currículo, formação profissional, avaliação, entre muitos outros. Minha proposta nesta conferência é discutir um dentre estes muitos assuntos: a questão das traduções dos filósofos antigos disponíveis para esses estudantes de um modo geral, e em particular as traduções das obras de Platão. Uma das obras de filosofia mais usada nos cursos introdutórios, por exemplo, é a *Apologia* de Platão. Neste diálogo, que tem como contexto dramático a defesa de Sócrates perante o júri de Atenas, Platão põe na boca de Sócrates um ótimo resumo do que foi sua vida e o que levou à sua morte, características que fazem deste diálogo excelente para filósofos iniciantes. Assim como seria falso da parte de Sócrates usar, em sua defesa, uma linguagem rebuscada, por não condizer com sua personalidade e costume, é também faltar com veracidade, na minha visão, trazer um Sócrates que fala numa linguagem rebuscada e difícil. Se neste diálogo Sócrates defende os méritos de um falar simples, porém verdadeiro, esse cuidado deve estar também presente na maneira que apresentamos Sócrates ao nosso leitor. Essa a discussão que proponho nesta sessão.

Palavras-chave: Platão, Tradução, Ensino, Acessibilidade

Rodrigo Silva Rosal de Araújo

Universidade Federal da Paraíba

Futuro no Passado: atemporalidade do saber filosófico no projeto educativo sugerido em *República* VI-VII.

A presente comunicação tem por escopo discutir a proposta de educação filosófica contextualizada por Platão em *República* VI-VII. Nos argumentos colhidos dos personagens componentes do referido diálogo é razóvável admitir-se, para além das características indispensáveis que deve possuir o candidato à tal educação e a importância pedagógica atribuída à matemática, a atemporalidade que marca de forma determinante o saber dito filosófico. Explora-se, no estudo ora encetado, a responsabilidade entre as gerações em buscar e salvaguardar esse saber, perenizando seus bons frutos nas cidades de hoje. Confronta-se, igualmente, a relevância, a legitimidade e a conveniência desse tipo de saber com os princípios que balizam o Plano Nacional de Educação (2011-2020), a orientar as diretrizes curriculares nacionais para os diversos cursos de graduação e servindo como referencial de avalição por parte do Ministério da Educação.

Palavras-chave: Educação, República, Saber Filosófico, Atemporalidade

Dennys Garcia Xavier

Universidade de Brasília

O Sócrates que (des)conhecemos: o futuro de uma imagem construida pelo passado.

No *Corpus* escrito de Platão a presença de Sócrates é monumental. Considerada a totalidade da obra, Sócrates está ausente em apenas uma: as *Leis* (fato de tal forma excepcional que, vale recordar, faz Aristóteles dizer – num lapso, como diz Charles H. Kahn –, referindo-se exatamente à esse diálogo, em "discursos de Sócrates", *Política*, II, 6, 1265 a 11). Aqui, tentaremos projetar, com base em recursos prosopográficos e de natureza temático-filosófica dos textos de Platão, uma imagem de Sócrates que teima em vacilar entre a capa de *dramatis persona* e uma figura histórica fortemente emblemática, com o intuito de formular modesta hipótese a respeito de uma pergunta que, afinal, nos assombra há séculos: como (ou quanto) Sócrates influenciou Platão na construção de sua doutrina?

Palavras-chave: Platão, Sócrates

Painel 06

International Plato Society

Franco Ferrari

Università degli Studi di Salerno

La *kallipoli* fra futuro e passato

Si intende dimostrare che il racconto relativo alle imprese e alla costituzione dell'Atene preistorica che sconfisse Atlantide contenuto all'inizio del Timeo risponde alle esigenze formulate nella Repubblica (libro VI) circa la realizzabilità della città perfetta descritta nei libri precedenti. Tale città ci potrà essere se è già esistita. Il mito relativo al passato rende dunque pensabile la realizzabilità della città perfetta.

Palavras-chave: Platone, utopia, mito, kallipolis

Francesco Fronterotta

Università di Roma La Sapienza

La *Repubblica* fra passato e futuro: interpretazione e appropriazione della filosofia politica di Platone nel XX secolo

La *Repubblica* di Platone non cessa di suscitare, fra i filosofi e i commentatori, un dibattito intenso e controverso, tanto dal

punto di vista del progetto etico e politico che disegna, quanto sul piano delle implicazioni psicologiche, epistemologiche e ontologiche connesse alla definizione del sapere dei filosofi che, secondo Platone, devono essere collocati alla guida di tale progetto. In questa relazione tenterò di delineare le principali strategie interpretative che, nel XX secolo, sono state adottate nella lettura del dialogo.

Palavras-chave: Platone, Repubblica, ética, politica, utopia

António Pedro Mesquita
Universidade de Lisboa

Há filosofia antes dos gregos?

Circunscrever de modo simultaneamente consensual e rigoroso aquilo a que se convencionou chamar "filosofia antiga" não é tarefa que levante dificuldade. Com efeito, se encararmos este conceito de um ponto de vista histórico, imediatamente se perfila um determinado quadro temporal, decorrendo grosso modo entre os séculos VII a.C. e VI d.C., mediando a emergência da primeira especulação em moldes filosóficos, com Tales de Mileto, e os últimos testemunhos de um pensamento especificamente grego ou "pagão", com o neoplatonismo, dentro do qual é possível reconhecer uma sucessão de determinados períodos, fases e épocas, bem como o florescimento de outras tantas correntes e escolas, que cabalmente esgotam e estruturam a filosofia antiga. Todavia, o que assim se encontra exposto é simplesmente a filosofia antiga enquanto conceito historiográfico, ou, se se preferir, é a história da filosofia antiga: e enquanto conceito historiográfico, a filosofia antiga deixa-se claramente retratar nestes termos, convergindo numa larga periodização de conjunto, que todos unanimemente reconhecem e respeitam. Ora, se é de admitir um largo consenso em torno da circunscrição histórica da filosofia antiga, o mesmo não é possível dizer da sua caracterização filosófica. E não o é, desde logo, porque não existe sequer consenso quanto à tese preliminar segundo a qual, para além da sua descrição histórica, a filosofia antiga é também passível de uma perspectivação filosófica, isto é, a tese segundo a qual, longe de ser apenas um período histórico-filosófico, ela configura antes de mais um modo de consciência particular, cujo reconhecimento como tal modo de consciência constituiria justamente a aludida caracterização filosófica do conceito de filosofia antiga. É nesta segunda direcção que segue a comunicação proposta. E, ao prosseguí-la, a resposta à questão enunciada no título, "há filosofia antes dos gregos?", impor-se-á, assim o esperamos, por si mesma.

Palavras-chave: Filosofia Antiga, Grécia, Diógenes Laércio

José Gabriel Trindade Santos
Universidade Federal da Paraíba

O postulado da infalibilidade do saber nos diálogos platônicos

Talvez o maior mistério da epistemologia clássica, no *Teeteto* transformada em problema (200e-210b), resida no postulado da infalibilidade do saber. De algum modo associado à tese de Trasímaco sobre a infalibilidade do saber dos artesãos (*R.* I 340d-e),vemo-lo, sempre com a concordância dos interlocutores, sustentado no *Górgias* (454d), na *República* (V 477e) e no *Teeteto* (152c), introduzindo a contraposição das duas "competências" cognitivas paralelas: *epistême* e *doxa.* Ignorado ou descontado como uma peculiaridade da filosofia platônica, nenhuma tentativa parece ter sido feita para o inserir numa estrutura epistemológica coerente. É esse o objetivo a que viso com esta comunicação, ensaiando uma breve reconstituição da problemática da 'infalibilidade'nos diálogos platônicos.

Palavras-chave: Infalibilidade, epistemologia, diálogos platônicos

Painel 07

Associação Portuguesa de Estudos Clássicos-linha de estudos medievais e renascentistas do CECH

Paula Cristina Barata Dias
Universidade de Coimbra

Metáforas de inquietude: os monstros marinhos, da Antiguidade ao mundo contemporâneo

Partimos do estudo da "Serpente tartaruga", um monstro marinho, a partir do Bestiário anónimo da Antiguidade Tardia conhecido como O Fisiólogo. A caraterização deste ser híbrido fundamenta-se na descrição dos "monstros" pré-olímpicos habitantes as profundezas marinhas da Antiguidade, lugares não dominados por Zeus. Estes seres escondidos, ameaçadores porque pressentidos pelos homens, irão fundir-se com a tradição judaica e cristã dos seres marinhos, inquietantes na forma, no carácter e na ação, constituindo-se uma sólida iconografia e imagética literária, que vai desde a Idade Média até ao discurso contemporâneo, alusiva às ameaças do fundo do mar como prefigurações do terror do desconhecido, exterior ao homem que se aventura por novas paragens, e como metáforas de inquietude ontológica com que cada homem vive.

Palavras-chave: mitologia, monstros, religião, bíblia, metáfora

Nair de Castro Soares

Universidade de Coimbra

O teatro trágico no séc. XVI em Portugal: pervivência e inovação dos modelos clássicos

A arte dramática em Portugal, no século XVI, manifesta as diversas tendências do teatro europeu contemporâneo. Surgem tragédias em vulgar e tragédias neolatinas, inspiradas na mitologia ou na história nacional que exprimem os ideais religiosos, culturais e políticos da época, e adquirem, por vezes, um tom de verdadeira intervenção.

Sobre a tragédia neolatina, no século XVI, em Portugal, de influência marcadamente senequiana, e a tragédia em vulgar, que reflecte a leitura da tragédia ática do século V, divulgada pelas edições aldinas, se ocupará a nossa comunicação.

Palavras-chave: mitologia, classicismo, humanismo, teatro, política

João Sousa Baptista

Universidade de Coimbra

Mito em revolução: Hércules sob o domínio de ônfale

O tema da servidão de Hércules sob o poder de Ônfale, conheceu uma grande evolução ao longo dos tempos: deixado em segundo plano o aspeto fulcral da escravatura, o relato da aventura passa a centrar-se na inversão de papéis sexuais. Com base em fontes literárias, principalmente da época tardia, mas também iconográficas, é possível entender esta evolução do mito sob diversas perspectivas.

Em primeiro lugar, verifica-se a presença de uma estreita relação entre dois estigmas (escravatura e inversão de papéis sexuais) que põem em causa dois valores que no Mundo Antigo definem a dignidade do homem ('vir'): a 'eleutheria' e a 'andreia'. É também relevante a dicotomia grego/bárbaro, nitidamente explorada sob o prisma tradicional do luxo e excentricidade do Oriente; finalmente, é de salientar o aspeto filógino do mito, na medida em que mostra a subjugação do homem pelo poder feminino.

Ao permitir uma nova visão não só da concepção do herói, mas também do papel da mulher, Ônfale, como verdadeira heroína, é sem dúvida uma figura de insurreição e, até certo ponto, de vanguarda.

Palavras-chave: mitologia, Hércules, transgressão, escravo/livre; género

Alexandra Maria Lourido de Brito Mariano

Universidade do Algarve

O *Brasilienses aurifodinae*, de José Basílio da Gama

Em meados de Setecentos, o brasileiro José Basílio da Gama escreve o poema latino *Brasilienses aurifodinae i.e.* 'As minas de ouro do Brasil' ([Roma], c. 1762), inscrevendo-o numa longa tradição de poesia didáctica que vai, nesta época, evidenciar-se em textos, produzidos quer na Europa, quer no Novo Mundo, cujo referente é o ouro, bem como a sua mineração.

O poema é extenso, ultrapassa os 1800 versos, a que é preciso acrescentar uma densa massa de notas de pé de página, notas laterais, apêndices e índices, e refere, entre outros aspectos, as origens do ouro, os indícios pertinentes à descoberta do minério, instrumentos e ferramentas utilizados, bem como técnicas e métodos empregues na sua exploração no Brasil. Trata, além disso e como era uso à época, da escolha dos escravos, da sua alimentação, tratamento e das enfermidades a que aqueles estavam sujeitos.

Esta comunicação pretende dar a conhecer um texto de importância inquestionável do ponto de vista histórico mas também notável pelas particularidades estilísticas e linguísticas que apresenta.

Palavras-chave: Setecentos, História da Ciência, Mineração, Poesia, Companhia de Jesus, Neolatim, Américas

Painel 08

Laboratório de Estudos da Cerâmica Antiga (LECA/UFPel)

Pedro Luís Machado Sanches

Universidade Federal de Pelotas

Acervos Imagéticos Circunstanciados: técnica, estética e métodos de abordagem em recepção das tradições artísticas greco-romanas.

Em diferentes circunstâncias, o valor artístico foi definido como algo intrínseco a seletos objetos portadores de imagem; algo extemporâneo, digno de atenção e preservação. Entretanto, os processos de valorização e resgate, ou de depreciação e abandono, não se definem em grande medida pelo protagonismo dos objetos, mas por um conjunto indeterminado de fatores estranhos à sua apreciação.

O projeto "Acervos Imagéticos Circunstanciados", desenvolvido em parceria com o Laboratório de Estudos sobre a Cerâmica Antiga (LECA), procura apontar condições conceituais, interpretativas e estéticas, mas também políticas, econômicas e

sociais, segundo as quais são formados acervos imagéticos. Tais acervos já eram definidos e colecionados no dito Mundo Antigo, e se redefiniram e dispersaram, de modo frenético e inapreensível em muitas sociedades, de diversas latitudes e cronologias.

Os processos de indexação de objetos portadores de imagem a um *corpus* de obras notáveis são grandemente derivados de genealogias de artistas que definem, pela atribuição, o lugar de cada objeto numa escala de valor simbólica e documental, mas também apreciativa e, consequentemente, econômica. Tais processos podem implicar inclusive a aquisição de métodos desenvolvidos na arqueologia da Antiguidade greco-romana por parte dos estudiosos que abordam imagens e suportes distintos, distantes e muito mais recentes.

Palavras-chave: objetos portadores de imagens; valoração artística; formação de acervos imagéticos; método de atribuição

Fábio Vergara Cerqueira

Universidade Federal de Pelotas

Representações iconográficas de instrumentos musicais na pintura dos vasos ápulos: relações interculturais greco-indígenas na Magna Grécia (séculos V e IV a.C.)

O projeto trata dos significados da música na cultura e vida diária da Magna Grécia nos séculos quinto e quarto antes de Cristo, particularmente na região da Apúlia, formada por três distintas áreas geográficas e culturais (Messápia, Peucécia e Dáunia), que interagiam com a cidade colonial grega de Tarento. As fontes utilizadas são os vasos ápulos de figuras vermelhas, com representações de instrumentos musicais. Desenvolve-se uma análise sistemática deste repertório de imagens através da elaboração de um catálogo, que nos permite interpretar este material de modo a produzir um ponto de vista das relações interculturais entre gregos e populações indígenas do Sul da Itália. Nosso estudo é influenciado pelo debate pós-colonial sobre relações culturais entre colonizadores e colonizados, deslocando-se do conceito de helenização, sob a inspiração dos paradigmas da*transculturação* e, mais recentemente, da *hibridização*. Os instrum entos musicai s são analisados como indicadores étnicos dos processos de negociações culturais de identidades e memórias entre as populações nativas, com a sua própria herança cultural, e os modelos advindos da Grécia metropolitana, trazidos pelos colonizadores, assim como pelos contatos comerciais diretos com os gregos, principalmente os atenienses, somando-se a isso os estímulos resultantes dos contatos com parceiros comerciais orientais.

Palavras-chave: Magna Grécia, Iconografia, Cerâmica, Música, Identidade

Camila Diogo de Souza

Université de Paris X

Características crono-tipológicas do material cerâmico dos túmulos geométricos de Argos (Argólida, Grécia, entre 900 e 700 a.C.)

A presente comunicação visa apresentar e discutir algumas questões e pontuar alguns resultados do projeto de pesquisa de pós-doutorado, cujo tema constitui a análise do material cerâmico proveniente dos contextos funerários datados do Período Geométrico (aproximadamente entre 900 e 700 a.C.) em Argos, sítio arqueológico situado na região da Argólida, Grécia. O exame morfológico, tipológico e cronológico desse material permite ampliar a discussão e aprofundar o conhecimento relativos às questões entre as práticas funerárias e a sociedade durante Período Geométrico em Argos; momento crucial de transformações políticas e sociais que levam ao desenvolvimento da polis argiva. Tal projeto está inserido nas perspectivas de abordagem de estudo do material cerâmico articuladas nas temáticas de pesquisa desenvolvidas pelo LECA/UFPel, objetivando refletir e aponta r possíveis significados da cerâmica enquanto documento material para o conhecimento de determinados aspectos sócio-culturais das sociedades antigas.

Palavras-chave: Período Geométrico, cerâmica, práticas funerárias, formação da polis, Argos

Carolina Kesser Barcellos Dias

Universidade Federal de Pelotas

Cultura Material e Sociedade: A Contribuição do Material Cerâmico e Suas Interfaces Para o Estudo da Sociedade Antiga Grega

Nesta comunicação, apresentamos a pesquisa de pós-doutorado atualmente desenvolvida na Universidade Federal de Pelotas, inserida em um projeto temático mais abrangente desenvolvido pelo Laboratório de Estudos sobre a Cerâmica Antiga – LECA.

O objetivo principal da pesquisa em questão, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em História da UFPel, e que será desenvolvida num período de quatro anos, é criar instrumentos metodológicos que permitam chegar a uma compreensão aprofundada de como ocorrem as relações entre a cultura material – em especial o material cerâmico – e a sociedade na Grécia antiga. Em outras palavras, visamos a refletir e propor recursos de análise para os vestígios materiais relativos à produção cerâmica na Grécia antiga através do estudo de suas diferentes interfaces (iconográfica e técnica), no intuito de aperfeiçoar o conhecimento adquirido através das fontes textuais e referências bibliográficas sobre formas de organização social, política, econômica, ideológica da Grécia antiga.

Palavras-chave: Grécia, Cultura Material, Sociedade, Cerâmica, Metodologia

Painel 09

Núcleo de Estudos Clássicos (NEC/CEAM/UnB)

Agatha Pitombo Bacelar

Universidade de Brasília/ Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales

Valores da antiguidade grega: algumas reflexões e questionamentos

Para a pluralidade de tradições culturais que se costuma qualificar de ocidentais, a antiguidade grega constitui um verdadeiro mito de fundação. A atribuição desse caráter mítico à Grécia antiga não se fundamenta em uma oposição entre "mito" e "história", entre narrativa ficcional e verídica – oposição que, inclusive, se constrói justamente a partir de algumas apropriações da Grécia como passado fundador. Pelo contrário, trata-se de reconhecer a plasticidade e a adaptabilidade das representações da antiguidade que se reconfiguram incessantemente em suas atualizações em função de seus usos e contexto. A presente comunicação apresenta breves comentários sobre determinados usos e configurações da antiguidade grega na atualidade, no intuito de levantar algumas questões sobre os valores que lhe são atribuídos, bem como sobre algumas formas e motivações possíveis para se pensar a Grécia antiga no Brasil dos dias de hoje.

Palavras-chave: Mito de fundação; (re)configurações da antiguidade grega; estudos clássicos brasileiros

Paulo Roberto Souza da Silva

Univesidade de Brasília

Prática e perspectivas do ensino de língua e literatura latina

O latim como elemento da educação humanística se apresenta em longa tradição na Universidade no Ocidente, ligada a letras e artes, ciências humanas, direito e filosofia. Hoje, o aproveitamento crítico dessa tradição se direciona para uma definição linguística da língua latina, sua pertinência diante das demais línguas cultivadas nas universidades brasileiras e uma instrumentalização da longa literatura em latim nos estudos literários e demais ciências. Situamos o latim, enquanto integrante dos estudos clássicos, entre três perspectivas: da linguística histórica, em relação às línguas modernas; da formação de latinistas e tradutores; e da permanência da literatura clássica fixada nos cânones do Ocidente.

Palavras-chave: didática; língua latina: tradução; Universidade no Brasil

José Otávio Nogueira

Universidade de Brasília

Viajar ao Brasil: a antropologia da Grécia de J.-P. Vernant

A comunicação apresenta características da antropologia histórica de Jean-Pierre Vernant, para desembocar em panorama de sua recepção brasileira. O percurso permite ensaiar reflexão sobre alguns aspectos relativos à natureza dos estudos clássicos no Brasil.

Palavras-chave: Vernant, Antropologia Histórica, estudos clássicos, Brasil

Painel 10

Cátedra UNESCO Archai - UnB - 2

Edrisi Fernandes

Universidade de Brasília/Universidade Federal do Rio Grande do Norte

HERANÇA E PROJEÇÕES DAS 'IDEIAS (FORMAS) PLATÔNICAS' NA FILOSOFIA IRANIANA

Após uma breve discussão da importância da publicação por Rüdiger Arnzen, em 2011, da obra *Platonische Ideen in der arabischen Philosophie: Texte und Materialien zur Begriffsgeschichte von 'Ṣuwar aflāṣūniyya' und 'muthul aflāṣūniyya'*, apresentamos um panorama histórico da rica tradição interpretativa da teoria platônica das 'Ideias (Formas)' na filosofia iraniana (em árabe ou em farsi), compreendendo exemplos a partir do pensamento de Ibn Sīnā (Avicena), Sohravardī de Alepo (Shihāb ad-Dīn Suhrawardī), MullāṢadrā (Ṣadr ad-Dīn Muḥammad Shīrāzī) e Ahmad al-Ahsā'ī, e mostramos como a interpretação iraniana das Ideias platônicas, por vezes misturando-se à concepção zoroastriana dos*Fravashis*(pálavi *Fravāhr*;*Fravāhar*), influenciou e segue inspirando a trajetória do filosofar iraniano em áreas tão diversas quanto a metafísica e a mística, perpassando a herança do pensamento mashsha'ī (peripatético), ishrāqī ("iluminacionista"), "ṣadrī" (hikmat al-muta'lī) e shaykī.

Palavras-chave: Platonismo, teoria das Ideias, filosofia islâmica, filosofia iraniana

Guilherme Motta
Universidade de Brasília

O que é atual no pensamento político de Platão

Embora a obra de Platão esteja repleta de avaliações negativas sobre a democracia, alguns chegam mesmo a defender que, uma vez explicitados os traços fundamentais dos modelos de constituição propostos pelo filósofo ateniense, pode-se vislumbrar em suas propostas políticas até uma certa possibilidade de aproximação com ideais democráticos. Esse tipo de avaliação perde muito da sua efetividade se se considerar que a democracia implica uma forma de constituição inclusiva no que se refere ao poder de governar ou de influir diretamente no governo. Deste ponto de vista a filosofia política platônica estaria o tanto quanto possível afastada da democracia. Entretanto, quando se tem em vista o quanto a proposta política de Platão é inclusiva sob outros aspectos, talvez uma nova avaliação possa ser feita. Ela é maximamente inclusiva na medida em que preconiza que se deve buscar o bem comum de todos os cidadãos. Esse bem é tomado como a virtude, cuja promoção depende fundamentalmente da educação e dos costumes, que devem atingir a todos para promover sua felicidade. Embora esse modelo de inclusão pareça mais de acordo que o que é proposto nas *Leis*, é possível defender que se aplica também à *República*. Se for assim, então, talvez a intuição de certos autores ao enxergar algo de "democrático" nos modelos políticos propostos por Platão sofresse menos resistência com a substituição da palavra "democrático" pela palavra "inclusivo" para caracterizar isso que enxergam nesses modelos e que parece aproximá-los de um ideal democrático. Talvez seja esse caráter inclusivo do pensamento político de Platão o que o torna mais atual e apto a ser recuperado para o debate.

Palavras-chave: Platão. Política. Virtude. Inclusão.

Nicholas Philippe Riegel
Universidade de Brasília

Beauty, mathematics and Ethics in Plato

The thesis of this paper is that if we translate *kalos* in Plato with words other than 'beautiful' we miss an important aspect of his thought. Much contemporary scholarship has shied away from translating *kalos* 'beautiful' on the basis that *kalos* is used in broader contexts than our word 'beautiful' (so, Woodruff 1982, etc.). Instead, words like 'noble', 'admirable' and especially 'fine' are preferred due to their larger scope. But, whatever the truth of these claims for the Ancient Greek language generally, I believe there is good reason to translate *kalos* 'beautiful' in Plato. I will argue that if we do not translate *kalos* 'beautiful' then we miss a vital connection in Plato's thought between mathematics and ethics.

Palavras-chave: Beauty, kalos, mathematics, ethics, Plato

Luca Pitteloud
Universidade de Brasília

Platon et les lois de la nature

Dans cette présentation, j'aimerais montrer comment la manière dont l'hypothèse des Formes est introduite dans le *Timée* peut se comprendre de façon à faire du Modèle un ensemble de prescriptions et de lois dont le Démiurge doit s'inspirer afin de façonner le plus beau monde possible. Une analyse du Modèle en termes de plan ou de *design* nécessite une révision du statut des Formes et permet d'intégrer de façon pertinente la notion de finalité ainsi que l'idée de fonctionnement dans le cadre du récit de mise en ordre du monde. C'est l'analyse de la notion de *paradeigma* et de ses différents sens qui permet d'affirmer que le *Timée* plaide pour une vision associant les Formes intelligibles à des principes de fonctionnement inscrits dans la nature des choses.

Palavras-chave: Platon, Timée, Modèle, Lois

Painel 11

PROCAD FILOSOFIA ANTIGA – UFMG - UFC

Marcelo Pimenta Marques
Universidade Federal de Minas Gerais

pimA PERCEPÇÃO SENSÍVEL NO FILEBO

Analisar no *Filebo* a passagem sobre a percepção sensível (33C-34A), tendo em vista tanto a relação com a memória, como a reflexão sobre o prazer: nesse contexto, como deve ser descrita a percepção (abalo, afecção) para permitir que se possa compreender de maneira consistente seja a memória, seja a rememoração?

Palavras-chave: Platão, Filebo, aísthesis, memória, alma, prazer

Maria Aparecida Montenegro
Universidade Federal do Ceará

A TEMÁTICA DA SEPARAÇÃO NA FILOSOFIA PLATÔNICA

Em *Separation*, Gail Fine (2008) propõe que a crítica de Aristóteles à filosofia platônica, segundo a qual a teoria das Formas incorreria no erro de separar as formas inteligíveis dos particulares sensíveis, gerando assim um impasse para o conhecimento, seria procedente apenas na medida em que Platão assumisse algo que não parece ser o caso, se considerarmos diálogos como o *Fédon*, no qual a teoria das formas é mais amplamente apresentada. Mais precisamente, Fine propõe que Aristóteles teria razão em criticar Platão no que tange à separação somente se o Ateniense compartilhasse com o Estagirita a mesma concepção de *ousia*. Ora, se para Aristóteles o traço característico da *ousía* é a separação (ou seja, o fato de constituir uma substância ou uma Essência Básica), para Platão a noção de *ousía* parece atender apenas à exigência de constituir algo básico para o conhecimento dos particulares sensíveis, não implicando necessariamente uma separação no plano ontológico. Nosso propósito é tentar mostrar que o argumento de Fine acaba por evidenciar a presença, em Platão, de uma outra sorte de separação, para a qual Aristóteles não teria propriamente apontado, a saber: a separação entre alma e Formas. Tal separação, por sua vez, redirige nossa atenção para o modo como podemos pensar o papel da percepção dos sensíveis no processo do conhecimento.

Palavras-chave: Platão, Aristóteles, separação, formas, percepção

Gislene Vale dos Santos
Universidade Federal de Minas Gerais

A AISTHESIS COMPREENDIDA ENTRE O TODO E A PARTE NO TIMEU

Ponderar acerca da constituição do *kósmos* no *Timeu* e dos elementos que permitem pensar a constituição do humano; assim, conceber quais partes configuram a composição da *aísthesis*, que é o meio que permite ao humano aperceber-se das coisas, sendo ele mesmo resultante das relações que compõem a totalidade. Em outras palavras, analisar em que medida se pode dizer que a *aísthesis* é o elo entre o humano e o *kósmos* que o ordena.

Palavras-chave: Platão, Timeu, aísthesis, afecção, alma

Hugo Filgueiras de Araújo
Universidade Federal do Ceará

UMA FILOSOFIA DA PERCEPÇÃO EM PLATÃO

O presente trabalho defende que a hipótese das Formas, na filosofia platônica, tem como escopo explicar os sensíveis e a sensibilidade, e não rechaçá-los, como fora sustentado pela tradição. No *Teeteto*, Sócrates chega a analisar exaustivamente a possibilidade de a sensação ser encarada como conhecimento; no *Fédon*, no argumento da reminiscência, o mestre admite que para haver aprendizado/recordação é necessário que haja duas experiências cognitivas correlatas e mutuamente necessárias: a percepção sensível (*aísthesis*) que suscita a anamnese e o contato, anterior ao nascimento, da alma com as Formas, pois só há recordação do que o indivíduo antes soubera. O estudo implica que haja uma filosofia da percepção em Platão.

Palavras-chave: Platão, Teeteto, Fédon, percepção, sensíveis, formas

Painel 12

Rhetor - Grupo de Estudos de Retórica e Oratória Grega

Emanuelle Alves Melo
Universidade de Brasília

Oralidade na Vida de Cícero, de Plutarco: o advérbio νῦν nas estruturas de parênteses.

O presente trabalho tem como objetivo localizar recursos utilizados na oralidade na biografia *Vida de Cícero*, de Plutarco. Tannen (1982) identifica que, no discurso falado não planejado, há a tendência de a narrativa iniciar-se no tempo passado e mudar para o presente, enquanto, no discurso escrito planejado, prevalece o uso do tempo no passado. A partir dessa asserção, verifica-se que, na escrita da *Vida de Cícero*, há a ocorrência dessa característica típica do discurso falado em alguns períodos, precisamente, nas orações relativas em que o advérbio de tempo νῦν aparece, pois, no texto, a oração inicia-se no aoristo e muda para o presente. Nesse sentido, é interessante considerar dois pontos: o primeiro é que o advérbio νῦν, com o sentido de "na época atual", apresenta um caráter dêitico; o segundo, as orações com o tempo verbal modificado – nesse caso, no presente – têm caraterísticas de estruturas de parênteses (Jubran, 1999), que operam como desvios momentâneos da narrativa. Esta comunicação mostrará que as orações relativas com o advérbio νῦν na *Vida de Cícero* têm características de texto oral, pois elas apresentam estrutura de parênteses: o advérbio dêitico, reforçando o aspecto de oralidade, modifica um verbo no tempo presente, e este, por sua vez, representa uma ruptura em relação ao verbo no aoristo da oração principal.

Palavras-chave: estratégias de oralidade, estrutura de parênteses, Plutarco

Sandra Lucia Rodrigues da Rocha

Universidade de Brasília

Estratégias retóricas no uso do passado em *Sobre a Falsa Embaixada*

Em 343 a.C. Demóstenes acusa Ésquines de ter, na condição de embaixador enviado de Atenas, favorecido Filipe nos termos da paz negociada entre os atenienses e o rei da Macedônia em 346. Essa acusação toma forma no discurso *Sobre a Falsa Embaixada*, que precisa, pela decorrência do tempo dos fatos em relação à ação judicial contra Ésquines, relembrar aos juízes a maior parte dos acontecimentos de 346. As referências ao passado não só são essenciais para fundamentar o voto dos juízes mas também constituem estratégias retóricas específicas que nos informam sobre o tipo de informação que pode ser persuasiva para os atenienses, assim como sobre o melhor modo de apresentá-la a eles. Esta comunicação consistirá da análise das principais referências ao passado em *Sobre a Falsa Embaixada* de modo a elucidar as estratégias retóricas que lhes estão subjacentes.

Palavras-chave: Demóstenes, Ésquines, oratória, retórica, Sobre a Falsa Embaixada

Camila de Freitas Alves

Universidade de Brasília

Oralidade em *Sobre os Mistérios***, de Andocides: um estudo sobre a mudança de tempo verbal**

Esta comunicação pretende analisar a troca brusca de tempos verbais – do Aoristo para o Presente – no discurso *Sobre os mistérios* de Andocides. Pretende-se explicar por que essa mudança pode ser considerada como uma marca de oralidade na escrita. Para esse propósito, as teorias da gramática sistêmico-funcional e da análise do discurso serão utilizadas para determinar em que circunstâncias ocorre a troca de tempos verbais, bem como suas motivações. Para tanto, o estudo será concentrado nos Processos Verbais, nas meta-funções Ideacional e Textual. Os resultados mostram uma incidência regular da referida mudança de tempo verbal em *verba dicendi* como *ἐπαγγέλλω, ἀπογράφω, λέγω*, entre outros. A conclusão inicial revela que Andocides usa esta estratégia discursiva para enfatizar o próprio evento, neste caso o julgamento, na parte designada por Aristóteles de 'narrativa do discurso'. De uma perspectiva linguística, esse processo pode estar associado aos discursos escritos para serem proclamados.

Palavras-chave: Andocides, narrativa, oratória, gramática sistêmico-funcional, tempo verbal

Priscilla Gontijo Leite

Universidade de Coimbra

Demóstenes e a caracterização negativa dos adversários: o uso da *asebeia* **e da** *hybris*

A proposta da comunicação é apresentar a investigação acerca do uso retórico das noções de *asebeia* e de *hybris* nos discursos de Demóstenes para caracterizar negativamente o adversário e atribuir uma culpa maior ao delito cometido. Os termos foram utilizados em diferentes situações, tais como homicídios, agressões, mau uso da cidadania, rivalidades políticas e disputas familiares, o que demonstra a eficácia retórica das noções.

Palavras-chave: Demóstenes, retórica, asebeia, hybris

Painel 13

Sociedade Portuguesa de Retórica

Jorge Pereira Nunes do Deserto

Universidade do Porto

Os quatro estilos no *Peri Hermeneias* **de Demétrio**

O tratado *Peri Hermeneias*, que nos chegou associado ao nome de Demétrio de Faléron, é uma obra sujeita a grande controvérsia, tanto no que respeita à autoria como à datação. Se esta questão não deve impedir-nos de apreciar o seu conteúdo enquanto tratado de retórica, é impossível escapar às dificuldades que coloca quando queremos determinar se esta é uma obra precursora, e até que ponto, ou se, pelo contrário, é apenas mais uma, num período particularmente abundante em termos de produção, como são os séculos I, antes de depois de Cristo. Tendo em mente este problema, que funciona sempre como pano de fundo em qualquer leitura do tratado de Demétrio, é meu propósito propor uma abordagem que interliga três temas: a relação com Aristóteles; a escolha e uso dos exemplos; a proximidade ou afastamento em relação a outros tratados da época (alguns deles, objecto deste painel). Do desenvolvimento dos três temas propostos resultará, assim espero, uma imagem mais clara do lugar que poderemos conferir ao *Peri Hermeneias* no quadro da história da retórica.

Palavras-chave: Demétrio, Peri Hermeneias, estilo, retórica

Manuel Ramos

Universidade do Porto

A *elocutio* no livro IV da *Retórica a Herénio*

A teoria estilística da *Retórica a Herénio* apoia-se numa extensa descrição das figuras, 64 ao todo, entre figuras de palavra e de pensamento, fazendo questão o seu autor, embora nem sempre com sucesso, de adotar uma terminologia latina enriquecida com exemplos romanos. A doutrina elocutiva apresentada, de base helenística, é acessível, bem ordenada e com propósitos pedagógicos muito claros; apesar de oferecer uma longa lista de figuras, que lhe garantirão enorme êxito, no livro IV o autor recomenda moderação do uso de figuras e a estratégia da "dissimulatio artis". Teve muito êxito na Idade Média e no Renascimento, apesar de não distinguir claramente entre tropos e figuras e de colocar a *elocutio* depois da *memoria* e da *actio*.

Palavras-chave: Ad Herennium, elocução, figuras, retórica

Marta Isabel de Oliveira Várzeas

Universidade do Porto

Retórica e Poética no *Do Sublime*

Transmitido ao longo dos séculos como tratado de Retórica, o *Do Sublime*, atribuído a Dioniso Longino, aproxima-se mais de um tratado de crítica literária do que de um de retórica *stricto sensu*. Nesta comunicação procurar-se-á situar, no contexto das teorias helenísticas sobre o estilo, a ideia de sublime expressa no tratado *Do Sublime*, pondo em relevo a sua originalidade e o carácter inovador da sua concepção estética que, a partir do séc. XVIII, ajudou a configurar as teorias do gosto e foi determinante para a moderna reflexão sobre o belo.

Palavras-chave: Do Sublime, estilo, retórica, poética

Belmiro Fernandes Pereira

Universidade do Porto

As condições objectivas da praxis retórica no *Dialogus de oratoribus*

Durante o período imperial, com a alteração das condições políticas, a teoria e a prática ciceronianas perderam pertinência. A oratória política diminui de importância, florescendo em sua vez a eloquência escolar e a oratória epidíctica, sob o pano de fundo da oposição aticismo/asianismo. No entanto, por finais do séc. I d. C., assiste-se a uma reacção contra o novo estilo, iniciando-se um processo de restauração classicizante que encontra em Quintiliano e Plínio o Moço os seus mais lídimos representantes. A voga ciceroniana frutifica no diálogoatribuído a Tácito: para reflectir sobre as causas da decadência da oratória, apesar do condicionamento político, regressa-se ao *De oratore*, num raro exemplo de reescrita ciceroniana.

Palavras-chave: Tácito, Dialogus, estilo, retórica

Maria Margarida Lopes de Miranda

Universidade de Coimbra

Do estilo e imitação dos Autores em Quintiliano: entre o seu poder e os seus limites

Segundo Quintiliano (IX.4), o estilo do orador destina-se não só a agradar o auditório mas a persuadi-lo, requerendo por isso mais estudo e habilidade do que qualquer outra parte da retórica. Essa é uma das razões que explica a longa 'lição' de autores que dá início ao Livro X (cap. 1). Resenha de poetas épicos e líricos, trágicos e cómicos, mas igualmente de historiadores e de filósofos, o cap. 1º do Livro X não tem outra finalidade que a de fornecer ao orador os modelos a imitar, pois a imitação é parte indispensável da arte. Mais do que crítica literária ou história da literatura, o cap. 1 do Livro X antecipa a definição de um instrumento de trabalho útil à formação do orador: a imitação. Os autores definidos no cânone são, por sua vez, os mais úteis à formação do orador - que é afinal o objecto de toda a *Institutio Oratoria*. O estilo do perfeito orador alimenta-se portanto não de um único modelo mas da pluralidade de modelos e de autores, tendo em vista a persuasão.

Palavras-chave: Retórica helenística; Oratória; Estilo, Quintiliano

Painel 14

LABECA - Laboratório de estudos sobre a cidade antiga. MAE-USP

Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo.

Maria Beatriz Borba Florenzano

Universidade de São Paulo

O Labeca e a Antiguidade Grega

Esta comunicação deverá apresentar as ações do *Laboratório de estudos sobre a cidade antiga* a partir de 2006. Procuraremos mostrar um painel das pesquisas realizadas sobre a cidade e o uso do espaço na Grécia antiga e, sobretudo, um dos maiores produtos da atuação do Laboratório, o Banco de Dados "Nausitoo" .

Criado a partir da coleta sistemática de documentação material, textual, imagética, sobre o uso do espaço na antiguidade grega, pretende-se, com o Nausitoo oferecer à comunidade acadêmica, uma ferramenta de pesquisa inédita em nosso pais.

Palavras-chave: A antiguidade digitalizada - Cidade antiga - Polis

Maria Cristina Nicolau Kormikiari

Universidade de São Paulo

O mundo fenício-púnico sob uma nova perspectiva: o uso da terra em terras colonizadas

A documentação textual sobre os fenícios e seus descendentes ocidentais, os púnicos, apesar de extremamente lacunosa, mostra um quadro dual: de um lado temos o comerciante, o navegador, um ser voltado ao mar e ao que dele pudesse ser aproveitado, incluindo o valioso molusco a partir do qual o tecido púrpura era fabricado; e do outro, principalmente no que toca o período cartaginês, um ser voltado para as coisas da terra, para a agricultura, o cultivo e a criação de animais. Não obstante esta dualidade, as pesquisas acadêmicas, as arqueológicas aí incluídas, centraram-se em estudos do fenício comerciante e navegante e do púnico-cartaginês "imperialista marítimo".

Seguindo as linhas de pesquisa do Labeca – Laboratório de estudos sobre a cidade antiga, que estudam o uso do espaço e os aspectos identitários, econômicos e sociopolíticos a ele relacionados, pretendemos apresentar os dados arqueológicos de pesquisas recentes que lançam, pela primeira vez, perguntas sobre a ocupação interiorana de terras colonizadas por fenícios e cartagineses. Nos concentraremos nas descobertas relativas à ocupação da khóra na Sardenha e na Sicília, procurando apresentar as aproximações e distanciamentos dos dois modelos ocupacionais e sua contextualização.

Palavras-chave: Khóra - púnicos - Sardenha Antiga - Sicilia púnica

Márcia Cristina Lacerda Ribeiro

Universidade do Estado da Bahia

A *Khóra* na Tragédia Grega: o exemplo da *Electra* euripidiana

A *Electra* de Eurípides (485 a.C.- 406 a.C.), encenada provavelmente em 415 a. C., é um dos poucos exemplos dos trinta e dois textos trágicos que nos chegaram na íntegra onde é possível vislumbrar o espaço da *khóra*. Diferentemente de Ésquilo (525 a.C.- 426 a.C.) e de Sófocles (496 a.C.- 406 a.C.), que ambientam o mito de Electra no espaço urbano, Eurípides o faz inteiramente no espaço rural. Nossa comunicação tem por objetivo refletir sobre a abordagem do espaço rural a partir dessa peça. Com esse propósito analisaremos como o poeta retrata a *khóra* e qual a sua relação com a *ásty*; examinaremos os espaços construídos na fronteira, como santuários, túmulos, moradias, etc.; identificaremos mecanismos, segundo pensamos, de como a *ásty* assegurava o controle do território, especialmente através da prática de rituais, como aquele que Egisto estava realizando quando foi assassinado, denotando uma justaposição de poder e religião, e o festival de Hera, a que o coro convida a heroína a participar. No intuito de aprofundar a nossa discussão lançaremos mão não só de fontes escritas, mas da documentação arqueológica, que tem sido um recurso indispensável para aqueles que estudam o mundo antigo.

Palavras-chave: Khóra- Electra - Espaço trágico

Painel 15

Centro de Estudos Interdisciplinares da Antiguidade (CEIA) / Universidade Federal Fluminense (UFF)

Thaíse Pereira Bastos de Almeida Silva
Universidade Federal Fluminense

Vergílio, as *res agricolae* e o (con)texto das *Geórgicas*

Os versos 458-540 do II canto das *Geórgicas* de Vergílio serão objeto de análise do presente trabalho. Com o objetivo de discutir não somente importância do referido excerto na construção dos sentidos da obra como um todo, mas também o significado e a inserção desta obra didática em seu contexto político e social, realizaremos um estudo semântico e linguístico, buscando elucidar, sobretudo, os elementos que se apresentam e interagem no espaço textual: o autor, o leitor, o texto e o contexto.

Palavras-chave: Geórgicas, semântica, poesia latina

Beethoven Barreto Alvarez
Universidade Federal Fluminense

Aulo Gélio e a inculcação de elementos mímicos na comédia romana

Este trabalho pretende tratar da recepção da *fabula palliata* em Aulo Gélio (ca. 125 – depois de 180 d.C.) no que diz respeito a discussões sobre métrica e musicalidade na comédia romana e, portanto, destacar sua influência para o conhecimento da métrica em Plauto. Diversas passagens das *Noites Áticas* de Aulo Gélio serão analisadas, com foco especial na famosa comparação entre trechos da obra de Menandro e sua adaptação realizada por Cecílio da peça*Collax* (Noct. Att. 2.23).

Palavras-chave: Plauto, Aulo Gélio, Noites Áticas

Manuel Rolph De Viveiros Cabeceiras
Departamento de História, Universidade Federal Fluminense

Tácito, Roma e os outros: a Fronteira Étnica nos *Annales*

Análise da *oratio claudiana* apresentada por Publius (Gaius) Cornelius Tacitus (56-117 d.C.), em *Annales* XI, 23-24, a partir do conceito de 'fronteira étnica' cunhado pelo antropólogo escandinavo Fredrik Barth.

Palavras-chave: historiografia romana, etnicidade, retórica

Livia Lindóia Paes Barreto
Universidade Federal Fluminense

Caesar *X Vercingetorix:* vencedor e vencido?

O presente trabalho propõe uma análise da figura de *Vercingetorix,* nos*Commentarii* de *C. Iulius Caesar,* enquanto ferramenta literária para o engrandecimento pessoal do general romano. Desde a Antiguidade até os dias atuais a obra é foco de debates críticos sobre a questão da fidelidade aos acontecimentos relatados e muitos especialistas consideram-na como instrumento poderoso da política de *Caesar* que aífigura como o grande defensor dos gauleses ameaçados pelos helvécios e germanos. Vercingetorix (da tribo dos Arvernos) surge, especialmente no livro VII, como o grande chefe dos gauleses rebelados contra *Caesar*. Com base nos recursos da teoria da referenciação (Ingedore Koch), serão analisadas passagens que apontam para a construção da imagem de *Vercingetorix* como o homem valoroso que se engajou na luta contra Caesar e foi por ele vencido.

Palavras-chave: gauleses, Guerra da Gália, propaganda política

Painel 16

Sociedade Portuguesa de Plutarco - SoPlutarco

Maria Aparecida de Oliveira Silva
Universidade de São Paulo

Esparta e os Oráculos: uma leitura plutarquiana

Segundo Plutarco, Apolo tem a precisão de suas flechas em seus vates; quem os corrompe é a falibilidade humana do sacerdote ou da Pítia, que não são capazes de compreender por completo a fala de Apolo (*Do Declínio dos Oráculos*, 412C-E). Além disso, nas biografias de Licurgo, Ágis e Cleômenes, Plutarco relata episódios em que esses governantes fizeram uso dos oráculos para a implementação de suas leis, provocando mudanças sociais significativas em Esparta. Assim, nesta comuni-

cação, analisaremos a visão plutarquiana sobre a influência dos oráculos na organização social espartana.
Palavras-chave: Plutarco, oráculos, Esparta, Licurgo, Ágis e Cleômenes

Ana Maria Guedes Ferreira

Universidade do Porto/Universidade de Coimbra

Por trás de um grande homem há sempre uma grande mulher? A influência de esposas e amantes sobre alguns homens de Estado

Que o estatuto sociopolítico da mulher na antiguidade greco-latina é comummente descrito como inferior ao do homem é algo que a leitura das *Vitae* de Plutarco atesta, pois nenhuma delas tem como protagonista figuras femininas. No entanto, ainda que o conceito de igualdade de género fosse alheio à mundividência greco-romana, podemos considerar que, como aconteceu ao longo dos séculos até que as mulheres alcançassem esta pretensa igualdade, algumas delas tiveram um papel fundamental na condução dos acontecimentos políticos e sociais das suas comunidades. Neste trabalho, teremos em conta não só aquelas que, para utilizar um vocábulo muito na moda nos nossos dias, tiveram um papel proativo, agindo por trás dos seus homens, mas também aquelas que, não tendo perfil psicológico para intervir diretamente, foram utilizadas como arma de ataque pelos adversários dos maridos, na Grécia ou em Roma.
Palavras-chave: Plutarco, mulheres, estadistas

Ália Rodrigues

Universidade de Coimbra

Da arqueologia à canonização de um poder: a figura do legislador em Plutarco

Um deus ou um homem divinizado pela tradição literária e filosófica, a figura do legislador pertence ao círculo de *autokratores* que marcou o período arcaico, como os fundadores ou tiranos: reformadores políticos que actuavam como mediadores entre uma comunidade humana o oráculo de Apolo e todos representavam uma "manière grecque de commencer" (Detienne, 1994) implica uma forma de violência necessária, uma forma de morte. É difícil e talvez inglório identificar e distinguir as formas autocráticas de poder que emergiram durante este período: por exemplo, onde estabelecer a fronteira entre o *aisymnetes* e o legislador?

Com efeito se, do ponto de vista arqueológico, a figura do legislador é quase inexistente, a tradição literária, filosófica e judicial do séc. IV contribuiu de forma decisiva para a sua construção desta figura e deste poder. Constitui, por exemplo, a figura mais importante do platonismo político. Esta tradição biográfica do legislador estabeleceu um modelo político e um topos retórico-judicial do qual Plutarco foi o grande receptor produtivo. Neste capítulo, procuraremos demonstrar como Plutarco recebeu este modelo nas *Vidas* relativas a legisladores e qual o seu contributo decisivo para cristalização esta forma de poder. O efeito *canonizador* do contributo de Plutarco pode medir-se pela recepção que as *Vidas* dos legisladores, Licurgo, Sólon e Numa, por exemplo, conheceram na filosofia política moderna e na obra de pensadores que inspiraram os movimentos constitucionais fractais no século XVIII.
Palavras-chave: Plutarco, legisladores, Licurgo, Sólon e Numa

Joaquim José Sanches Pinheiro

Universidade da Madeira

O valor da filosofia e da paideia: a construção moral e retórica de Plutarco

Nos tratados políticos, Plutarco desenvolve o seu conceito de *politeia* e *polites*. Tal como nas *Vidas*, Plutarco estabelece uma relação entre *paideia* e *politeia*, uma vez que a *paideia*, enquanto formação, constitui uma fase preparatória relevante para o exercício do poder, até porque não se deve, segundo Plutarco, enveredar pela *politeia* por um impulso emocional. Ao longo dos tratados políticos, valorizando a proximidade entre *philosophos* e *politikos*, Plutarco enumera as qualidades próprias da *physis* ou desenvolvidas pela *paideia*. No nosso trabalho, analisaremos esses elementos dos tratados, enfatizando a influência pedagógica que Plutarco atribui à filosofia, enquanto conhecimento actuante e não alheia aos problemas da sociedade, pois o verdadeiro *pepaideumenos* é aquele que tem uma profunda cultura de cidadania, participando activamente na *politeia*, tanto no exercício de cargos, como no papel de pensador que aconselha os governantes.
Palavras-chave: Plutarco, filosofia, paideia

Painel 17

Núcleo de Estudos Antigos e Medievais da FALE/UFMG: Recepção da cultura greco-romana no cinema, teatro e literatura

Ewa Skwara
Adam Mickiewicz University

Quo vadis **as a film (1912, 1925, 1951, 1985, 2001)**

The Polish novel by Henryk Sienkiewicz was adapted into film five times. Every adaptation was filmed in unique circumstances, accompanied by different political situations and each time for a different, specific audience. The comparison and detailed analysis of all versions will bring to light, how and for what purpose has antiquity been translated onto the silver screen. The paper will focus especially on the three adaptations – the American (1951), the Italian (1985) and the Polish one (2001).

Palavras-chave: Henryk Sienkiewicz, Quo Vadis, Film

Eric Dugdale
Gustavus Adolphus College

Restorative justice in Yael Farber's Molora, a modern adaptation of Aeschylus' *Oresteia*

This paper examines Molora, a recent adaptation of the Orestes myth by South African playwright Yael Farber premiered at the Barbican Theatre in London in April 2008. The play sets the Oresteia in the context of South Africa's Truth and Reconciliation Commission. It presents the process of bearing collective witness to lived experience as central to resolving age-old cycles of violence; it sets democratic free speech and multivalence against the suppression of speech by totalitarian regimes; and it offers restorative justice rather than judicial justice as the alternative to retaliatory justice. This play reflects shifting attitudes towards classical works in the new millennium: no longer seen as exercising a hegemonic grip, they are now called upon as valuable partners in a two-way exchange of stories. In fact, it is precisely in their departure from the original script that retellings such as Molora derive much of their potency. In the terms of Augusto Boal's analysis of drama, they operate not as Hegelian closed texts whose subject-matter is drawn from the ancient past, but as Brechtian open texts dealing with contemporary issues, in which the past does not determine the future, in which myth is as alterable as the world in which it is rooted. Thus plays such as Molora offer an expanded understanding of the relevance of Greek drama as political drama.

Palavras-chave: Yael Farber, Molora, Aeschylus' Oresteia

Claudia Nélida Fernández
Universidad Nacional de La Plata

La Electra de Sófocles en la escena porteña: avatares de una adaptación posmoderna

En 2005, el joven director argentino J.M. Muscari estrena en Buenos Aires su Electra shock. Tragedia show y alto voltaje, una adaptación de la Electra de Sófocles, concebida para esta época posmoderna. En sincronía con la particular -y bizarra- poética del autor, en la que caben concepciones artísticas globales, como el camp, el kitsch, la parodia, la cultura popular y LGBT, y locales rioplatenses, como el grotesco o el sainete-, sin embargo conserva los trazos esenciales de la tragedia de Sófocles, que logra sobrevivir a esta perturbadora transposición estética. La composición termina siendo un collage, o pastiche, que se autodescompone -o deconstruye- al presentarse como un ensayo de su puesta en escena. La fuerte dosis de autorreferencialidad que exhibe la pieza hacen del teatro y la tragedia un tema fundamental en ella. Por esta razón, el análisis de esta puesta en escena será solo el punto de partida para reflexionar sobre cuestiones más generales y teóricas que siguen preocupando a los estudiosos de la recepción clásica, esto es, el lugar desde donde se posiciona la investigación, los juicios de valor apropiados en vistas de cuestiones de estética, y el interés que guarda para los estudios clásicos tradicionales este campo de estudio tan largamente transitado pero de reciente legitimación académica.

Palavras-chave: J.M. Muscari, Electra shock, Electra de Sófocles

Painel 18

Diretoria da SBEC

Zelia de Almeida Cardoso

Universidade de São Paulo

O percurso dos estudos clássicos no Brasil: momentos marcantes

Os estudos clássicos estiveram presentes em nossa história desde a fundação das escolas jesuíticas, no século XVI. A educação então ministrada tinha suas raízes na Antiguidade. A língua latina era ensinada; a correspondência era em latim; obras escolhidas da literatura clássica eram lidas e geraram novos textos. Anchieta compôs, em latim, odes sáficas, epigramas, elegias e um poema épico de influência virgiliana, o *De gestis Mendi de Saa*. No século XVII, Antônio Vieira difundiu a retórica antiga no Colégio de Pernambuco e permeou seus sermões com citações latinas. No século XVIII o interesse pelos clássicos se manifestou em autores independentes como Botelho de Oliveira, com *Música do Parnaso*, e naqueles que pertenceram a Academias Literárias. O movimento arcádico produziu escritores como Tomás Antonio Gonzaga ou Cláudio Manuel da Costa, que ressuscitaram em sua poesia o bucolismo e o lirismo greco-latino, enquanto o teatro encenava obras que, como as que foram compostas por Antônio José da Silva, exploravam temas clássicos nos enredos. No século XIX, o ensino secundário se reorganizou e os currículos escolares, além de disciplinas científicas, conservaram as de caráter humanístico. No campo da literatura, se o Romantismo preconizou o abandono de velhos modelos, os escritores realistas e parnasianos revelam influência dos antigos. No século XX há uma revalorização dos estudos clássicos. A fundação das faculdades de filosofia, ciências e letras, permitiram a criação de cursos específicos de letras clássicas, filosofia antiga, história greco-romana, antropologia, arqueologia. Obras clássicas são traduzidas e divulgadas, instituem-se mestrados e doutorados em estudos clássicos, o teatro valoriza antigas tragédias e comédias, representando-as em traduções e adaptações. A criação de uma sociedade científica voltada para esses estudos, a SBEC, permitiu a visualização do que se fazia no Brasil e no mundo, garantindo um intercâmbio profícuo que se consolidaria no futuro com o desenvolvimento da tecnologia e a imensa possibilidade de compartilhamento.

Palavras-chave: Estudos clássicos; Brasil colonial; contemporaneidade; intercâmbio cultural.

Maria do Céu Grácio Zambujo Fialho

Universidade de Coimbra

Para uma cosmópolis lusófona de estudos clássicos

O título não representa a formulação de uma finalidade projectada para o futuro, mas de uma dinâmica iniciada há décadas, pontualmente, que se desenvolveu num crescendo e que, em dado momento, tomou consciência da sua força e das suas potencialidades.

A relação mestre-discípulo, decalcada sobre o modelo colonizador-colonizado, inverteu-se há décadas – e para tal foram pivots, por exempo, no domínio dos Estudos Clássicos (que se seguiu ao dos Estudos Linguísticos) J. Torrano e J. Lins Brandão. Na nova era do ensino à distância e dos suportes de mobilidade docente, agregada a módulos de pós-graduação, a docência é recíproca, entre universidades brasileiras e portuguesas, bem como o intercâmbio de alunos. Estamos preparando uma geração de jovens classicistas de horizontes bem latos, no contexto de um novo Renascimento, agora no espaço lusófono, capazes de tomarem nas mãos, com competência e espírito crítico, as rédeas de um futuro em que o confronto de abordagens do Mundo Antigo e o diálogo sobre elas tem implícito um diálogo sobre raízes comuns e sobre condição histórica actual.

Num universo dominado pela invisível força do grande capital e de novas superpotências bancárias e nacionais, a globalização mostra as suas vantagens e a sua força ameaçadora. E essa é uma realidade que se converteu em factor determinante de consciencialização de que é urgente construir uma Cosmópolis alternativa, fundada em outro poder – no da cultura, da comunicação, do mútuo respeito de troncos da mesma árvore lusófona, cujas raízes mais profundas estão lá onde Homero recitou os seus primeiros hexâmetros e os primeiros filósofos se espantaram com o universo e a pequena partícula pensante que o habita.

Assim, a Cosmópolis lusófona de Estudos Clássicos requer intercâmbios e cruzamento de informações, e planeamento de actividades institucionalmente enquadrados, por parte de instituições, de um e outro lado do Atlântico, cuja investigação abranja esse diálogo interdisciplinar entre o passado e o presente. É bem palpável o progresso imenso feito, nesse sentido, entre o anterior e o actual Congresso da SBEC, com acções e congressos geminados, entre várias universidades e Centros e Pesquisa do Brasil e os seus congéneres portugueses, a participação mútua em actividades lectivas, a reflexão conjunta, sob a forma de congresso, acerca da actividade de tradução, as parcerias editoriais, digitais ou em suporte de papel, a criação de sociedades gémeas, como a recém-criada Sociedade Portuguesa de Retórica. Falta que conheçamos ainda melhor o que de um e de outro lado se produz cientificamente, para que nos leiamos mais e mais aprendamos uns com os outros - o que facilmente se atinge com o envio, ainda que digitalizado, de obras, nos dois sentidos, para recensão e notícia, com todas as formas de recurso a esse não-espaço a que todos temos acesso: a net.

E porque de Coimbra estamos em Brasília, seja de assinalar o Projecto Construindo Cosmópolis, CAPES/FCT que esta-

mos desenvolvendo, entre as duas universidades, entre 2013-2014. Juntos sabemos e podemos mais, num universo em que o português, se nos olharmos, é língua maioritária. Saber é poder, a confluência e acção concertada são-no também, e também no domínio da Cultura. Sabia-o Augusto, de quem Portugal e o Brasil (SBEC e APEC, com Museu de Mérida), se preparam para celebrar em 2014 o bimilenário da sua morte.

Palavras-chave: Lusofonia, Cosmópolis, Estudos Clássicos, Coimbra.

Painel 19

Sociedade Brasileira de Retórica

Elaine Cristine Sartorelli

Universidade de São Paulo

A Retórica como espelho da Antiguidade no Renascimento

Esta comunicação tem como objetivo comentar alguns discursos dos séculos XV e XVI que demonstram a consciência que os autores da época tinham de que rompiam com o passado recente para voltar a um outro, e em que medida percebiam que, ao fazê-lo, estabeleciam um cânone e escreviam um manifesto estético e literário. Demonstraremos ademais como essa ponte com o passado deu-se majoritariamente por meio da Retórica (organizadora de outros discursos), e como Cícero foi o modelo máximo, o paradigma de tudo aquilo a que os humanistas queriam retornar.

Trabalhar com a recepção dos textos clássicos em outros períodos implica, necessariamente, em pensar naquilo que o passado clássico teve a oferecer a cada momento histórico, e no que significa a relação entre o que esse segundo, receptor, diz a respeito de si próprio quando escolhe o que imitar de seu antecessor; mostra, além disso, as diferentes "Antiguidades" que vão sendo construídas conforme essas apropriações vão reconstituindo o passado segundo aquilo que lhes é possível ou interessante observar em seu presente. Com relação ao Renascimento, o próprio nome dado a esse movimento mostra, em si mesmo, que ele se define por meio da relação que estabelece com outra, anterior, o mundo clássico antigo e seus modelos, largamente recuperados e propagados pelos Humanistas. A Renascença, como movimento cultural e artístico, define-se por aquilo que a língua latina chama imitatio, que pressupõe o processo inteiro da recepção: a relação entre os modelos imitados e o contexto cultural no qual esses modelos foram descobertos, apropriados, traduzidos, e principalmente assimilados, a fim de produzir novos discursos a partir dos conteúdos absorvidos. No Renascimento, portanto, a relação com o passado e seus modelos era não apenas central e um traço constitutivo, mas sua característica fundamental.

Palavras-chave: Retórica; Renascimento; recepção; Cícero.

Pablo Schwartz Frydman

Universidade de São Paulo

Thyestes: da recitatio à declamatio

Apesar do Thyestes de Sêneca ser a única versão da tragédia que sobreviveu, as referências a este mito são abundantes na literatura latina do principado. Quintiliano (I.O. X.1.98) coloca Thyestes no mesmo nível que as melhores tragédias gregas. Para Horácio, a ceia de Thyestes exemplifica os limites da representação dramática (Ars. 90-91; 186). Tácito (Dial. 3.3) sugere que uma recitatio de Thyestes pode ser lida como uma denúncia dos abusos do poder imperial. Este trabalho se propõe analisar os usos do ethos de Thyestes para a elaboração de um color nas Controvérsias de Sêneca o rétor (Sem. Contr. I.1.21;23).

Palavras-chave: Retórica; declamatio; Sêneca; Thyestes.

Adriano Machado Ribeiro

Universidade de São Paulo

Sofistas e Retóricas?

É usual estabelecer o surgimento da Retórica enquanto uma arte (techné) no século V a.C. na Grécia. Em razão da queda da tirania em Siracusa, o questionamento sobre propriedades de terra teria levado as decisões sobre tais questões aos tribunais de justiça. A consequência foi, segundo alguns autores antigos, o aparecimento do ensino de uma arte da persuasão, ou seja, o aparecimento de professores - chamados a partir de então de sofistas - e alunos, com a finalidade do aprendizado por parte destes de uma técnica do lógos capaz de persuadir um grupo de pessoas a partir de um conjunto de preceitos formalizados como operantes eficazes a fim de serem utilizados, empregando-se palavras e argumentos de modo conveniente (prépon), de acordo com o momento propício (kairós), sendo este avaliado pelas circunstâncias próprias de cada debate.

Há, porém, várias possíveis restrições à afirmação de que a retórica tenham assim surgido na Grécia. Levantar alguns pontos desta questão será o objetivo desta comunicação.

Palavras-chave: Retórica; sofistas; Atenas; século V a.C.

Painel 20

Laboratório de Estudos sobre o Império Romano (LEIR)

Fábio Faversani
Universidade Federal de Ouro Preto

Nostrae manus: **Tácito e as divisões da aristocracia**

O propósito dessa comunicação é apresentar um estudo sobre as divisões que Tácito apresenta serem características da aristocracia sob o Principado. O comportamento da aristocracia é apresentado em muitos episódios narrados por Tácito como a fonte de males vividos por essa mesma aristocracia. Em nossa comunicação, pretendemos analisar uma seleção desses episódios.

Palavras-chave: Roma, Tácito, aristocracia, Principado, Império Romano

Ana Teresa Marques Gonçalves
Universidade Federal de Goiás

A Face Romana nas Províncias: Os Governadores Imperiais

Tanto durante a República quanto durante o Império, os Governadores de Província foram fundamentais para a manutenção das conquistas romanas. Eles e seus funcionários se tornavam a presença mais firme de uma ordem imperial nos territórios dispostos dentro do *limes*. Personificavam a unidade que Roma buscava criar na administração imperial. Neste trabalho, propomos analisar uma epístola enviada por Cícero para seu irmão Quinto, quando este ocupava a função de Governador da Ásia, comparando-a com as qualidades de Agrícola, sogro de Tácito, também funcionário imperial, ocupando a governança da Bretanha no Alto Império, a partir de uma reflexão sobre a obra a Vida de Agrícola. Por meio desta comparação textual, pretendemos perceber quais eram as principais qualidades a serem detidas pelos aristocratas que ocupavam este cargo, bem como as principais atividades por eles desenvolvidas em nome de Roma nas províncias.

Palavras-chave: Roma, Províncias, Governadores, Poder

Leni Ribeiro Leite
Universidade Federal do Espírito Santo

Sobre Estácio, poesia e panegírico

Sem prejuízo da apreciação estética de que foi objeto durante muitos séculos, Estácio é um autor latino cuja obra poética sofreu críticas por sua estreita relação com o gênero epidítico, na chave do elogio, principalmente em suas *Silvae*. A partir desta obra, uma das poucas produções literárias contemporâneas a Domiciano a chegarem aos nossos dias, nossa pesquisa busca refletir acerca das relações entre produção poética e panegírico sob o domínio flaviano.

Palavras-chave: Estácio, Silvae, gênero epidítico, poesia flaviana

Painel 21

Instituto de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

Alexandre Guilherme Barroso Matos Franco de Sá
Universidade de Coimbra

Democracia e Império: do Clássico ao Contemporâneo

Democracia e Império: do Clássico ao Contemporâneo

Palavras-chave: Democracia, Império, Cosmopolitismo

Rodolfo Lopes
Universidade de Coimbra

Novas mitologias na democracia segundo Platão

Novas mitologias na democracia segundo Platão

Palavras-chave: Democracia, Mitologia, Platão

Miguel Monteiro Sena
Universidade de Coimbra

Liberdade da Antiguidade no Renascimento

Liberdade da Antiguidade no Renascimento
Palavras-chave: Renascimento, Liberdade, Republicanismo

Elisabete Cação dos Santos
Universidade de Coimbra

Poder e Retórica

Poder e Retórica
Palavras-chave: Poder, Retórica, Literatura

Painel 22

Grupo Lýchnos/ Faculdade de Ciências e Letras-UNESP

Mariana Masotti
Universidade Estadual Paulista

O Estudo de Língua Grega: fonologia.

O grupo Lychnos, da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP/ Araraquara, coordenado pelas professoras doutoras Anise D´Orange Ferreira e Edvanda Bonavina da Rosa, tem como objetivo o estudo da língua grega antiga, enfocando sua fonologia, morfologia e formação de palavras, semântica e vocabulário, sintaxe e, por fim, a pragmática: o discurso e o texto. Para tal estudo foi realizada leitura, tradução e discussão da segunda parte da obra *A companion to the Ancient Greek Language*, editada por Egbert J. Bakker. Minha apresentação refere-se ao capítulo 07, intitulado *Fonologia,* em que Philomen Probert discute a pronúncia padrão do ático clássico a partir do ponto de vista da fonologia moderna, e toma como base de seu estudo as inscrições bem como a representação de palavras gregas no latim. O autor mostra-nos particularidades da fonologia da língua grega que variou com o tempo, lugares e fatores sociais, como, por exemplo, letras e valores de sons do Antigo Alfabeto Ático, alfabeto ateniense local em que o Grego Ático foi escrito e usado na maior parte do século V a.C., em contraste ao Alfabeto Jônico, oficialmente adotado para inscrições públicas em 403/2 a.C.; Fonemas e contrastes fonológicos; Segmentação das vogais consoantes; Estrutura silábica e, brevemente, Acentuação das palavras gregas. O estudo desse aspecto foi essencial ao grupo para aprofundar questões teóricas que contribuem para o maior acesso e compreensão de aspectos referentes ao estudo da língua grega, referentes à pronúncia do grego antigo. Como resultado, temos as traduções dos capítulos estudados que poderá ser disponibilizada aos demais interessados. As discussões do grupo serviram como ponto de partida para a tradução para o português da obra literária grega *Héracles Furioso*, de Eurípides, bem como a produção de material didático digital para ensino de grego clássico.

Palavras-chave: Fonologia, Língua Grega, Tradução.

Kelli Fauth Claro
Universidade Estadual Paulista

O Estudo de Língua Grega: morfologia nominal.

Em nosso trabalho, como parte integrante do grupo Lychnos, formado por graduandos e pós-graduandos da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP/ Araraquara, que realizaram a leitura, tradução e discussão da segunda parte da obra intitulada *A companion to the Ancient Greek Language*, editada por Egbert J. Bakker, retratamos o capítulo 08, intitulado *Morphology and Word Formation,* compartilhado por dois integrantes do grupo, devido ao grau de complexidade e visando maior troca de informações. Nesse capítulo, Michael Weiss apresenta a morfologia, a 'forma' das palavras da língua e as maneiras pelas quais elas derivam de outras palavras da própria língua, bem como do protoindoeuropeu. Para fins didáticos, subdividimo-la de modo que facilitasse nossa apresentação, abordando primeiramente a morfologia nominal, apresentada nesse estudo, e, em seguida, a verbal, pertencente a outro integrante. Na morfologia nominal, Weiss aborda o sistema nominal do grego ático, assim como o sistema de casos e o sistema de gêneros. Há, também, uma abordagem mais detalhada das desinências de casos temáticas com os subtipos de declinação ática e contrata, as desinências de casos atemáticas, além de radicais atemáticos e adjetivos bem como sua declinação temática. Em nosso estudo preparatório de tradução, também abordamos o tópico sobre morfologia derivacional, com exemplos de elementos de formação. Os estudos realizados pelo grupo serviram como ponto de partida para a tradução em andamento da peça *Héracles Furioso,* de Eurípides, bem como para auxiliar na produção de material didático digital para ensino de grego clássico.

Palavras-chave: Morfologia nominal, formação de palavras, Tradução.

Michel Ferreira dos Reis

Universidade Estadual Paulista

O Estudo de Língua Grega: morfologia verbal.

Esse estudo, pertencente ao grupo Lychnos, formado por graduandos e pós-graduandos da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP/ Araraquara, coordenado pelas professoras doutoras Anise D´Orange Ferreira e Edvanda Bonavina da Rosa, retrata a Morfologia Verbal contida no capítulo 08, intitulado *Morphology and Word Formation*, da segunda parte da obra escolhida para estudo do grupo: *A companion to the Ancient Greek Language*, editada por Egbert J. Bakker. Em *Morphology and Word Formation*, Michael Weiss aponta alguns tópicos da morfologia verbal como, por exemplo, o sistema verbal herdado do protoindo-europeu pelo grego, caracterizado por uma distinção de aspecto tríplice: radical imperfectivo, perfectivo e resultativo, que poderiam ter um tempo considerado como passado ou não passado. Para o autor, há uma inovação estrutural no grego que é a criação de um novo radical temporal, o futuro. Weiss cita que as principais inovações em relação a diátese verbal se deram com criação de formas passivas distintas para o futuro e o aoristo baseado no sufixo -(ϑ)η- e os modos verbais da língua grega mantiveram os modos do protoindo-europeu sem muitas alterações; fala também sobre as desinências pessoais primárias (ocorrem no presente do indicativo, futuro do indicativo, no perfeito médio e em todos os subjuntivos) e secundárias (ocorrem no imperfeito e aoristo do indicativo e em todos os optativos) e, por fim, elenca algumas maneiras de formação de radicais, como os de aoristo, presente e perfeito, bem como algumas considerações sobre as formas nominais do verbo na língua grega. O estudo do capítulo em questão serviu ao grupo como embasamento teórico e ponto de partida para a tradução para o português da obra literária grega *Héracles Furioso*, de Eurípides, bem como a produção de material didático digital para ensino de grego clássico.

Palavras-chave: Morfologia verbal, Formação de palavras, Tradução.

Paula Camargo Boschiero

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho

O estudo de língua grega: elaboração de materiais instrucionais digitais de fonologia e morfologia para o ensino de grego antigo em ambientes virtuais.

Em razão da escassa quantidade de materiais em língua materna para o estudo da língua grega antiga, nosso Grupo de Estudos de Grego Antigo da Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara-UNESP propôs-se a efetuar uma tradução do inglês da segunda parte da obra *A Companion to the Ancient Greek Language,* editado por Egbert J. Bakker - onde se encontram os capítulos intitulados "Fonologia" e "Morfologia e formação de palavras" - com a finalidade de contribuir para auxiliar o acesso ao estudo da língua grega. Esses capítulos de conteúdo linguístico oferecem uma sólida base para futuras traduções realizadas diretamente do grego, pois tratam inclusive dos pormenores do complexo sistema de fonemas e processos de constituição de palavras de uma língua milenar. Há de se mencionar que ambos os textos passaram por uma transformação cujo resultado é uma transposição didática para uma mídia dinâmica por mediação humana, concentrados em alguns vídeos didáticos. A partir desses materiais digitais, objetiva-se contribuir para o ensino e o aprendizado da estrutura e do funcionamento da língua grega aos estudantes da área, agilizando a compreensão de informações técnicas e históricas dos textos utilizados, considerados difíceis mesmo publicados na categoria *companion*, e também se valendo de exemplo de material de trabalho para aquele que deseja produzir materiais e efetivar pesquisa com didática desse idioma. A transformação dos textos escritos em material digital foi possibilitada por via de recursos oferecidos pela tecnologia de computação, como diferentes softwares especializados em gravações e edições de áudio, imagens e vídeo que, em um primeiro momento, foram tarefas executadas separadamente e, numa fase mais avançada dos afazeres, trabalhadas concomitantemente em um mesmo ambiente digital. Assim, devido ao trabalho de tradução conjunta entre os membros do Grupo de Estudos, houve a produção materiais e suas variantes para o estudo de língua grega antiga. * Trabalho realizado sobre pesquisa apoiada por bolsa PIBIC do CNPq, edital 011/11 - PROPe, 2012

Palavras-chave: Materiais instrucionais digitais, Língua grega antiga.

Pôsteres

Pôsteres 01

Diogo Moraes Leite

Universidade de São Paulo

Júpiter e Ganimedes, Hércules e Hilas: Personagens Mitológicos nos Epigramas Homoeróticos de Marcial

Em seus mais de mil e quinhentos epigramas, Marcial, poeta latino do século I de nossa era, apresenta uma grande variedade de temas, muitas vezes apresentando uma crítica mordaz aos costumes de sua época. Dentre estes temas, nos ocupamos dos epigramas que tratam do que contemporaneamente denominamos homoerotismo. A historiografia sobre sexualidade no mundo romano apresenta a relação sexual homem-mulher ou homem-homem em um contexto de legitimação de poder e dominação. Ao cidadão romano era permitido que mantivesse relações com escravos jovens desde que mantivesse papel ativo. Neste contexto, entre os epigramas de Marcial com temática homoerótica, apresentaremos aqueles em que as relações entre Júpiter e Ganimedes, bem como entre Hércules e Hilas figuram como exempla de relações homoeróticas aceitas.

Palavras-chave: Marcial, epigramas, homoerotismo

Isabella Brandão Mendes Martins

Universidade Federal de Juiz de Fora

Autores e obras para o orador e o gramático: um estudo do "cânon" em Quintiliano (Inst. or. X) e Prisciano (Inst. gram. XVIII)

Ainda pouco explorada e conhecida, a parte final do Livro XVIII das *Institutiones grammaticae* de Prisciano de Cesareia (séc. VI d.C.) apresenta um repertório *sui generis* de citações de autores gregos e latinos, perfazendo cerca de 100 páginas nas edições modernas do texto e apresentando mais de 750 citações diferentes, de Homero a Menandro, entre os gregos; de Terêncio a Juvenal, entre os latinos. Nesta comunicação, que é parte do Projeto de Iniciação Científica intitulado: "O arquivo de exemplos de linguagem no *De Constructione* de Prisciano", temos como meta apresentar as principais características desse arquivo final de exemplos latinos, tentando responder à seguinte questão: de que maneira, poderíamos pensar que o arquivo de exempla da obra colabora para a revisão do "cânon literário" latino clássico, preceituado no âmbito da retórica e gramática latina? Especificamente, fizemos uma seleção exaustiva da ocorrência dos termos latinos, as quantificamos, classificamos quanto ao gênero, autor, época. Em seguida, estabelecemos um paralelo com os autores e obras prescritos por Quintiliano, no livro X da *Institutio oratoria*.

Palavras-chave: citações, cânon, Prisciano, Quintiliano

Débora Corrêa Marinho

Universidade Luterana do Brasil

Religiosidade e Deportação nos relevos de Assurbanipal (668-627 a.C)

As reflexões apresentadas neste trabalho fazem parte do Projeto Guerra e Religião- Estudo de textos e imagens do Mundo Antigo Oriental. O trabalho é desenvolvido no Laboratório de Pesquisas do Mundo Antigo (LAPEMA).

Através de relevos esculpidos nas pedras de alabastro os assírios nos revelaram a magnitude do seu império, as lajes que adornavam as paredes dos palácios não eram somente decorativas, mas responsáveis pela transmissão de crenças religiosas e ideologias. Os assírios utilizavam sua arte para comunicar-se com os outros povos, demonstrando através destas imagens a amplitude do poder, do exército e dos deuses. Documentavam através da arte parietal suas conquistas bélicas e supremacia sobre os outros povos. Através destes monumentos os assírios mostram sua preocupação com o futuro, pois as imagens trazem consigo um discurso que irá influenciar as interpretações mostrando que os assírios não se preocupavam somente com sua época, mas como seriam vistos pelas próximas gerações e pelo mundo. Os artesãos manifestavam no ato de esculpir a vontade do rei, e suas concepções propostas a partir de sonhos e ideais de guerra. No período do monarca Assurbanipal o reino sofreu significativa expansão e intenso apogeu econômico, bélico e religioso. A deportação é um dos temas mais relevantes nas paredes do palácio deste imperador. Estes deportados eram considerados sujeitos assírios e como tal, precisavam ser instruídos a reverenciar os deuses e o rei. O método utilizado na pesquisa para a interpretação dos simbolismos presentes nestas representações visuais é baseada na análise iconológica. Através deste estudo propõe-se o entendimento das concepções teológicas dos deportados e da elite assíria a partir das conquistas e da eminente preminência política e cultural.

Palavras-chave: Assíria, Representação, Iconologia, Religião

Fernando Adão de Sá Freitas
Universidade Federal de Juiz de Fora

As propriedades sintáticas do verbo *inquit* no livro II das *Controversiae* de Sêneca, o velho

A República Romana chega ao fim com o advento do principado e com a morte de Cícero, seu maior representante. Esses dois fatos na historiografia romana marcam uma profunda mudança, não só no plano político, social e econômico, mas também no sistema educacional que mantinha sua forte expressão nos discursos dos oradores no Senado. Segundo nos revela Conte, com o fim do sistema da oratória, a retórica também encontrará seu caminho para sua reformulação (1999, p. 404). Com o novo poder sendo concentrado na mão do imperador, a função senatorial ficou diminuta perante o contexto do principado, esse fato levou a prática da oratória nos moldes ciceronianos à escassez. Como as novas tendências da retórica escolástica representada pelas *declamationes* de Sêneca, o velho, se tornava cada vez mais popular no meio da sociedade romana, o modelo da retórica republicana se distanciava das práticas retóricas apreciadas no contexto do Império. Nesse sentido, a nova prática retórica encontrou um espaço próspero para seu desenvolvimento e aperfeiçoamento, conforme Bloomer (2010, p. 298). Um dos textos da literatura imperial de Roma que representa esse rompimento com a formulação de uma retórica totalmente ornamentada aos moldes da *Rhetorica ad Herennium* é o livro das *Controversiae* de Sêneca, o velho. Nesse conjunto de livros que, ao todo, somam dez, há elementos sintáticos que, de certa forma, "comprovam" significativamente a transição da *eloquentia* retórica ciceroniana para o uso dos exercícios retóricos das *declamationes* de Sêneca, o velho. A intenção de nosso trabalho é abordar, de forma mais específica, elementos sintáticos que nos ajudem a identificar essa mudança no sistema de escrita, entre os diferentes períodos da literatura latina. Para isso, utilizaremos terminologias da linguística moderna para solução de nomenclaturas oriundas do discurso gramatical, porém ainda não abordadas pelas gramáticas de língua latina. Nessa primeira etapa de verificação sintática do livro II das *Controversiae*, apontaremos quais as funções que o verbo de *dizer Inquit*, assume no contexto da obra, tendo como referencia os estudos de Moura Neves sobre funções dos verbos *dicendi*, como verbos de elocução introdutores de discurso direto e/ou indireto (2000, p. 47). E, em resultado a esse processo, levantaremos uma hipótese de como o verbo *inquit* pode ser classificado como uma oração parentética dentro do mesmo livro, utilizando, também, a terminologia da sintaxe da língua portuguesa expressa pela *Gramática Descritiva do Português* (2002) de Mário Perini. Esses dois aspectos sintáticos nos auxiliam a demonstrar que a justaposição de termos ou sintagmas é feito pela parataxe dentro do texto latino e para sustentar também uma hipótese de que o estilo sintático das *declamationes* pode ter sido um fator importante para a sua popularização em meio à sociedade romana.

Palavras-chave: sintaxe latina, Sêneca, o velho, verbo inquit, Controversiae

Guilherme Machado Siqueira
Universidade Luterana do Brasil

Guerra e Religiosidade na arte de Assurbanipal

Este trabalho faz parte do projeto de pesquisa "Guerra e Religião - estudo de textos e imagens do Mundo Antigo Oriental", desenvolvido pelo Laboratório de Pesquisa do Mundo Antigo (LAPEMA), com apoio do CNPq e da FAPERGS. Os relevos esculpidos sobre pedra de alabastro foram uma das principais manifestações artísticas no império neoassírio. Estes recobriam as paredes dos palácios reais evocando as grandes campanhas militares e deuses, legitimando assim a supremacia assíria perante os outros povos. Durante o reinado de Assurbanipal (668-627 a.C) a Assíria esteve no auge do seu poder e isso refletiu na criação de uma série de relevos parietais notáveis, compostos de detalhes de soldados, ferramentas bélicas, símbolos e práticas religiosas. A guerra é uma atividade necessária na antiguidade e sempre que esta se fazia buscava-se a consulta dos deuses para uma justificativa e traçado dos planos estratégicos. O monarca explorou as imagens descrevendo seus ideais de batalhas, vitórias e rituais como um meio digno de fornecer exemplos memoráveis aos homens do futuro. Os assírios imortalizaram os reinados, através de uma cultura material portadora de determinadas mensagens que a linguagem escrita não permite, demonstrando por entre os monumentos a preocupação de serem lembrados em tempos posteriores como o grande império bélico e de grandes feitos. O método de análise utilizado na pesquisa é baseado na iconologia, onde propomos interpretar os simbolismos e entender as concepções bélicas e teológicas presentes na arte parietal.

Palavras-chave: Assíria, Guerra, Religião, Iconologia

Mariana Masotti
Universidade Estadual Paulista

Dioniso e o teatro grego: investigações lexicais.

Sendo o teatro grego uma atividade integrante do conjunto de práticas dedicadas à celebração de Dioniso, são notórios os vínculos extratextuais entre esse deus e as performances dramáticas. Contudo, a julgar pelas peças supérstites, é rara a sua presença nas fábulas trágicas e "Bacantes" de Eurípides é a única em que ele comparece como personagem. Mas vale lembrar que o drama satírico também era composto pelos tragediógrafos como a quarta peça da tetralogia trágica apresentada nas Dionisíacas Urbanas e garantia seu vínculo com o deus por meio do coro de sátiros, presença obrigatória nesse gênero. Este estudo pretende investigar os elementos dionisíacos, sobretudo no tocante ao léxico, de "O Ciclope" de Eurípides, único drama satírico preservado. Nossa suposição é que haja um vocabulário "dionisíaco" comum à tragédia e ao drama satírico.

Pretende-se colher no texto de "Bacantes" de Eurípides um conjunto de palavras típicas do campo semântico dionisíaco, tal como "bakkheuma", que, por sinal, aparece já nos primeiros versos do prólogo de "O Ciclope", e conferir a presença delas nos 375 versos iniciais desse drama satírico, que serão examinados no original e traduzidos para o português. (Apoio: FAPESP - Processo 2012/24081-7)

Orientadora: Profa. Dra. Maria Celeste Consolin Dezotti

Palavras-chave: Tragédia, Teatro Grego, Eurípides, Dionisismo, Dioniso, Drama Satírico.

Demetrius Oliveira Tahim

Universidade de Brasília

Sobre fronteiras e identidades: Quem eram os gregos? Quem eram os bárbaros?

Geralmente, compreendemos a Grécia como berço da civilização ocidental. Embora seja uma afirmação corrente, ela não fica distante de questões polêmicas como, por exemplo, a influência do oriente na civilização grega e, especificamente, a influência do oriente nas artes, literatura e política. Discutir estas trocas culturais é recolocar o tema da "origem" do ocidente em outro plano nos levando a repensar sobre a homogeneidade no desenvolvimento da civilização grega enquanto identidade que se consolidou sem incidentes no decorrer de sua história. *Sem incidentes?* O problema que surge aborda a gênese da comunidade grega, ou seja, de uma identidade que se firmou e que, de alguma maneira, mostrou ser diferente – para não dizer superior – às outras culturas com que a civilização grega entrou em contato. Todavia, há uma tensão que nos chama a atenção e se refere àqueles que, em contato com a esta civilização, suscitaram discursos em nome de uma possível unidade, ou melhor, a defesa de um pan-helenismo contra um inimigo comum: os Bárbaros. Ao nos aproximarmos desta discussão, nos deparamos com uma dificuldade que é saber se os gregos possuíam consciência desta unidade. Este problema é relevante já que lidamos com uma civilização que, politicamente, era profundamente separada enquanto *póleis*, que eram fechadas em sim mesmas e que, muitas vezes, guerreavam entre si e escravizavam outros gregos. Assim, o objetivo deste trabalho é esclarecer quais são os fatores de oposição no que se refere a uma possível unidade helênica para, posteriormente, explicar quais são os fatores de união, ou seja, quais eram os laços que uniam a diversidade de gregos. A partir desta perspectiva esclareceremos o que significava ser Bárbaro para um Grego, pois a resposta a esta última questão só é possível no momento em que conseguirmos compreender o que significava ser Grego.

Palavras-chave: Gregos, Bárbaros, Pan-helenismo, Identidade

Pedro Benedetti

Universidade Federal de Uberlândia

O mundo em obliteração: intencionalidades e figuras retóricas no livro XXXI de Amiano Marcelino.

Amiano Marcelino é considerado um dos últimos grandes historiadores romanos, escrevendo uma obra de trinta e um livros, cujo título é *Res gestae a fine Corneli Taciti* (Feitos ilustres a partir do termo de Cornélio Tácito). A idéia é discutir a última de suas obras, a intencionalidade da obra expressa em sua linguagem e o conteúdo do relato em si. Considerando que este seria um evento contemporâneo ao autor, e que esta era uma mensagem aos seus conterrâneos, discorreremos sobre as figuras retóricas utilizadas por esse autor ao longo dessa obra, tanto as de edificação dos imperadores quanto as de terror pela catástrofe que tomou lugar na batalha de Adrianópolis em 378.

O estilo de escrita de Amiano Marcelino é marcante, há uma vontade de igualar-se ao latim dos grandes escritores romanos, tanto que em sua obra há referências a vários deles, ainda que a língua original dele fosse o grego. Daí a necessidade de discutir a quem eram endereçadas estas obras, qual era a intenção do autor ao escrevê-las. Compreender o trabalho de Marcelino é inserir-se num movimento flagrante da historiografia atual sobre História Antiga: o estudo da antiguidade tardia, que vem sendo valorizado cada vez mais no mundo acadêmico.

Não há tradução dos textos deste autor para o português diretamente do latim, por este ser um trabalho inédito este tipo de análise se torna, finalmente, possível.

Palavras-chave: Antiguidade tardia, Amiano Marcelino, Império Romano, Adrianópolis, Língua Latina, Livro XXXI, História.

Renata Dariva Costa

Pontifícia Católica do Rio Grande do Sul

As práticas mágicas no período de ***Aššurbanipal***

A presente pesquisa faz análise da documentação textual e iconográfica da Assíria no I milênio a.C que nos fornece informações sobre as práticas de adivinhação e as concepções ideológicas sobre o futuro do império assírio. Podemos verificar que os relevos assírios foram realizados dentro de um programa artístico de arquitetura e decoração que legitimava a política do império e o papel do rei. Estes meios de comunicação estabeleceram elementos de uma cultura visual que foi amplamente propagada na Mesopotâmia dentro dos palácios e lugares de circulação real. Porém, as práticas mágicas perpassam as conotações reais, sendo práticas cotidianas à sociedade. No período de Aššurbanipal (669 – 627 a.C), no qual esta pesquisa se enquadra, assim como, em grande parte do antigo mundo mesopotâmico, identificamos uma série de simbolismos mágicos que preveem o futuro dos assírios. Baseados na metodologia da obra de Erwin Panofsky, historiador da arte e crítico alemão,

buscamos analisar como a arte nos relevos pode nos oferecer informações sobre o mundo assírio. Sua análise é dividida em três categorias: análise pré-iconográfica, análise iconográfica e descrição iconológica. Através desta metodologia, buscamos indagar como as práticas mágicas do antigo mundo assírio previam a história da nação assíria, e como os simbolismos mágicos presentes nos relevos podem nos informar sobre as práticas ritualísticas em comum no mundo mesopotâmico, além de nos indicar características em comum do antigo mundo assírio em relação a outros povos mesopotâmicos e também suas possíveis relações de herança com as práticas ritualísticas contemporâneas.

Palavras-chave: Magia, Mesopotâmia, Cotidiano

Karina Faria Soares

Universidade Federal de Uberlândia

O Emprego das Preposições Latinas – AD, EX, IN, DE, AB - no livro V das *Tusculanae Disputationes* de Cícero

Dentro do projeto de pesquisa de IC em andamento, patrocinado pela FAPEMIG, "O estudo do emprego das preposições no livro V das *Tusculanae Disputationes* de Cícero", este pôster propõe-se a discutir o emprego da preposição AD, EX, AB, IN, DE em parte do corpus da pesquisa. Como se sabe as preposições latinas em princípio foram antigos advérbios, que posteriormente se associaram aos complementos nominais das formas verbais, conferiam, assim, precisão de sentido aos casos latinos. Este trabalho partiu de embasamentos teóricos que convergiram para a ideia de que a preposição, em sua gênese, surgiu para informar noções espaciais, ou seja, sua noção básica é o aspecto físico (concreto e espacial), a partir dessa noção básica, com a evolução linguística, a mesma passou a ter outros empregos mais abstratos, como o significado temporal ou até mesmo sentido figurado, aqui denominado de nocional. A bibliografia compôs a teoria que serviu como fundamentação para este trabalho, inclusive com o empréstimo das terminologias adotadas nesta comunicação, dentre estes autores, merecem destaque: Celso Cunha & Lindley Cintra e sua gramática de língua portuguesa, além de José Van Den Besselaar e sua gramática latina. Após leitura do corpus e seleção do mesmo, com o apoio na tradução e das gramáticas de língua portuguesa e língua latina foi possível fazer o levantamento das ocorrências das preposições e neste pôster se expõe, em parte, os resultados da análise. Este pôster é apenas parte do que foi desenvolvido no projeto e visa a análise das ocorrências e dos vários significados das preposições latinas do corpus, sempre se embasando na teoria gramatical.

Palavras-chave: Palavras-chave: preposições latinas; sentido próprio, sentido figurado; noções.

Danilo de Albuquerque Furtado

Universidade de Brasília

Estratégias Orais e Escritas em Antifonte

O poster apresentará a pesquisa realizada sobre o texto (original e traduções) do orador Antifonte. Constarão a metogologia realizada para se efetuar a pesquisa (contabilização do uso de partículas no grego, do uso de pronomes, etc), trechos breves da análise do grego que exemplifiquem a metodologia utilizada, e as conclusões auferidas no que concerne o caráter oral *versus* escrito nos textos de Antifonte.

Palavras-chave: Antifonte, Oralidade, Escrita, Logografia

Michelle Fernandes de Araújo

Universidade Federal do Ceará

A imagem de Atena no 28o Canto do Hino Homérico

O presente trabalho pretende expor algumas imagens da deusa Atena no trecho do canto 28º do hino homérico e a relação entre o povo grego e a deusa.

Os mitos ocupam uma posição de relevância para a formação da consciência de uma sociedade, tendo em vista as propriedades de associações simbólicas que estes representam. Todo esse processo aponta a importância de seu estudo pois a mitologia é a ponte de acesso ao imaginário popular, para a compreensão de concepções de mundo, paradigmas e identidades culturais.

No caso da mitologia grega, a percepção da realidade foi sentida de forma incomparável em relação ás demais sociedades antigas. No discorrer de uma narrativa mitológica encontram-se vários personagens que figuram de forma divina sua relação com os homens. Na cultura grega, entre eles destaca-se Palas Atena, que como uma das divindades ocupava de forma marcante seu papel na mitologia.

O que se pode compreender ao fazer um estudo sobre uma divindade como Atena? Qual sua história? Como seu mito se desenvolveu e como ele influenciou os homens? A mitologia grega se desvendará também entre uma dessas figuras míticas, cada um desses personagens auxilia no conhecimento e compreensão do homem, enquanto ser pensante na Grécia Antiga.

Este trabalho pretende apresentar alguns episódios relevantes das narrativas sobre a deusa, como ela ter fincado seu cajado na Acrópole, fazendo dele brotar a oliveira que forneceu o óleo de oliva aos atenienses usados como tempero, remédio e cosmético para tratar a beleza dos corpos. A relação de Atena com a Acrópole e a cidade da Atenas como um todo é o foco deste pôster.

Palavras-chave: Atena, mitologia grega, Hino Homérico

Francisca Andréa Brito Furtado

Universidade Federal do Ceará

Reflexões Acerca da Inspiração

O presente trabalho visa discutir duas perspectivas platônicas acerca da inspiração,a saber: as apresentadas no "Íon" e no primeiro discurso de Sócrates do "Fedro", respectivamente inspiração poética e, inspiração Erótica. Ao pensar nas distinções entre as perspectivas citadas pretendemos refletir sobre a ligação da inspiração com a intemperança. No diálogo com o rapsodo Íon, na obra que recebe o mesmo nome do interlocutor de Sócrates, Platão argumenta sobre a variedade das artes e o conhecimento cabível a cada uma delas, afirmando por fim que a rapsódia não seria uma arte, tendo em vista não possuir conhecimento específico, porém versar sobre diversos temas. Nessa perspectiva a rapsódia seria uma espécie de fala inspirada. Ao final do diálogo Sócrates oferece a Íon duas opções: ser considerado divino ou malfeitor. No "Fedro" encontramos uma outra perspectiva platônica acerca da inspiração, no primeiro discurso de Sócrates sobre o amor, ele o descreve como sendo uma espécie de loucura, a inspiração nesse caso viria de Eros e ao estar sob essa inspiração o homem apaixonado agiria de maneira insana, guiado apenas pelos impulsos passionais. Quando enfim o homem se liberta do amor, quando a paixão cessa, ele retorna a si e volta a agir de acordo com a razão. Diante dessas duas distintas perspectivas, o que dizer de um homem inspirado? Poderíamos considerá-lo intemperante, tendo em vista a inspiração tirar o homem de si? Se pensarmos na intemperança como a tendência guiada apenas pelo prazer e na temperança como sendo seu contrário, tendência guiada pela razão, podemos dizer, portanto, que o homem inspirado, ao ser tomado pela inspiração deixa de atender à razão e lança-se à intemperança? Esse questionamento guiará nosso estudo e é a partir dele que pretendemos apresentar nossa discussão.

Palavras-chave: Inspiração; Intemperança; Platão.

Tayná Sanches Pereira Costa

Universidade Federal do Rio de Janeiro

O canto das Sereias na Odisseia de Homero

O Poster apresenta a parte relativa ao canto XII da Odisseia, como pesquisa de Iniciação Científica, que tem por tema a representação das Sereias na poesia grega arcaica.

Tais criaturas se apresentam ora como monstruosas, ora como encantadoras, assemelhando-se, em parte, às Musas, por sua onisciência e pelo seu doce canto, mas delas se distanciando no que concerne ao papel de preservadoras da memória. O trabalho tratará do episódio narrado no canto XII da Odisseia, vv.36-58 e 154-200, observando-se como, no poema, se dá a figuração desses seres, a partir de suas adjetivações e de um léxico que, por vezes, restringe seu campo de referencialidade.

Palavras-chave: Sereias, épica homérica, odisseia

Valesca Scarlat Carvalho da Fonseca

Universidade de Brasília

A metalinguagem nos proêmios de Demóstenes

O desenvolvimento da democracia grega se passou juntamente com a construção da Retórica, e esta ganhou seu espaço como uma arte a ser aprendida, em que os professores sofistas utilizavam manuais para transmiti-la. É atribuída à Demóstenes a autoria de um *corpus* de 56 proêmios do gênero deliberativo, dirigido ao povo. Este *corpus* intrigante na obra de Demóstenes, pode ter constituído mais um desses manuais, e apresenta características muito importantes sobre a construção desses discursos. Há uma predominância da construção do *ethos* do orador. A construção desse ethos se desenvolve de forma interessante: predomina como assunto principal dos proêmios uma linguagem metalinguística, em que se desenvolve o *lógos* argumentativo em torno deste centro. Todo o *lógos* do texto é utilizado para apresentar o ato deliberativo em si, a forma como um discurso e seus ouvintes devem proceder. É notável como esta ênfase serve para convencer o público da importância desses *ethos* deliberativos e do papel do orador, enquanto também fala de como é composto um discurso e das intenções deste, e do papel do público em como deve reagir, ou seja, um retrato das relações políticas atenienses.

Palavras-chave: proêmio, metalinguagem, ethos, deliberativo, discurso

Danniele Silva do nascimento

Universidade Federal da Paraíba

Uma Análise Linguístico-Literária da Elegia V do Livro I dos *Amores* de Ovídio

O presente trabalho consiste em uma análise dos aspectos linguísticos e literários da Elegia V, do Livro I dos *Amores*, de Ovídio. Ovídio foi um dos poetas mais versáteis da época de Otávio Augusto. O poeta surgiu no cenário romano entre 20 e 15 a.C. Algumas de suas obras são de caráter erótico, como *Amores*, Heróides, *Arte de Amar* e *Remédios de Amor*. Escreveu também *Metamorfoses*, poema mitológico escrito em hexâmetros e dividido em quinze livros; *Os Fastos*, sobre o calendário romano; *Ibis*, *Tristes* e *Epístolas do Ponto*, esses dois últimos escritos no exílio. *Amores*, coletânea de poemas de amor, escritos em dísticos elegíacos, tinha inicialmente cinco livros. Desses cinco, apenas três chegaram até nós. E isso aconteceu por iniciativa do próprio Ovídio. Em *Amores*, assim como em obras de outros poetas, existe a figura de uma mulher amada, bela,

desejada. Essa mulher, que também aparece na Elegia V, é Corina, figura que os estudiosos julgam ser meramente artística. No decorrer dos poemas, podemos perceber que Ovídio trata o Amor como um embate, onde se trava uma verdadeira batalha na arte da sedução e da conquista. É o que chamamos de *Militia Amoris*, recurso usado não somente por Ovídio, mas por outros poetas como Propércio e Tibulo. A Elegia V, corpus do nosso trabalho, tem como temática central a consumação do ato sexual. O eu lírico, inebriado de amores pela mulher amada, trava com ela um luta para tirar-lhe a roupa e, fazendo-o, admira a beleza do corpo de se amante, manuseando o mesmo. Ao final, louva a beleza da amada.Neste trabalho, faremos uma tradução operacional do poema, de modo a estabelecer considerações no que concerne às estruturas nominais e às verbais, a saber, os tempos, os modos e os aspectos presentes no texto.

Palavras-chave: Ovídio, Amores, Tradução

Lucas Nogueira Borges

Universidade Federal de Uberlândia

As completivas reduzidas e desenvolvidas no Livro I *Tusculanae Disputationes* de Cícero.

Este trabalho provêm da pesquisa de Iniciação Científica "O emprego das completivas no Livro I *Tusculanae Disputationes* de Cícero" custeado pela CNPq/UFU 2011 a 2012. Ao longo de um ano lemos e discutimos o *corpus*, selecionando e analisando as orações completivas, a saber, as justapostas pelo subjuntivo, as compostas por conjunções integrantes, e as infinitivas: Acusativo com Infinitivo (A.c.I) e Nominativo com Infinitivo (N.c.I). Porque Cícero escrevia períodos longos e complexos, foi preciso um método de abordagem para o texto. Abordamos o *corpus* latino por meio do método desenvolvido pelo grupo de pesquisa "LATIVM – Latim e estudos Diacrônicos" que consiste em identificar três elementos-chave do período: verbo, forma nominal e cláusula de ligação. Os resultados da análise apontaram que Cícero prefere empregar as orações reduzidas, ou seja, as infinitivas, especialmente o A.c.I, do que as orações desenvolvidas, como as introduzidas por conjunções integrantes. Sendo assim, pretendo expor como Cícero empregava as orações completivas no Livro I *Tusculanae Disputationes*, e consequentemente, as principais diferenças entre os empregos das completivas reduzidas (orações infinitivas e justapostas pelo subjuntivo) e o emprego da completiva desenvolvida (conjunções integrantes) enfatizando o porque de se estudar latim através de um texto clássico e como seria possível ler e entender o Latim por meio da método dos três elementos-chave.

Palavras-chave: Cícero, Tusculanae Disputationes, Orações Completivas, Metodologia de Ensino.

Isabela de Castro Mendonça

Universidade Federal de Uberlândia

O discurso ético-político em *Somnium Scipionis* e *Tusculanae Disputationes-Livro I*, de Cícero.

Em *Somnium Scipionis*, Cícero se utiliza de personagens históricos da família Cipião para descrever o sonho de um deles, Emiliano, no qual ele tem a oportunidade de visitar o céu, ou "morada eterna", onde encontrou com a efígie do Africano, Públio Cornélio, outro Cipião, e se iniciou então uma explanação sobre a formação do universo e como garantir um lugar no céu. Já no Livro I da obra *Tusculanae Disputationes*, Cícero mergulha em uma discussão sobre a morte. No decorrer do diálogo, chega-se a uma discussão sobre a alma, se ela existe ou não e, se existe, qual a sua composição e o que ocorre com ela após a morte. O que leva ao argumento que a alma pura só se elevaria ao céu se possuísse os mesmos elementos que ele, fazendo uma exposição dos elementos que compõe não só a alma, mas, da mesma forma, o céu. É importante observar que Cícero, conjuntamente aos temas filosóficos, como a morte, a formação do universo e da alma, expõe, também, um discurso ético e político vinculado à vida prática na *res publica* romana. Cícero, ao longo de toda a sua vida, sempre foi muito preocupado com a construção e a conservação da *res publica* e, por isso, suas noções acerca de uma alma preservada e de como conseguir um lugar no céu após a morte estão todas vinculadas ao reto agir na vida em sociedade.

Palavras-chave: Cícero, política, Sonho de Cipião, Tusculanae Disputationes

Lucas Santhyago Brandão Dias

Universidade de Brasília

Alcibíades: Entre a História e o Teatro de Platão.

O discurso embriagado de Alcibíades no 'Banquete' traz à tona a grande disparidade que reinou a vida da personalidade-personagem, e é desta que parte este trabalho; ao mesmo tempo que o sujeito amava àquele que pregava uma virtude comedida, era um homem de excessos deveras representativos à cidade que com ele tombava. Nesta representatividade que tenta beirar o amoral, Alcibíades tornou-se o ícone oposto a Sócrates em Platão: O belo em corpo e feio em alma. Nesta apresentação vamos explorar a capacidade literária desta persona histórica, e porque ele e somente ele poderia ser, dentro da obra de Platão, o mais expressivo erasta de Sócrates.

Palavras-chave: Alcibíades, Sócrates, As Nuvens, Aristófanes, Plutarco, Guerra do Peloponeso, Tucídides, Banquete, Platão, drama, pleonexía

Luiza Silva Porto Ramos

Universidade de Brasília

Os caminhos de Parmênides

O trabalho busca fazer uma análise sobre os caminhos apresentados no poema de Parmênides, em que se estabelecem os problemas principais que surgem na compreensão do poema. Três aspectos principais são considerados na abordagem: a linguagem, o contexto histórico e o contexto filosófico.

Palavras-chave: parmenides, hermeneutica, linguagem, ontologia

Pôsteres 02

Alexandre Cozer

Universidade Federal do Paraná

O que podiam fazer as mulheres diante de Priapo?

O filósofo francês Henri Bergson considerava, em seu ensaio *O Riso*, que a comicidade era, dos gêneros artísticos, aquele que melhor se relacionava com o vivido porque tem a função de interferir no real. O Riso tenta moldar atitudes, corrigir problemas e mecanicismos da vida. Tendo em vista que o mundo romano se organizava, de modo geral, pela sociedade e pelo valor da coletividade, talvez o riso tenha a função de guiar mesmo os comportamentos que melhor se insiram na lógica do império. Priapo sempre recebia poemas cômicos, obscenos e até de cunho sexual, para dar em troca fertilidade e vida. Deste modo, na Priapéia, o riso apresenta também uma função religiosa e cultural. A partir desses poemas a Priapo pretendemos observar quais os papéis desempenhados pelas mulheres na vida romana e qual o tom do discurso quando trata do prazer e fertilidade femininos.

Palavras-chave: Priapo, Riso, Feminino, Prazeres

Bárbara Rodrigues de Oliveira

Universidade Federal do Paraná

"A rainha egípcia na modernidade: uma análise de Cleópatra VII a partir do filme 'Cleópatra', de 1963"

Cleópatra VII governou o Egito de 51 a 30 a.C. Pouco se sabe sobre seu governo e sua vida, no entanto. O que é conhecido da rainha deriva de escritos estrangeiros, como de Plutarco. Neste sentido, as produções historiográficas que abordem o universo tangente à rainha são poucas e, quase sempre, trazem as mesmas perspectivas das escassas fontes sobre o assunto. Contudo, fora do ambiente acadêmico, é quase impossível mencionar o nome da rainha egípcia sem se deparar com opiniões. Estas reações são reflexos das obras de Plutarco, que se popularizaram no Ocidente, ao longo dos séculos, com diversas releituras. A estas apropriações culturais da antiguidade egípcia na contemporaneidade dá-se o nome de egiptomania. As produções cinematográficas que têm como destaque à rainha Cleópatra VII são diversas. O filme mais famoso sobre a rainha é o *"Cleópatra"*, de 1963, dirigido por Joseph Mankiewicz. A versão é inspirada nos romances de Shakespeare e de Carlo Mario Franzero. Devido ao fato da fonte analisada tratar-se de um filme, às questões relativas ao cinema tornam-se fundamentais. É importante salientar as influências de Maria Wyke em "Projecting the past – Ancient Rome and History". A autora argumenta que o cinema deveria ser mais bem explorado pelos historiadores do âmbito da história antiga, no sentido de que o filme pode enriquecer pesquisas relacionadas aos usos do passado, salientando as relações entre passado e presente. Partindo destas questões, a pesquisa procura analisar a imagem produzida da rainha Cleópatra VII pela sociedade norte-americana na década de 1960, a partir da perspectiva de "Cleópatra", de 1963.

Palavras-chave: Egito Antigo, usos do passado, Cleópatra VII, cinema, egiptomania

Renata Morais Mesquita

Universidade de São Paulo

Estudo do Texto Quatrocentista Anônimo *Vida e Feitos de Júlio César*

Se para o estudioso tanto da língua como da literatura medieval portuguesa a delimitação do *corpus* poético é mais acessível do que a do *corpus* em prosa, faz-se necessário, então, aos pesquisadores interessados na prosa, considerar as traduções em língua portuguesa desse período objeto de investigação. Podemos citar, como exemplo, a relevância dos estudos acerca da influente *Demanda do Santo Graal*, traduzida para o português do original francês, o que não só comprova nossa afirmação quanto à pertinência da pesquisa de traduções portuguesas como também nos encoraja ao estudo de outra obra, anônima e quatrocentista, traduzida do original francês do século XIII *Li Fet des Romains* – basicamente um compêndio de autores latinos, uma das duas obras mais antigas de historiografia latina escritas em francês, com grande difusão na França e na Itália até o século XVI – a qual foi intitulada em português *Vida e Feitos de Júlio César*. Ademais, para refletirmos sobre a literatura portuguesa em prosa, especialmente a da época de Avis, em que vemos surgir o gosto pela tradução de escritores clássicos, não podemos diminuir a importância das traduções, independente de sua difusão, pois atuam como fatores imprescindíveis na preparação do denominado renascimento português. Nesse sentido, nossa pesquisa busca traçar a peculiaridade da tradução portuguesa frente ao seu original francês. Assim sendo, objetivamos na investigação o estudo aprofundado da composição da tradução, de modo a criar uma base sólida sobre a qual analisaremos, posteriormente, a maneira como o texto se comporta frente às duas concepções do gênero historiográfico concorrentes à época do chamado renascimento: uma

que aproxima a história da verdade, outra que remete a história à narrativa retórica.

Palavras-chave: traduções portuguesas quatrocentistas, historiografia medieval, historiografia renascentista, novelas de cavalaria, Li Fet des Romains, Vida e Feitos de Júlio César

Bruno Ceretta Schnorr

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Arqueologia de Apollonia na Antiguidade Tardia: sincretismo, choques e tradução cultural.

Com a conquista romana, a partir de 63 a.C, reorganizaram-se as estruturas de poder locais e transformaram-se as cidades antigas. Houve conturbações até 135 d.C, quando chegou ao fim a segunda revolta dos Judeus, a Revolta de Bar Kokhba. A partir deste momento, a cidade de Apollonia se expande e atinge, nos séculos III e IV d.C., prestígio econômico e social por sua indústria de vidros e pelo porto que escoava a produção da planície de Sharon. O objetivo deste trabalho é examinar Apollonia na Antiguidade Tardia, e o contato entre as culturas greco-romana, cristã e judaica no espaço, na cultura material e no culto religioso. Analisar o sítio de Apollonia e sítios adjacentes nos permitirá compreender a construção do *orbis romanorum* e as relações estabelecidas, ampliando os estudos de Antiguidade Tardia (Peter Brown, 1971). Através da exegese de fontes escritas, análises iconológicas e estudos de cartografias, plantas baixas e artefatos é possível enxergar estas relações culturais, dando acesso privilegiado a uma visão acerca da constituição do Mundo Antigo, da forma como era entendido o *modus vivendi* e o *modus operandi* nas cidades romanas orientais. Nos estudos já realizados pelo projeto, foram identificados casos de sincretismo religioso, de tradução cultural e de choques violentos, como, e.g., iconoclastia com figuras pagãs em lamparinas de uso cotidiano.

Palavras-chave: Apollonia, Palestina Tardo Antiga, contato cultural

Francisca Luciana Sousa da Silva

Universidade de Brasília e Universidade Federal do Ceará

Poéticas do exílio – o mito de Medeia no drama contemporâneo (uma cena brasileira)

No presente estudo, pretendemos desenvolver um quadro comparativo das poéticas do exílio, tomando como parâmetro duas obras: uma clássica – *Medeia* (-431), de Eurípedes; outra contemporânea - *Medea en Promenade* (2012), de Clara de Góes. Dirigida por Guta Stresser, essa peça narra o encontro de Glauce (*Jovem*), Medeia (*Mulher*) e a ama de Medeia (*Velha*) durante o qual vai ser travado um acerto de contas. Nosso olhar se volta para as protagonistas dessas poéticas, cujas falas são marcadas de questionamentos: "Seria a fuga indício de força ou fraqueza? Fujo dos inimigos para defender minha honra ou por não poder enfrentá-los, já que sou estrangeira? Fujo para sobreviver ou para alcançar algo mais? A que me expõe a fuga? Qual meu lugar no exílio? Seria o exílio meu lugar?" A pergunta reforça uma antiga reivindicação das mulheres, não só de Atenas, mas de muitos outros lugares, especialmente as estrangeiras e de poucos recursos: "Qual meu lugar no mundo?" A pergunta continua a ressoar: nas praças públicas, nos presídios, nos hospitais, nos palcos do Brasil e do mundo. Seria uma forma de lembrar tantas vítimas da traição, do abandono, do desprezo ao longo da história? Ou será um grito de socorro, de desespero, face ao alheamento neste novo e velho mundo? Acreditamos encontrar algumas respostas no mito de Medeia, que tem "ecos tão atuais, atravessando os milênios que nos separam do mundo grego" (STENGERS, 2000: 46-47), sobretudo um forte apelo ao exílio e tudo o que ele acarreta: rejeição, medo, desconfiança. Em qual dessas peças o exílio tem mais força enquanto narrativa? Como se desdobra essa narrativa desterrada na poética clássica e no drama contemporâneo (no de Clara de Góes, especialmente)? A ênfase da temática do exílio na tragédia *Medeia*, de Eurípedes, é mantida ou retomada na peça *Medea en Promenade*? É o que pretendemos responder em nossa pesquisa.

Palavras-chave: Drama, Eurípedes, Exílio, Medeia, Mito, Poética, Recepção, Teatro brasileiro.

Mariana de Oliveira Costa

Universidade Federal de Viçosa

Reminiscências da cultura clássica
em *A mão e a luva*, de Machado de Assis.

Machado de Assis é um escritor ímpar na Literatura Brasileira, tendo desenvolvido ao longo de sua obra um contato contínuo com as obras dos grandes escritores e pensadores do Ocidente (MASSA, 2001), fato que pode ser percebido pela abundância das alusões e citações nas suas criações ficcionais. A presente pesquisa orienta-se teoricamente pelo conceito de dialogismo (BAKHTIN, 2002; FIORIN, 2008) como marca constituinte de todo tipo de linguagem, entre elas a artística, presente no discurso literário. A crítica machadiana tem apontado, já há algum tempo, que Machado, com bastante frequência, faz uso das relações intertextuais explícitas. Tendo em foco esses intertextos, objetivamos no trabalho a discussão da recepção da cultura greco-romana no romance *A mão e a luva,* de Machado de Assis. Para esta finalidade, como metodologia, primeiramente, fizemos o levantamento exaustivo dos excertos em que o romancista se reporta ao universo da Grécia e Roma Antigas seja por alusão a personagens fictícios ou históricos, ou a fatos culturais da época. Com o projeto em andamento, serão apresentados, como resultado parcial, dois trechos em que Machado faz referência à deusa Vênus, em que comentaremos a forma e a função com que o autor reescreve estes mitemas, tendo em vista a inserção por Machado destes intertextos

na narrativa do romance *A mão e a luva.*

Palavras-chave: Cultura clássica, Intertextualidade, Machado de Assis.

Rafael Ayres de Queiroz

Universidade Federal do Ceará

Antígona e a ética da psicanálise

Nosso trabalho versa uma articulação entre a ética da psicanálise, tendo como parâmetro a letra lacaniana, especificamente o Seminário de 1950-1960, intitulado *A ética da psicanálise.* Desde a gênese psicanalítica, se busca uma intercalação entre a antiguidade e presente. Nesse sentido retomamos o discurso lacaniano, por considerarmos que a temática tratada por Lacan onde a imagem de Antígona é constituída da moral abraçada por nós, que somos seres de linguagem. Sendo assim, trataremos de discutir elementos essenciais da psicanálise como o desejo. Partiremos da personagem sofocliana para interpolar com a natureza do comportamento humano e o discurso por trás de Antígona. Somos convidados a pensar o motivo pelo qual Lacan ao tratar da ética da psicanálise tenha recorrido à tragédia grega e não a filosofia. Nesse sentido, inicia um marco do herói sofocliano, onde o sofrimento é a dura mais enobrecedora escola do conheci-te a te mesmo. Temos em Antígona a propedêutica de um discurso, de uma lado o direito civil -representado pela figura de Creonte - e de outro o direito natural -protagonizado pela heroína trágica. Antígona é interpolada entre os dois discurso, e é através desse discurso que não tem um caráter ético formal como a filosofia que extraímos elementos da constituição com o humano. Complementaremos o tema do congresso 'O futuro do Passado', ao trazermos o que leva a psicanálise se interessar pela tragédia ática e formular seus conceitos a partir da mesma.

Palavras-chave: Tragédia, Psicanálise, Ética, Desejo

Paulo Filipe Alves de Vasconcelos

Universidade Federal de Campina Grande

A primeira imagem de Aquiles: Um estudo fenomenológico.

O presente artigo apresenta estudo sobre a imagem de Aquiles narrada por Homero em suas diversas perspectivas no canto I da Ilíada. Usa-se do método fenomenológico de Husserl para a composição desta imagem, objetivando-se aprofundar e compor a apreciação metódica da Ilíada e seus personagens. A ênfase em Aquiles através das descrições, apresentações e interações do mesmo ao longo do canto I são o norte e matéria-prima na utilização do método. Ao fim, afirmamos a grandiosidade do corpo e alma do pelida como modelo maior da Areté para os homens e espelho da vontade dos Deuses.

Palavras-chave: Filosofia da Literatura, Fenomenologia, Homero, Ilíada, Aquiles.

Thiago Cruz Domingues

Centro Universitário Anhanguera de Santo André

A universalidade da manifestação simbólica na psique e a importância dos mitos na Psicologia Analítica de Carl Gustav Jung, através do livro "Símbolos da Transformação".

Poucos especialistas têm atribuído em suas construções teóricas tamanha importância aos mitos como Carl Gustav Jung, desvirtuando a tendência racional-materialista do espírito científico pós- Iluminista. Jung caracterizou os mitos como acontecimentos arquetípicos oriundos de uma camada metaforicamente primitiva e universal da psique, denominada por ele de inconsciente coletivo, o reservatório destas experiências e impulsos míticos. A fim de expressar o dinamismo da psique e sua função compensadora, essencial para a compreensão de seu modelo teórico, ressaltou que a manifestação do inconsciente coletivo ocorre através da analogia simbólica. A partir deste processo, deriva-se uma tensão reguladora, cujo objetivo é a transposição para a consciência destes fundamentos originários, através dos ricos mananciais e potenciais arquetípicos, orientando-a na busca do eixo da totalidade psíquica, o si-mesmo. O símbolo, a partir desta realidade, abre-se como um elemento que está além da possibilidade de representação e compreensão racional, designando múltiplas imagens relacionadas à tomada de consciência deste novo centro organizador. Desta forma, objetivou-se através da análise do livro " Símbolos da Transformação" de Jung, cujo reconhecimento histórico é de fundamental importância para a Psicologia Analítica, levantar os aspectos simbólicos que orquestram a universalidade das manifestações simbólicas e sua importância ao longo dos diversos períodos da humanidade, por meio dos diversos exemplos oferecidos pelo autor nesta obra. Conclui-se que os mitos ocupam lugar de destaque na Psicologia Analítica, pois restituem a energia atemporal que animam o inconsciente coletivo e oferecem ligações vivas, canalizando o estabelecimento de uma vida plena de sentidos e significação.

Palavras-chave: Mitos, Jung, Inconsciente Coletivo, Psicologia

Anúzia Gabrielle Cavalcante Brígido

Universidade Estadual do Ceará

Ἱππεῖς de Aristófanes: proposta para uma nova tradução ao português

Com seus 380 versos, o prólogo de *Cavaleiros* de Aristófanes é um dos maiores do *corpus* conhecido desse autor. A peça se desenvolve em torno da crítica que o poeta faz ao líder político de uma Atenas em plena Guerra do Peloponeso. Nas Leneias

de 424 a.C., o demagogo Cleão está no auge de seu poderio político e de sua popularidade entre os cidadãos: não faz muito tempo, o mesmo retorna vitorioso da batalha de Pilos, na qual esse importante porto era protegido das mãos lacedemônias. Não obstante, o glorioso vencedor é vertido para *Cavaleiros* como o desagradável Paflagônio, um lugar-maior do aristocrata Povo, que dita as ordens na casa e não hesita castigar os outros escravos do Povo, Nícias e Demóstenes, este último o general que resistira e quase terminara vitorioso em Pilos, quando da chegada nada triunfante do demagogo. É em torno dessas duas personagens que o argumento da peça começa a se desenvolver, pois, como escravos da comédia antiga, como os líderes a quem se volta a apologia aristofânica, esses dois narram o contexto da história no contínuo de bárbaros castigos físicos. Antes da entrada do coro de cavaleiros, contudo, surge o protagonista da peça, o Chouriceiro, que, segundo o que pensam os escravos (e Aristófanes) é uma alternativa política preferível ao Paflagônio. O Grupo de Estudos Aristofânicos, encabeçado pela Prof. Dr. Ana Maria César Pompeu, trabalha na tradução para o português brasileiro dessa peça desde meados de 2011. A tradução de seu prólogo, assim como a nossa metodologia de trabalho, é o objeto desta apreciação. Por acreditarmos numa solução possível para problemas clássicos nos estudos tradutórios, assim como na pretensa universalidade do riso, temos dado e continuamos dando novas opções ao texto grego de Aristófanes.

Palavras-chave: Cavaleiros, Aristófanes, tradução, GEA

Maria Izabel Cavalcante da Silva Albarracin

Universidade de São Paulo

Um estudo sobre a filosofia cínico-estóica nas sátiras de Horácio

As "Sátiras" de Horácio se dividem em dois livros, sendo que o livro primeiro é composto por dez sátiras e o livro segundo por oito. A datação dessas composições baseia-se em eventos históricos que podem ser identificados em seus próprios versos, o que nos permite concluir que o primeiro livro foi escrito aproximadamente em 35 a.C. e o segundo livro em 30 a.C.

Paul Lejay (1911) define duas vertentes dentro da sátira latina, a saber: a parcela propriamente satírica e a parcela cínico-estóica, na qual está situada a obra satírica de Horácio. Não devemos, contudo, buscar um vínculo indissolúvel de Horácio com qualquer filosofia, posto que admite que "*quot homines, tot sententiae*" (Sat. II.1, 27), ou seja, que o homem tem livre arbítrio. Não podemos, portanto, dizer que as sátiras de Horácio são estóicas, cínicas, epicuristas (ou anti-epicuristas). Podemos afirmar que sua obra possui um inegável caráter filosófico-moral, e que nela podemos identificar aspectos da filosofia cínico-estóica. Essa identificação e análise é o objetivo deste trabalho. A escola cínica teve início na Grécia antiga com Antístenes, discípulo de Sócrates, mas teve em Diógenes de Sínope seu maior representante. Mais tarde deu origem ao estoicismo greco-romano. A proximidade entre o cinismo e o estoicismo é tão significativa quanto o que os distancia. Enquanto ambas as filosofias definem o ideal de vida livre e modesta como caminho para a felicidade, vivendo-se de modo a alcançar a auto-suficiência, a escola cínica nega qualquer espécie de autoridade, ao contrário da escola estóica.

Nesse pôster apresentaremos uma breve introdução sobre o cinismo e o estoicismo, trechos das sátiras onde a filosofia cínico-estóica pode ser identificada e sua respectiva análise.

Palavras-chave: Sátiras, filosofia cínico-estóica, Horácio

Ricardo Pereira Santos Lima

Universidade Federal de Uberlândia

Guilherme de Ockham:*Cognitio*, *singulare* **e** *primum cognitum*

O trabalho que pretendo apresentar é proveniente da seguinte pesquisa de Iniciação Científica: "Investigações sobre o pensamento metafísico de Guilherme de Ockham", fomentada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG). Durante o período de vigência da pesquisa, procuramos nos debruçar sobre o pensamento de Guilherme de Ockham, a fim de tentar compreender a relação deste com a metafísica e, consequentemente, com o conhecimento. No decorrer do desenvolvimento do projeto, nos deparamos com a escassez de textos do filósofo em língua portuguesa, o que nos incentivou a buscar o texto original do autor (em latim) e dele fazer traduções. Com o texto original em mãos, pudemos também cotejar e escolher outras traduções que tentaram exprimir de modo mais próximo o pensamento de Ockham. Sendo assim, esta apresentação tem como objetivo explorar o pensamento filosófico de Guilherme de Ockham a fim de buscar a base em que se fundamenta sua epistemologia. Os pontos chave desta busca serão os conceitos de *cognitio*(esta se subdividindo em *abstractiva* e *intuitiva*), *singulare* e *primum cognitum*. Estes três conceitos articulados entre si possibilitam o entendimento da doutrina epistemológica de Guilherme de Ockham, a qual elevará o filósofo no rol de pensadores importantes ao longo da história da filosofia. Ainda, a assimilação destes conceitos também nos possibilitará compreender a filosofia "nominalista" de Ockham como inovadora e reformadora.

Palavras-chave: cognitio abstractiva, cognitio intuitiva, metafísica, primum cognitum e singulare

Luiz Pedro da Silva Barbosa

Universidade Federal Fluminense

O Lamento pela Morte de uma Virgem: da República Romana à Espanha Visigótica

Em uma abordagem acerca do tema da morte, este pôster vem trazer uma comparação entre duas visões sobre o mesmo

assunto – a morte – sendo ambas separadas pelo tempo. O primeiro texto é o epitáfio de uma virgem escrava da época republicana em Roma (CIL VI 36525) e o segundo é a "ORATIO AD COMMENDANDVM CORPVS DEVOTE VIRGINIS", que prescreve um rito fúnebre da Espanha Visigótica. A análise dos textos está focada na construção da imagem da morta e tem como arcabouço teórico os pressupostos da Linguística Textual, baseados nas obras de Ingedore Koch. Assim, a nossa proposta é mostrar como uma virgem morta é caracterizada nesses dois momentos.

Palavras-chave: Morte, Epigrafia, Virgem

Aldmir Oliveira

Universidade Federal de Sergipe

Mitos em Diálogo

O Banner a ser apresentado ilustra o conteúdo da pesquisa em andamento intitulada INTERTEXTUALIDADE: BÍBLIA X LITERATURA CLÁSSICA, A intenção é realizar um estudo comparativo entre textos da literatura clássica e da bíblica sagrada, os quais, embora oriundos de culturas diversas, apresentam curiosas semelhanças temáticas e configurações literárias bastante idênticas. As considerações sobre intertextualidade refletem a preocupação do ser humano perante o desafio da existência. Trata-se, em suma, do anseio por situar-se no mundo e responder a questionamentos fundamentais: Quem sou? De onde vim? Para onde vou? Busca-se, portanto, contemplar os seguintes mitos, entre outros: - Como entender a narrativa do dilúvio tão semelhante nas figuras de Deucalião e Noé? - Que leitura aproximada se pode fazer entre os mitos de Eurídice a transformar-se em sombra vaga e da mulher de Lot petrificada em estátua de sal ante a desobediência ao interdito de olhar para trás? - O que há de comum entre Aquiles e Sansão a refletir o ponto fraco de todo herói: de um lado, o calcanhar; do outro, a longa cabeleira? - Como entender o poeta lírico a dedilhar a lira, e o salmista a fazer-se acompanhar pelo saltério, na execução de seus poemas e cânticos? - É possível estabelecer diálogos entre Safo e Salomão na inspiração, respectivamente, dos Poemas Eróticos e do Cântico dos Cânticos? À semelhança de alguns trabalhos já realizados nesta direção, a pesquisa pode ampliar-se consideravelmente no domínio aqui explorado. Daí a pertinência desse banner, evidenciando elementos comuns no âmbito da mitologia com seus encantos e desafios.

Palavras-chave: Literatura Comparada. Literatura Clássica. Bíblia Sagrada.

Marihá Barbosa e Castro

Universidade Federal do Espírito Santo

O ensino de língua latina na universidade brasileira no século XXI

Este pôster pretende apresentar os resultados da pesquisa de Iniciação Científica intitulada 'O ensino de língua latina na universidade brasileira no século XXI', orientada pela professora Leni Ribeiro Leite. A partir de um referencial teórico sobre o ensino de latim no Brasil e do acompanhamento de entrevistas realizadas com professores de língua e literatura latina atuantes em várias universidades brasileiras, procurou-se, por um lado, estabelecer um panorama do ensino de língua latina no Brasil atualmente e, por outro, esboçar um modelo de ensino de língua latina desejado pelos mesmos profissionais, tendo como escopo não só a metodologia como também os objetivos e o conteúdo abordado.

Palavras-chave: Ensino de Latim, Universidade Brasileira

Janaína Sousa do Nascimento

Universidade Federal da Paraíba

Análise do Verbo *Cano* e Suas Influências na Épica Virgiliana

Este trabalho objetiva analisar o verbo *canere*, presente no primeiro verso da Eneida, epopeia virgiliana, a partir de seus aspectos etimológicos e semânticos, verificando as múltiplas acepções comportadas pela palavra no texto e sua interação com o contexto da própria obra. Compararemos o proêmio da épica homérica, Ilíada, com o de Virgílio, evidenciando as divergências e convergências na organização desta, enfatizando, principalmente, a construção, em que a proposição se antecipa à invocação. Todavia, essa inovação ainda direciona o ouvinte/leitor ao gênero textual, visto que o verbo inicial, *cano*, recupera um modelo já estabelecido em Homero. Entender seu emprego em consonância ao poema na íntegra amplia a perspectiva do poema completo.

Palavras-chave: cano; Eneida; epopeia; proêmio.

Fernanda Vivacqua de Souza Galvão Boarin

Universidade Federal de Juiz de Fora

A literatura clássica e sua inserção nas Bibliotecas Escolares para o Ensino Fundamental II da Escola Pública brasileira

A pesquisa tem como objetivo ver como a cultura clássica ocidental está inserida na escola pública brasileira contemporânea, levando em consideração os conceitos de Globalização e Pós-modernidade, discutidos por Canclini (2009). Nosso escopo teórico ainda conta com as reflexões de Cairus (2011), Guimarães (2008) e Funari (2005), que discutem o conceito de clássico e traçam uma retrospectiva histórica da questão da cultura greco-latina nas escolas, até seu desaparecimento oficial com a Ditadura Militar. Nesse presente trabalho, focamos nossa discussão nos acervos para o Ensino Fundamental II das

Bibliotecas Escolares da rede pública. Essa escolha deriva da escassez de textos literários no contexto familiar da maioria dos estudantes do ensino público, como nos mostra Moreira (2002). Para tanto, analisamos os acervos 2009 e 2011 do PNBE/MEC (Programa Nacional da Biblioteca da Escola), programa responsável por abastecer as bibliotecas escolares públicas a cada dois anos para cada segmento do ensino básico. Considerando as adaptações, concluímos a presença ínfima da literatura clássica e, por conseguinte, da cultura. Além disso, como nos aponta Paiva (2008), notamos uma onipresença temática no acervo, uma vez que, dentre os poucos títulos, a maioria eram versões dos épicos. Com isso, nossa conclusão preliminar é a de que os documentos oficiais revelam o quanto a cultura e a literatura clássica mantém-se restrita nos contextos escolares, assim como a possibilidade de o professor fazer um trabalho consistente.

Palavras-chave: literatura clássica, biblioteca escolar, recepção dos clássicos

Kátia Regina Giesen

Universidade Federal do Espírito Santo

Modelos clássicos de ensino nos Colloquia Familiaria, de Erasmo de Roterdã.

O Renascimento foi um período no qual a recuperação do elemento clássico antigo mobilizou os esforços de uma parte importante da sociedade em função de certos ideais de cultura. Tal recuperação passava pela valorização do aprendizado da língua antiga como forma de possível diálogo com a produção literária anterior. Exemplo dessa valorização é o texto Colloquia Familiaria, de Erasmo de Roterdã, cujo objetivo é o ensino prático de Latim para os jovens eruditos renascentistas. Partindo, então, do próprio campo literário da Antiguidade, em que os conceitos de *imitatio e emulatio* permitiam a produção de uma literatura baseada em um sistema de referenciação a outros textos, e do influxo de abordagens intertextuais e dos estudos da recepção na área dos estudos clássicos, analisamos, neste trabalho, a recepção e a permanência de concepções clássicas de ensino nos *Colloquia Familiaria,* de Erasmo de Roterdã.

Palavras-chave: permanência clássica, ensino de latim, Erasmo de Roterdã

Guilherme Viggiano Fonseca

Universidade Federal do Espírito Santo

A leitura e a escrita na fomação da elite letrada romana, segundo a Institutio Oratoria, de Quintiliano

Partindo de nossas impressões acerca, sobretudo, dos livros I, II e X da obra que prevê a formação do 'vir bonus dicendi peritus', máxima atribuída a Catão, como preconiza o prólogo da obra e de estudos que nos trazem contribuíções importantes sobre a formação na Antiguidade, este trabalho tem o intuito de trazer à tona uma análise dos processos de leitura e escrita na formação da elite letrada romana, segundo o discurso didático presente na Institutio Oratoria, de Quintiliano.

Palavras-chave: Educação na Antiguidade, Quintiliano, Oratória, Retórica e educação

Henrique Gomes Guimarães

Universidade de Brasília

κατάβασις no ***Parmênides de*** **Platão.**

Como itinerário do conhecimento para a teoria das formas platônicas, a Katábasis (ou 'descida') se apresenta como movimento fundante desse caminho e nos leva ao 'poema pensante' do eleata Parmênides, à tradição órfica de 'viagem' ao mundo dos mortos e à cosmologia e mitologia antigas. Todos temas que se abrem a partir desse movimento e nos estimulam a investigar essa prática, descobrir seus possíveis desdobramentos para Platão, e sua relevância para nosso pensar voltado para as origens.

Palavras-chave: Katábasis, Parmênides, Teoria das Formas, Orfismo.

Sessões Temáticas

Sessão Temática 01

Arqueologia Clássica no Brasil: o futuro do passado

Lourdes Feitosa
Universidade Sagrado Coração

A Pompéia Romana sob o olhar da Arqueologia clássica brasileira: contribuições e perspectivas

A conciliação entre História e Arqueologia tem sido fundamental para investigações mais complexas a respeito da organização e o funcionamento de civilizações passadas, em particular em relação aos grupos populares. Nessa comunicação, apresenta-se um panorama das pesquisas desenvolvidas no Brasil sob esse olhar a partir de documentos materiais oriundos do sítio arqueológico italiano *Pompei Scavi*. Evidenciam-se as suas contribuições para a consolidação da Arqueologia clássica brasileira e as perspectivas futuras desse passado no contexto brasileiro.

Palavras-chave: Arqueologia clássica, Pompéia, contribuições, perspectivas

Renata Senna Garraffoni
Universidade Federal do Paraná

Arqueologia Clássica no Brasil: reflexões sobre futuro e passado

A presente comunicação visa uma breve reflexão sobre as possibilidades de se estudar o mundo romano a partir da Arqueologia e as contribuições brasileiras nesse processo. A ideia central é discutir como a cultura material romana não está tão distante do alcance dos alunos brasileiros e o desenvolvimento dessa área de estudo pode ajudar na construção de modelos interpretativos mais plurais acerca do passado antigo. Nessa perspectiva, a proposta se divide em dois momentos: breve histórico sobre a área de estudo no Brasil e, em seguida, as propostas e contribuições sobre perspectivas futuras acerca do potencial do desenvolvimento da Arqueologia Clássica no Brasil.

Palavras-chave: Arqueologia romana, teoria, usos do passado

Pedro Paulo A. Funari
Universidade Estadual de Campinas

Perspectivas da Arqueologia Clássica hoje

A apresentação inicia-se com os pressupostos teóricos, numa perspectiva de História da Ciência externalista, que enfatiza o contexto e circunstâncias sociais da disciplina. Apresenta-se, em seguida, a trajetória da Arqueologia Clássica, no século XIX, ligada ao nacionalismo e ao imperialismo e suas transformações no século XX e XXI. Mencionam-se, em particular, as tendências recentes de temas heterodoxos. Menciona-se, ainda, o percurso da disciplina no Brasil e enfatiza-se as especificidades da contribuição brasileira para o campo. Conclui-se com os desafios e perspectivas da Arqueologia Clássica no Brasil e no mundo.

Palavras-chave: Arqueologia Clássica, Brasil, estudos clássicos

Sessão Temática 02

Tradução poética latino-portuguesa: revisitar o passado, traduzir no futuro

Brunno Vinicius Gonçalves Vieira
Universidade Estadual Paulista

Traduzir Lucano em português: ensaio de poética tradutória sincrônica

Realizar uma história da tradução latino-portuguesa compreende um desafio que vem sendo realizado aos poucos à medida que tradutores contemporâneos vão tomando consciência da importância das formatações lusófonas precedentes para a produção de uma tradução nova. Esse esforço de revisitar modulações métricas e estilísticas – isto que Brodsky chamaria de "idiomas estilísticos" – tem se estabelecido como prática fundamental no terreno da tradução poética contemporânea em especial no Brasil, haja vista as crescentes publicações de experimentos tradutórios inéditos acompanhados de traslados antigos. As *Bucólicas* virgilianas de Raimundo Carvalho (2005) e os dois primeiros cantos da *Ilíada* homérica vertidos por Haroldo de Campos (1994 e 1999) estampam a importância de seus antecessores, reproduzindo a íntegra de traduções de

Odorico Mendes para as mesmas obras. Nada mais positivo, pois a reflexão sobre gestos receptivos de um autor estrangeiro em uma determinada língua/literatura de chegada deve ser vista como matéria viva para novos atos tradutórios e, assim sendo, os tradutores predecessores oferecem ao mesmo tempo mata-borrões e linhas caligráficas para o contemporâneas transfigurações de um mesmo texto, se pensarmos em uma tradição tradutória dinâmica em que ganhos e perdas sejam reelaborados, reinscritos e redimensionados no presente. Este trabalho se propõe a pensar o conceito de poética sincrônica, tal como cunhado por Haroldo de Campos (1969), no terreno latino-português com vista à elaboração de um ensaio de poética tradutória sincrônica, comparando uma tradução contemporânea da *Farsália*, de Lucano (Vieira, 2011), com as empreitadas tradutórias de Filinto Elísio (séc. XVIII) e José Feliciano de Castilho (séc. XIX).

Palavras-chave: História da Tradução, Tradução Poética, Haroldo de Campos, Lucano

Rodrigo Tadeu Gonçalves

Universidade Federal do Paraná

Nos ausi reserare... **três traduções polimétricas de comédia romana no Brasil**

Neste trabalho, pretendo apresentar três traduções polimétricas de comédias romanas em português. Além das peças de Terêncio traduzidas em decassílabos por Leonel da Costa Lusitano publicadas em 1778 (*Ândria, Eunuco, Heautontimorumenon* e *Adelfos*), praticamente nenhuma outra tradução em versos de comédias romanas foi produzida em língua portuguesa. Deixando de lado a versão de Lusitano em virtude da monometria, proponho analisar a estrutura e as escolhas métricas das traduções que visaram reproduzir os tipos métricos variados de Plauto e Terêncio. A citação de Ênio (*Ann.* 7, frr. 1-1a) no título aparece como mote para tematizar a importância do ato tradutório polimétrico das *palliatae* como fundamento da tentativa de produzir recepção via tradução da forma poética, amplamente desconsiderada nas (poucas) traduções em português. Assim, este trabalho apresenta e analisa três traduções: *A Marmita* do Barão de Paranapiacaba (João Cardoso de Meneses e Sousa, publicada em 1881), o *Anfitrião* de Leandro Dorval Cardoso (2012) e os *Adelfos* de Rodrigo Tadeu Gonçalves (2013). As três traduções, diferentes nos modos que propõem do resgate da polimetria, apresentam caminhos importantes para avaliar a viabilidade de recriar padrões rítmicos variados para as *palliatae*. O Barão, em sua tradução da *Aulularia*, elege três modelos básicos de estrutura rítmica derivados da tradição poética lusófona: dodecassílabos, decassílabos e redondilhas maiores, todos rimados, alternando-se basicamente a cada cena da peça. As duas traduções contemporâneas propõem dois modos de versificação de cadência jâmbica e trocaica para as passagens mais comuns em senários jâmbicos, septenários trocaicos e outros versos longos, e substituem os *cantica* por outros tipos de metros, como o hexâmetro datílico de Carlos Alberto Nunes para a narrativa de batalha de Sósia (Pl. *Amph.* 200-247) e experimentos poético-musicais para o *canticum* de Ésquino (Ter. *Ad*. 610-17).

Palavras-chave: Tradução Poética, História da Tradução, Recepção, Comédia Latina, Polimetria

Guilherme Gontijo Flores

Universidade Federal do Paraná

Por uma história lusófone das *Odes* de Horácio

A tradução literária não só se permite como nos convida a uma história, uma história bastante complexa, por sinal; já que envolve não apenas o desenvolvimento de uma série de escolas e estilos tradutórios, mas também a história específica das traduções de cada texto para diversas línguas. Nesse sentido, todo novo tradutor é simultaneamente revisor e parte da história tradutória do seu texto alvo. Ao reescrever e traduzir um texto original, ele entra na corrente da sua própria língua e na história, que ele precisa completar por diferenciação, ou diversão: esse talvez seja o maior legado dos trabalhos tradutórios de Haroldo de Campos, maior mesmo do que sua importantíssima teoria e prática tradutória, sobretudo nos livros a respeito dos Cantos I e II da *Ilíada*. O objetivo deste trabalho é, portanto, realizar uma pequena contribuição para a história da tradução em língua portuguesa a partir de um caso de história da tradução de um texto específico. Pretendo apresentar o caso das traduções poéticas lusófones das *Odes* Horácio. Como tanto o *corpus* quanto o número de tradutores formam um grupo imenso; opto por analisar um detalhe importante na composição das *Odes*, sua polimetria em tradução. Para tanto, serão analisadas as traduções completas de Joaquim José de Macedo (1806), Elpino Duriense (1807) e José Augusto Cabral de Mello (1853); além de três seleções mais recentes: a de Bento Prado de Almeida Ferraz (2003), Ariovaldo Augusto Peterlini (2003) e a de Décio Pignatari (1996). Um trabalho como esse pretende demonstrar como foi *poeticamente* lida, por meio da tradução, essa polimetria; como cada tradutor tentou recriar o experimento radical de Horácio em latim dentro das possibilidades métricas do português e do entendimento de poética de seu tempo.

Palavras-chave: Horácio, Tradução poética, História da Tradução.

Sessão Temática 03

Filosofia como modo de vida

Flavio Fontenelle Loque

Universidade Federal de Itajubá

Crítica cética à "arte da vida"

O livro *Contra os éticos* (*Adv. Math. XI*) de Sexto Empírico contém, em seus dois capítulos finais, uma crítica à noção de arte da vida e à possibilidade de seu ensino. Considerando que a filosofia antiga, como argumenta Pierre Hadot, é um modo de vida e o que o pirronismo também o é, na medida em que propõe que apenas por meio da suspensão do juízo se chega à tranquilidade, busca-se analisar, na presente comunicação, a argumentação de Sexto Empírico em sua crítica à *teckne peri ton bion* formulada pelas dogmáticos.

Palavras-chave: Pirronismo, arte da vida, modo de vida

Bernardo Guadalupe dos Santos Lins Brandão

Universidade Federal do Paraná

Modo de vida e exercícios espirituais em Plotino

As ideias de Pierre Hadot a respeito do modo de vida e dos exercícios espirituais na filosofia da Antiguidade nos apresentam uma nova perspectiva para pensarmos os textos filosóficos antigos, suas doutrinas, argumentos e práticas. No entanto, por serem noções gerais, aplicadas às diversas escolas filosóficas, são inevitavelmente limitados e sujeitos a ulteriores clarificações. Na presente comunicação, busco analisar em que medida podem ser usados para compreender Plotino e que relação têm com termos próprios das *Enéadas* tais como *trópos* e *mekhané*.

Palavras-chave: Pierre Hadot, Plotino, Filosofia Antiga

Loraine de Fatima Oliveira

Universidade de Brasilia

O vegetarianismo como exercício espiritual em Porfírio

Ao explicar os exercícios espirituais da filosofia antiga, Pierre Hadot menciona dois exercícios da tradição platônica: "por um lado, afastar o pensamento de tudo que é mortal e carnal, por outro, voltar-se para a atividade do Intelecto". Para Porfírio, o vegetarianismo consiste em uma prática ascética que concretiza, na vida humana, o primeiro desses aspectos dos exercícios. Hadot nota que Porfírio sintetiza bem a tradição destes exercícios, reiterando que a contemplação não consiste somente em ensinamentos abstratos, mas é preciso que tais ensinamentos tornem-se práticas quotidianas.

No tratado *Sobre a abstinência*,Porfírio exorta um amigo e condiscípulo na escola de Plotino, e que havia abandonado a dieta sem carnes, a retornar ao regime vegetariano. Um dos argumentos é que a abstinência de carnes apresenta-se como expressão da sabedoria, ou ao menos uma via de acesso a ela. Deste modo, constitui-se um exercício para a vida frugal e simples, cujo objetivo é purificar a alma e os pensamentos. Todavia, isso implica na decisão por um modo de vida, na qual o vegetarianismo desdobra-se em uma reflexão de cunho psicológico, porquanto Porfírio advogará em favor da racionalidade dos animais, a fim de situá-los em um estatuto ontológico mais próximo ao do homem. E, finalmente, em um forte discurso de caráter ético, uma vez que, constatado o sofrimento animal, Porfírio debruça-se sobre o problema da maldade humana e, por conseguinte, na revisão dos hábitos diários que formam o caráter. Em outros termos, implica na elaboração de uma justiça que se estenda aos animais.

Assim, esta comunicação tem por escopo definir os exercícios espirituais, de acordo com a grande tese de Hadot, para então apresentar este exercício específico, o vegetarianismo, segundo Porfírio de Tiro. Enfim, isso também proporcionará ocasião de explicitar os laços entre aspectos teóricos e práticos dos exercícios espirituais.

Palavras-chave: Exercícios espirituais, vegetarianismo, alma, ética

Sessão Temática 04

Abordagens metodológicas e o ensino de latim

Patricia Prata

Universidade Estadual de Campinas

Abordagem textual e o ensino da literatura latina

Esta comunicação, que se insere no âmbito das discussões do Grupo de Pesquisa Ensino de Latim (CNPq/Unicamp), pretende refletir sobre o ensino/aprendizagem da literatura latina. Como o objetivo do ensino do latim é sobretudo o das habilidades de leitura e tradução de textos da tradição clássica, esse não pode ser dissociado do ensino da literatura produzida nessa língua. A abordagem textual se mostra, desse modo, a mais profícua para o aprendizado do latim, pois possibilita particularmente o ensino dessas habilidades, bem como o da estrutura gramatical da língua de um modo mais atraente e com propósito mais claro – o de auxiliar a fluência da leitura e interpretação dos textos. Contudo, embora o ensino de literatura pressuponha o de textos, veículo de sua manifestação, não pode se restringir a ele, pois a interpretação literária considera o texto e o arquitexto (usando terminologia proposta por Gerard Genette em seu *Palimpsestes*, 1982), isto é, os tipos de textos, o gênero literário, bem como sua inserção histórico-cultural, além de lançar mão de uma teoria que a norteia. Desse modo, partindo de estudos sobre metodologias de ensino de latim (Cacho, 2001; Valcárcel [Ed.], 1995; Traina e Perini, [4ª. ed.] 1992; Faria, 1959), pretendemos discutir essas questões, com vistas a contribuir para a reflexão do atual ensino da língua e literatura latinas.

Palavras-chave: latim, ensino de literatura, metologia, abordagem textual

Fábio da Silva Fortes

Universidade Federal de Juiz de Fora

Ensino e aprendizagem de Latim: reflexão sobre aquisição de competências linguísticas

O ensino de línguas clássicas no Brasil tem suscitado, nos últimos anos, a produção, tradução e adaptação de métodos de ensino de latim e grego antigo, bem como tem se tornado o objeto de reflexão teórica e empírica dos classicistas. Nesse sentido, também esta comunicação, que se insere no rol dos trabalhos desenvolvidos no âmbito do Grupo de Pesquisa de Ensino de Latim (CNPq/Unicamp), tem por meta dar sua contribuição às reflexões teóricas acerca de uma "pedagogia" das línguas clássicas. Partindo do aporte teórico das pesquisas sobre o lugar e as metodologias de ensino de latim em contexto universitário, com vistas à formação de analistas de textos da cultura clássica (Batstone, 2012; Ancona, 2012; Mccullough, 2012), bem como dos princípios metodológicos de ensino inicial de línguas clássicas (Gruber-Miller et al.), buscamos, neste trabalho, refletir como um modelo de ensino e aprendizagem a partir da aquisição de competências linguísticas pode ser aplicado, com proveito, ao ensino de latim nos contextos brasileiros, fomentando, por conseguinte, uma revisão das metodologias tradicionais que, no mais das vezes, perpetuam mitos em torno do latim.

Palavras-chave: aquisição linguística, competências, metodologia, ensino de latim

José Amarante Santos Sobrinho

Universidade Federal da Bahia

O papel e as formas da progressão na aprendizagem do latim: relações com concepções de aprendizagem, tipos de conteúdos e aquisição de competências

A questão da didática do latim no Brasil já não é nova (FARIA, 1959; LIMA, 1995), e propostas de soluções estão a caminho. A tradução do bem sucedido método *Reading Latin* para o português (*Aprendendo latim,* Odysseus, 2012) é um indicador, e outras iniciativas de produção metodológica já se anunciam (LONGO, 2011; LEITE, 2012; SANTOS SOBRINHO, 2013). Nessa direção, esta comunicação resulta de discussões e pesquisas que estão sendo desenvolvidas no âmbito do Grupo de Pesquisa Ensino de Latim – GPEL (CNPq/Unicamp). Pretende-se apresentar algumas reflexões sobre o papel e as formas da progressão na construção de materiais para a aprendizagem do latim, observando que a escolha por uma ou outra forma de organizar conteúdos diz da forma como concebemos a aprendizagem, os conteúdos e o próprio ensino. A partir de Gómes (2003), Auzubel et al (1983), Coll et al (1993), Vigotsky (1979), entende-se progressão aqui como uma atividade de transposição didática (CHEVALLARD, 1997) com que, de forma graduada, se organizam conteúdos de diferentes naturezas e se respondem a diferentes tipos de objetivos didáticos, refletindo na aquisição de diferentes competências: a leitura e a tradução dos textos, a consulta aos dicionários, a aprendizagem do vocabulário, a compreensão contextualizada dos elementos morfossintáticos do latim. Assume-se a preferência por uma abordagem textual, por uma organização didática indutiva e por uma concepção cognitivista de aprendizagem ao se considerar o modelo de 'aprendizagem significativa' proposto por Auzubel. Assume-se, também e com Gómez (2003), que devem ser bem-vindas novas abordagens metodológicas, desde que sejam suficientemente coerentes com as demandas de aprendizagem do latim hoje.

Palavras-chave: latim, metodologias, organização didática, concepções

Sessão Temática 05

Os antigos e o futuro - textos e imagens I

Maria Regina Candido

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Hekate, o saber do passado que assegura o futuro da magia grega

Para os gregos, Hekate configura-se como uma deusa que detem o saber do passado e dominio da mantica que assegura o presente e garante o futuro. Nossa analise parte do método da semiotica da imagem aplicado ao vaso Persephone Painter (Beazley ARV²1012.1) que nos revela o saber mágico de Hekate ao conferir a eternidade a filha de Demeter. Persefone retorna para a vida, trazida pelos archotes da senhora do mundo dos mortos. Nos interessa analisar os procedimentos ritualisticos e mágicos atribuidos a deusa Hekate. Como era realizado o poder da mantica entre os gregos? Como seria o ritual e oferendas para a senhora do mundo dos mortos?

Palavras-chave: Grécia, Magia, Futuro, História

Maria Aparecida de Oliveira Silva

Universidade de São Paulo

O Futuro de Heródoto em Plutarco

Em *Da Malícia de Heródoto*, Plutarco traça um debate diacrônico entre o presente e o passado, pois, ainda que inicialmente declare seu interesse em defender seus antepassados, coríntios e beócios, sua ação resulta em recontar a história herodotiana de modo a corresponder à sua visão idealizada da Grécia. Assim, a proposta desta comunicação consiste em analisar a desconstrução plutarquiana do mundo grego desenhado por Heródoto sob a perspectiva identitária, com o escopo de compreender os significados e os efeitos de sentido produzidos em seu discurso, dado que a reconstrução plutarquiana dos eventos narrados pelo historiador visa à criação de uma nova versão dos fatos em que os gregos se mostram, desta vez, corajosos, sagazes e incorruptíveis.

Palavras-chave: Plutarco, Heródoto, Futuro, História

Katia Maria Paim Pozzer

Universidade Luterana do Brasil

Adivinhação e rituais mágicos na iconografia assíria

Os mesopotâmicos acreditavam na inexistência da casualidade, isto é, tudo que acontecia era resultado de um ato, de uma vontade de alguém. E, como esta infinita série de vontades meta humanas era a raiz e a razão de tudo, uma maneira lógica de evitar o mal seria abortá-lo em sua causa, obtendo acesso aos escritos do destino a fim de corrigi-lo. Mas, posto que isso era impossível, fazia-se imprescindível conhecer o estado embrionário da história, o que está entre o já decretado mas ainda não acontecido: o futuro. Esta concepção de história explica o papel dos adivinhos e de sua importância na sociedade mesopotâmica. Em uma parcela significativa de fontes iconográficas está representada a riqueza simbólica desta relação do homem com o divino. Segundo o imaginário mesopotâmico, o Homem possui grande capacidade de intervenção no meio natural que o cerca e, para isso, tinha dois meios essenciais à sua disposição: o gesto e a palavra. Os conjuros orais repousavam na força da palavra. Segundo a concepção mesopotâmica, o verbo era criador, a enunciação de um bem ou de um mal era o suficiente para garantir sua criação. Os ritos manuais tinham sua origem no poder do gesto, na capacidade destrutiva ou transformadora dos diversos produtos naturais ou elementos primordiais como a água e o fogo. Pelo gesto, pela mão auxiliada por inúmeros objetos e pelos elementos naturais primordiais: a água para lavar, para levar, carregar e afogar; o fogo para purificar e reduzir à cinzas. Pela palavra, a ação primeira e fundadora das coisas, teria um instrumento para ordenar e comandar. E muitos destes gestos foram imortalizados nos baixo-relevos assírios. Nossa proposta é analisar uma série de relevos neoassírios onde estão representadas práticas de adivinhação no contexto de guerra.

Palavras-chave: Mesopotâmia, Magia, Futuro, História

Sessão Temática 06

Profecias e oráculos: o conhecimento do futuro no teatro grego.

Maria Cristina Rodrigues da Silva Franciscato

Universidade de São Paulo

Édipo e as profecias: a týkhe a serviço do destino

Alusões aos deuses são abundantes no Édipo Rei de Sófocles. Há na peça mais de quarenta referências a Apolo e ao oráculo de Delfos. Nela, três profecias ocorridas em tempos distintos norteiam a ação dramática. O antigo oráculo obtido por Laio e mencionado por Jocasta, que predizia a morte do rei pelas mãos do filho; o oráculo mais recente, recebido e narrado por Édipo sobre o assassinato paterno e o incesto; por fim, o de Creonte que acontece no momento presente da trama e elucida a causa da peste que assola Tebas: a impunidade do assassino de Laio. Há também os vaticínios de Tirésias sobre o destino do rei. Esse conhecimento numinoso e infalível será contrastado o tempo todo com o saber humano e limitado do protagonista. Todas as profecias apontam para a mesma direção, formando uma teia da qual é impossível Édipo escapar.

Nosso propósito é investigar de que modo se cumprem os desígnios divinos presentes nos oráculos. Eles conduzem o herói à realização da sua moira através de uma sucessão de fatos, que o poeta denomina týkhai (plural de týkhe, "sorte", "acaso"): acontecimentos aparentemente fortuitos, mas que se mostram a serviço do destino. Eles estão em consonância com o caráter de Édipo e ao mesmo tempo o desvelam. Não há personagem trágico tão enganado sobre si quanto Édipo, nem algum que sofrerá maior revés da sorte (týkhe).

Palavras-chave: tragédia grega, Sófocles, Édipo Rei, profecias, týkhe.

Beatriz Cristina de Paoli Correia

Universidade de São Paulo

Dons de Prometeu: conhecimento numinoso e arte divinatória no Prometeu Acorrentado de Ésquilo

No prólogo do Prometeu Acorrentado de Ésquilo, entram em cena quatro seres divinos – Prometeu, Hefesto, Poder e Violência. Do diálogo entre esses personagens, depreendem-se o local da ação dramática, sua natureza e circunstância: Zeus ordenou que Prometeu, como punição por ter roubado o fogo e o entregado aos mortais, fosse encadeado pelas mãos de Hefesto num precipício pedregoso em uma desolada região cita. Poder, mesmo se assegurando de que esteja bem preso, zomba do deus punido, dizendo ser falso o nome que os Numes lhe deram, em uma alusão à etimologia que dá a Prometeu o significado de "previdente". Ironicamente, o nome de Prometeu, ao contrário do que julga Poder, não lhe foi atribuído falsamente (pseudōnýmōs, v. 85), pois é justamente seu conhecimento divinatório, o qual nenhuma cadeia pode subjugar, que lhe garantirá os meios de encontrar a libertação, mesmo que após muito sofrimento.

Nesta tragédia, Prometeu figura, no entanto, não apenas como o detentor de um conhecimento numinoso – peça-chave no desenvolvimento da ação trágica –, mas também como aquele que transmitiu aos mortais a arte de se obtê-lo: dentre os diversos dons concedidos pelo deus aos mortais, encontram-se os muitos modos de adivinhação. Nosso objetivo é, pois, observar, nesta tragédia esquiliana, como se configuram e se problematizam, nos planos divino e humano, o conhecimento numinoso e a arte divinatória.

Palavras-chave: tragédia grega; Ésquilo; Prometeu Acorrentado; arte divinatória; nume.

Milena de Oliveira Faria

Universidade de São Paulo

A morte de Cleofonte: palavras proféticas ou manipulação política?

As Rãs, comédia de Aristófanes apresentada pela primeira vez em 405 a.C, foram reapresentadas em 404 a.C, momento em que se instaurava o golpe oligárquico que colocou no poder o governo dos 30. Segundo a Hipótese da peça, tal reapresentação se deu devido aos bons conselhos que ela apresentou na parábase (vv.674-737).

Cleofonte, demagogo muito popular, é um dos políticos atacados nesta peça e mais duramente na parábase. Curiosamente, nessa passagem, Aristófanes utiliza a metáfora do canto lamentoso do rouxinol para a voz de Cleofonte, que canta, em uma profecia, sua própria morte (vv. 678-85).

Novamente, no final da comédia, quando Pluto se despede de Ésquilo, o tragediógrafo escolhido por Dioniso para salvar a cidade, entrega-lhe uma espada (v.1504), objeto a ser dado para Cleofonte. Ora, sabemos que a espada é um instrumento utilizado para o assassinato e aqui esse uso fica claro.

Embora, segundo Dover, o desejo da morte de políticos fosse algo costumeiro, nosso caso possui algo de incomum: de fato, segundo relato que temos de Lísias (30.10), Cleofonte fora executado entre dezembro de 405 e março de 404. Assim, as palavras do coro sobre Cleofonte e, no final, o pedido do próprio rei do mundo dos mortos pela morte do demagogo trazem um tom profético às palavras aristofânicas.

Como vimos, a peça foi reapresentada devido aos bons conselhos que havia trazido, na parábase e estudiosos da peça perguntam-se sobre até que ponto Aristófanes sabia da execução iminente de Cleofonte e até que ponto sua obra foi manipu-

lada para fins políticos.

O intuito desta apresentação é discutir as passagens que mencionam a morte de Cleofonte, de modo que possamos compreender mais claramente essa chamada "profecia" aristofânica.

Palavras-chave: Comédia Antiga, Aristófanes, As Rãs, política, golpe oligárquico.

Sessão Temática 07

Os Antigos e o Futuro - Textos e Imagens II

Paulina Nólibos

Universidade Luterana do Brasil

Kassandra e Medeia em Euripides, em Christa Wolf e no teatro contemporâneo brasileiro

Christa Wolf, escritora da antiga RDA, entre as décadas de setenta e noventa andou pesquisando as figuras míticas da troiana Kassandra e de Medeia, produzindo duas novelas homônimas. Apropriando-se da tradição que começa em Eurípides, estabeleceu vínculos entre as narrativas e, por outro lado, alterou sensivelmente as personagens, partindo do caráter insubmisso e relacionado ao sagrado, seja por descendência, no caso de Medeia, ou vínculo amoroso, no caso de Kassandra. A comunicação pretende apontar as profundas variações entre a tradição, as novelas de C. Wolf, e o que o grupo de teatro experimental gaúcho, o Ói Nóis Aqui Traveiz, executou a partir destas novas configurações do mito. Exercício textual e visual, a análise pretende chegar ao corpo trágico relido na contemporaneidade e estabelecer seus traços no passado.

Palavras-chave: Kassandra, Medeia, Christa Wolf, mito, teatro contemporâneo

Fábio Vergara Cerqueira

Universidade Federal de Pelotas

Instrumentos musicais na iconografia funerária da cerâmica de figuras vermelhas ática e ápula (séc. V - IV a.C.)

A comunicação visa apresentar os modelos de representação dos instrumentos musicais na iconografia da cerâmica ática e ápula representando cenas funerárias, com o objetivo de apresentar continuidades e rupturas, recorrências e singularidades na forma como as cenas funerárias são simbolizadas no contexto da Ática e da Apúlia, nos séculos VI e V. De um lado, a particularidade dos lécitos de fundo branco, com as cenas que representam o morto, juvenilizado, junto à estela, com uma lýra na mãos. De outro, no contexto ápulo, a representação de Orfeu, junto à edificação funerária, tocando kithára, enquanto por vezes ocorre uma associação do morto à chamada cítara retangular, própria da região desta Magna Grécia.

As diferenças na representação da música na morte nos remetem ao mesmo tempo a diferenças na cultura musical e da cultura funerária, registrando ainda aspectos do hibridismo cultural. Na memória ápula das influências áticas, há, o que se verifica na cultura musical, um jogo entre futuro e passado.

Palavras-chave: cerâmica de figuras vermelhas, iconografia funerária, Ática, Apúlia, instrumentos musicais

Carlos Alberto da Fonseca

Universidade de São Paulo

O Futuro no Passado Presente: os PurâNa na Índia antiga

Diferentemente de qualquer texto budista ou jinista (=jainista), reconhecidos como discursos dos próprios Buddha ou Jina, os textos fundadores do Hinduísmo (como por exemplo as obras dos RSi védicos, os Veda, e os textos dos mestres do Bramanismo, os PurâNa, ou mesmo os épicos Mahâbhârata e RãmâyaNa), remetem sempre a autores que são apenas nomes numa cadeia tradicional de atribuições que remonta, sempre, a brahman, o ser transcendente que se identifica à própria Palavra instituidora do real. Perspectivada no tempo, essa criação, anônima cria uma contemporaneidade e uma temporalidade difusas garantidas pelo tratamento de lendas, mitos, fábulas e biografias como eventos de credibilidade garantida pela geografia e pela crônica de feitos da vida cotidiana (ancoramento no real) e pela exposição sempre atenta e reforçada de um pensamento organizado e auto-referente (ancoramento numa ideologia) que vai se conformando e confirmando hegemonicamente. Não por coincidência ou zelo profissional, toda essa montanha textual de cerca de um milhão de versos - não importe a procedência de sua voz autoral, - será atribuída a um mesmo sistematizador, a um único 'compilador' - Vyâsa, substantivo comum que vai assumir status de nome próprio. Não foi esse o único recurso a um instrumento lingüístico utilizado para remarcar a continuidade e a validação dessa literatura que pairava oralmente multivagante sobre as cabeças de todos, verrumando-lhes os corações e as mentes. Um modo verbal - o dito passado narrativo - especial e específico para os purâNa e os itihâsa, com desbordamentos para os livros de fábulas, foi o utensílio privilegiado para assinalar o tempo em que os exemplos se deram e neles, tempo e exemplos, cimentar as lições a executar na constituição da sociedade e da cultura.

Palavras-chave: Índia antiga, PurâNa, Hinduísmo, literatura, Vyâsa, cultura

Sessão Temática 08

Teatro Antigo: Estudos de Recepção

Clara Lacerda Crepaldi

Universidade de São Paulo

Elogio e vitupério nos relatos biográficos antigos sobre Eurípides

O presente trabalho discute a tripla articulação entre (i) a constituição da tradição biográfica antiga de Eurípides, (ii) a recepção de suas tragédias (iii) e os possíveis modelos de composição subjacentes ao gênero biográfico. Argumenta-se que certos elementos da tradição podem ser melhor compreendidos como elementos típicos do gênero biográfico, enquanto outros estão relacionados à recepção antiga do teatro de Eurípides. Para tanto, compara-se a biografia de Eurípides a outras biografias de poetas diferentes e também examina-se a representação da figura do poeta nas comédias de Aristófanes

Palavras-chave: Eurípides, biografia antiga, recepção, Aristófanes

Waldir Moreira de Sousa Jr

Universidade de São Paulo

A recepção bizantina da tragédia grega: estudo sobre a formação da Tríade Euripidiana

A história da recepção da peça *As Fenícias* reflete, em certos aspectos, a de seu autor, Eurípides. Apresentada ao público por volta do ano 409 a.C, ela obteve como prêmio apenas o segundo lugar, mas alguns séculos depois, no período bizantino, popularizou-se de tal modo que chegou a fazer parte da chamada Tríade Euripidiana, um conjunto de obras essenciais a serem lidas e estudadas no sistema educacional bizantino. O reconhecimento de Eurípides como poeta também tem, por assim dizer, esse mesmo percurso: ora ele é um poeta secundário, ora um poeta aclamado.

Secundário é a imagem de poeta que se formou dele sobretudo no século V a.C, época em que viveu e produziu sua obra: das prováveis vinte e uma produções que apresentou nas Grandes Dionisíacas, ele teria ganhado apenas quatro prêmios de primeiro lugar. Após sua morte, porém, logo a partir do século IV a.C, ele, nas palavras de Mastronarde, começa a "eclipsar rapidamente todos os outros dramaturgos do século V", tornando—se, no período helenístico e romano, "um ícone cultural de sabedoria e destreza".

A Tríade Euripidiana, composta pelos dramas *Hécuba*, *Orestes* e *As Fenícias*, então, torna-se a expressão maior da vivacidade do poeta em um tempo e em uma cultura em si quase toda diferente da sua. Assim, o objetivo fundamental desta comunicação é analisar quais elementos, textuais ou extratextuais, de As Fenícias foram considerados marcantes para o público bizantino da época da formação da referida Tríade e analisar, comparativamente, se tais elementos marcantes também o foram para o público ateniense coetâneo do autor.

Palavras-chave: Eurípides, As Fenícias, Tríade Euripidiana, Recepção

Renata Cazarini de Freitas

Universidade de São Paulo

Teatro de Sêneca como ritual, uma visão contemporânea

Em 1967, o poeta inglês Ted Hughes (1930-1998) recebeu a encomenda de adaptar uma tradução da peça de Sêneca *Oedipus* (Édipo) para encenação pelo diretor inglês Peter Brook. A peça estreou em 1968, em Londres, mas só depois de Hughes ter voltado ao original latino para reiniciar todo o trabalho de tradução e adaptação. "We just wanted to use the text as the basis for a ritualistic drama about Oedipus", afirmou o poeta em entrevista em 1982.

A associação do autor latino do século I de nossa era a um teatro primitivo, ritualístico, se estabeleceu a partir de comentários do ator e poeta francês Antonin Artaud (1896-1948): "Em Sêneca, as forças primordiais fazem ouvir seu eco na vibração espasmódica das palavras" (carta de 1932 a Jean Paulhan). Artaud, vetor do teatro contemporâneo tal como o alemão Bertolt Brecht (1898-1956), chegou a anunciar a encenação de uma adaptação sua da peça *Tiestes*, de Sêneca: *O suplício de Tântalo*, hoje considerada perdida.

Partindo das premissas apresentadas por Lorna Hardwick para os estudos da recepção de textos clássicos (*Reception Studies*, *Greece and Rome*; 2003), a adaptação de *Édipo* por Hughes será analisada como corpus e como processo inserido no contexto artístico-intelectual do tradutor – seleção da fonte, conhecimento do texto, colaboração com pares, suporte financeiro, papel do público: "In other words, factors outside the ancient source contribute to its reception and sometimes introduce new dimensions" (HARDWICK, 2003: 5).

As informações disponíveis acerca da recepção e da reconfiguração do *Édipo* por Hughes permitem construir a proposição de que Artaud foi o catalisador de uma vertente do teatro ocidental aberta às peculiaridades das peças senequianas.

O texto teatral de Hughes – *The Oedipus of Seneca* – está publicado em Arion, Vol. 7, No. 3 (Autumn, 1968), pp. 324-371.

Palavras-chave: Teatro, Recepção, Sêneca, Ted Hughes, Édipo

Sessão Temática 09

O Universo, o Tempo e os Seres: Parmênides e Platão

Cristiane Almeida de Azevedo

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Parmênides e o novo "mestre da verdade"

No seu Poema, Parmênides coloca aquela figura que busca o saber – que posteriormente chamaríamos de filósofo – ao lado de figuras notadamente dotadas de saber presentes na tradição. No caso do poeta e do adivinho, sua fala verdadeira implica três momentos da temporalidade: presente, passado e futuro. Assim, sob o comando das Musas ou de Apolo, o poeta volta-se sobretudo ao passado enquanto o adivinho ao futuro. Já Parmênides apresenta em seu Poema um jovem que busca o saber, situando-o no tempo presente. Essa comunicação tem como objetivo pensar o presente - assim como propõe Lambros Couloubaritsis (2008) – como o tempo que funda o pensamento. Parmênides, fazendo uso de uma narrativa na qual ecoam vários elementos da tradição, de um passado que também é o seu, parece apresentar a fixação do pensamento no tempo presente como fundamento de toda a possibilidade de pensar e apreender algo do devir.

Palavras-chave: eon, devir, mito, Parmênides

Bruno Loureiro Conte

Pontificia Universidade Católica de São Paulo

Cosmologia e cosmogonia entre Parmênides e Platão

A representação de um universo esférico constitui uma originalidade dos gregos, os quais, como se sabe, nunca foram particularmente exímios em observações astronômicas, recebendo e elaborando conhecimentos provenientes de outros povos como os babilônios. Tal visão situa-se como ruptura com a organização do espaço segundo os mitos tradicionais (estruturada principalmente segundo as oposições alto/baixo, claro/escuro), apontando para uma mutação de ordem antropológica: responde-se ao problema da "origem" e do "destino" do homem enquanto tal, entrelaçando-os à origem e ao destino de um universo representado sob a égide da permanência, implicando uma significação cosmológica das divindades como Dike, Moira e Ananke e principalmente da oposição de vida e morte. Para esta comunicação, propomos o recolhimento de alguns traços dessa mutação nos mitos cosmológico-cosmogônicos de Parmênides e de Platão (*República* X e *Timeu*).

Palavras-chave: cosmologia, espaço, mito, eleatismo

André Luiz Braga da Silva

Universidade de São Paulo

Sócrates "versus" Estrangeiro de Eleia? (República X, 596a; Político 262d)

O uso de Platão, para expor sua filosofia, da forma dramática do diálogo, em especial pela pluralidade de personagens que neles figuram, dá ensejo a interessantes observações acerca de como o fundador da Academia entendia que deveria se desenrolar uma argumentação dialética. Essa pluralidade, contudo, fica ainda mais interessante e curiosa quando é-nos possível identificar divergências – claras ou não tão claras - no que tange às posições defendidas por estes "dramatis personae".

É fato majoritariamente aceito que República e Sofista são obras capitais no pensamento deste filósofo grego, bem como que seus condutores de diálogo, Sócrates e Estrangeiro de Eleia, são grandes personagens dialéticos que discutem aspectos os mais relevantes da filosofia platônica. O que não é tão claro é o que pode representar para o pensamento de Platão o aparente choque de opiniões entre um (República X, 596a) e outro personagem (Político 262d), no que tange à questão ontológica: "Para todo grupo de entes sensíveis com o mesmo nome, existe uma Ideia?"

Tentando inserir-me neste debate antigo (BROCHARD, 1926; CORNFORD, 1935; RYLE, 1939; ACKRILL, 1957; GUTHRIE, 1962; PHILIP, 1966; TREVASKIS, 1967; MORAVCSIK, 1973; GRISWOLD, 1977; CORDERO, 1993; DIXSAUT, 2001; MARQUES, 2006), me debruçarei sobre as seguintes questões: é possível falar em uma divergência de posições ontológicas entre os dois personagens? Se sim, há elementos para se afirmar que um dos dois está com a razão? E o que isso tudo pode representar para os estudos atuais de filosofia platônica?

Ou, para honrar a graça da brevidade: Sócrates ou Estrangeiro de Eleia, afinal?

Palavras-chave: Platão, Ideias, Metafísica, República, Sofista, Estrangeiro de Eleia.

Sessão Temática 10

O Futuro da Antiguidade Tardia

Julio Cesar Magalhães de Oliveira
Universidade Estadual de Londrina

Giovan do Nascimento
Universidade Estadual de Londrina

O Futuro da Antiguidade Tardia: uma introdução ao debate historiográfico

Desde o início do século XX, a formulação do conceito de 'Antiguidade Tardia' esteve sempre associada à rejeição do classicismo, enquanto modelo detentor de valor universal. Opondo-se à ideia de 'decadência' que estava associada ao afastamento do ideal clássico, o conceito permitiu uma compreensão menos negativa da arte, da religião e da cultura do Império Romano Tardio. Na década de 1970, com o historiador Peter Brown, o conceito foi mais largamente utilizado para definir um período longo e autônomo da história do Mediterrâneo, estendendo-se do século III até pelo menos o século VIII e caracterizado, sobretudo, pelas lentas transformações culturais e religiosas. Desde o final dos anos 1990, porém, muitos estudiosos alegaram que, ao projetar para o passado essa perspectiva multiénica e descrente no poder transformador da política, Brown e sua escola teriam acabado por ignorar os eventos dramáticos do período, enfatizando somente as continuidades 'otimistas' em detrimento das rupturas estruturais. O debate tem sido, desde então, polarizado entre essas duas tendências, mas, nos últimos anos, alguns trabalhos parecem apontar para a superação dessa dicotomia. O objetivo desta comunicação é apresentar as linhas gerais desse debate historiográfico sobre a Antiguidade Tardia e as perspectivas futuras de trabalho nesse campo.

Palavras-chave: Antiguidade Tardia, debate historiográfico, perspectivas futuras

Juliana Marques Morais
Universidade Estadual de Londrina

Antiguidade Tardia, Violência e Conflitos Religiosos: uma perspectiva historiográfica

Os estudos sobre a violência coletiva e os conflitos religiosos na Antiguidade Tardia conheceram nas últimas décadas um amplo desenvolvimento ligado à revalorização geral do período. Desde os anos 1970, com efeito, os trabalhos de Peter Brown e outros têm enfatizado que as transformações religiosas dos séculos IV e V deveriam ser vistas de um modo mais positivo e compreensivo do que supunham as antigas concepções sobre a decadência, a irracionalidade e a superstição no Império Romano Tardio. Muitos desses trabalhos mais recentes sobre a violência na Antiguidade Tardia, sobretudo aqueles que se referem aos conflitos religiosos, mais do que analisar a violência pela violência, parecem estar mais preocupados com a busca pelo significado de tais ações. No entanto, embora distanciando-se da visão proposta pelos historiadores que tendem a ver o período como 'decadente' e que justificam o aumento da violência coletiva como consequência da desestruturação política do Império, algumas das novas pesquisas sobre o tema também não partilham da ideia dos que, acreditando numa 'Longa Antiguidade Tardia', tendem a esvaziar os impactos das violências coletivas para o período. Tais abordagens não só enriqueceram o debate sobre o tema, como trouxeram à luz novas questões sobre a maneira como compreendemos a violência no passado e no presente. Tendo isso em vista, essa comunicação tem o objetivo de discutir as possibilidades de trabalho no campo específico dos debates sobre os conflitos religiosos que se estabeleceram no Império Romano Tardio.

Palavras-chave: Debate historiográfico, violência, Império Romano Tardio

Rafael Aparecido Monpean
Universidade Estadual de Campinas

Que os velhos mortos cedam lugar aos novos mortos: em busca de novas relações entre topografia urbana e topografia mortuária na Antiguidade Tardia ocidental (séculos IV-VII)

Pretendemos nesta comunicação abordar algumas questões que as práticas mortuárias suscitam para o estudo da Antiguidade Tardia. Partimos do pressuposto de que as disposições topográficas que os mortos ocupam em relação aos espaços dos vivos e sua transformação no decorrer dos séculos IV ao VII são algumas das características mais marcantes na possível definição deste recorte temporal, em especial no que tange a constituição e conceitualização das cidades e o problema da continuidade ou não da 'vida urbana'. Nesse sentido, intentamos contribuir para tal debate de duas formas: primeiro, ao localizar as principais perspectivas historiográficas dentro desse campo de estudos e apontar as implicações histórico-políticas que elas suscitam; e segundo, ao buscar possibilidades interpretativas outras, a partir do estudo de caso da cidade de Cartago.

Palavras-chave: Práticas mortuárias, urbanismo, Antiguidade Tardia

Sessão Temática 11

As apropriações discursivas do passado e as ideologias de integração imperial romana (séc. I–V d.C.).

Uiran Gebara Da Silva
Universidade de São Paulo

A presença da Era de Ouro na *Saturnálias* de Macróbio.

A Era de Ouro é um *tópos* reconhecidamente presente em textos latinos com temática mitológica (mas é uma tópica que também pode ser encontrada em textos não diretamente relacionados com a mitologia). Dentre os textos latinos reconhecidamente mitológicos está o *Saturnálias* de Macróbio, um dos últimos textos da Antiguidade latina. Essa comunicação se propõe a problematizar do ponto de vista histórico a presença dessa tópica num texto da Antiguidade Tardia, como parte inicial de uma pesquisa a respeito das representações da propriedade da terra nas formas de ideologia do mundo romano tardio.

Palavras-chave: Império Romano, Saturnálias, Era de Ouro, História Agrária

Ivana Lopes Teixeira
Universidade de São Paulo

Apropriações do passado republicano no discurso de Plínio, o Antigo, sobre o império romano do século I d.C.: as procissões triunfais na *Naturalis Historia*.

O objetivo desta comunicação é analisar os usos e apropriações intelectuais do passado romano, particularmente a descrição e crítica aos triunfos republicanos por Plínio, o Antigo, na construção de um discurso histórico sobre o império romano no século I d.C. na *Naturalis Historia*, que enaltecia o governo dos césares flavianos.

Palavras-chave: intelectuais, poder, retórica, história, império romano

Joana Campos Clímaco
Universidade de São Paulo

A fundação de Alexandria: mito e apropriação na tradição clássica.

A fundação de Alexandria por Alexandre, o Grande, em 331 a.C., foi um dos temas mais abordados pela literatura do período romano ao tentar explicar o rápido desenvolvimento da cidade e sua grandeza e riqueza que a aproximavam da Roma imperial. O objetivo dessa comunicação é mapear como o contexto de fundação foi apropriado por diversos autores pelos séculos seguintes e se fortaleceu principalmente sob o Império Romano. Dessa forma, a representação de Alexandria torna-se indissociável de seu fundador, pois, aos olhos romanos, fora ele o principal responsável pelo "destino afortunado" alcançado pela cidade nos séculos seguintes.

Palavras-chave: Alexandria romana, Alexandre, tradição clássica, Egito Ptolomaico

Sessão Temática 12

A Materialização do Passado no Presente. A Arqueologia e a percepção do antigo no presente.

João Estevam Lima de Almeida
Universidade de São Paulo

O Futuro da Arqueologia é o passado": teatro antigo, teatro contemporâneo e a inserção da antiguidade no presente

O futuro da arqueologia é o passado", nos lembra Bruce Trigger (1974). O teatro grego é capaz de nos mostrar aspectos da sociedade grega antiga por meio de sua expressão material. O lugar que os gregos firmaram para Diônisos deixou seu legado para a sociedade contemporânea. Se na Grécia antiga o deus do vinho foi colocado no centro do dispositivo social, sendo seu templo a céu aberto palco dos problemas visualizados pelos grandes trágicos, no mundo contemporâneo o teatro continua gerando reflexões encenadas e discutidas. O nosso intento na presente comunicação é estabelecer um paralelo entre o teatro grego antigo e o teatro contemporâneo, para demonstrar que o futuro do passado se torna presente na herança que a antiguidade nos lega.

Palavras-chave: teatro-Grécia-arqueologia

Vinicius Dian Martin
Universidade de São Paulo

Monumentos do Passado e Futuro: Razões e Sentidos de suas Construções na Grécia do século XII e VII

As grandes sociedades do passado deixaram um legado de obras e estruturas arquitetônicas magnificas e repletas de simbolismo não apenas para a população daquele momento histórico, mas sim como uma manutenção da memória para o futuro, deixando claro o valor daquelas sociedades. Minha pesquisa tem por objetivo entender os sentidos da monumentalidade nas obras arquitetônicas presentes durante a Idade do Ferro na Grécia Antiga e seu titulo é: Os sentidos da monumentalidade em sítios gregos da Idade do Ferro Inicial (Sécs. XI – VIII a.C.). Para tal faço um embate de fontes entre múltiplos autores me detendo em conceitos importantes como, por exemplo, a memória, monumentalidade e a arqueologia da paisagem.

Entender o sentido dessas mensagens codificadas em grandes obras não é uma tarefa fácil pois o pesquisador deve se transportar para o passado e compreender de maneira ampla os pontos relevantes para essas sociedade, buscando assim visualizar como essas populações eram capazes de transmitir a cultura, memória e tradições para as gerações futuras por meio de locais monumentais.

Palavras-chave: Arquitetura-Idade do Ferro-Arqueologia

Maria Cristina Cavallari Abramo
Universidade de São Paulo

A formação de redes regionais em cidades portuárias do Ocidente Grego

A ideia de trabalhar com regiões ao invés de cidades individuais vêm ganhando cada vez mais espaço na arqueologia porque ela possibilita o entendimento do contexto regional e de como cada cidade se relaciona com seu espaço assim como umas com as outras. Em relação aos estudos sobre o Mediterrâneo, conceitos como a conectividade, proposta por Horden e Purcell em seu polêmico livro *The Corrupting Sea, a study of Mediterranean history* e o conceito de redes de Irad Malkin oferecem o arcabouço teórico necessário para que tais estudos regionais lancem nova luz sobre a paisagem mediterrânea.

O objetivo dessa comunicação é, a partir desse panorama e da proposta do congresso, discutir a questão da formação de redes de cidades portuárias gregas localizadas na Magna Grécia (sul da Itália) e na Sicília, entendendo que seus portos funcionam como um poderoso catalisador nas conexões estabelecidas por essas cidades, o que leva à formação de importantes redes regionais. A natureza da cidade portuária, tanto na antiguidade quanto nos dias atuais, faz com que ela se configure em um espaço previlegiado de contato e troca de mercadorias e informações.

Palavras-chave: Portos-Magna Grécia-Sicília-Arqueologia

Sessão Temática 13

Estudos do Passado como Reflexões para o Presente

Maria Isabel D'Agostino Fleming
Universidade de São Paulo

A cerâmica romana no noroeste da Península Ibérica: permanências e transformações na produção cerâmica de tradição local

O longo processo de passagem da produção cerâmica pré-romana para a romana, que durou praticamente dois séculos e meio em alguns centros castrejos do noroeste da Península Ibérica, espelha a dificuldade de romper tradições estruturais, fortemente arraigadas no interior de populações dominadas e que estabelecem os limites da romanização no contexto doméstico. Esta comunicação visa discutir os diferentes tempos e condições desse processo tendo em vista o maior ou menor contato entre essas comunidades e os elementos externos.

Considerando a atualidade em que vivemos e o tema deste Congresso, pretendemos trazer à frente elementos que possam iluminar a discussão contemporânea sobre ocupações e deslocamentos populacionais decorrentes das crises que abalam a humanidade, tendo como foco a questão de identidade cultural.

Palavras-chave: Cerâmica romana, Tecnologia, Identidade cultural

Elaine Cristina Carvalho da Silva
Universidade de São Paulo / Museu de Arqueologia e Etnologia

Transformações culturais e modelos espaciais no estudo da paisagem da romanização na Hispânia: uma contribuição para questões da atualidade

Em uma perspectiva histórica, é evidente que o legado ambiental que nos chegou até hoje é produto das relações de populações passadas com o meio. Com o avanço de modelos teóricos nos campos disciplinares da História e da Arqueologia, as propostas de análises dessas populações têm se ampliado e introduzido diversos aspectos que nos auxiliam a entender a complexa realidade de seu desenvolvimento histórico.

Por conseguinte, nos últimos anos, tem-se utilizado uma nova terminologia para os estudos espaciais em Arqueologia: Arqueologia da Paisagem. Esse tipo de abordagem pressupõe uma percepção diferenciada sobre o meio ambiente ao considerar que a paisagem não é um simples recorte do meio-ambiente natural, mas, antes de tudo, o resultado de um fenômeno cultural.

Esta concepção nos leva a pensar na interação entre as forças criadoras; os sujeitos sociais que, por meio de suas estratégias se apropriam de um espaço, influenciando na sua produção, ou seja, na transformação e construção de territórios e paisagens.

Considerando as potencialidades de seu território, podemos extrair do estudo da Arqueologia da Paisagem e, também, de fontes primárias, a forma como os romanos exerciam sua administração na região da Hispânia.

Tendo em vista, no contexto contemporâneo, as transformações sociais ocorridas e que devem levar em conta a diversidade como um valor essencial, esta comunicação tem como objetivo apresentar alguns questionamentos que contribuem para as atuais discussões presentes nos estudos de configuração e dinâmicas de territórios, dos veículos de inserção social e inclusão de diversidade.

Palavras-chave: Romanização, Paisagem, Interação, Diversidade

Irmina Doneux Santos

Universidade de São Paulo / Museu de Arqueologia e Etnologia

Urbanização romana e as cidades modernas: algumas reflexões sobre continuidade e preservação

O urbanismo romano é um tema sempre presente nas pesquisas em universidades e nas academias, pois nossas cidades e modelos de urbanização são fruto, ainda, desse legado romano, apesar das transformações que sofreram ao longo dos séculos. E o estudo do urbanismo antigo depende, principalmente, das pesquisas arqueológicas. Apesar dos novos métodos de pesquisa não invasiva, a escavação ainda é o principal método de pesquisa utilizado para a busca das cidades romanas. Mas como realizá-la em sítios que estão, muito frequentemente, sob nossas próprias cidades, sob nossas moradias e ruas? Até que ponto seria justo desalojar construções e habitantes modernos para desvendar os seus antepassados? E, principalmente, qual a utilidade disto? Pretendo, aqui, apenas expor algumas considerações e dados para despertar um debate.

Palavras-chave: Urbanismo, Romanização, Pesquisa arqueológica

Sessão Temática 14

Leituras de Homero e da Poesia Arcaica nos Períodos Clássico e Helenístico

Douglas Cristiano Silva

Universidade Federal de Minas Gerais

Alusões a Homero nos epigramas 16 e 31 Pf. de Calímaco

A comunicação terá por finalidade analisar o artifício da alusão ao vocabulário homérico no epigrama helenístico e o duplo efeito advindo desse recurso: por um lado, um produtivo jogo de expectativas criado pelo cruzamento de dois contextos - o epigramático, anterior à alusão, e o homérico, em que o termo aludido foi encontrado - , por outro a relação de legitimação no uso de expressões raras no contexto estético da literatura helenística. Serão, para tanto, analisados dois epigramas de Calímaco, os epigramas 16 e 31 Pf.

Palavras-chave: Calímaco, epigrama, intertextualidade

Gustavo Araújo de Freitas

Universidade Federal de Minas Gerais

Crítica literária a Homero no tratado Sobre o Estilo de Demétrio

Embora *Sobre o estilo* seja uma obra envolta em inúmeras incertezas, a começar pela própria datação e autoria, parece bastante razoável que a consideremos um manual que, refletindo concepções dos séculos III e II a.C., tenha sido destinado, pelo menos a princípio, àqueles que teriam já passado pelos cursos preliminares da educação retórica, em uma fase do aprendizado em que a crítica literária não apenas se mostra presente, como se torna um importante instrumento para a teoria retórica. Contudo, apesar da presença inconteste dessa crítica, pouco se explorou dela no tratado de Demétrio e as concepções deste acerca dos autores que cita permanecem, na maior parte das vezes, ainda inexploradas. E o mesmo vale para Homero. Versos do poeta são lembrados ora como grandiosos, ora graciosos ou elegantes, por vezes, simples, ou, até mesmo, veementes, sendo apresentados como constituintes de uma obra indiscutivelmente rica não apenas pela quantidade de assuntos abordados, mas também no tratamento adequado a cada um dos mesmos ou, se preferirem, pelo estilo apropriado a cada objeto tratado; os comentadores, porém, apesar de, com alguma frequência, observarem, por exemplo, o expressivo número de citações de Homero, não tiram quaisquer conclusões quanto à crítica, propriamente dita, que lhe é feita. Em outras palavras, o que Demétrio nos diz sobre o poeta, qual seria sua leitura do mesmo, os pontos que destaca em sua obra,

os pontos que reprova, enfim, qual seria sua opinião, de fato, sobre Homero, tudo isso ainda não foi devidamente abordado. Logo, nosso intuito é tentar desvendar um pouco mais os caminhos dessa crítica e, assim, buscar entender um pouco melhor o que Demétrio vem, de fato, a nos dizer sobre o poeta.

Palavras-chave: Homero, Sobre o estilo, Demétrio, crítica literária, retórica

Gustavo Henrique Montes Frade
Universidade Federal de Minas Gerais

Homero e a lírica arcaica na poesia de Píndaro

Homero e a lírica arcaica perpassam a poesia de Píndaro em aspectos diversos. Para indicar a função da ode triunfal como gênero, o poeta reconhece-a como sucessora de antigas práticas poéticas orais para celebração de vitórias e marca a oposição entre seu gênero e a poesia arcaica de censura. Temas da poesia épica arcaica aparecem em narrativas míticas para agregar valor à ode e realçar o elogio do atleta vitorioso, relacionando-o aos herois épicos. A ligação entre esse passado mítico e o presente do atleta muitas vezes é feita com o uso de sentenças gnômicas, formulações sintéticas de ideias tradicionais aceitas pela comunidade, presentes na poesia grega desde Homero e Hesíodo. Foco especial é dado ao modo como Píndaro trabalha a tradição na construção de imagens, sobretudo, nas *Nemeias* 6 (verso 8 a 11) e 11 (verso 42 a 48), poemas em que ele reconstroi e adapta à ode triunfal a famosa imagem homérica das folhas como a geração dos homens (Il. 6, 146 – 149), também recriada por Mimnermo no fragmento 2W. O uso que Píndaro faz de elementos da poesia arcaica é conscientemente adaptado e integrado ao gênero em que compõe.

Palavras-chave: Píndaro, Homero, poesia grega arcaica, ode triunfal

Sessão Temática 15

Ladrões de gado, heróis e monstros: figuras da representação do passado épico no presente da tradição hexamétrica grega arcaica

Leonardo Medeiros Vieira
Universidade Federal da Bahia

O pequeno Hermes como ladrão de gado no Hino Homérico a Hermes

Apesar de ser geralmente tido como o texto mais tardio da coleção remanescente dos hinos homéricos, o extenso Hino Homérico a Hermes apresenta inúmeros elementos típicos da tradição da poesia hexamétrica grega arcaica. Dentre eles, um elemento particularmente interessante é o relato do roubo do gado divino de Apolo praticado pelo infante Hermes. Esse motivo do roubo de gado, ou da boēlasía para usar o termo grego (cf. Ilíada XI, 672), é bastante documentado nos outros textos e fragmentos remanescentes da épica grega arcaica, nos quais figura, geralmente, na forma de narrativas sintéticas ou de referências breves. Nesse contexto, o extenso Hino Homérico a Hermes adquire uma importância fundamental, na medida em que ele é o único testemunho disponível no qual o motivo da boēlasía é desenvolvido de forma extensa e atua efetivamente como motor da narrativa. De fato, é justamente por meio do furto do gado de Apolo, e das consequências diretas desse ato, que o pequeno deus Hermes adquire, ao final do hino, o seu quinhão olímpico como divindade pastoril (v. 491-492), profética (v. 550-567) e como mensageiro dos deuses (v. 572). Diante desse quadro, pretendo, nessa comunicação, mapear, de modo bastante conciso e preliminar, alguns dos elementos e implicações tradicionais do motivo do roubo de gado presentes no extenso Hino Homérico a Hermes.

Palavras-chave: Hinos homéricos, roubo de gado, poesia hexamétrica

Caroline Evangelista Lopes
Universidade de São Paulo

Sarpédon, Heitor e Pátroclo: ecos e inter-relações

Embora haja na Ilíada uma miríade de descrições de mortes de guerreiros, o poema tem como cenas principais as mortes de Sarpédon, Pátroclo e Heitor. Os embates entre esses heróis (Sarpédon X Pátroclo, Pátroclo X Heitor e Heitor X Aquiles) são os mais extensos dentro do poema e os mais preanunciados (ora pelo narrador, ora por personagens e até mesmo por ações simbólicas). Essas mortes estão ligadas não apenas através da trama narrativa, na qual a morte de Sarpédon desencadeia a morte de Pátroclo e essa a de Heitor, mas também através das correlações estruturais (temáticas e gramaticais). A presente comunicação tem por objetivo analisar a estrutura dessas cenas, suas semelhanças temáticas e gramaticais, com especial atenção ao emprego dos verbos secundários, observando a variação das formas aumentadas e o contexto de ocorrência destas.

Palavras-chave: Poesia hexamétrica, Ilíada, embates individuais, aumento verbal

Camila Aline Zanon
Universidade de São Paulo

Tífon, a serpente e o golfinho no Hino homérico a Apolo

Na narrativa da fundação do templo e do oráculo de Apolo em Delfos, presente no Hino homérico a Apolo, a serpente aparece como um obstáculo aos mortais e à própria fundação do oráculo de Apolo. Sendo ela própria uma ameaça, nutre ainda outra: Tífon, filho de Hera no Hino. Tanto a serpente quanto Tífon são considerados "monstros" na acepção corrente do termo. Embora caracterizado com termos semelhantes aos aplicados à serpente e a Tífon, o golfinho, no qual Apolo se transforma na porção final do Hino, não é comumente considerado uma figura monstruosa. A presente comunicação tem por objetivo apresentar uma investigação a respeito dos termos gregos aplicados a essas criaturas e se eles podem ou não ser determinantes para a interpretação de figuras como "monstruosas", desafiando as acepções correntes para termos gregos e questionando até mesmo a interpretação moderna para a noção de "monstro" na concepção arcaica.

Palavras-chave: Hinos homéricos, monstros, poesia hexamétrica

Sessão Temática 16

Novos enfoques em Arqueologia Clássica: a cidade do passado na cidade do futuro.

Danilo Andrade Tabone
Museu de Arqueologia e Etnologia - Universidade de São Paulo

A constituição de paisagens de poder: cidade e paisagem nos estudos sobre o mundo grego Antigo - e como temas contemporâneos de reflexão.

O poder não se restringe aos aparatos de governo, o que se percebe quando se lhe inclui em esferas sociológicas e antropológicas de locações formais, e se lhes entende como relações sociais (Weber 2004, 2012), consideradas no interior de relações geopolíticas entre grupos e elites. Neste contexto teórico, ainda, as perspectivas arqueológicas sobre o poder trazem contribuições essenciais, pois permitem confrontar mais diretamente as dificuldades postas para entender o poder e as autoridades através dos espaços construídos, espaços que são partes de paisagens (Smith 2003) que se apresentam então como efetivas "iconografias do poder" (Veronese 2006). Analisamos a constituição de paisagens de poder no mundo grego Antigo e nas cidades contemporâneas – foco em São Paulo – o que permite perceber formações e afirmações de poder que estão inseridas em dinâmicas temporais e espaciais próprias. E o que leva a perceber diferentes concepções de poder e autoridade. Estudo que considera que o futuro dos estudos clássicos se relaciona com temas caros à contemporaneidade; no caso, as relações sociais no interior das cidades e a constituição das paisagens (como parte de preocupações que relacionam ambiente e cultura).

Palavras-chave: Poder, Pólis, Cidades, Paisagens

Christiane Teodoro Custodio
Universidade de São Paulo

Lilian de Angelo Laky
Universidade de São Paulo

"O futuro do passado: fluidez, contatos culturais e discursos de poder na sociedade grega antiga".

O visível aumento do interesse nos estudos de contato cultural e identidade no âmbito da arqueologia mediterrânica é, sobretudo, um exercício de descentramento. Um de seus vetores está alicerçado no aporte da literatura Pós-Colonial, bem como nas questões colocadas pela Pós-Modernidade, especialmente a necessidade de se conhecer os múltiplos componentes humanos em termos de pertencimento/exclusão. Noções estanques de centro x periferia, metropolitano x colonial, puro x híbrido têm sido problematizadas à luz de um novo olhar sobre a evidência arqueológica; concomitantemente opera-se a busca e o refinamento de novas teorias e novas metodologias que permitam alcançar interpretações alternativas sobre temas já tratados por uma arqueologia tradicional.A partir de nossos estudos em antiguidade grega que abrangem questões relativas a mobilidade da sociedade grega em área mediterrânica, contatos culturais, sociomorfogênese de cidades, projeção de paisagens de poder e interações políticas em sistemas de redes discutiremos como tais temas constituem elementos que permitem encaminhar uma discussão sobre o futuro, enquanto perspectivas de alcance dos nossos estudos em andamento, do passado – nossos objetos, revisitados com novos aportes.

Palavras-chave: Pólis, Poder, Teoria Arqueológica

Ana Paula Moreli Tauhyl
Universidade de São Paulo

Passado, presente e futuro: despertando um olhar sobre as cidades

A partir da necessidade cada vez mais urgente de se estabelecer ações voltadas para a valorização do ambiente em que se vive, seja ele natural ou construído, a fim de que se realize um elo entre o indivíduo e seu território, compartilharemos nessa comunicação algumas ideias que vêm norteando a nossa pesquisa de mestrado. Nessa empreitada, temos como companheira a arqueologia, disciplina que se preocupa em estudar o universo material que nos circunda. A pesquisa, intitulada "*Alfabetização do olhar*: aprender *pelos* objetos e suas representações", conta com o apoio da Fapesp, e tem como objetivo o despertar de um olhar curioso e questionador em relação a algumas cidades gregas antigas, por meio de um conjunto de produtos do Labeca – Laboratório de Estudos sobre a Cidade Antiga – do MAE/USP. A partir da observação das cidades antigas em suas diversas formas de representação, buscamos incentivar o exercício do olhar atento para a realidade das nossas cidades atuais, realizando o diálogo fundamental entre o passado e o presente, com vistas à construção de novas possibilidades para o futuro.

Palavras-chave: Pólis, Cidades, Educação

Sessão Temática 17

A atemporalidade do mito

Izabela Aquino Bocayuva
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

A atualidade dos mitos presentes na obra de Platão

Platão elabora uma censura aos mitos tradicionais em sua obra capital *A República*. Isso é necessário exatamente porque segundo seu modo de pensar esses mitos podem proporcionar consequências nefastas na educação dos jovens gregos que não têm ainda discernimento para entrar em contato com a maneira em que neles é exposto o comportamento de deuses e heróis. Quer dizer que o mito, secular, continua sempre atuando atualmente. Isso não acontece apenas no caso de Homero. Os mitos que o próprio Platão reconta ou inventa em sua obra sofrem da mesma atualidade. Podemos experimentar ainda hoje a natureza desassossegada da alma humana tal como descrito no Fedro. Podemos perceber também a necessidade do cuidado a cada momento de cada gesto a partir do mito de Er, bem como igualmente a descrição do modo diferencial ou extraordinário de ser e viver do filósofo numa chamada "terra verdadeira" descrita no mito final do Fédon vem bem a calhar para ainda se entender hoje o modo de ser de um pensador. Queremos nessa comunicação expor justamente a atualidade dos mitos que Platão explora em sua obra.

Palavras-chave: Platão, mito, mitos de Platão, atemporalidade

Luiz otavio de figueiredo mantovaneli
Universidade Federal do Rio de Janeiro

O futuro da raça de ferro

Este trabalho se propõe a ler o mito hesiódico das raças a partir da leitura proposta por Jean-Pierre Vernant, onde este apresenta a divisão da quinta raça em duas, assumindo que as, originariamente cinco, raças sejam entendidas como seis, estruturadas em três pares que se articulam segundo uma orientação axiológica no vetor Dike-hýbris o qual, segundo Vernant, alterna seu sentido de acordo com cada par.A validade desta divisão da raça de ferro em ferro-presente e ferro-futuro será posta em questão exatamente no que diz respeito à possibilidade deste deslocamento, que se dá, ora de Díke para hýbris, ora de hýbris para Díke. Para tanto, será necessário visitar as opiniões de estudiosos mais recentes sobre o assunto, bem como alguns empregos que Platão faz do mito hesiódico, sobretudo em República e Leis, remetendo sempre este material ao texto do poeta.

Palavras-chave: Hesíodo, Vernant, mito, filosofia

Maria Inês Senra Anachoreta
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Atemporalidade e Temporalidade no Mito e na Matemática do *Ménon*

O caráter mítico da introdução da *Teoria da Reminiscência* no *Ménon* (81a-e) lança, através do relato da imortalidade da alma e de suas sucessivas 'reencarnações', os fundamentos da aprendizagem e do conhecimento na dimensão atemporal. Conhecer as coisas de nosso mundo só é possível para nós, imersos na temporalidade, em virtude do caráter imortal de nossa alma e da natureza do que foi contemplado por ela. A passagem da demonstração matemática, que visa a mostrar o que foi apresentado no mito, dá sustentação ao caráter atemporal dos objetos do conhecimento. Entretanto tanto a atemporalidade da alma tal como a das relações matemáticas encontram-se envolvidas numa espécie de 'encarnação'. Tal como é necessário

considerar o vínculo da alma com o corpo para que o conhecimento seja, de fato, conhecimento humano também a Geometria implica uma *construção* que envolve materialidade e devir. Tal como as potências de forças atemporais e não-humanas de que trata um mito ganham vida através de uma prática, também as entidades matemáticas revelam-se intimamente envolvidas no 'fazer-se' necessário à Geometria. Atemporalidade e temporalidade, imaterialidade e materialidade encontram-se, então, mutuamente entrelaçadas no mito e na matemática do *Ménon*.

Palavras-chave: Ménon, Mito, Geometria, atemporalidade, temporalidade

Sessão Temática 18

O Futuro de Parmênides entre *Mythos* e *Lógos*

Carlos Luciano Silva Coutinho

Universidade de Coimbra / Universidade de Brasília

A continuidade do método parmenidiano e a busca pelo conhecimento a partir da dialética anábasis e katábasis no Parmênides de Platão

A teoria das formas, no Parmênides de Platão, seria mais uma reinterpretação do mito platônico das ideias que propriamente uma proposta metafísico-idealista das formas.Em termos gerais, Platão tenta evidenciar como se relacionam 'o que é" e a 'aparência', já que o poema do pensador Parmênides apresenta um método e não propriamente um caminho concreto para alcançar os conhecimentos. Com a teoria das formas, o ateniense busca manter o método de Sobre a natureza, de Parmênides, uma vez que sugere a busca pela compreensão do pensamento abstrato acerca do todo uno, mas como pensar a relação entre o todo uno e as múltiplas particularidades na natureza é talvez a maior contribuição de Platão para o tema. Para tanto, o Parmênides de Platão faz a acusação da falta de relação entre "o que é" e a 'aparência' ao jovem Sócrates, que tentará muito maduramente fundamentar sua teoria. Nesse sentido, Platão tenta, com a teoria das formas, pensar um sistema capaz de interrelacionar unidade e multiplicidade a partir da dialética anábasis e katábasis da forma.

Palavras-chave: Parmênides; Método; Platão; Anábasis; Katábasis

Eryc de Oliveira Leão

Universidade de Brasília

A Física dos Quatro Elementos - De Homero a Empédocles

É bastante curioso o fato de a teoria dos quatro elementos ter sido tão bem aceita durante tanto tempo na história da filosofia natural. Os pré-socráticos postularam várias alternativas de elementos básicos em suas cosmologias. Mas, embora a filosofia de Empédocles, em suas linhas gerais, não tenha sido adotada por praticamente nenhum grande expoente da filosofia antiga, sua teoria dos quatro elementos, em particular, exerceu durante muito tempo forte influência sobre Platão, Aristóteles e quase toda a pré-história da química até Paracelso.

Tal sucesso talvez esteja associado à pré-existência de uma visão similar do *kósmos* na cultura grega: No episódio de *dasmós* (δασμός), na Ilíada, os três irmãos – Zeus, Poseidon e Hades – são associados a quatro regiões: três de caráter privativo de cada um deles – céu, oceano e profundezas, respectivamente – e um de posse comum, a terra (Homero, *Ilíada*, 15.187). Entre os milésios, o conceito de natureza continha a ideia de que o *kósmos* era formado por certas porções de diferentes densidades, em que os quatro elementos empedocleanos estavam presentes. A ideia de que o *kósmos* poderia ser explicado pelo processo de mistura de certos elementos básicos já estava presente entre eles, com a diferença de que esses corpos eram corruptíveis, passíveis de transformarem-se uns nos outros através de processos de condensação e rarefação.

Outro fator que possivelmente tenha fortalecido a teoria dos elementos foi seu forte apelo experimental e sua capacidade retórica de deduzir o funcionamento de grande número de fenômenos naturais.

Do ponto de vista da história da química, o conceito de elemento tal como entendido por Parmênides e Empédocles dá o passo fundamental para o estudo da matéria baseado na investigação das reações químicas entre partes materiais mínimas que conservam suas propriedades.

Palavras-chave: Homero, Jônicos, Parmênides, Eón, Empédocles

Thiago Rodrigo de Oliveira Costa

Universidade de Brasília

A Deusa de Parmênides

Gostaria de apresentar uma hipótese para a questão 'quem é a deusa de Parmênides?'. Grosso modo, a hipótese é construída (i) com base em uma análise do parentesco das deusas presentes no poema; (ii) com base no 'nome' da deusa; (iii) com base nos demais elementos imagéticos do poema, tais como 'as éguas', 'os portais do Dia e da Noite', 'o carro', 'o caminho', etc.; e (iv) com base no sentido cosmológico e conceitual da deusa na sua relação com o 'mito' (ou discurso), por ela apresentado, do poema. A hipótese que apresentaremos é: *theá* é *theîa*. Ambas as palavras possuem o significado de deusa, divina

ou divindade. Mas, a primeira é empregada por Homero e por Parmênides, e a segunda por Hesíodo referindo-se, e nisso consiste a nossa hipótese propriamente, à mãe do Sol e da Lua, a primeira filha de Gaia segundo a Teogonia de Hesíodo.

Palavras-chave: Parmênides, Homero, Hesíodo, Thea, Visão, Eón.

Sessão Temática 19

Arqueologia Clássica e História Antiga: o futuro do passado

José Geraldo Costa Grillo

Universidade Federal de São Paulo

A Arqueologia Clássica e o estudo da arte grega: problemas e perspectivas

O autor aborda, inicialmente, a constituição da Arqueologia Clássica como disciplina acadêmica no século XIX e sua predileção pelo estudo da arte. A seguir, passa em revista as críticas feitas a esse foco ao longo do século XX, que denunciaram tanto os limites epistemológicos impostos à disciplina, quanto os contextos nacionalistas e imperialistas modernos e suas apropriações do passado clássico. Por fim, no contexto mais amplo que a disciplina adquiriu atualmente, apresenta algumas de suas abordagens no estudo da arte, tomando como exemplo as pesquisas sobre a Grécia antiga.

Palavras-chave: Arqueologia Clássica, Grécia, Arte

Cláudio Umpierre Carlan

Universidade Federal de Alfenas

Arqueologia Clássica no Brasil: o modelo numismático

A influência da Cultura Clássica no Brasil está presente, desde cedo, na nossa sociedade. Não apenas nas leis e no idioma, mas nos costumes, tradições populares, no nosso dia a dia. Nas amoedações brasileiras não é diferente. Herdamos uma carga simbólica do Império Romano, representada nas cunhagens brasileiras. Nesse sentido, utilizaremos como corpus documental principal, a coleção numismática do Museu Histórico Nacional, Rio de Janeiro, maior acervo monetário da América Latina. Importantes artefatos arqueológicos brasileiros, ainda pouco estudados.

Palavras-chave: Moeda, Roma, Antiguidade

Rafael Faraco Benthien

Universidade de São Paulo

Entre Universidade e Sociedades Eruditas: considerações sobre a institucionalização da arqueologia na França (1844-1940)

Tão logo a arqueologia se consolidou como disciplina científica na primeira metade do século XIX, sob o impulso de novos métodos que a distanciaram da tradição antiquária, seu desenvolvimento foi profundamente marcado pelo advento de modernos nacionalismos. Cada nação europeia, enquanto se constituía como tal, dotou-se então de instituições voltadas ao estudo do passado. Eram dessas instituições que as nações buscavam retirar legitimidade tanto para suas ambições no presente quanto para alguns de seus projetos para o futuro. No campo específico da arqueologia, isso implicou o aparecimento de revistas, escolas, universidades, associações e museus especializados. Se tal processo envolveu boa parte das nações europeias e de suas correlatas nas Américas, tal como permitem entrever inúmeros trabalhos de Alain Schnapp, é salutar atentar, mantendo uma perspectiva comparativa, para as variáveis específicas que, na história da arqueologia, fizeram-se sentir em cada contexto nacional. A presente comunicação se propõe a tratar do caso francês, no qual, parece-nos, boa parte da dinâmica de institucionalização da arqueologia pode ser subsumida à tensão constante entre o Estado e as Sociedades Eruditas. A partir da análise morfológica das revistas especializadas, dentre as quais se destaca a Revue Archéologique, tratar-se-á de apontar para essa clivagem particular que caracterizou a arqueologia francesa, bem como se discutirão seus efeitos na escolha e no tratamento de temas arqueológicos.

Palavras-chave: Arqueologia francesa, Revue Archeologique, Historia das ciências sociais

Sessão Temática 20

Autor empírico e discurso: *ARS* e *UITA* nas letras latinas

Paulo Sérgio de Vasconcellos

Universidade Estadual de Campinas

Vos, quod legistis: uma proposta de interpretação sobre os milia multa basiorum do poema 16 de Catulo.

O poema 16 de Catulo tem recebido grande atenção dos estudiosos. Trata-se de um texto cuja recepção em Marcial, Plínio o Jovem e Apuleio atesta o papel central que teve já entre os antigos. Além da questão do que é adequado ao gênero da poesia ligeira (os uersiculi), a discussão sobre a interpretação biografista da poesia latina em primeira pessoa e a distinção entre autor empírico e persona poética na Antiguidade necessariamente se detém sobre a interpretação de um texto que desafia uma leitura superficial. De fato, sob a simplicidade da expressão linguística, o que o poema parece dizer revela-se ambíguo e sutil, capaz de fazer seus intérpretes leitores tão desavisados quanto os destinatários Fúrio e Aurélio. Retornamos ao poema sobretudo para defender que os célebres 'basia' nele referidos dizem respeito aos beijos do poema 5 (e, por extensão, aos do 7), e não ao ciclo de Juvêncio. A discussão, obviamente, não é nova, mas aqui proporemos uma interpretação que, ao que nos consta, ainda não foi feita pela crítica.

Palavras-chave: Catulo 16; Catulo 5; persona poética.

Alexandre Prudente Piccolo

Universidade Estadual de Campinas

Fronteiras entre Horácio, Agripa e Augusto: do eu poético ao vós empírico.

A falsa modéstia da voz lírica horaciana, ao recusar louvar Agripa e Augusto (C 1.6), lida com personae históricas, empíricas para os efeitos pragmáticos da ode. Elementos poéticos (homéricos, sobretudo) se misturam às res gestae do imperador e de seu general, e nesse cruzamento entre vida e texto, História e poesia, os limites interpretativos se atenuam: até onde pode ir o leitor? Um intertexto cinematográfico pode auxiliar intérpretes modernos na reflexão entre a arte e a biografia.

Palavras-chave: Horácio; odes; eu poético.

Fabiana Lopes da Silveira

Universidade Estadual de Campinas

O mestre como exemplum, os exempla como ensino: uma leitura comparada das Ep. 6 e 94 de Sêneca.

O filósofo romano Lúcio Aneu Sêneca (4 a.C.- 65 d.C.), na Ep. 94 de suas Ad Lucilium Epistulae Morales, se engaja em uma discussão a respeito da utilidade dos preceitos (praecepta) no processo de doutrinação filosófica. Para o estoico, tais preceitos são úteis, sobretudo, ao proficiens (proficienti, Ep. 94, 50) – aquele que, embora ainda não tenha alcançado a sabedoria, já realizou avanços em sua busca desta. Ao indivíduo dessa categoria, ainda seria necessário demostrar o modo de agir nas devidas situações (Ep. 94, 50) por meio de praecepta, tais como "você há de viver assim, fazer assim" (Ep. 94, 50). Em sua argumentação, o filósofo ainda compara os preceitos a outros instrumentos de ajuda moral, como os exemplos (exempla, Ep. 94, 42): mesmo que não se saiba como, o exemplo dado pela convivência com um homem sábio (occursus... sapientium, Ep. 94, 40) trará ajuda (iuuat, Ep. 94, 40). Ora, é interessante notar que tais exempla não são apenas defendidos por Sêneca, como vemos acima, mas também utilizados pelo filósofo, como se nota em sua Ep. 6. Nela, o próprio filósofo se caracteriza como um exemplum de aprendiz a seu discípulo, Lucílio: "alegro-me em aprender, para que possa ensinar" (gaudeo discere, ut doceam, Ep. 6, 4). Nessa passagem e em outras da Ep. 6, percebemos que Sêneca, por um lado, escreve como se "revelasse" algo de sua identidade a Lucílio e se "nivelasse" com esse, mas que, por outro lado, não esconde o fato de usar seu próprio aprendizado como uma ferramenta didática, pois ele que possibilitaria o seu ensinar. Levando isso em conta, nossa comunicação procurará investigar até que ponto o exemplum que Sêneca faz de si mesmo na Ep. 6 não se mostra enquanto um recurso de ensino filosófico, assim como notamos na discussão da Ep. 94.

Palavras-chave: Sêneca; estoicismo; Epistulae; exemplum; ensino.